



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA



JÉSSICA TEIXEIRA DE MENDONÇA

REFLETINDO SOBRE O ENSINAR NA ESCOLA PÚBLICA:  
UMA HISTÓRIA DE INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS ÀS  
AULAS DE INGLÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

UBERLÂNDIA  
2015

JÉSSICA TEIXEIRA DE MENDONÇA

REFLETINDO SOBRE O ENSINAR NA ESCOLA PÚBLICA:  
UMA HISTÓRIA DE INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS ÀS  
AULAS DE INGLÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), como requisito para a obtenção do título de mestre junto ao curso de Mestrado do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Área de Concentração: Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Ensino e aprendizagem de línguas.

Orientador: Profa. Dra. Valeska Virgínia Soares Souza.

UBERLÂNDIA  
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

- M539r  
2015
- Mendonça, Jessica Teixeira de, 1988-  
Refletindo sobre o ensinar na escola pública : uma história de  
integração de tecnologias digitais às aulas de inglês no ensino  
fundamental II / Jessica Teixeira de Mendonça. - 2015.  
192 f. : il.
- Orientadora: Valeska Virgínia Soares Souza.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
Inclui bibliografia.
1. Linguística - Teses. 2. Linguística aplicada - Teses. 3. Língua  
inglesa - Estudo e ensino - Inovações tecnológicas - Teses. 4. Língua  
inglesa - Métodos de ensino - Teses. I. Souza, Valeska Virgínia Soares,  
1972-. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-  
Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

JÉSSICA TEIXEIRA DE MENDONÇA

REFLETINDO SOBRE O ENSINAR NA ESCOLA PÚBLICA:  
UMA HISTÓRIA DE INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS ÀS  
AULAS DE INGLÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), como requisito para a obtenção do título de mestre junto ao curso de Mestrado do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Uberlândia, 31 de Julho de 2015.

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Valeska Virgínia Soares Souza  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU (Orientadora)

---

Profa. Dra. Dilma Maria de Mello  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU (Examinadora)

---

Profa. Dr. Valdir Silva  
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

**Suplentes**

---

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

---

Profa. Dra. Júnia de Carvalho Fidélis Braga  
Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu querido esposo, Hugo Romero, pelo companherismo constante, pelo apoio no momento de desânimo, pela companhia em viagens e congressos, pela compreensão em muitos momentos ausentes e pelo amor de sempre dedicado a mim e aos meus projetos e sonhos. Esta dissertação também é sua.

Aos meus sobrinhos, Isabella Teixeira, Bruna Romero, Miguel Romero e Bianca Romero: meus quatro *rockets*. Como representantes da geração digital da família, que cresçam e se desenvolvam, tanto dentro quanto fora da escola, explorando toda a sua potencialidade, e, assim, se tornem alunos, profissionais e seres humanos melhores do que somos hoje. Que voem alto e alcancem destinos que não podemos sequer imaginar.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Valeska Virgínia Soares Souza. Exemplo de professora que com muita dedicação, ética, respeito e amor me guiou nessa etapa que foi, para mim, além de uma produção de dissertação. Meus agradecimentos se estendem para sempre, pois “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Às minhas colegas de mestrado e doutorado, Camila Gomes, Cláudia Murta, Gisele Rosa, Larissa Silveira e Valéria Bacalá pela amizade, pelos encontros semanais e pelas muitas risadas que tivemos juntas. Em especial à Larissa Silveira que realizou uma leitura minuciosa de minha produção, contribuindo com significativas observações.

Às professoras Dilma Maria de Mello, Maria de Fátima Fonseca Guilherme e Viviane Cabral Bengezen pela leitura do meu projeto na qualificação e apontamentos tão importantes para a minha dissertação.

Aos professores Dilma Maria de Mello e Valdir Silva pela leitura da minha dissertação e por estarem presentes em minha banca examinadora e colaborar para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Aos meus colegas de profissão, ou melhor, meus colegas de vocação. Que esta dissertação represente a todos nós. Agradeço por diariamente nos unirmos e tentarmos com toda a nossa garra e dedicação fazer a diferença na vida dos jovens que encontramos em nossas salas de aula.

A toda a equipe da minha escola – direção, supervisão, secretários, agentes de serviços gerais, laboratoristas – pelos agradáveis encontros diários e que direta ou indiretamente colabora para o meu crescimento como professora e como pessoa.

E por fim, aos meus queridos alunos. A razão maior de todo o meu esforço e estudo nesses dois anos de mestrado. Agradeço a vocês por tornarem possível a minha missão e por me receberem dia após dia na sala de aula, e assim, construirmos relações de amizade, confiança e parceria. Me divirto, me surpreendo, me conheço e aprendo com vocês. Vocês são excelentes!

Na minha formatura, em 2010, finalizei meus agradecimentos dizendo “E a jornada começa agora...”. Nesse momento, finalizo e afirmo que...

**“... a jornada continua!”**

"É chato chegar  
a um objetivo num instante  
Eu quero viver  
Nessa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada  
sobre tudo"

(Raul Seixas)

## RESUMO

São inegáveis a presença e a influência das tecnologias digitais em diversas esferas da sociedade atual, e a escola não fica indiferente a essa presença. As tecnologias digitais começam a se inserir no meio educacional demandando novos estudos e reflexões sobre o seu papel no processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo analisar uma experiência de integração de tecnologias digitais às aulas de inglês na percepção de alunos de 9º ano e da professora-pesquisadora. Esta pesquisa possui caráter qualitativo, de cunho interpretativista, orientada pelo Paradigma da Complexidade e por teorias relacionadas ao uso de tecnologias digitais na educação. Partindo das premissas da complexidade, defendendo que a sala de aula e o processo de ensino e aprendizagem de inglês são permeados por imprevisibilidade, emergência, adaptação e auto-organização. As tecnologias digitais são novos elementos que se introduzem nesse contexto, contribuindo para que ocorram mudanças pedagógicas no sistema de ensino atual. Os participantes desta pesquisa são alunos de quatro turmas de 9º ano de uma escola pública municipal de Uberlândia/MG e a professora de inglês dessas turmas. Os dados foram coletados por meio de narrativas produzidas pelos estudantes, bem como entrevistas semiestruturadas com eles e notas de campo produzidas pela professora. As análises apontam que a pedagogia trabalhada nas escolas não é mais adequada para os discentes de hoje, ao constatar que eles são nativos digitais e utilizam a tecnologia digital de forma natural em seu cotidiano. A integração de tecnologias digitais foi vista pela professora e pelos estudantes como positiva, tornando as aulas mais dinâmicas, interessantes e produtivas; no entanto, percebe-se que as tecnologias digitais ainda não foram normalizadas ao ambiente escolar. Além disso, ressalta-se que uma pedagogia baseada na interação entre pares e no diálogo apresenta-se mais coerente para os alunos de hoje, sendo esta pedagogia nomeada por Prensky (2010) como Pedagogia de Parceria. Alguns aspectos foram apontados como representativos do processo de mudança que ocorreu nas aulas de inglês com a integração de tecnologias digitais, a saber: noção de tempo, currículo, papéis, motivação e aprendizagem. Concluindo, as tecnologias digitais foram vistas como aliadas no processo de ensino e aprendizagem de inglês.

**Palavras-chave:** Integração de tecnologias digitais. Ensino e Aprendizagem de inglês. Pedagogia de Parceria. Processo de Mudança.



## ABSTRACT

The presence and the influence of digital technologies in various spheres of modern society are undeniable, and the school is not indifferent to this presence. Digital technologies begin to enter the educational context demanding new studies and reflections about their role in the process of teaching and learning. Thus, this research aims to analyze the context of integration of digital technologies to English classes in the perception of students from 9th grade and of the teacher-researcher. This research has qualitative, interpretive nature, guided by the Complexity Paradigm and theories related to the use of digital technologies in education. The premises of the Complexity Paradigm indicate the language classroom and the process of teaching and learning English are intertwined in unpredictability, emergence, adaptation and self-organization. Digital technologies are new elements introduced in this context that contribute for pedagogical changes to occur in the current educational system. The participants of this research are students from four classes of 9th grade of a public school in Uberlândia/MG and the English teacher of these classes. Data were collected through narratives produced by students as well as semi-structured interviews with them and field notes produced by the teacher. The findings indicate that pedagogy worked in schools is no longer suitable for the students of today, to see that they are digital natives and use digital technology naturally in their daily lives. The integration of digital technologies was seen by the teacher and students as positive, making classes more dynamic, interesting and productive; however, it is clear that digital technologies have not yet been normalized to the school environment. Moreover, it emphasizes that a pedagogy based on peer interaction and dialogue has become more consistent for students today, and this pedagogy has been named by Prensky (2010) as Partnership Pedagogy. Some aspects were pointed out as representative of the change process that occurred in English classes with the integration of digital technologies, namely: sense of time, curriculum, roles, motivation and learning. Thus, digital technologies were seen as allies in the teaching and learning of English.

**Keywords:** Integration of digital technologies. Teaching and English Learning. Partnering Pedagogy. Change Process.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Exemplo de fractais .....	39
FIGURA 2 – Rizoma.....	42
FIGURA 3 – Laboratório de Informática .....	78
FIGURA 4 – Equipamentos Eletrônicos .....	78
FIGURA 5 – Emails das turmas .....	80
FIGURA 6 – Quadrinho resultante da atividade – Nuvem de Palavras .....	111

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO .....	24
1.1 Linguística Aplicada e o Paradigma da Complexidade.....	24
1.1.1 Panorama da Linguística Aplicada: para além da disciplinaridade .....	24
1.1.2 Por uma visão complexa de Linguística Aplicada.....	31
1.1.3 A sala de aula como um sistema adaptativo complexo (SAC) .....	34
1.2 Tecnologia Digital: mais um elemento no complexo sistema da sala aula .....	43
1.2.1 Tecnologias digitais e a sala de aula: elementos e agentes em interações complexas .....	43
1.2.2 Pedagogias em mudança a partir das tecnologias digitais em sala de aula ...	54
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	75
2.1 Natureza da pesquisa.....	75
2.2 Contexto da pesquisa.....	77
2.3 Participantes da pesquisa.....	79
2.4 Instrumentos e procedimentos de coleta .....	79
2.5 Procedimentos de análise dos dados.....	84
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	86
3.1 Relato de experiência .....	86
3.2 Processos de mudança .....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	131
REFERÊNCIAS .....	138
ANEXO A – NARRATIVAS DOS ALUNOS.....	145
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	192

## INTRODUÇÃO

*“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim não morre jamais...” (ALVES, 1994).*

No ano de 2013, precisamente em abril, iniciei como professora de inglês em uma escola da rede municipal da cidade de Uberlândia, uma instituição bem conceituada na cidade e com uma boa equipe de professores e gestores que me recebeu de forma muito amigável. Vinda de uma escola da rede federal, onde trabalhei por um ano e meio como contratada, já me deparei com muitas diferenças entre um contexto e outro, a começar pela quantidade de pessoas que circulam pelo local – eram muitos alunos nos pátios e corredores, diversos profissionais por todos os lados, entre eles agentes de serviços gerais, supervisores, secretários, diretores e, nós, os professores. A sala desses profissionais era extensa, com uma grande mesa rodeada por cadeiras e os escaninhos com os nomes de cada professor que trabalham no estabelecimento escolar, sendo um espaço comum para todos os funcionários da escola, onde nós lanchamos, conversamos, preparamos nossas aulas e temos reuniões.

Nesse contexto, a quantidade de alunos também me chamou a atenção: para cada sala tínhamos em torno de 30 estudantes. Apesar de ter trabalhado na rede particular com um grande número de educandos por sala, tal aspecto me chamou atenção e me deixou um tanto quanto preocupada, pois, mesmo já tendo lidado com aquela situação, encontrava-me agora em outro contexto, e fiquei ansiosa para ver se me sairia bem enquanto professora daqueles alunos.

Quando entrei na primeira sala para ministrar o primeiro horário, me deparei com uma situação de total liberdade em relação ao conteúdo que poderia trabalhar, a forma para ensiná-lo e a maneira de avaliação dos alunos. Isso, para mim, foi uma grande vantagem, e confesso que fiquei bastante aliviada em perceber tamanha autonomia.

É interessante destacar que a disciplina de inglês que ministro não possui nota e nem mesmo conceito. Acredito que tal situação pode colaborar para um trabalho descomprometido com um currículo e com um planejamento feito pelo professor. Dessa forma, destaco a importância do professor e a constante reflexão que ele

deve passar de forma a entender que a sua disciplina, mesmo sem a exigência de notas, é importante, pois o inglês é mencionado em diversos documentos como o Plano Nacional do Livro Didático - PNLD (2011), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e é exigido em avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A existência ou não de notas para a minha disciplina não constitui um empecilho para a motivação de meus alunos em aprender inglês, e nem dificulta o meu processo de ensinar os conteúdos. De qualquer forma, concordo com vários autores como Celani (2010, p. 59), que afirma que “as escolas, particularmente as do sistema de educação pública, não prestigiam a língua estrangeira e seus professores. Às vezes, os próprios professores se questionam a respeito da finalidade da disciplina na grade curricular”. Noto que alguns colegas concordam que não é necessário atribuir notas para a disciplina, por não acreditarem que o inglês possa ser ensinado na escola pública, no entanto, para mim, o fato de não precisar preencher tabelas com as notas dos alunos se mostrava como algo positivo e libertador.

Algumas vezes já ouvi que “Ensinar inglês em escola pública não funciona”, “Não dá para aprender inglês na escola pública”, “Os alunos não sabem português, como vão aprender inglês?”, além de afirmações que também desacreditam o ensino de inglês na educação básica de uma forma geral. No entanto, acredito que as descrenças tornam-se ainda maiores quando o contexto de ensino é na educação básica nas escolas públicas. Percebo que ao ouvir todas essas afirmações, os próprios alunos começam a repetir essas ideias que, na verdade, surgiram de opiniões rasas e sem reflexão mais aprofundada. Leffa (2007) aborda esta questão ao discorrer sobre a autoexclusão. Segundo o autor, o processo de autoexclusão pode ser explicado em:

A idéia de que aprender uma língua é pertencer ao clube dos aprendizes dessa língua parece útil para explicar o processo de auto-exclusão na aprendizagem da língua estrangeira. Parte-se aqui do princípio de que o aluno não se exclui por vontade própria. Quando diz “eu odeio inglês” pode dar a impressão de que esse dizer foi construído de dentro para fora, quando na realidade foi construído da sociedade para o sujeito, de fora para dentro. A auto-exclusão não parte do sujeito; é induzida pela sociedade. O que o sistema normalmente faz, para amenizar o impacto da exclusão, é dar ao sujeito a ilusão de que sua opção para não pertencer a uma

determinada comunidade partiu de sua própria vontade (LEFFA, 2007, p. 05).

Felizmente, não percebo nenhum tipo de desmotivação ou desvalorização da minha disciplina por ela não ter nota, bem como das aulas de inglês que para muitos “não dá para aprender na escola pública”. Interpreto essa postura dos alunos perante o inglês como um reflexo da minha própria postura enquanto professora, pois nunca acreditei que na escola básica e/ou pública não se pode aprender inglês. Concordo com o PNLD – 2011 ao afirmar que o lugar de aprender língua estrangeira é, na verdade, na escola de educação básica.

É sempre importante lembrar que lugar de aprender línguas estrangeiras é na escola de educação básica. Tão importante para a formação e inclusão social do indivíduo, a aprendizagem das habilidades de ler, falar, ouvir e escrever em outras línguas não deve ou não precisa ser um privilégio exclusivo das camadas favorecidas. Por isso, os critérios adotados no edital PNLD 2011 para a seleção das coleções buscaram garantir que, na escola pública o aluno consiga aprender a língua estrangeira para compreender e produzir, oralmente e por escrito, diversos tipos de textos. Além do mais, os critérios incluíam a importância do caráter educativo da aprendizagem de línguas, que pode oportunizar o conhecimento sobre o outro e sobre si mesmo, sobre culturas locais e globais (Guia de livros didáticos: PNLD 2011).

Outra liberdade que tive foi em relação à equipe gestora da escola, que não me passou algo que deveria seguir. Nada me foi estipulado, por parte da direção, no tocante ao conteúdo a ser seguido ou a como desempenhar o meu papel em sala de aula. Isso era marcante no meu trabalho como professora nas escolas particulares.

Com essa primeira impressão, fiquei satisfeita com a escola que, para mim, se mostrava como uma instituição equipada tecnologicamente, com diversas possibilidades de trabalho em diferentes espaços, além do uso da tecnologia digital por mim e pelos alunos. Como tecnologias digitais considero os computadores que a escola possui com acesso à Internet, bem como os aparelhos de *datashow*, um aparelho enviado pelo MEC que possui *datashow* e computador acoplado e a lousa interativa.

Mesmo com vontade de utilizar todos os recursos que a escola parecia me oferecer, me ative às aulas sem grandes novidades, pois ainda estava conhecendo a dinâmica da instituição. Com suas reuniões e diários a serem preenchidos, não me

desafiei e fiquei o ano de 2013 com aulas, em sua maioria, apenas dentro da sala de aula, de forma tradicional e seguindo um livro didático considerado, por mim, e por outros professores de inglês da escola, um livro ruim.

Com mais conhecimento sobre as variadas questões da escola, me propus a utilizar no primeiro semestre do ano de 2014, poucas vezes e de forma descomprometida, as tecnologias digitais. Possuía seis turmas, sendo duas delas de 8º ano e quatro de 9º ano.

A inserção tecnológica ocorreu apenas em duas ocasiões no primeiro semestre. Num primeiro momento, levei o equipamento de *datashow* com computador acoplado até a sala de aula e fiz a correção de uma prova, projetando-a no quadro branco e corrigindo junto com os alunos as questões, além de escrever, em tempo real, as respostas no computador enquanto elas eram projetadas no quadro. Em alguns momentos, ia até o quadro e escrevia com o pincel por cima da prova projetada – os alunos ficaram impressionados com essa experiência, e eu me surpreendi, pois não sabia que eles iriam gostar da dinâmica.

Todos eles seguiam, com as provas, o que eu projetava no quadro. Depois de ser lida e explicada uma das questões, nós elaborávamos uma resposta que era digitada por mim; eles, simultaneamente, copiavam-na no caderno. Essas aulas foram ótimas, em nenhum momento precisei chamar a atenção de um só aluno, e mesmo no último horário, em que as aulas são bastante desgastantes tanto para nós, professores, quanto para os alunos, tudo ocorreu de forma tranquila e produtiva.

Outro momento de uso de tecnologia digital, no primeiro semestre de 2014, se deu em uma simples ida ao laboratório para expor uma apresentação de *PowerPoint* contendo vocabulário. Os alunos também ficaram muito interessados e gostaram da aula, mas não se mostraram tão surpresos como na experiência relatada anteriormente, de correção da prova.

Esses foram os únicos dois momentos em que trabalhei com tecnologias digitais no primeiro semestre daquele ano, o que agradou tanto a mim quanto aos alunos. Todavia, tais aulas aconteceram de forma descomprometida com um currículo ou planejamento, pois elas foram ministradas em ocasiões oportunas: no mesmo dia em que era necessário utilizar o laboratório, eu checava se ele estava disponível ou se o aparelho de *datashow* poderia ser transportado para a sala de aula. Nas outras aulas não havia nenhum tipo de tecnologia digital: ficávamos na

sala trabalhando com o livro didático, e os alunos me pediam aulas diferentes, em razão das atividades ministradas com as tecnologias digitais.

Por vontade própria, quase no meio do ano abandonei o livro didático, avisei aos alunos que não era mais necessário levar os livros para a escola e comecei a elaborar o meu conteúdo. Eu considerava o livro descontextualizado com a realidade da minha escola e, por isso, tal material não correspondia às minhas expectativas enquanto professora naquele contexto.

Eles gostaram bastante da ideia, e assim as aulas aconteciam: dentro da sala, no pátio, na biblioteca ou no quiosque, seja de modo expositivo, com dinâmicas, jogos ou atividades já conhecidas ou inventadas por mim.

Meus alunos diziam que nunca aprenderam a Língua Inglesa e que todos os anos eram iguais e entediantes. Ousei interferir no sistema tradicional. A tentativa era de se fazer uma aula divertida, dinâmica e produtiva, para que os alunos percebessem que estudar e, aprender, inglês seria possível.

Acredito que, com as minhas aulas, os alunos puderam notar que seria legal estudar inglês e que eles poderiam aprender essa nova língua e conhecer um pouco da nova cultura a ser apresentada. De fato, eu pensava neles e na minha responsabilidade enquanto professora.

Essa responsabilidade sempre foi para mim algo muito importante, pois acredito que enquanto eu tiver consciência de meus deveres enquanto professora, estarei motivada a sempre estudar e melhorar a minha prática docente. Ser professora é para mim algo muito sério e que me exige um repensar constante da minha prática e da minha postura dentro de sala de aula.

Acredito ser interessante mostrar um fragmento da fala de Donald D. Quinn<sup>1</sup>, professor do Departamento de Engenharia Mecânica na Universidade de Akron, em Ohio, EUA, a que tive acesso por meio da leitura de um artigo de Miccoli intitulado “O ensino na escola pública pode funcionar, desde que...” (2011, p.183), sobre a árdua profissão de professor.

Se um médico, advogado, ou dentista, tivesse, ao mesmo tempo, 40 pessoas em seu local de trabalho; todas elas com necessidades diferentes e entre as quais houvesse algumas que não quisessem estar lá e que estivessem causando problemas e o médico, advogado, ou dentista, sem qualquer assistência, tivesse que tratar

---

<sup>1</sup> Primary Education Oasis, Classroom Discipline. Disponível em: <http://www.primary-education-oasis.com/classroom-discipline.html>. Acesso em 15 de Março de 2014.



de todas elas com excelência profissional por nove meses, então, talvez ele pudesse vir a ter uma ideia do trabalho de um professor em sala de aula.

Mesmo não sendo fácil e exigindo de nós muitas habilidades, considero ser fundamental o desejo de sempre nos tornarmos professores melhores. Concordo com Miccoli (2011, p. 182) quando ela afirma que

o ofício de professor não é para qualquer um. Um professor tem que ter vocação para exercer a profissão, para poder vivenciar o prazer e alegria de suas realizações, as quais, seguramente virão, mas apenas em consequência de esforço, comprometimento e dedicação.

Pensando nessa minha vocação, algo me incomodava e me instigava a desafiar a mim e aos meus alunos a partir da integração e do uso das tecnologias digitais nas aulas de inglês. As duas experiências ficavam na minha cabeça, e eu tinha vontade de usá-las em sala novamente. Eu gostaria de usar e propiciar aos meus alunos usarem também das tecnologias digitais já que é notável que a sociedade contemporânea se utiliza dessas tecnologias, que são novas, para o desempenho das mais diferentes tarefas em seu dia a dia. E se “a sociedade muda, mudam também os sistemas educacionais” (PAIVA, 2009b, p.02).

Toda tecnologia que surge altera o sistema, sobretudo o escolar, e não apenas com a melhoria na execução de uma tarefa, mas de uma forma que vai além desse aspecto. McLuhan (1964) aponta que há uma preocupação com a informação veiculada por certa mídia; porém, os efeitos da tecnologia alteram a maneira como as pessoas recebem tal informação, ou seja, há alterações nos padrões de percepção: uma propaganda divulgada em painéis com imagem em alta definição é recebida de forma diferente de outra propaganda divulgada em cartazes, por exemplo. A tecnologia:

[...] muda a maneira de produção de conteúdo e altera a forma de recepção. Exemplos: o veículo impresso caracteriza-se por exigir do público o conhecimento da escrita; o rádio atinge um número maior de pessoas por usar apenas o som (audição); a televisão atrai um número também elevado de pessoas pelo apelo visual e auditivo; já o veículo online agrega em si todas as características dos outros veículos e gera uma mudança de paradigma da tecnologia da informação (TELLAROLI, 2007, p. 53).

Devido a esta grande influência das tecnologias nos mais diversos ambientes, noto no ambiente escolar certa polêmica gerada em torno dessas tecnologias digitais nas formas de computadores, *tablets*, *lpads*, *lphones*, dentre vários outros. No entanto, esquecemo-nos que a escola e o professor já lidam com a inserção de tecnologias em seu ambiente por muito tempo. Isso demonstra que o docente sempre precisou estar atualizado em relação às tecnologias que apareciam em seu tempo e em seu contexto, aprendendo a usá-las.

Todavia, a rapidez com que as tecnologias digitais mudam, avançam e evoluem pode ser o motivo de tornar alguns professores adeptos de um discurso que seja contrário à utilização dessas tecnologias em suas aulas. Percebo, em meu contexto profissional, que alguns professores reproduzem um discurso de resistência às tecnologias digitais, sem realmente refletir sobre esse assunto, apenas como uma forma de se protegerem e continuarem em seus espaços demarcados, em suas aulas baseadas somente no livro didático. Assim, muitos dos meus colegas professores seguem com as mesmas aulas sem se dar conta da tecnologia que está à disposição para ajudá-los, e não ameaçá-los.

Acredito que hoje a maioria das pessoas inseridas nas comunidades externa e interna da escola, como os professores, serão a favor da utilização do quadro branco e dos pincéis atômicos que facilitam e tornam a escrita no quadro até mais prazerosa, considerando que eliminou o famoso pó de giz que grudava nas roupas dos docentes. Seremos também a favor do aparelho de *datashow*, que possibilita a apresentação de conteúdos de uma maneira mais dinâmica, e nem é necessário falar da opinião das pessoas em relação à impressora digital. Muito dificilmente alguém será contra a utilização dessa tecnologia e defenderá a volta do mimeógrafo; logo, as tecnologias digitais são mais uma novidade com as quais a escola precisa aprender a lidar, de forma a acrescentá-las ao âmbito educacional.

Ao realizar uma pequena busca nos bancos de teses e dissertações, é possível perceber que há muitos estudos que refletem sobre as tecnologias digitais e os impactos que elas causam no ambiente de ensino. Nas buscas por pesquisas envolvendo tecnologias digitais na área da Linguística Aplicada, notei que há poucos estudos que se dedicam ao contexto de ensino de Educação Básica e têm o aluno como foco. Como exemplificação, apresento algumas dissertações ou teses na área de língua inglesa que abordam esse tema:

Franco (2013) realizou um estudo de caso do tipo etnográfico com o objetivo de conhecer as experiências de aprendizagem de um grupo de alunos do Ensino Médio de uma instituição federal do Rio de Janeiro no tocante ao desenvolvimento da autonomia, tomada como um sistema adaptativo complexo, para a aprendizagem de inglês. O autor por meio de narrativas multimídia buscou explorar à luz da teoria do caos/complexidade as possíveis relações entre os padrões de comportamento – atratores e a autonomia desses alunos. Os resultados dessa pesquisa apontam que as evidências de desenvolvimento da autonomia do aluno emergiram de um dos seguintes atratores: práticas avaliadas negativamente, práticas avaliadas positivamente e práticas socioculturais extraclasse; os propiciamentos de uso das novas tecnologias sozinhos não promoveram o desenvolvimento da autonomia; apenas os atratores que levaram a uma atitude positiva em relação ao inglês possibilitaram o desenvolvimento da autonomia e esta autonomia emergiu, total ou parcialmente em contextos informais de aprendizagem considerados ricos em propiciamentos, como, na Internet, por exemplo.

Silva (2014), em sua pesquisa, objetivou estudar e narrar uma experiência de uso do *chat* educacional em um contexto de ensino e aprendizagem de inglês. Silva abordou o *chat* como um gênero digital emergente e como um espaço de interação, e a Pesquisa Narrativa como orientação teórico-metodológica. A autora apresentou as histórias vividas por ela e seus alunos, participantes desta pesquisa, os quais estudam em uma instituição pública de ensino técnico integrado ao Ensino Médio em uma cidade do Alto Paranaíba/MG. Esta experiência foi compreendida por meio de histórias e da composição de sentidos. Como conclusão, Silva aponta que a experiência pela busca da inserção da tecnologia digital em seu fazer docente provocou reflexões importantes como a necessidade de ter bem definidos os objetivos e o papel do docente ao lidar com as tecnologias digitais em sala, de forma que o uso dessas tecnologias se torne mais apropriado para o ensino e aprendizagem de inglês. A autora também relata a troca de experiências possibilitada pelo uso dos *chats* proporcionando a ela e aos alunos-participantes a construção de conhecimento, em relação ao uso da língua e da própria tecnologia, de forma colaborativa.

Miranda (2015) analisou em sua pesquisa o desenvolvimento da autonomia em alunos de oitavo ano do Ensino Fundamental em uma escola pública estadual de Minas Gerais. Tal análise foi feita em um contexto de integração de ferramentas

digitais às práticas pedagógicas e tinha como foco a autonomia desses alunos no desenvolvimento das habilidades orais na Língua Inglesa. A autora optou pela coleta de narrativas, aplicação de questionário e produção de notas de campo de aulas observadas. Miranda tomou a autonomia como um sistema adaptativo complexo, apoiando-se na Teoria da Complexidade como base epistemológica para a análise dos dados. As conclusões da referida pesquisa apontam que a integração das tecnologias digitais no contexto escolar tendo como fim o desenvolvimento das habilidades orais na língua alvo possibilita ao aluno fazer escolhas, refletir, gerenciar e avaliar o seu próprio processo de aprendizagem. Esta integração, ao possibilitar a interação aluno-máquina e entre pares, propicia a formação de grupos que embasam a aprendizagem e a autoconfiança, favorecendo, dessa forma, o surgimento de atitudes que segundo a autora desenvolvem a autonomia.

Silveira (2015) em sua dissertação de mestrado analisou a influência exercida pelos *netbooks* nas aulas de inglês em turmas de sexto e oitavo anos do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal da cidade de Uberaba/MG. A escola em questão foi a primeira a ser contemplada com *netbooks* devido ao programa “Um computador por aluno” – PROUCA. Os participantes desta pesquisa foram os alunos das turmas mencionadas (6º e 8º anos), os dois professores de inglês destas turmas, a diretora da referida escola, bem como o diretor do Departamento de Tecnologias de Informação e Comunicação da Secretaria de Educação de Uberaba. A coleta de dados se deu por meio de narrativas, entrevistas semiestruturadas e notas de campo. Como resultado dos dados coletados por essa pesquisa, a autora constatou que os alunos percebem a utilização dos *netbooks* como algo positivo nas aulas de inglês, mas apontam como principal problema a conexão com a Internet que era fraca, dificultando, então o seu acesso. No entanto, Silveira relata que os computadores possuíam recursos que não dependiam da Internet, como jogos, leitura digital e outros aplicativos, mas que os professores focavam apenas no uso da Internet e não trabalhavam com esses recursos. Mesmo ressaltando o papel e a importância das tecnologias digitais para as aulas de inglês, Silveira registra em seu trabalho que a motivação para se aprender é influenciada pela pedagogia adotada pelo professor em sala de aula.

A maioria dos estudos dificilmente se realiza a partir da posição em que o estudante está, ou seja, no meio de todo esse processo de mudança pelo qual toda a sociedade (e a escola) passa, não nos preocupamos em dedicar o nosso tempo de

estudo e pesquisa para perguntarmos a opinião do aluno, enfim, não damos voz a esse agente nesse complexo sistema chamado sala de aula.

A justificativa desta dissertação se dá, então, a partir da necessidade de se refletir sobre como a integração de tecnologia digital acontece na visão do aluno, com isso, nesta pesquisa pretendi dar voz aos meus alunos, adotando uma postura que Prensky (2012) defende como uma posição de diálogo, considerando que os educandos possuem as reais necessidades educacionais.

Eu realmente acredito que se escutássemos as opiniões de nossos alunos, e tivéssemos diálogos universais – e mais importante, se nós agíssemos de acordo com o que escutamos – nós faríamos coisas muito diferentes. [...] Os alunos apenas precisam e querem habilidades e ferramentas para serem bem-sucedidos no seu próprio tempo e em sua própria vida <sup>2</sup> (PRENSKY, 2012, p. 2).

Acredito, assim como Prensky (2012), que as tecnologias digitais podem colaborar para o engajamento do aluno no processo de aprender, considerando que ele utilizará algo que lhe é natural e agradável. Em Giraffa (2012), há a discussão sobre o fato de os educandos desejarem uma escola que inclua novas maneiras de ensinar e novos modos de ensinar a aprender, sendo que as tecnologias digitais têm muito a oferecer para que esse “novo” seja possível dentro da escola.

Ainda segundo Giraffa (2012), mesmo os alunos que não possuem contato com muitas tecnologias digitais em sua casa, por exemplo, têm o potencial para “se dar bem” frente a essas tecnologias, considerando que eles nasceram na geração digital. De fato, tais indivíduos possuem diversas habilidades digitais dessa geração, precisando apenas que a escola, lapide-as e os ajudem a utilizá-las com criticidade.

Prensky (2010) também aponta para a necessidade de mudança que a escola deve sofrer para atender a esse novo público. De acordo com ele, os alunos do século XXI “[...] estão mudando – em grande parte como resultado de suas experiências fora da escola com a tecnologia – e não estão mais satisfeitos com uma educação que não se dirige de imediato ao mundo real em que vivem<sup>3</sup>” (PRENSKY, 2010, p. XV).

---

<sup>2</sup> “I believe strongly that if we did listen to our student’s opinions on this, and did have such dialogues universally – and, more importantly, if we acted on what we heard – we would do things differently. [...] The kids just need and want the skills and tools to succeed in their own times and lives”.

<sup>3</sup> “[...] are changing – largely as a result of their outside-of-school experiences with technology – and are no longer satisfied with an education that doesn’t immediately address the real world in which they live”.

Enquanto isso, Coscarelli (2005) defende que o computador pode ser de grande valia, mas, sozinho, não fará nada pela escola e pela Educação. Nesses termos, o professor se torna fundamental para integrar o computador e as ferramentas oportunizadas por ele e pela Internet na sala de aula. Ele precisa estar disposto a conhecer esta nova tecnologia, experimentá-la e utilizá-la em sala, com o objetivo de suplementar e aumentar as nossas capacidades naturais.

Se as tecnologias digitais proporcionam facilidades para o professor, se elas são tão positivas, como eu defendo nesta dissertação, por que os professores não as utilizam de maneira efetiva nas suas aulas? Acredito que Ferreira (2012) possa responder parcialmente a esta questão, quando ele afirma que:

O controlar a informação, na história da humanidade, sempre foi um mecanismo para estabelecer o poder sobre as populações. Com as tecnologias da comunicação e informação, a própria informação está deixando de ser um privilégio exclusivo de alguns (FERREIRA, 2012, p. 16).

Entro aqui em outra questão que pode colaborar para a resistência que a maioria dos professores possui diante das tecnologias digitais, que seria o papel do docente dentro da escola. Acredito que por muito tempo (e ainda nos dias atuais) tem-se a imagem de uma sala de aula da seguinte forma: todos os alunos em filas, olhando para uma mesma direção, para um mesmo centro – o professor. Nesse cenário, o educador detém o conhecimento e os alunos são as pessoas que podem absorver um pouco do conhecimento que o docente possui.

Meu percurso de pesquisa com foco na “mudança” se justifica por compreender o cenário descrito nos parágrafos anteriores. Com essa concepção de ensino e aprendizagem, percebo que as tecnologias digitais acabam sendo ignoradas ou até mesmo recusadas, pois acredito que o que

[...] acontece, muitas vezes, é que a escola não está bem preparada para se modificar. A mudança provoca desestabilização e inseguranças e uma nova maneira de agir e a finalidade da escola passa a ser outra. Se antes a escola era um ambiente exclusivo de fonte de conhecimento, hoje passa a dividir esta qualidade com outros meios (comunicacionais e informatizados). Ela precisa desenvolver esta interlocução, pois a exposição que as crianças e jovens ficam a estes novos meios é maior que o tempo em sala de aula. (TONIDANDEL; MAISSIAT; CAMARGO, 2006, p. 4).

Diante desse quadro, tendo como base minha experiência prática e profissional, vejo que a escola se vê diante de um novo paradigma. Para muitos professores, está cada vez mais difícil conseguir a atenção dos alunos que estão apáticos, frente às suas falas, ou completamente agitados e conturbados, como se estivessem presos dentro da sala de aula.

Nesse sentido, Prensky (2010) argumenta que os alunos que não conseguem se concentrar nas aulas são os mesmos que sentam por horas a fio em frente a um computador focados em vídeos, redes sociais ou videogames. Diante disso, ele lança uma pergunta: O que os alunos de hoje querem?

Eles não querem ouvir palestras em suas aulas. Eles querem ser respeitados, que se confie neles e que suas **opiniões sejam valorizadas**. Eles querem seguir seus próprios interesses e paixões. Eles querem criar, usando **ferramentas de seu tempo**. **Eles querem trabalhar com os colegas** em trabalhos de grupo ou em projetos. Eles querem tomar decisões e dividir o controle. Eles querem cooperar e competir uns com os outros. Eles querem uma educação que não seja apenas relevante, mas que seja real<sup>4</sup> (PRENSKY, 2010, p. 3, grifos meus).

A escola é vista cada vez mais como irrelevante por muitos alunos, passados os anos iniciais do ensino fundamental (GEE, 2004). Os alunos de hoje aprendem e aspiram aprender de forma diferente em relação ao passado; eles querem que as formas de aprendizagem sejam significativas para eles e que vejam, de forma imediata, que o tempo utilizado dentro da escola está sendo produtivo e útil. Fora dessa instituição, quando os estudantes aprendem algo, eles sabem que poderão aplicar aquele conhecimento em algo real. Ao aprenderem a jogar algum jogo, por exemplo, eles podem colaborar e competir com outros jogadores no mundo todo; quando aprendem a baixar músicas eles podem montar um álbum com as suas músicas favoritas; ao aprenderem a postar fotos e comentários em redes sociais, eles podem fazer críticas, divulgar algum evento, promover alguma banda que gostam, dentre outras inúmeras possibilidades. “Pela primeira vez, o aprendiz passa

---

<sup>4</sup> “They don’t want to be lectured to. They want to be respected, to be trusted, and to have their opinions valued and count. They want to follow their own interests and passions. They want to create, using the tools of their time. They want to work with their peers on group work and projects (and prevent slackers from getting a free ride). They want to make decisions and share control. They want to connect with their peers to express and share their opinions, in class and around the world. They want to cooperate and compete with each other. They want an education that is not just relevant, but real”.

a ser também autor e pode publicar seus textos e interagir com recursos textual, acrescido de áudio e de vídeo” (PAIVA, no prelo, p. 10).

Devido ao acesso a tecnologias digitais eles ressignificam uma pergunta que me fazem a toda hora na escola, tornando-a ainda mais pertinente: “Para que eu preciso aprender isso?”, e essa indagação exige que eu tenha uma melhor resposta do que “Algum dia você pode precisar”. No contexto atual, os alunos anseiam por entender de forma mais pragmática o que vivenciam dentro da escola.

Considerando, então, a influência das tecnologias digitais na sociedade e em específico no contexto educacional, proponho como objetivo geral desta pesquisa analisar à luz do Paradigma da Complexidade uma proposta de integração de tecnologias digitais às aulas de inglês na percepção dos meus alunos de 9º ano da escola pública e na minha enquanto professora-pesquisadora. Tenho como objetivos específicos:

- Relatar as percepções que eu, enquanto professora-pesquisadora, e os alunos tivemos frente a essa integração.
- Analisar quais foram os processos de mudança que ocorreram a partir desta integração de tecnologias digitais às aulas.

De acordo com os objetivos acima descritos, apresento as perguntas norteadoras desta pesquisa:

- Como se deu a experiência de integração de tecnologias digitais às aulas de inglês?
- Qual foi o processo de mudança que ocorreu nas aulas a partir da integração dessas tecnologias, na perspectiva da professora e dos alunos?

Para apresentar esta dissertação ao leitor, optei por dividi-la em três capítulos. O primeiro capítulo ressalta o referencial teórico no qual se baseia o meu trabalho, sendo subdividido em duas seções. Na primeira seção realizo um panorama da Linguística Aplicada, apresentando algumas de suas características, relacionando-a ao Paradigma da Complexidade e retratando a sala de aula como um sistema adaptativo complexo. Na segunda seção abordo as tecnologias digitais defendendo que a sua integração na sala de aula se dá por meio de interações complexas, colaborando para novas formas de pedagogia em sala de aula.

O segundo capítulo traz a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, com destaque para a caracterização da pesquisa, o contexto e os seus



participantes, os instrumentos de pesquisa e a forma de coleta de dados, assim como o seu procedimento de análise.

O terceiro capítulo destina-se à análise e discussão dos dados, finalizando com as minhas considerações acerca das reflexões despertadas a partir deste estudo, as limitações encontradas e sugestões para outras pesquisas.

## CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

*“... não há intelectual que trabalhe sem idéia de futuro. Para ser digno do homem, qual seja, do homem visto como projeto, o trabalho intelectual e educacional tem que ser fundado no futuro. É dessa forma que os professores podem tornar-se intelectuais: olhando o futuro” (SANTOS, 1999).*

Neste capítulo, estruturado em duas seções, apresento e reflito sobre os principais pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa. Na primeira seção, discorro sobre algumas características da Linguística Aplicada e as relações que são estabelecidas com o Paradigma da Complexidade, bem como apresento a sala de aula como um sistema adaptativo complexo. Na segunda seção, abordo as tecnologias digitais como um agente que se introduz na sala de aula sob uma perspectiva complexa, contribuindo para que ocorram mudanças nas pedagogias no ensino atual.

### 1.1 Linguística Aplicada e o Paradigma da Complexidade

Nesta seção, algumas características da Linguística Aplicada (LA) são apresentadas e discutidas, como o seu caráter social, a peculiaridade de se partir da prática para a teoria, a dinamicidade de seu objeto de estudo e a necessidade de se comunicar com outros saberes, dando-lhe um caráter transdisciplinar ou indisciplinar, conforme defendido por Moita Lopes (2006). Apresento também o Paradigma da Complexidade como arcabouço teórico que pode colaborar para o estudo de questões em LA, e, por fim, tomo e apresento a sala de aula como um sistema adaptativo complexo.

#### 1.1.1 Panorama da Linguística Aplicada: para além da disciplinaridade

A LA, diferentemente do que o nome pode sugerir, não é a mera aplicação da Linguística, e sim uma ciência preocupada em se repensar e não tomar como acabado o seu objeto de estudo. Pennycook (2001, p. 171) afirma que “[...] uma das características da LA contemporânea é o envolvimento em uma reflexão contínua sobre si mesma: um campo que se repensa insistentemente”; é, porquanto, uma

ciência preocupada com os problemas reais relacionados ao uso das línguas, sejam elas maternas ou estrangeiras. Leffa (2001, p. 3) entende que a LA está em contato com aquilo que é autêntico, sendo um de seus vieses: “[...] o estudo da língua em uso: a linguagem como acontece na sala de aula ou na empresa, falada por uma criança ou uma pessoa de idade, expressando uma ideia ou uma emoção”.

Os linguistas aplicados observam as peculiaridades de cada contexto de pesquisa, ou seja, a LA se dá em um contexto aplicado; sendo assim, a compreensão acerca das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que as pessoas experienciam deve ser considerada (MOITA LOPES, 2006). Além disso, os linguistas aplicados sabem que o seu objeto de estudo pode sofrer mudanças ao longo do tempo, conforme a dinamicidade das relações humanas, e, por que não dizer, até mesmo a dinamicidade da língua?

[...] a pesquisa na Educação – seja ela na área específica de Linguística Aplicada, seja na área mais ampla – é uma “ciência de exceção”, ou seja, uma ciência que trabalha constantemente na falseabilidade das conclusões em virtude do “material” que é seu foco de pesquisa. Logo, sendo uma “ciência da exceção”, não é possível compreender seu desenvolvimento a partir de uma lógica indutivo-dedutivo-identitária (VETROMILLE-CASTRO, 2009, p. 119).

Leffa (2001) defende que é um grande desafio para pesquisadores de qualquer área do conhecimento estudar um fenômeno que ocorre sempre da mesma maneira, destacando ainda o fato de o linguista aplicado não possuir esse objeto de estudo regular. “Estudar um fenômeno que muda entre o início e o fim da própria pesquisa é um desafio bem maior: quando termina o estudo o objeto inicial já se transformou em algo diferente” (LEFFA, 2011, p. 4).

Outra característica da LA é justamente o estudo de questões já postas. O linguista aplicado, a partir de alguma inquietação no tocante às questões da linguagem, se dedica ao seu estudo, ou seja:

[...] em termos de problema pesquisado, podemos dizer que em Linguística Aplicada não criamos problemas para pesquisar, mas pesquisamos os problemas que já existem. Não trazemos o problema para o laboratório, limpo e desinfetado, cuidadosamente desembaraçado de todas as variáveis que possam atrapalhar ou sujar nossas hipóteses. Fazemos o caminho inverso. Saímos do laboratório e vamos pesquisar o problema onde ele estiver: na sala de aula, na empresa ou na rua (LEFFA, 2001, p. 15).

Encontro no Paradigma da Complexidade, que será apresentado e discutido na próxima seção, uma característica que se assemelha à proposta da LA de autenticidade e contextualização de dados. Na perspectiva desse paradigma:

[...] os dados não são limpos antes da análise para se livrar do ruído inconveniente. Nós esperamos que os dados possuam os seus ruídos e os seus problemas por causa da dinâmica dos sistemas complexos que produzem a variabilidade. Além disso, uma característica marcante da teoria da complexidade é que o contexto é visto como uma parte intrínseca do sistema, não como um pano de fundo no qual as ações acontecem. Quando os dados são coletados em um sistema complexo, informação sobre o contexto é automaticamente incluída como parte dos dados<sup>5</sup> (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 16).

Para Moita Lopes (2006), os linguistas aplicados lidam de forma direta com o contexto, considerando que se ocupam da complexidade de fatos envolvidos com a linguagem, inclusive em sala de aula. Tais estudiosos sabem que o uso do conhecimento de outras áreas é fundamental, fazendo com que os estudos em LA se comuniquem o tempo todo com outros saberes.

De fato, há um discurso não excludente e não homogeneizante que destaca a importância de as ciências se interagirem, a fim de observarmos determinado objeto de estudo por vários ângulos e contarmos com a colaboração de diversos saberes. Assim, ao articular os conhecimentos, podemos ter uma visão mais holística das questões abordadas.

No constante processo de construção do conhecimento, nos tempos em que nos encontramos hoje, é preciso entender que o estudo pode ser feito por meio de um novo paradigma, em que a visão fragmentada do cartesianismo cede lugar a uma visão mais ampla composta por múltiplas conexões (OLIVEIRA, 2013). Nesse sentido, os estudos se atem a uma análise integral, percebendo a realidade dentro de um contexto no qual as partes estão intrinsecamente imbricadas no todo: “O holismo despontou como uma necessidade de construção de um novo paradigma para a ciência, onde a visão de mundo se concentre no conjunto, com as partes se complementando na totalidade” (SANTOS, 2001, p. 41). Pensar a pesquisa em sala

---

<sup>5</sup> “[...] data are not cleaned up before analysis to get rid of inconvenient noise. We expect data to be noisy and messy because the dynamics of complex systems produce variability. In addition, a key feature of complexity theory is that context is seen as an intrinsic part of a system, not as a background against which action takes place. When data are collected about a complex system, information about context is thus automatically included as part of the data”.

de aula requer que os agentes e elementos desse sistema sejam considerados de forma a colaborar para a sua melhor compreensão. Assim também argumenta Morin (2008, p. 14):

A inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo.

Em se tratando da aprendizagem de uma língua estrangeira, que é o caso desta pesquisa, não podemos tratá-la a partir de uma só teoria, pois a aprendizagem de uma língua é um fenômeno complexo. Por conseguinte, é preciso considerar variadas ciências que dialoguem entre si.

Na medida em que nenhuma teoria possui todo o conhecimento necessário para explicar a aprendizagem da língua estrangeira, a troca de informações com outras teorias torna-se um pré-requisito básico; se o diálogo entre as teorias for inviabilizado pela rejeição mútua, o conhecimento que poderemos construir será no máximo um conhecimento fragmentado. Resolver essa fragmentação e estabelecer o diálogo entre as diferentes teorias é, portanto, o primeiro desafio a ser resolvido quando se propõe uma abordagem transdisciplinar para a investigação da aprendizagem de uma língua estrangeira (LEFFA, 2006, p. 5).

Esse diálogo entre as diferentes teorias pode se caracterizar, portanto, como transdisciplinar, sendo que, na LA, é pertinente compreender o conceito de transdisciplinaridade a partir de três outros, a saber: disciplinaridade, pluri/multidisciplinaridade e interdisciplinaridade. Segundo Nicolescu (1999, p. 23): “A disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento”. No entanto, o conceito “transdisciplinar” seria mais apropriado que os conceitos “interdisciplinaridade” e “multidisciplinaridade” para descrever os fenômenos complexos (DAVIS; SUMARA, 2006).

Para compreendermos esses conceitos, basta entendermos que, com a evolução das ciências, houve um aumento do número de disciplinas, de modo que cada área do saber é voltada para um recorte menor e mais específico da realidade. A ciência dividida em várias disciplinas bem delimitadas e fortemente demarcadas diz respeito à disciplinaridade, em que cada disciplina seria um pequeno feudo,

separada das outras por altos muros, como se fossem uma proteção contra o ataque dos feudos rivais. Dessa forma, as disciplinas mantinham-se longínquas umas das outras, bem fechadas e isoladas dentro de seu próprio mundo do conhecimento.

Já na pluridisciplinaridade, “[...] o objeto de pesquisa é vislumbrado através da perspectiva de diferentes disciplinas. Embora o objeto seja comum, não há interação entre as disciplinas, somente entre cada disciplina e o objeto investigado” (VIEIRA, [s.d.], [s.p.]). Nesse sentido, temos o mesmo objeto, sendo que cada disciplina contribui com as análises conforme a sua área; ao final, todas as contribuições são reunidas e é montada uma visão multidisciplinar sobre algo.

Como exemplo, cito a intenção do governo em melhorar a educação de determinada cidade. Para tal finalidade, há uma investigação de professores, diretores, psicólogos, agentes sociais, administradores, contadores, entre outros. Cada um irá produzir um relatório sobre formas de melhorar a educação a partir de sua área de conhecimento, seja ela pedagógica, econômica, social ou política. Mesmo que a interpretação dos dados seja feita em conjunto, a contribuição de cada área foi produzida isoladamente – vale ressaltar que esse já é um passo para a derrubada dos altos muros que cercam as disciplinas. “Esta abordagem, então, confronta as disciplinas, aplica os seus conhecimentos e métodos acumulados, contribuindo, assim para o estudo do problema específico<sup>6</sup>” (MEDNE; MURAVSKA, 2011, p. 70).

Ao partir para a interdisciplinaridade, começamos a ter uma interação maior entre os conhecimentos. Seipel (2005 *apud* MEDNE; MURAVSKA, 2011, p. 70) afirma que a “[...] interdisciplinaridade é a integração de conhecimentos, conceitos e técnicas de diversas disciplinas que ajuda a criar um novo conhecimento ou um entendimento mais aprofundado<sup>7</sup>”. Os conhecimentos podem sofrer mudanças a partir do conhecimento apresentado por outra disciplina, outra área do saber, e nessa interação de conhecimentos (que não se reduz à soma pura e simples das disciplinas isoladas) ocorre reação, acomodação com a fusão de tais conhecimentos. A acomodação aqui não é tomada no sentido do senso comum da palavra, como sinônimo de passividade, mas como uma resposta a alguma mudança que acontece no ambiente.

---

<sup>6</sup> “This approach confronts the disciplines, applies their accumulated knowledge and methods, thus contributing to the study of the specific problem”.

<sup>7</sup> “[...] interdisciplinarity is an integration of knowledge, concepts or techniques of several disciplines that helps to create new knowledge or a deeper understanding”.

Por fim, na transdisciplinaridade, o pesquisador transita por diversos saberes e vai além das disciplinas, fazendo com que variados conhecimentos conversem, sejam aqueles adquiridos em ambientes formais, como a escola, ou o conhecimento prévio que cada pessoa possui devido às suas experiências pessoais. Assim, vamos além das disciplinas destinadas para uma sala de aula, caracterizando este estudo como transdisciplinar.

Nicolescu (1999) defende que deve existir um diálogo constante entre as inúmeras ciências, a fim de que o conhecimento adquirido pelo ser humano possa ser usado a seu favor, beneficiando até mesmo a sua própria existência. Tal diálogo precisa ser embasado na transdisciplinaridade que, segundo ele, se interessaria pela dinâmica gerada a partir de vários níveis de realidade ao mesmo tempo: “[...] seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 1999, s.p.).

No entanto, para conseguirmos trabalhar dessa forma, precisamos fazer o contrário do que é tendência entre os pesquisadores, os quais possuem dados plurais e os submetem ao que é singular, uma teoria específica. Precisamos agir de maneira oposta, pluralizando as teorias e singularizando os dados, ou seja, partir da prática para a teoria. De fato, a transdisciplinaridade pode oferecer um caminho para compreendermos as questões complexas que envolvem a linguagem e os processos de ensino e aprendizagem, dado que permeia “[...] entre, além e através das disciplinas numa busca de compreensão da complexidade” (VIEIRA, [s.d.], [s.p.]).

Dessa forma, os saberes coexistem e não apenas se justapõem.

Para transitar por essas áreas, o pesquisador precisará, num primeiro momento, contextualizar cada um desses conceitos lá na sua área de origem, para depois trazê-los para sua área de interesse, submetendo-os possivelmente a um processo de ressignificação. Terá com isso a possibilidade não só de enriquecer sua pesquisa, iluminando-a com a contribuição de outras áreas, mas também, por um processo de realimentação, enriquecer as áreas de origem, confirmando ou rejeitando as informações que foram usadas (LEFFA, 2006, p. 18).

Ainda em relação ao caráter transdisciplinar da LA, Kramsch (2008, p. 405) afirma que o ensino de línguas, quando inadequadamente considerado um sistema fechado e tendo como o foco o ensino de regras gramaticais, se caracteriza em um ensino do século passado, posto que o foco do ensino de línguas do “[...] século XXI

é no significado, nas relações, na criatividade, na subjetividade, na historicidade e no trans, como em competência translinguística e transcultural<sup>8</sup>". Fleischer (2009) argumenta que:

A língua está em constante mudança, e tais mudanças não resultam de regras rígidas e lineares, mas do inter-relacionamento de inúmeros elementos, tais como características individuais dos falantes, influências de outras línguas em decorrência de proximidade geográfica e invasões, tendências fonológicas ditadas pelo esforço que cada som requer para ser produzido, e interpretações diferentes de sons e significados feitas por subseqüentes gerações (FLEISCHER, 2009, p. 81).

Torna-se mais adequado estudar a língua e o seu processo de ensino e aprendizagem contextualizando os sujeitos falantes e aprendizes dessa língua, a partir da observação dos diversos fatores que os cercam. Celani (1998, p. 133) aponta que a LA parece ter "[...] vocação para uma atitude transdisciplinar", pois se preocupa com o social, o humano, sendo que o "[...] desenvolvimento de uma atitude transdisciplinar exige disposição natural para ensaiar perspectivas múltiplas, escutar vozes múltiplas" (ibidem, p. 140). Nesse sentido, escutar vozes múltiplas é considerar o outro e se importar com o que ele tem a dizer, vendo neste uma possibilidade de conhecimento, crescimento e contribuição para a minha própria pergunta de pesquisa.

Ao observar a questão da necessidade de interação com diversos saberes que a LA possui, Moita Lopes (2006) cunha o termo "indisciplinaridade", reforçando a ideia de uma ciência sem fronteiras demarcadas, em que o sujeito é situado e não tratado como um objeto homogêneo e imutável, mas permeado por diversos fatores que precisam ser abordados ao se investigar esse sujeito e a sua linguagem. E justamente por ressaltarmos os diversos fatores que permeiam o sujeito e as suas relações que o consideramos em sua complexidade, sendo oportuno, então, apresentar na próxima seção o Paradigma da Complexidade e como este estudo pode colaborar para a análise de diversas questões tratadas pela LA.

---

<sup>8</sup> "[...] XXI century is in meaning, relationships, creativity, subjectivity, historicity and in trans, such as translingual and transcultural competence".



### 1.1.2 Por uma visão complexa de Linguística Aplicada

Apresentada como uma ciência dinâmica, flexível, a LA admite a existência de diversos agentes que se influenciam mutuamente. Tal dinamicidade pode ser também compreendida por meio do Paradigma da Complexidade:

Trazido inicialmente para o campo da LA a partir de iniciativas isoladas, o Paradigma da Complexidade, gradativamente, tem se firmado como uma base epistemológica consistente para a compreensão dos contextos e eventos envolvidos nas atividades de ensino e aprendizagem de línguas. Esses eventos relativos ao processo de aprendizagem de segunda língua, assim como o universo, são essencialmente complexos (MARTINS; BRAGA, 2007, p. 229).

Ao salientar que a LA lida com seres humanos e os fenômenos relacionados a eles, “[...] propomos que essa área tem muito a ganhar olhando para a complexidade<sup>9</sup>” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 16), pois esse paradigma tem um caráter transdisciplinar, oferecendo uma série de padrões, resultados e descrições que podem ser aplicados em diferentes tipos de sistemas e em contextos diversificados. Davis e Sumara (2006, p. xi), na mesma linha, argumentam que “[...] apresentar o pensamento complexo é uma atitude importante e apropriada para os educadores e para os pesquisadores da educação<sup>10</sup>”, uma vez que ele se torna uma alternativa ao pensamento linear e a abordagens reducionistas que até então dominavam as ciências e a pesquisa educacional.

Em se tratando da educação, Demo (2002) argumenta que tanto o conhecimento quanto a aprendizagem são processos não lineares, considerando a sua natureza tipicamente complexa que não se atém a alinhamentos lógicos.

Dessa forma, o Paradigma da Complexidade tem sido cada vez mais utilizado para entender os sistemas humanos e sociais. Conforme Morin (1990), a vida dos seres humanos é um fenômeno que se auto-organiza, sendo, portanto, extraordinariamente complexo. Esse paradigma:

[...] preocupa-se com o comportamento dos sistemas dinâmicos, ou seja, aqueles que mudam com o tempo, e propõe uma visão holística

<sup>9</sup> “We propose that applied linguistics has much to gain from looking to complexity”.

<sup>10</sup> “[...] to present complexity thinking as an important and appropriate attitude for educators and educational researchers”.

desses sistemas, o que oferece à Linguística Aplicada uma forma inovadora de refletir sobre as questões da área (SOUZA, 2009, p. 94).

Nesses termos, apresento reflexões na área da LA que compartilham o pensamento de que existe concordância entre os conceitos defendidos pelo Paradigma da Complexidade e o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Davis e Sumara (2006, p. 8) discorrem que os pesquisadores da área da educação devem se envolver na seguinte reflexão: “Como o pensamento complexo pode contribuir para pesquisa educacional?” e “Como a pesquisa educacional pode contribuir para o pensamento complexo<sup>11</sup>”. A atitude reflexiva perante tais questões é bem representada pela dinamicidade inerente tanto ao pensamento complexo quanto à pesquisa educacional, algo considerado pelos autores como “[...] emergência de movimento”.

Essa “emergência de movimento” se dá, pois a complexidade admite a possibilidade de várias interações e interferências em um sistema, de modo que “[...] compreende, efetivamente, o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem o nosso mundo fenomenal” (MORIN, 1990, p. 20).

Essa teoria tenta explicar algumas questões que, a princípio, parecem não ter resposta, a exemplo da inquietação vivida por vários professores de língua estrangeira ao se perguntarem:

Por que é tão difícil prever resultados de aprendizagem em uma sala de aula presencial ou virtual onde os alunos aparentemente usufruem das mesmas condições: professor, instituição, nível social, materiais, recursos tecnológicos, abordagem pedagógica etc.? (MARTINS; BRAGA, 2007, p. 217).

Podemos perceber que aqui nos referimos a um sistema complexo, dado que a sala de aula é permeada pela interação humana, com agentes independentes que interagem uns com os outros, e essa riqueza de interações permite ao sistema se auto-organizar de uma forma espontânea e peculiar. Nesse contexto, Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 34) ponderam que “[...] os sistemas complexos são

---

<sup>11</sup> “How might complexity thinking contribute to educational research? [...] How might educational research contribute to complexity thinking?”.

abertos e inseparáveis do contexto, mas interagem com fatores contextuais e mudam ao longo do tempo<sup>12</sup>.

Para explicar a complexidade existente tanto na língua quanto na aprendizagem desta, seja dentro do próprio sistema ou externamente (em relação a outros sistemas), Leffa (2006) entende o Paradigma da Complexidade como:

[...] um conjunto de ideias que incorpora os princípios de diversas teorias, entre as quais se destacam os Sistemas Complexos, a Teoria do Caos, o Pensamento Complexo e a Teoria da Atividade. Embora diferentes todas essas teorias têm em comum o princípio de que tudo está relacionado. Nada acontece por acaso e de modo isolado; o voo de um inseto em Pequim pode causar um abalo na bolsa de Nova York, no conhecido exemplo do efeito borboleta (LEFFA, 2006, p. 4)<sup>13</sup>.

Pensar a complexidade é considerar que eventos, mesmo que pareçam pequenos e sem importância, como na metáfora citada por Leffa (2006) do bater de asas de uma borboleta, poderão desencadear várias respostas que se tornarão maiores e mais marcantes, assim como acontece em uma avalanche, em que o rolar de uma pequena pedra proporciona as condições iniciais para um grande fenômeno. Silva (2008, p.13) explica que condições iniciais se referem “aos fenômenos que marcam o início da trajetória de um sistema dinâmico [...]” e por serem não lineares dificultam previsões exatas dessa trajetória.

Dessa forma, este paradigma destaca a existência de vários agentes influentes dentro de um mesmo sistema, refutando a consequência desencadeada por apenas uma causa, em que a aprendizagem, conforme Vetromille-Castro (2009, p. 118), “[...] não acompanha uma ordem, um sequência de passos pré-estabelecidos e que se encaixa em todo e qualquer contexto educacional”. É preciso entender que o sistema é influenciado por agentes internos e externos “[...] que interagem entre si, em constante adaptação com o ambiente, à medida que buscam acomodação mútua para otimizar possíveis benefícios que assegurem a sua sobrevivência” (BRAGA, 2009, p. 132). Desse modo, os agentes interagem

---

<sup>12</sup> “Complex systems are open and not separated from context, but interact with contextual factors as they change over time”.

<sup>13</sup> A metáfora do efeito borboleta apresenta a ideia de que pequenas diferenças nas condições iniciais de um fenômeno podem causar diferenças significativas em seu resultado, em que há a dicotomia entre pequenas diferenças e discrepâncias significativas representadas nessa metáfora pelo voo de um inseto e o abalo da bolsa de valores, respectivamente.

causando uma reorganização, a fim de fazer com que o sistema perdure, por mais que sofra alterações.

Van Lier (2004), com a sua abordagem ecológica, utiliza o Paradigma da Complexidade para explicar os processos que se manifestam além da relação de causa e efeito. A perspectiva ecológica é uma maneira de se pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem, conforme a sua complexidade; é, porquanto, uma forma de entender a linguagem como uma ferramenta com muitos usos e um elemento fundamental em todas as atividades humanas de construção de sentido.

Ao abordar um fenômeno sob apenas um ponto de vista, arrisca-se a fantasiar sobre uma resposta ou uma teoria, pois se supõem relações que, na verdade, podem não existir, sendo admissível tornar o trabalho inutilizado ou até mesmo causar danos mais graves, dependendo da natureza da pesquisa. Nas palavras de Leffa (2006, p. 14):

É perigoso investigar um problema separado do contexto em que ele ocorre; precisamos considerar não só o contexto imediato, mas também o contexto mais distante. O perigo de tratar um problema de modo isolado é que podemos supor relações onde elas não existem.

Os saberes devem ser articulados e combinados para que assim o ser humano e suas relações sejam compreendidos dentro de sua complexidade. As relações a que me atendo nesta dissertação são as que acontecem na escola, sobretudo na sala de aula, e, por mais que a LA não esteja circunscrita apenas às questões do ambiente escolar, tomo o ambiente citado como foco desta dissertação. Sendo assim, opto por concebê-la como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC) situado dentro do Paradigma da Complexidade, o que será apresentado a seguir.

### **1.1.3 A sala de aula como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC)**

Com vistas a entender como a sala de aula pode ser considerada um SAC, faz-se necessário compreender tal conceito. Leffa (2006, p. 9) explica que os SACs “[...] não são sistemas fechados, mas abertos, vulneráveis a tudo que possa acontecer fora deles”; e, para diferenciar sistemas fechados e abertos, apresento uma metáfora utilizada pelo autor sobre o relógio e o corpo humano. Ele discorre que o relógio não é um SAC, considerando-o um sistema fechado, ou seja, é

indiferente a tudo que está ao seu redor, não se renova internamente, não se modifica, não se adapta e, se faltar alguma peça, ele para de funcionar, de modo que o sistema deixa de existir. Já o corpo humano seria um SAC, pois é altamente sensível ao seu meio, renova-se internamente com regularidade e, se algumas células pararem de funcionar ou forem retiradas desse sistema, isto é, do corpo humano, ele continuará funcionando e as suas interações com o meio podem ser múltiplas, tornando a evolução desse sistema imprevisível.

Existem duas principais características que classificam um sistema como complexo, de acordo com Leffa (2006): a primeira é a sensibilidade extrema às condições iniciais, ou seja, uma variação mínima pode levar a grandes mudanças no sistema; já a segunda é o fato de os sistemas não “[...] oferecerem resistência a qualquer perturbação externa; reagem, e se modificam, a essas perturbações” (LEFFA, 2006, p. 9). Não basta a condição inicial; para um sistema evoluir, é necessária a sua relação com o meio, o qual precisa responder ao seu entorno.

Assim sendo, ao evidenciar a defesa feita pelo Paradigma da Complexidade – de que detalhes provocam inúmeras transformações – e considerando o contexto de sala de aula, a compreensão dessa teoria se torna fundamental. Na sala de aula, dentro do Paradigma da Complexidade, temos algo visto como mínimo, alterando todo o sistema, como mencionado por Paiva (2009a, p. 193), ao citar alguns versos de um provérbio chinês, a partir de Gleick (1987, p. 23) que sintetizam a ideia desse paradigma:

Por causa de um prego, perdeu-se uma ferradura.  
Por causa de uma ferradura, perdeu-se um cavalo.  
Por causa de um cavalo, perdeu-se um cavaleiro.  
Por causa de um cavaleiro, perdeu-se uma batalha.  
E assim um reino foi perdido.  
Tudo por causa de um prego.

Nesses versos há o prego como o elemento que provoca a condição inicial, desestabiliza todo o reino e provoca a derrota deste diante da guerra, tornando-se ao mesmo tempo motivo de vitória do reino inimigo. Sobre tal efeito temos a seguinte afirmativa: “[...] nada é tão distante ou tão pequeno que não possa afetar tudo que acontece ao nosso redor e dentro de nós” (LEFFA, 2006, p. 7). Dessa forma, podemos transportar tais versos para o contexto de sala de aula e entender que simples escolhas dos professores podem ajudar uns a “vencer” e outros a

“perder” no processo de ensino e aprendizagem; no entanto, “[...] não há como prever que, seguindo os passos X, Y e Z, o aluno ‘aprenderá’” (VETROMILLE-CASTRO, 2009, p. 118). Sendo assim, compreendo a sala de aula como um SAC e, para fundamentar essa afirmação, utilizo alguns autores que também relacionam os sistemas complexos com a sala de aula, como Larsen-Freeman (1997; 2008), Nelson (2004), Paiva (2005) e Parreiras (2005).

Paiva (2005) discorre sobre o Paradigma da Complexidade, *in verbis*:

[...] pequenas mudanças podem resultar em grandes diferenças e que há uma ordem subjacente a tudo que nos rodeia. A teoria tenta explicar que resultados complexos e inesperados podem ocorrer, e ocorrerão, em sistemas que são sensíveis às suas condições iniciais. Essa forma de pensamento não-linear, contrária a lógica cartesiana, ignora as hipóteses deterministas e abandona o conceito de ciência no sentido de que o conhecimento deve ser sistemático, objetivo e generalizável. O conceito de contexto passa a ser crucial para que possamos entender a natureza diversificada dos fenômenos. De acordo com a nova forma de olhar os fenômenos, os sistemas são **complexos, não-lineares, dinâmicos, caóticos, imprevisíveis, sensíveis às condições iniciais, abertos, sujeitos a atratores e adaptativos**, pois se caracterizam pela capacidade de **auto-organização** (PAIVA, 2005, p. 23, grifos meus).

Então, a sala de aula, tomada neste estudo como um SAC, é **complexa**, pois é composta pela interação de vários agentes que são, de acordo com Davis e Sumara (2006), capazes de afetar as atividades uns dos outros, “[...] formando uma ou mais estruturas que se originam das interações entre tais agentes” (BRAGA, 2007, p. 26). Para Larsen-Freeman e Cameron (2008), o que faz com que um sistema seja complexo e não simples é justamente a quantidade de diferentes elementos e agentes que nele interagem.

Outra característica dos sistemas complexos é a sua **não linearidade**, “[...] termo matemático que se refere a uma mudança que não é proporcional ao seu ‘input’, ou seja, a sua entrada, a sua causa<sup>14</sup>” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 31). As mudanças ocorridas em um sistema complexo não são resultado de apenas uma causa, mas das várias interações e reações que acontecem entre os elementos e os agentes desse sistema. Tais elementos e agentes interagem entre si de forma constante e dinâmica, e esta interação provoca reações que não são previsíveis.

<sup>14</sup> “[...] mathematical term, referring to change that is not proportional to input”.

A sala é também não linear na medida em que não se pode basear o seu desenvolvimento em relações de causa e efeito, ou seja, ela não pode ser concebida apenas como um conjunto de reações automáticas da relação entre aluno e professor: “[...] o efeito não é diretamente proporcional à causa, embora não implique que ele não possa, em algum estágio, apresentar características lineares” (BRAGA, 2007, p. 27). Nas palavras de Fleischer (2009, p. 74-75):

[...] em sistemas não lineares, cada variável afeta o resultado de forma independente. Em sistemas não lineares, todavia, a interação entre as variáveis leva a alterações no resultado que não podem ser relacionadas unicamente a alterações em cada variável tomada individualmente.

Ao avaliar a sala como um SAC, percebo a característica da não linearidade, destacando que a mesma atitude de um professor, a mesma atividade ou a mesma aula em uma sala não desencadeará a mesma reação nas outras salas em que esse docente adentrar. Cada aluno é um agente que responde de forma diferente a este professor e interage com os seus colegas, fazendo emergir novos padrões para aquele sistema.

Em Larsen-Freeman (1997) são citados os processos de aprendizagem de uma língua estrangeira como um sistema não linear em que o todo emerge a partir da interação das partes; logo, estudar cada parte em isolado não proporcionará o entendimento do sistema como um todo. De acordo com Vetromille-Castro (2009, p. 119), “[...] não há como tratar com fidelidade o evento educacional interativo separando, por exemplo, o indivíduo do grupo no qual ele se insere”; assim sendo, no contexto de sala de aula, ao estudar o professor, o aluno, a escola, o livro didático e as tecnologias digitais separadamente, por exemplo, não se compreenderá o sistema da sala de aula, pois não serão observados os elementos em interação, mas sim a soma de cada um deles.

Ao partir para outra característica dos SACs, a sala de aula também é **dinâmica**, pois está em constante transformação e movimento devido às ações e reações dos seus agentes – em um sistema complexo dinâmico, tudo muda o tempo todo. Desta forma, Larsen-Freeman e Cameron afirmam que

[...] os alunos em uma sala de aula de línguas são um grupo dinâmico, o grupo que o professor encontra um dia será diferente

quando os encontrar no próximo dia. Amizades começam e acabam; problemas de saúde vêm e vão; condições de vento tornam os alunos mais agitados, enquanto um tempo mais quente torna os alunos menos envolvidos; atividades podem motivar ou desapontar. De várias formas, o grupo nunca é o mesmo dois dias corridos, ou até mesmo de um minuto para o outro. Isso é o que queremos dizer com 'dinâmica'<sup>15</sup> (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p.129).

Essas autoras relembram o filósofo Heráclito de Éfeso, que via o mundo como sendo constituído de um constante fluxo, como um rio incessante que a cada segundo adquire uma nova forma. Uma das afirmações conhecidas desse filósofo trata justamente da dinamicidade de tudo o que nos cerca e de nós mesmos: “Não se pode percorrer duas vezes o mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado; por causa da impetuosidade e da velocidade da mutação, esta se dispersa e se recolhe, vem e vai” (HERÁCLITO, documento online). Por uma perspectiva complexa, não há nada estático, e, assim como o filósofo aponta sobre o rio e sua incessante renovação, também percebo essa dinamicidade em sala de aula.

Já o teor **caótico** do sistema se relaciona ao fato de ele ser **sensível às condições iniciais** na medida em que pequenos atos podem desencadear grandes alterações no sistema a pequeno, médio ou longo prazo. Sistemas caóticos possuem também como característica a fractalidade, a qual:

[...] diz respeito à dimensionalidade fracionária de certos sistemas. Uma das propriedades mais conhecidas da maioria dos sistemas fractais é a autossimilaridade: o todo é composto de partes similares ao todo, mas em menor escala; cada parte é composta de subpartes também similares, mas em escala ainda menor; e assim sucessivamente (FLEISCHER, 2009, p. 75).

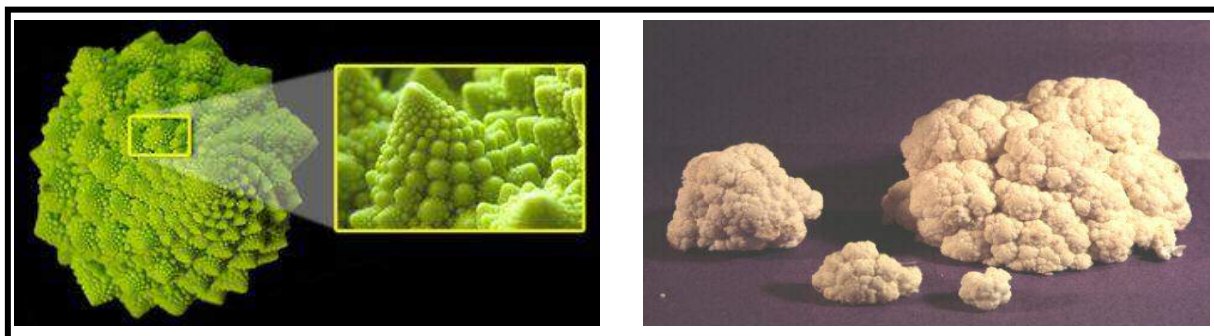
Muitos exemplos de fractais são encontrados na natureza, segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008), como nuvens, litorais, rios, galáxias etc. Em cada uma dessas situações, a entidade em larga escala tem o mesmo grau de irregularidade quando é vista mais de perto. Esse seria o caso da couve-flor, em que uma parte menor (flósculo), se tomada isoladamente, tem a mesma forma que a couve-flor

<sup>15</sup> “[...] the learners in a language classroom are dynamic as a group; the group that the teacher meets one day will be different when she meets them the next day. Friendship flourish and decline; health problems come and go; windy weather makes students more lively, while hot humid weather may make them less responsive; lesson activities may motivate or disappoint. In all sort of ways, the group is never the same two days running, or even from one minute to the next. This is what we mean by 'dynamic'”.



como um todo, e se diminuirmos as partes da couve-flor, iremos perceber que elas mantêm a mesma forma, com o mesmo grau de irregularidade. A característica da autossimilaridade pode ser observada nas figuras abaixo, em que pequenas partes dos fractais são similares a eles como um todo:

Figura 1 – Exemplo de Fractais



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=28533>

Fonte: Google Images

Outra característica dos SACS é a sua **imprevisibilidade**. É possível prever ações em curto prazo num sistema adaptativo complexo, mas as previsões vão se tornando menos certas a médio e longo prazo. Tal incapacidade de prever estágios futuros confere aos SACS, então, o seu caráter imprevisível:

Nos sistemas adaptativos complexos (SACs), não é possível realizar previsões de longo prazo, mas podem ser encontrados padrões que permitem, com certo grau de possibilidade de acerto, realizar previsões a curto prazo. A meteorologia, por exemplo, tendo como base padrões observados, realiza previsões para uma semana com uma margem de erro razoavelmente pequena (MARTINS; BRAGA, 2007, p. 220).

O caráter imprevisível dos sistemas complexos se dá, segundo Davis e Sumara (2006, p. 11), devido às:

[...] interações dos componentes não são fixas e claramente definidas, mas são sujeitas a contínuas coadaptações. Os comportamentos dos sistemas simples e complicados são mecânicos. Eles podem ser completamente descritos e razoavelmente previsíveis com base em regras precisas, ao passo

que as regras que governam os sistemas complexos podem variar dramaticamente de um sistema para o outro<sup>16</sup>.

A característica da imprevisibilidade se relaciona mais diretamente com a não linearidade, já explicada anteriormente, e devido ao fato de o sistema ser **aberto**, ele se torna sensível às condições de seu ambiente e, desta forma, imprevisível: “À medida que os sistemas abertos evoluem, eles aumentam em ordem e complexidade, absorvendo energia do ambiente<sup>17</sup>” (LARSEN-FREEMAN, 1997, p. 144). A sala de aula tomada como SAC é vista como um sistema aberto, pois existe uma troca entre ela e os sistemas externos. Ainda segundo Braga (2007, p. 29), esse tipo de sistema é aberto porque troca “[...] insumo ou energia com o ambiente e é suscetível às mudanças resultantes de *feedback*, adaptando-se ao novo ambiente e aprendendo por meio de sua própria experiência”.

Também nos SACs, a quantidade de agentes e a intensidade de suas interações causam o aparecimento de **atratores** ao sistema, e eles passam a funcionar como um caminho ou direção para o seu desenvolvimento, ou seja, eles “são simplesmente os estados que, estatisticamente, o sistema tende a assumir” (FLEISCHER, 2009, p. 77). Há três tipos de atratores, sendo eles: fixo (o sistema se move para um estado estável), cíclico (o sistema se move de forma periódica entre diversos atratores) e estranho (o sistema apresenta-se como instável).

Segundo Miccoli (2014, p. 37), “[...] o atrator pode ser entendido como o modo de comportamento que o sistema ‘prefere’, conferindo-lhe uma estabilidade temporária”. Ao analisar o ambiente escolar, tomo as aulas tradicionais que acontecem com uma abordagem expositiva dentro de sala de aula como um atrator, e considero as tecnologias digitais como um atrator estranho a esse sistema, visto que este não está “acostumado” a esse atrator, a esse modo de comportamento, o de utilizar tecnologias digitais na escola. Ao integrá-lo a seu ambiente, a interação que acontece em tal espaço tende a se dar fora do padrão até então conhecido.

Paiva (2009b, p. 10) afirma que a educação tem os seus atratores estranhos, e estes nunca se acomodam. Segundo ela, “as novas tecnologias estão entre esses

---

<sup>16</sup> “[...] interactions of components are not fixed and clearly defined, but are subject to ongoing co-adaptations. The behaviors of simple and complicated systems are mechanical. They can be thoroughly described and reasonably predicted on the basis of precise rules, whereas the rules that govern complex systems can vary dramatically from one system to the next”.

<sup>17</sup> “As open systems evolve, they increase in order and complexity by absorbing energy from the environment”.

atratores. Mídia impressa, tecnologia de áudio e vídeo, e agora os computadores são responsáveis pelas mudanças no sistema”. Os atratores são propriedades dos SACs, considerando que os mesmos são abertos, sendo então, influenciados pelos elementos e agentes vindo do meio externo e causando interação.

Nelson (2004) destaca que a interação dos elementos entre si e o ambiente acaba por culminar em uma **adaptação**, devido ao fato de os elementos serem sensíveis ao *feedback*, ou seja, eles exercem uma reação, uma resposta, dão um retorno a alguma alteração que houve no sistema. No caso dessa pesquisa, a sala de aula como um SAC teve de se reajustar frente ao atrator estranho: tecnologia digital que foi integrada a seu ambiente. Essa adaptação ocorre para que o sistema não morra e que todos se acomodem mutuamente e otimizem os seus benefícios. Nesse sentido, Larsen-Freeman e Cameron (2008) defendem que a adaptação é o processo no qual o sistema se ajusta ou se autorregula para responder às mudanças que acontecem em seu ambiente. É justamente o rearranjo no sistema, a partir da auto-organização, que faz com que surjam novos padrões e comportamentos.

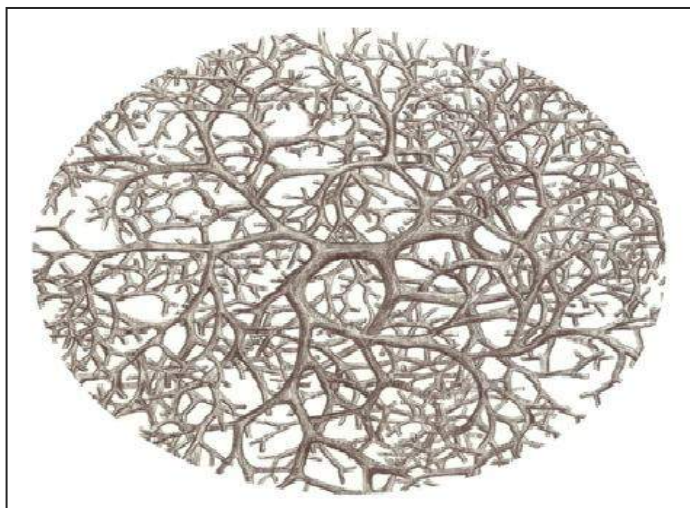
Todas as características citadas colaboram para que os sistemas complexos se tornem adaptativos. Devido à abertura e dinamicidade, os SACs se adaptam aos resultados proporcionados por suas diversas interações e se **auto-organizam**, a fim de possibilitar a sobrevivência desse sistema. Para Pallazo (2004, p. 4): “A organização surge, espontaneamente, a partir da desordem e não parece ser dirigida por leis físicas conhecidas. De alguma forma, a ordem surge das múltiplas interações entre as unidades componentes”. Mesmo sendo perturbado, o sistema, por ser sensível ao *feedback*, ou seja, por ser capaz de reagir à alteração sofrida, se rearranja para que continue a existir.

Para Parreiras (2005), a sala de aula, a partir dos sistemas complexos, pode ser considerada um organismo. Os seus elementos seriam os responsáveis pela sua conservação e evolução, devido às mais diversas interações. Para o autor, essa interação se daria tanto dentro própria sala de aula como em sistemas externos: escola, sociedade, sistema educacional, entre outros.

Tomar a sala de aula como um sistema adaptativo complexo é vê-la como uma rede de relações e interações envolvendo diversos agentes, caracterizando-se como um “rizoma educacional”. Desse modo, o rizoma, utilizado como uma imagem metafórica, nos mostra a complexidade do processo educacional ou da sala de aula.

Em Biologia, o rizoma é uma raiz que se apresenta de formas diversas e está sempre em expansão, crescendo e transbordando por todos os eixos direcionais, conforme apresentado na figura abaixo:

Figura 2 – Rizoma



<http://www.natividigitaliedizioni.it/portfolio/ril-rizoma-letteratura/>

Fonte: Google Images

Assim sendo, entender a sala de aula como um rizoma é compreender o processo de ensino e aprendizagem como um sistema complexo que se constitui por partes interdependentes que se interagem e se transformam. No entanto, não se tem como resultado apenas a soma de todas essas partes, uma vez que tal sistema adquire outras características que emergem devido à própria interação.

Diante dos pressupostos supracitados, percebo o quão complexo é o ambiente da sala de aula e como o Paradigma da Complexidade pode colaborar para a compreensão dos processos que nela ocorrem. Embasada na perspectiva deste paradigma, entendo que vários são os agentes que interferem na dinâmica de minha sala de aula e em meu trabalho enquanto professora, voltando a minha atenção para as tecnologias digitais, entendo-as como um conjunto de novos elementos que se integram a esse ambiente, tornando-o ainda mais complexo, o que será discutido na próxima seção.

## **1.2 Tecnologia digital: mais um elemento no complexo sistema da sala de aula**

A sala de aula, vista como um sistema adaptativo complexo, possui como uma de suas características a abertura e, por ser um sistema aberto, permite trocas com o ambiente. Com a chegada das tecnologias digitais nas mais diversas esferas da sociedade, a escola não se mantém indiferente frente a essa realidade, em que a sala de aula é influenciada por esses novos elementos que se encontram difundidos pela sociedade e mais ainda entre os jovens, que são os nossos alunos. Assim sendo, nesta seção discorro sobre as tecnologias digitais, com o intuito de refletir sobre como elas podem se integrar à sala de aula, colaborando para a emergência de pedagogias de parceria nesse ambiente.

### **1.2.1 Tecnologias digitais e a sala de aula: elementos e agentes em interações complexas**

As tecnologias digitais estão presentes no dia a dia de várias pessoas, seja de uma dona de casa ao pesquisar uma receita na Internet ou de um empresário que faz contato com os seus clientes de diversos países em tempo real, resolvendo problemas e/ou fechando negócios com pessoas que se encontram em lugares distintos. Elas, de fato, estão tão inseridas no cotidiano das pessoas que já se tornaram peças-chaves para o desempenho profissional, sendo decisivas na agenda dos indivíduos, possibilitando formas de lazer, por exemplo, entre outras funções.

Um computador recebe, em número maior e com grande precisão, variados serviços bancários que uma pessoa realiza no autoatendimento. Paiva (no prelo, p. 11) utiliza do mesmo exemplo para afirmar que:

No Brasil, o computador já atingiu a normalização nos serviços bancários, pois, acredito que ninguém mais se lembra de que os terminais eletrônicos são, na verdade, computadores. Na educação, no entanto, convivemos com os vários estágios. Em alguns lugares a tecnologia já se torna invisível, mas na maioria dos contextos ainda existe uma tensão entre a adesão e a rejeição.

As Tecnologias da Informação ou Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) englobam o mundo da informática em sua diversidade e provocam uma revolução, visto que conseguem unir em um só aparelho, um computador ou um

celular, por exemplo, outras tecnologias. No mesmo computador podemos ver um filme com altíssima qualidade de som e imagem; falar com uma pessoa na sala ao lado ou em outro continente; enviar e-mails e digitar trabalhos escolares/acadêmicos; baixar fotos da câmera digital e postá-las em uma página de uma rede social etc.

Cada vez se produz mais informação online socialmente partilhada. É cada vez maior o número de pessoas cujo trabalho é informar online, cada vez mais pessoas dependem da informação online para trabalhar e viver. A economia assenta-se na informação online. As entidades financeiras, as bolsas, as empresas nacionais e multinacionais dependem dos novos sistemas de informação online e progridem, ou não, à medida que os vão absorvendo e desenvolvendo. A informação online penetra a sociedade como uma rede capilar e ao mesmo tempo como infraestrutura básica. A educação online ganha adesão nesse contexto e tem aí a perspectiva da flexibilidade e da interatividade próprias da Internet (SILVA, [s.d.], p. 63).

Se a escola não incluir as tecnologias digitais na educação dos alunos, ela se posicionará na contramão da história e poderá ocasionar a exclusão por meio da cibercultura. Esta se refere aos modos de comportamento e de vida que são assimilados e transmitidos diariamente pelas tecnologias digitais mediando a comunicação e a informação via Internet.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) também apontam para a necessidade de capacitação dos alunos, frente ao uso das tecnologias digitais.

Não basta visar à capacitação dos estudantes para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais, mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que produzem e demandam um novo tipo de profissional, **preparado para poder lidar com novas tecnologias** e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos (BRASIL, 1997, p. 64. grifos meus).

Com as tecnologias digitais, portanto, temos muitas possibilidades de comunicação, conhecimento e crescimento. Elas proporcionam um “[...] novo espaço de sociabilidade, de organização, de informação, de conhecimento e de educação” (SILVA, [s.d.], p. 63). O simples acesso a essas tecnologias digitais em si pode não significar muita coisa, mas saber utilizá-las para a busca e seleção de informações

possibilita à pessoa resolver algum problema do seu cotidiano, compreender o mundo de uma forma macro e poder atuar na transformação do seu contexto. É nesse sentido que considero o poder transformador e revolucionário das tecnologias digitais.

Com o uso da TIC e da Internet, pode-se navegar livremente pelos hipertextos de forma não sequencial, sem uma trajetória predefinida, estabelecer múltiplas conexões, tornar-se mais participativo, comunicativo e criativo, libertar-se da distribuição homogênea de informações e assumir a comunicação multidirecional com vistas a tecer a própria rede de conhecimentos (ALMEIDA, [s.d.], p. 71).

Conforme Larsen-Freeman e Cameron (2008), se considerarmos o estado de uma escola (sistema dinâmico e complexo) em um determinado momento, devemos pensar em como os agentes – alunos, professores, diretores, vice-diretores etc. – e os elementos – currículo, recursos etc. – se interrelacionam e como eles se conectam para formar o sistema como um todo. Nessa perspectiva, vejo as tecnologias digitais elementos adicionais neste sistema adaptativo complexo: a sala de aula. Sendo assim, a integração de tais tecnologias na sala propicia mudanças e exige uma reorganização e adaptação do sistema frente a esse novo elemento.

As mudanças referentes à auto-organização interna alteram a estrutura de um sistema enquanto que a resposta a energia ou matéria vinda de fora, leva a alterações adaptativas que mantêm a ordem ou a estabilidade<sup>18</sup> (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 44).

A tecnologia digital torna-se “a matéria vindo de fora”, conforme apontado por Larsen-Freeman e Cameron (2008), e que se integra ao sistema da sala de aula, fazendo com que ele se altere. Tal mudança possibilita que a sala se adapte frente a essa tecnologia para que ela consiga manter o seu funcionamento, ou seja, a sua ordem.

Alguns autores refletem sobre o uso de tecnologias digitais para o processo de aprendizagem. Gee (2004), por exemplo, trata das possibilidades de interação proporcionada por essas tecnologias, e, segundo ele, para entendermos o futuro da aprendizagem, devemos nos concentrar no que os nossos alunos estão fazendo fora da escola, na emergente área dos jogos de videogames. Mesmo o autor tendo

---

<sup>18</sup> “Internal self-organizing changes alter the structure of a system, while response to energy and matter coming from outside, leads to adaptive change that maintains order or stability”.

dedicado grande parte dos seus estudos aos jogos, irei ampliar suas elaborações teóricas para as tecnologias digitais, de forma que as características por ele citadas em relação aos jogos possam ser transferidas a tais tecnologias.

Para Gee (2004), as tecnologias digitais proporcionam um tipo peculiar de atividade, pois possuem características que as tornam importantes para aquele que está acessando: “[...] as atividades se tornam mais poderosas quando elas são pessoalmente significativas, experienciais, sociais e epistemológicas, tudo ao mesmo tempo<sup>19</sup>” (GEE, 2004, p. 2).

As tecnologias digitais são comuns entre os jovens e são bem conhecidas e utilizadas por eles nas horas que passam fora da escola. Ao argumentar que nós, professores, olhemos para fora das instituições de ensino e nos concentremos no que os nossos alunos estão fazendo quando não estão na sala de aula, Gee (2004) reitera a importância do contexto para compreendermos tal ambiente – um sistema complexo.

Concordo com o autor ao elucidar sobre os hábitos que os nossos alunos têm fora da escola, como acessar a Internet e jogar videogame por horas e horas a fio, pois isso influencia no comportamento de tais estudantes dentro da sala de aula. Gee (2004, p. 3) aponta que os:

[...] computadores estão mudando o nosso mundo: a forma como trabalhamos... como compramos... como nos divertimos... como comunicamos... como nos engajamos na política... e como cuidamos da nossa saúde. A lista continua. Mas os computadores irão mudar a nossa forma de aprender?<sup>20</sup>

Ele mesmo responde que sim, afirmando que a mudança já está acontecendo, e, para entendermos como isso ocorre, basta olharmos para os videogames. Nós, enquanto educadores, poderíamos perceber nas tecnologias digitais características que nos ajudassem a criar novas e mais poderosas formas de se aprender na escola, “[...] novas formas de se aprender para uma nova era da informação<sup>21</sup>” (GEE, 2004, p. 3).

---

<sup>19</sup>: “[...] as activities that are most powerful when they are personally meaningful, experiential, social and epistemological all the same time”.

<sup>20</sup> “Computers are changing our world: how we work... how we shop... how we entertain ourselves... how we communicate...how we engage in politics... how we care for our health.... The list goes on and on. But will computers change the way we learn?”.

<sup>21</sup> “[...] new ways to learn for a new information age”.



Defendo que os jogos de videogame, como também todas as tecnologias digitais que estão à disposição dos nossos alunos, são significativos para eles, visto que “[...] o grau com que a realidade se torna simulada na tela é o grau com que os alunos se tornam conceitualmente e experimentalmente imersos<sup>22</sup>” (MESKILL, 2005, p. 32). Dessa forma, as escolas poderiam se basear nas características proporcionadas pelas tecnologias digitais e criar um ambiente de aprendizagem apropriado para uma época marcada pelo poder dessas tecnologias.

Na educação tradicional – na qual o professor fala, o aluno apenas escuta e executa o que lhe é proposto, com uma liberdade cerceada a todo o momento pelo professor –, ou seja, na educação que percebo na maior parte do tempo na minha escola e até mesmo nas minhas próprias aulas, os alunos trabalham sozinhos, interagindo apenas com o material que é escolhido pelo docente ou pela instituição onde ele trabalha.

Mesmo não trabalhando com o livro didático em meu contexto por considerá-lo descontextualizado com a realidade na qual atuo, não defendo que o computador deva substituir o livro e outros recursos materiais que os professores já vem utilizando. “O uso da tecnologia em sala não substitui o uso dos materiais tradicionais como o quadro e o livro – em vez disso, as ferramentas tecnológicas são usadas para complementar e melhorar o trabalho em sala de aula regular<sup>23</sup>” (DUDENEY; HOCKLY, 2007, p.10). Por isso o título desta dissertação traz a palavra “integração”, pois percebo que as tecnologias digitais possuem grande potencial para ser explorado e assim, elas poderiam ser integradas, ou seja, somadas à sala de aula.

É preciso notar que a comunidade virtual não substitui a real ou parte dela. Ao contrário, real e virtual estão amalgamados na evolução da comunidade total e a incorporação do virtual não ocupa o espaço do real, mas sim o amplia. A evolução do espaço virtual deve, portanto projetar-se no real e vice versa, melhorando processos de aprendizado, comunicação, qualidade da pesquisa e contribuindo para a evolução da comunidade como um todo e ao mesmo tempo de cada um dos seus membros individualmente (PALAZZO, 2000, p.47).

---

<sup>22</sup> “The degree to which reality becomes simulated on screens is the degree to which learners become conceptually, experientially immersed”.

<sup>23</sup> “The use of technology in the classroom does not replace using traditional materials such as a black/whiteboard or a coursebook – rather, technology tools are used to complement and enhance regular classroom work [...]”.

As tecnologias digitais podem contribuir para a sala de aula e poderiam ser trabalhadas de forma natural na escola. Acredito que o grande problema nas escolas é o estranhamento que se tem frente a essas tecnologias. Elas ainda não se tornaram naturais no processo de ensino e aprendizagem e eu vejo essa situação como um atraso das escolas frente a outras esferas da sociedade que já integraram as tecnologias digitais às suas atividades diárias.

Sobre este aspecto, Bax (2003) propõe sete estágios para que esta naturalização ou normalização, conforme nomeado pelo autor, aconteça na esfera escolar. No primeiro estágio, alguns adeptos da tecnologia aparecem e alguns poucos professores e algumas escolas adotam esta tecnologia, por curiosidade. No segundo, a tecnologia é ignorada pela maioria das pessoas e elas se mostram descrentes frente a isso. No terceiro, as pessoas chegam a experimentar a tecnologia, mas logo nos primeiros problemas as abandonam. No quarto, elas tentam novamente porque alguém os convence que a tecnologia funciona e começam a ver algumas vantagens. No quinto estágio, a tecnologia consegue mais adeptos, mas ainda existe o medo e/ou a supervalorização dessa tecnologia, ou seja, a crença de que tudo pode ser resolvido por meio dela. No sexto, a tecnologia passa a ser vista como algo normal, e no sétimo, elas integram-se na vida escolar e se tornam invisíveis, normalizadas.

Dessa forma, considero que a integração das tecnologias digitais à sala de aula é importante, não as tomando como a solução para os problemas da escola, mas considerando-as como um elemento a mais nesse ambiente. Utilizamos de tecnologias que não foram pensadas para o ambiente escolar, mas que nós, enquanto professores, as atribuímos tais potencialidades.

A tecnologia educacional não pretende impor-se como o instrumento pedagógico por excelência, mesmo porque nenhum meio é capaz, isoladamente, de se tornar eficaz para todos os propósitos do ensino. Faz-se necessária uma escolha consciente por parte dos educadores e dentro de princípios que visem mais à aprendizagem do estudante do que ao modismo (NISKIER, 1993, p. 34).

No ambiente tecnológico, os discentes podem interagir com pessoas de todo o mundo, procurar por informações em diferentes fontes, se tornando então, consumidores críticos de informação, além de ter as suas produções, a exemplo do sucesso em algum jogo online, por exemplo, visto e reconhecido por várias pessoas.

Paiva (2010) acredita que quando os educandos têm um público fora da escola para as suas produções, a motivação pode ser aumentada. Enquanto que na educação tradicional, as atividades desenvolvidas por esses alunos raramente têm algum impacto fora da sala de aula e em muitos casos, a única plateia real é o professor.

Enquanto professora, percebo o quão importante é a contextualização do aluno naquilo que lhe é proposto; no entanto, concordo com Gee (2009, p. 39) quando afirma que a aprendizagem na escola geralmente é descontextualizada; ele ainda exemplifica essa descontextualização ao citar que os “[...] tradicionalistas tratam o ‘aprender a ler’ como se ‘ler’ fosse um verbo intransitivo. As pessoas apenas ‘leem’<sup>24</sup>”. Aprender a ler e aprender o contexto não pode ser separado: assim como nos jogos de videogame que fazem sentido para o jogador, ler um livro para o aluno precisa ser uma atividade significativa; portanto, “[...] você não pode ler um livro se o conteúdo deste não tem significado para você<sup>25</sup>” (GEE, 2009, p. 39).

No que tange ao ato de ler, Freire (1984, p. 11) afirma que a compreensão do texto acontece no contexto, pois a “[...] leitura de mundo precede a leitura da palavra”. A leitura é um processo que envolve uma compreensão crítica, e não apenas uma decodificação de letras.

Nesse contexto, Gee (2004) acredita que as tecnologias digitais têm potencial para mudar o panorama da educação como conhecemos hoje. A contextualização (aprendizagem situada) e a transdisciplinaridade proporcionada pelas tecnologias digitais podem deslocar essa educação tradicional para um novo modelo de aprendizagem por meio de atividades significativas no mundo virtual, como preparação para tarefas significativas no nosso mundo real pós-industrial e rico em tecnologia (GEE, 2004). Os computadores são uma importante tecnologia digital em nossa sociedade e caracterizam o mundo em que vivemos hoje, o nosso mundo real.

No mundo real escolar, os alunos são muitas vezes inquietos ou desinteressados, mas, em relação às tecnologias digitais, se tornam engajados, curiosos e sempre receptivos a novas descobertas proporcionadas por essas tecnologias.

O que noto em minha escola é a quantidade de alunos que possuem celulares. Mesmo não podendo afirmar com precisão, acredito que quase todos os

---

<sup>24</sup> “Traditionalists treat learning to read as if ‘read’ was an intransitive verb. People just ‘read’”.

<sup>25</sup> “You can’t read a book if the content of the book is meaningless to you”.

alunos do 9º ano possuem tal aparelho, isso em uma escola de classe média baixa em que teoricamente os estudantes, bem como as suas famílias, têm uma baixa renda. No entanto, além de perceber que muitos possuem esse aparelho eletrônico, há a facilidade com que eles lidam com o celular: os educandos conseguem adivinhar ou descobrir as senhas de rede *wi-fi* próximas das salas onde estudam, entram na Internet pelos seus aparelhos, escutam música com fones de ouvido, conversam pelo *WhatsApp*, assistem a vídeos, entre outras atividades, sendo que o celular é expressamente proibido dentro da escola.

Sobre essa questão, Prensky (2012, p. 58-59) argumenta que:

[...] de alguma forma os educadores decidiram que toda a “luz” nas quais as nossas crianças estão rodeadas, isto é, suas conexões eletrônicas com o mundo é de alguma forma *prejudicial* à educação deles. Então sistematicamente, assim que as nossas crianças entram nos prédios escolares, nós fazemos, forçamos, na verdade, os alunos a acabarem com todas as suas conexões com a luz<sup>26</sup>.

Acredito que Prensky (2012) utiliza a palavra “luz” para se referir não apenas à luz física emitida pela tela, mas também para criticar a postura da escola que não permite a “luz”, considerando-a um conhecimento possível de ser adquirido por meio do celular. Gee (2004, p. 17) afirma que:

[...] uma vasta rede social está literalmente na ponta dos dedos de qualquer um com um celular. Como resultado, as pessoas têm uma liberdade sem precedentes para trazer recursos para criar suas próprias trajetórias de aprendizagem. Mas as salas de aula não estão adaptadas. As teorias de aprendizagem que permeiam o sistema educacional, projetadas a ensinar um currículo a um grande número de alunos, são antiquadas nesse novo mundo<sup>27</sup>.

Os alunos não mais estão satisfeitos com a forma como a educação vem acontecendo nas escolas, a começar pelo próprio currículo destinado a eles. Não é coerente utilizar uma educação antiga e desatualizada para eles. É esse “novo

---

<sup>26</sup> “Somehow educators have decided that all the ‘light’ that our kids are surrounded by – i.e., their electronic connections to the world – is somehow *detrimental* to their education. So systematically, as our kids enter our school buildings, we make them – force them, in fact – to shut off all their connections to the light”.

<sup>27</sup>: “A vast social network is literally at the fingertips of anyone with a cell phone. As a result, people have unprecedented freedom to bring resources together to create their own learning trajectories. But classrooms have not adapted. Theories of learning and instruction embodied in school systems designed to teach large numbers of students a standardized curriculum are antiquated in this new world”.

aluno” que os professores lamentam ter hoje, no que percebo em meu ambiente de trabalho e de uma forma geral.

Diante disso, os professores alegam que os discentes não possuem as mesmas habilidades que os estudantes do passado, que eles não os respeitam mais, que não gostam mais de ir para a escola, entre outras queixas que os docentes, sobretudo os que já estão há alguns anos na profissão, fazem em relação a esse novo aluno.

De fato, os alunos de hoje não são os mesmos educandos do passado, uma vez que eles têm mudado radicalmente. Segundo Prensky (2012, p. 68), “[...] os alunos de hoje não são mais aqueles que o nosso sistema educacional foi projetado para ensinar<sup>28</sup>”; logo, eles não possuem os mesmos comportamentos, objetivos e até os mesmos sonhos, mas acredito que tudo isso pode ser visto de uma forma mais positiva.

Esses novos alunos se diferenciam dos antigos não só no jeito de vestir, de falar, de se comportar, de se relacionar com as pessoas, mas também na forma de pensar, pois representam a primeira geração a crescer envolvida pela nova tecnologia (PRENSKY, 2012). Essa geração pensa e processa as informações de uma forma diferente da anterior. Considerando esse novo perfil de aluno, naturalizado com uma tecnologia cada vez mais rápida e disseminada na sociedade, Prensky (2012, p. 69) suscita a seguinte questão: “Como devemos chamar os estudantes de hoje?<sup>29</sup>”.

O autor, então, responde ao seu questionamento nomeando-os “nativos digitais<sup>30</sup>”, visto que tais alunos são falantes nativos da linguagem digital da Internet, fazendo com que as pessoas das gerações passadas, como os professores, sejam vistos como “imigrantes digitais<sup>31</sup>”. Esses imigrantes não nasceram na era digital, como os nativos digitais, mas foram apresentados a essa tecnologia em algum momento de suas vidas e se espantaram com as suas funções e velocidade.

Prensky (2012) aponta algumas características peculiares aos imigrantes digitais, como imprimir um e-mail para lê-lo, trazer alguém pessoalmente a seu escritório para lhe mostrar um site (ao invés de enviar o *link* para esta pessoa), ligar

---

<sup>28</sup> “Our students had change radically. Today’s students are no longer the people our educational system was designed to teach”.

<sup>29</sup> “What should we call these ‘new’ students of today?”.

<sup>30</sup> “Digital Natives”.

<sup>31</sup> “Digital Immigrants”.

para confirmar o recebimento de um e-mail, dentre outros. O autor ainda argumenta que isso, aparentemente, pode não significar muita coisa, mas que esses imigrantes digitais estão à frente de um grupo de alunos composto por nativos digitais.

Isto é muito sério, pois um dos maiores problemas que a educação enfrenta hoje é o fato de os instrutores, que são imigrantes digitais e falam uma linguagem obsoleta (a da era pré-digital), estarem brigando para ensinar a uma população que fala uma linguagem completamente nova (PRENSKY, 2012, p. 69) <sup>32</sup>.

Mesmo esses alunos não sendo os mesmos de antigamente, os professores os tratam como se eles fossem do século passado, expõem as suas aulas da mesma forma que faziam há anos e os avaliam da mesma maneira, pois eles não acreditam ser possível se aprender jogando videogames ou navegando na Internet, por exemplo: “[...] enquanto a maioria dos estudantes joga videogame, a maioria dos professores, não<sup>33</sup>” (GEE, 2004, p. 16). Desse modo, os imigrantes digitais não conseguiam (e não conseguem) aprender por meio dessas tecnologias.

Os imigrantes digitais não acreditam que os seus alunos podem aprender enquanto assistem TV ou ouvem música, porque eles (os imigrantes) não podem. Claro que não – eles não praticaram essas habilidades constantemente durante os seus anos de formação. Imigrantes digitais pensam que aprender não pode (e não deve) ser divertido<sup>34</sup> (PRENSKY, 2012, p. 70).

Gee (2004) afirma que há muito a ser aprendido por meio das tecnologias digitais, mas que, para alguns professores, é difícil pensar nessa possibilidade, considerando que o mundo virtual não se atém à memorização de palavras, à definição de fatos e, para grande parte desses profissionais, a educação se baseia nisso. Demo (2007) relata que Gee (2004) quer expressar, em relação à tecnologia digital, que, nas escolas, as crianças se interessariam mais em estudar Ciência, por exemplo, se pudessem “brincar de cientista”, ou seja, “[...] investir-se da identidade de ser um cientista fazendo ciência” (DEMO, 2007, p. 20), e isso pode ocorrer com

---

<sup>32</sup>: “It’s very serious, because the single biggest problem facing education today is that our Digital Immigrant instructors, who speak an outdated language (that of the pre-digital age), are struggling to teach a population that speaks an entirely new language”.

<sup>33</sup> “While the majority of students play video games, the majority of teachers do not”.

<sup>34</sup> “Digital Immigrants don’t believe their students can learn successfully while watching TV or listening to music, because they (the Immigrants) can’t. Of course not – they didn’t practice this skill constantly for all of their formative years. Digital Immigrants think learning can’t (or shouldn’t) be fun”.

facilidade ao utilizarmos o computador, uma vez que os educandos podem ser e fazer coisas novas em novos mundos e em novas situações.

Porquanto, dentro da escola é necessária uma nova forma de ver esses novos alunos não como baderneiros que não largam o celular para prestar atenção na aula, não como estudantes que não fazem os deveres de casa e que passam horas em frente ao computador em alguma rede social ou jogando videogame, e sim como nativos digitais, que não estão fazendo nada de anormal e ilegal ao utilizar de uma tecnologia que para eles é natural – a tecnologia digital.

A tecnologia digital para os nossos alunos é algo natural, pois, segundo Paiva (2012), estamos na era da tecnologia. A autora em um de seus textos relata que há 14 anos estava em uma conferência falando sobre a Internet e o ensino de línguas quando, naquele momento, pediu para que levantassem as mãos quem possuía uma conta de Internet; como resultado, apenas algumas mãos se levantaram. Hoje, a autora afirma que deve fazer a pergunta contrária, indagando sobre quem não possui uma conta de Internet.

Assim sendo, podemos perceber que, em relativamente pouco tempo, as tecnologias digitais, inclusive a Internet, já se tornaram naturais para diversas pessoas. Acredito que, por esse mesmo motivo, ou seja, por serem tecnologias novas, elas ainda sofrem a resistência de muitos indivíduos.

Ainda sobre o uso das tecnologias digitais, Meskill (2005, p. 34) afirma que:

[...] os aprendizes aprendem com os computadores, servindo como ferramentas ou “parceiros inteligentes” para apoiar as suas necessidades de pensamento crítico, criativo e complexo. Essas ferramentas incluem base de dados e planilhas, concordâncias, sistemas especialistas, ferramentas de busca na Internet, geradores de rede semântica, ferramentas de construção de páginas na rede, e, talvez, mais úteis para o desenvolvimento da linguagem, processadores de texto e ferramentas de telecomunicações<sup>35</sup>.

A autora relata também que, como qualquer outra ferramenta, [...] “o seu uso influencia a forma que nós pensamos, nos comportamos e nos comunicamos” (2005, p. 33)<sup>36</sup>. Essa influência é percebida nos nossos alunos hoje, que são considerados

---

<sup>35</sup> “[...] learners learn with computers, serving the tools or “intelligent partners” to support their critical, creative, and complex thinking needs. Such tools include databases and spreadsheets, concordances, expert systems, Internet search tools, semantic web generators, web page construction tools, and, perhaps, most useful for language development, word processors and telecommunications tools”.

<sup>36</sup> “[...] their uses influences the ways we think, behave and communicate”.

nativos digitais, e, de acordo com a minha percepção enquanto professora-pesquisadora, anseiam pela integração dessas tecnologias digitais na escola para tentar tornar as aulas menos chatas, entediantes e sem sentido para eles.

Acredito ser inegável o papel e a influência das tecnologias digitais nos modos como desempenhamos as nossas tarefas cotidianas e no nosso papel enquanto professor, especificamente de língua inglesa. No entanto, defendo que, além dos benefícios e facilidades que elas nos oferecem, essas tecnologias possibilitam a emergência de novas pedagogias dentro das escolas, o que abordo na seção a seguir.

### **1.2.2 Pedagogias em mudança a partir das tecnologias digitais em sala de aula**

Os alunos como nativos digitais, conforme apresentado na seção anterior, anseiam pelo uso das tecnologias digitais também nas escolas. Percebo que as pedagogias trabalhadas nas aulas exigem pouco do aluno e lhes apresentam como ultrapassadas e desinteressantes. Segundo Prensky (2012, p. 129):

[...] os alunos ao redor do mundo estão resistindo ao velho paradigma do “falatório” com todas as suas forças. Quando os professores começam com suas palestras, eles abaixam a cabeça, mandam mensagem de textos para os seus colegas, e, em geral, param de ouvir. Mas esses mesmos alunos estão ansiosos para usar o seu tempo em sala para ensinar a eles mesmos, assim como eles fazem depois da escola quando saem e usam a tecnologia para aprender, por eles mesmos, sobre qualquer coisa que eles se interessem<sup>37</sup>.

No entanto, a presença das tecnologias digitais na escola, bem como a Internet, pode fazer com que a educação continue a ser como tem sido hoje sem a presença dessas tecnologias: distribuição de conteúdos empacotados para assimilação e repetição. Mesmo não sendo possível generalizar e dizer que todas as aulas se baseiam nesse tipo de metodologia, é com muito pesar que percebo, em meu contexto atual (e em anteriores), que a maioria das aulas nos mais diversos conteúdos se baseia na aula expositiva, em que o professor fala e ao aluno cabe

---

<sup>37</sup> “Students around the world are resisting the old ‘telling’ paradigm with all their might. When their teachers lecture they just put their heads down, text their friends, and, in general, stop listening. But these same students are eager to use class time to teach themselves, just as they do after school when they go out and use their technology to learn, on their own, about whatever interests them”.



apenas ouvir e tomar notas. Apenas integrarmos as tecnologias digitais não é suficiente para que haja uma mudança nesse tipo de pedagogia.

O professor convida o aprendiz a um site, mas a aula continua sendo uma palestra para a absorção linear, passiva e individual, enquanto o professor permanece como o responsável pela produção e pela transmissão dos conhecimentos (SILVA, [s.d.], p. 67).

Warschauer (2006) afirma que as tecnologias digitais, se inseridas na escola por si só, potencializam o que já vem acontecendo nas aulas. Dessa forma, se o professor já faz um bom trabalho, provavelmente as tecnologias digitais colaborarão para um trabalho ainda melhor. No entanto, se o professor tem algum problema com indisciplina, por exemplo, a pura inserção das tecnologias digitais em sua aula também potencializará essa indisciplina. Um computador conectado à Internet pode ser também um *MP3 player*, uma livreria de livros pornográficos, uma máquina de jogos, um sala de bate papo, dentre outras inúmeras possibilidades de atividades que não estão relacionadas à aula naquele momento. Assim concordo com o autor ao afirmar que a tecnologia pode “[...] fazer uma boa escola melhor, mas não fará de uma escola ruim, uma boa escola<sup>38</sup>” (WARSCHAUER, 2006, p. 35) apenas por utilizar das tecnologias digitais em sala. É preciso associá-las a uma pedagogia mais coerente com o tempo em que vivemos hoje.

À vista disso, mesmo a presença das tecnologias digitais não garantindo uma mudança com significativa melhoria no ensino e aprendizagem de línguas, acredito que elas podem colaborar para uma mudança da pedagogia, levando a uma pedagogia que Prensky (2010) nomeia de “Pedagogia de Parceria”.

Essa pedagogia proporciona aos alunos e professores uma nova forma de se verem e de agirem dentro do ambiente escolar. O estudante, dentro dessa concepção, não fica apenas ouvindo o professor, sentado em sua cadeira e fazendo anotações durante toda a aula, e o docente não fala o tempo todo em sala, não é o centro das atenções e não dita todas as regras. Nela, eles são alunos e professores do século XXI, com os antigos padrões de comportamento deixados para trás: há o uso das ferramentas atuais em prol de uma melhor forma de ensino e aprendizagem, com interação sem medo e sem a preocupação de se mostrar autoridade ou superioridade um sob o outro, num ambiente de parceria.

---

<sup>38</sup> “[...] will make a good school better, but they won’t make a bad school good”.

Prensky (2010) faz uma interessante comparação para explicar esses novos alunos e professores que colaboram na Pedagogia de Parceria. O autor nomeia os alunos como foguetes<sup>39</sup> e os professores como cientistas espaciais<sup>40</sup>.

Por que devemos pensar nos alunos de hoje como foguetes? Em primeiro lugar, em razão da velocidade, uma vez que desempenham tarefas mais rápido que qualquer geração anterior. Eles se identificam com a tecnologia, que é uma grande contribuição para esse aceleração, de uma forma natural; portanto, velocidade é uma realidade atual, sobretudo da vida dos jovens.

Não é só a velocidade que classifica os jovens de hoje como foguetes, mas, assim como estes, nossos educandos estão apontados para destinos distantes, lugares que provavelmente aqueles que os lançaram não podem sequer ver. Eles foram preparados (principalmente devido à Internet que os proporciona possibilidades, como os complexos jogos de videogame) para explorar, para descobrirem sozinhos, o que funciona e como funciona. Assim como os foguetes, os discentes não podem ser controlados a todo o momento, mas são inicialmente programados ou preparados da melhor forma possível para estarem em determinada direção.

A direção desses foguetes pode ser alterada por pequenas mudanças em suas condições iniciais; entretanto, não podemos ter uma previsão exata de qual será esse caminho devido à sua interação com o contexto. Essa interação provoca troca de insumos e energia, além de alterações no sistema e em seu percurso (LARSEN-FREEMAN, 1997).

Em se tratando da rota desses foguetes, pequenas correções e interferências são feitas ao longo do curso, se necessário. Como é difícil corrigir algo quando o foguete já está em curso, ele precisa ser o mais autossuficiente possível, assim como os alunos precisam saber o que fazer no curso de sua vida escolar, ou até mesmo no percurso de uma aula, para se atingir o objetivo desejado.

Os alunos, durante os anos na escola, podem ser mais rápidos e irem mais longe que outros, assim como os foguetes em curso no espaço. “Alguns perdem sua orientação ou sua habilidade de seguir direções. Alguns vão para fora do curso ou

---

<sup>39</sup> “rockets”

<sup>40</sup> “rocket scientists”

param de funcionar inesperadamente. E alguns podem até explodir<sup>41</sup>” (PRENSKY, 2010, p. 11). Isso, pois, no complexo ambiente da sala de aula, não se pode prever e/ou se ter certeza de que determinada ação desencadeará certa reação; há várias interferências que mudam o processo, levando-o para um caminho ou outro. A sala de aula, como um sistema complexo, tem intrínseca a característica da não linearidade, que representa justamente que não há uma relação direta e clara entre causa/efeito e ação/reação (LARSEN-FREEMAN, 1997). Consideramos as interações que são realizadas entre os alunos, com vistas a modificar o seu percurso de aprendizagem.

Ao analisar o grande potencial que os alunos de hoje possuem, nós, professores, temos como objetivo nos tornar cada vez melhores em prepará-los, para que a maioria deles atinja o seu objetivo, e isso faz de nós cientistas espaciais. E o que essa metáfora implica para aqueles que educam os jovens? Os docentes precisam conceber o que fazem em sala de aula de uma forma diferente. Pensando em nós como cientistas espaciais, primeiramente não podemos querer abastecer os estudantes com combustível antigo, com o combustível do passado, pois isso fará com que nossos foguetes – alunos – não consigam alçar voo. Esse combustível seria a pedagogia, o currículo, os materiais, as formas de avaliação, descontextualizados e lineares; tudo isso é combustível que não se ajusta aos foguetes atuais, ou seja, é uma pedagogia que não se adapta aos alunos do século XXI.

O que os cientistas espaciais devem entender é que os nossos foguetes irão encontrar muitos imprevistos no caminho e que eles precisam ter autonomia para lidar com imprevistos e achar uma saída para eles. Logo, necessitamos desenvolver nos foguetes a habilidade de se automonitorar, autoavaliar e autocorrigir.

Dependendo do que programamos em nossos foguetes no começo da jornada, podemos colaborar positiva ou negativamente no decorrer de seu curso. Os professores preparam a rota inicial que gostariam que os foguetes seguissem; depois os mandam voar para lugares desconhecidos e esperam que eles tenham sido bem preparados para lidar com o que encontrarem nessa imprevisível viagem.

É nessa visão otimista dos alunos do século XXI que se baseia a Pedagogia de Parceria. Enquanto professora desses novos alunos, eu gostaria que eles, assim

---

<sup>41</sup> “Some lose their guidance or their ability to follow direction. Some go off course or stop functioning unexpectedly. Some even blow up”.

como acontece com os foguetes, alcançassem lugares desconhecidos por mim e superassem as suas próprias expectativas, conquistando mais do que poderiam imaginar. A parceria oferece caminhos mais prováveis para isso acontecer.

Na parceria, o que mais se exige dos professores não é o conhecimento tecnológico, mas uma mudança conceitual do seu papel dentro de sala de aula, de detentores únicos do saber para parceiros na construção do saber, de pessoas que lamentam por não terem os mesmos alunos de anos atrás para indivíduos que se identificam como cientistas espaciais prestes a lançar para o mundo, para a sociedade e para o futuro pessoas críticas, conscientes do seu papel e senhores de suas próprias escolhas. Os docentes precisam “[...] pensar em si mesmos menos como guardiões do passado e mais como parceiros, guiando suas vidas e lançando os foguetes para o futuro<sup>42</sup>” (PRENSKY, 2010, p. 13). Em uma pedagogia mais parceira de seus alunos, o professor compreende que “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (FREIRE, 1996, p.25).

Na Pedagogia de Parceria, os alunos precisam de um novo combustível para alçar voo, estão programados com capacidades de autoavaliação e autocorreção, e são enviados para lugares novos e distantes. Logo, tratamos os estudantes de forma muito mais respeitosa do que quando os consideramos como vasos vazios prestes a serem cheios de conhecimento pelo professor. De fato, proporcionar aos alunos mais autonomia e tratá-los como participantes iguais no processo de aprendizagem é uma maneira de respeitá-los, de lhes darmos voz.

Nessa perspectiva consideramos o aluno, no ambiente escolar, como um pesquisador, pois, quando deixamos de apenas falar em sala de aula e de dizer tudo que o estudante deve fazer para requerer que ele encontre por ele mesmo as informações, isso o coloca em um novo e diferente papel. Esse trabalho de pesquisa pode deixar o discente bem mais à vontade em sala de aula para aprender e errar, visto que ele dita o ritmo de sua aprendizagem por meio da execução de sua tarefa. Como pesquisador, o aluno pode contar com a ajuda dos colegas e discutir ideias e estratégias para desempenhar aquilo que foi proposto na aula, tendo como aliadas as tecnologias digitais.

---

<sup>42</sup> “[...] thinking of themselves less as guardians of the past and more as partners, guiding their living, breathing rockets toward the future”.

Com a chegada das redes de computadores e da mídia no contexto educacional, os estudantes participam e entram em contato com os melhores pesquisadores das diversas áreas do conhecimento de seu interesse específico (WEILER, 2006, p. 3).

Ao desempenhar o papel de pesquisador, com a ajuda das tecnologias digitais, a atmosfera se torna muito mais igualitária, o que é exatamente o objetivo dessa pedagogia. Os alunos se sentem a vontade para se manifestarem considerando que não são submetidos a metodologias que padronizam as atividades e as formas de desenvolvê-las.

Nesse sentido, os alunos são também usuários de tecnologia. Nenhum estudante sabe tudo sobre tecnologia, alguns sabem muito e outros sabem muito pouco, o que não os torna menos nativos digitais, já que isso se refere a uma questão de atitude, e não apenas de conhecimento. Ao se trabalhar com a tecnologia digital na perspectiva da Pedagogia de Parceria, a interação se torna elemento fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Destaco não só a interação proporcionada pela própria tecnologia, mas a interação que acontece entre os próprios alunos. A tecnologia digital aproxima os alunos a fim de atingirem a proposta da atividade e nessas situações um aluno ajuda o outro tanto na questão da atividade em si quanto em relação a algum problema ou dificuldade tecnológica.

Existem muitas formas de usar o poder da relação entre os colegas para aprendizagem a partir da parceria, e os professores estão constantemente descobrindo novas formas. Por exemplo, a parceria entre os colegas é uma forma excelente (senão a melhor) para espalhar o conhecimento e o uso da tecnologia entre os alunos e transpor qualquer barreira digital que possa existir na sala de aula. Também, devido ao poder que o ensino entre colegas possui, para algumas tarefas feitas em parceria, como entender ou avaliar um determinado texto ou encontrar uma solução para algum problema, colocar dois ou três alunos em frente a um mesmo computador pode ser tão bom quanto, ou até mesmo melhor que colocar apenas um computador por aluno (PRENSKY, 2010, p. 26) <sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> “There are many ways of using the power of peer-to-peer learning in partnering, and partnering teachers are constantly figuring out new ones. For example, peer-to-peer is an excellent (and possibly the best) way to spread the knowledge and use of technology among students and bridge any digital divide that may exist in your classroom. Also, because of the power of peer-to-peer learning, for some partnering tasks, such as understanding or evaluating a particular text or finding a solution to a problem, putting two or three students in front of a single computer may be as good as, or even better than, having each student work individually”.

Muitos professores podem saber bastante de tecnologia, e outros não. No entanto, independentemente de quem sabe mais ou menos, o docente delega o uso da tecnologia aos alunos e aprender com eles sobre essa tecnologia que lhes é natural. No entanto, diversos professores acreditam que devem primeiro passar por cursos formais de informática e depois por formações continuadas para aprenderem sobre os programas que podem utilizar com estudantes para, então, integrá-los a suas aulas.

Não acredito que essa seja a primeira etapa a ser desenvolvida pelo educador para que ele integre as tecnologias digitais às suas aulas. Tal processo não é linear e sequencial, como se inicialmente o professor passasse por cursos de informática, depois as usaria no seu cotidiano e, apenas após essa etapa, empregaria as tecnologias digitais com os alunos.

Aprender a utilizar esse tipo de tecnologia, assim como qualquer outro processo de aprendizagem, não se dá de forma linear, sendo considerado complexo. Diante disso, lanço a seguinte pergunta: Por que, nós, professores, não podemos aprender com os nossos alunos? Se falamos tanto que o conhecimento é algo construído em que todos se ajudam mutuamente, por qual motivo não nos deixamos ser ajudados pelos nossos alunos?

A reação normal dos professores obedece à formação de nosso pensamento: ele é cartesiano. O cartesianismo está atrasado, porém, muitos ainda pensam desse modo. Primeiro seria necessário preparar a pessoa e, somente depois, colocá-la em contato com o computador. Não há uma visão de entrelaçamento e de instantaneidade. Ao mesmo tempo em que você usa, você está aprendendo e vice-versa. Os computadores são professores e eles têm uma enorme paciência para ensinar aos seus alunos através dos mecanismos de ajuda. Eles repetem quantas vezes se tornar necessário até a pessoa aprender. Nesse sentido não há necessidade de se preparar e, somente depois, começar a fazer. Nós aprendemos antes de fazer, enquanto fazemos e depois de fazer. No caso dos computadores aprendemos enquanto fazemos. Mas a visão cartesiana não comporta tal pensamento. Então cabe aos professores repensar o seu modo de ver o mundo e as coisas para que, uma adaptação a novos paradigmas, possa permitir a aceitação do uso de uma ferramenta realmente potente (WERNECK, 2008, p. 1).

Contar com o conhecimento dos nossos alunos não nos diminuirá e nem delegará a eles o papel de professor. Ao docente serão destinadas as tarefas que ele faz melhor, como: guiar os estudantes, fazer as perguntas certas, contextualizar

de maneira adequada, buscar qualidade, dentre outros; e aos alunos será destinado aquilo que eles fazem de melhor, como: usar a tecnologia digital, buscar informação, encontrar saídas para algum problema tecnológico, ser criativo etc. (PRENSKY, 2012).

Marzari (2014, p. 40, grifo meu), em sua tese de doutorado, discorre que “[...] o uso de tecnologias para fins didático-pedagógicos requer **amplo** conhecimento por parte de seus usuários, neste caso, professores-educadores”. Não concordo com essa afirmação, pois, conforme a Pedagogia de Parceria elaborada por Prensky, o professor não precisa ser o único detentor do saber no tocante ao uso das tecnologias digitais; ele pode contar com uma riquíssima fonte de conhecimento em relação a essas tecnologias: seus alunos.

No entanto, isso não quer dizer que os professores não precisam preparar as suas aulas e delegar aos alunos o que deve ser feito com o uso da tecnologia digital. É importante que os docentes tenham:

[...] uma percepção global do papel das tecnologias na organização do mundo atual e na capacidade do professor em lidar com as diversas tecnologias, interpretando sua linguagem e criando novas formas de expressão, além de distinguir como, quando e por que são importantes e devem ser utilizadas no processo educativo (SAMPAIO; LEITE, 2004, p. 75).

Acredito que o professor poderia adotar uma postura crítica e de constante reflexão sobre o papel das tecnologias digitais em sala de aula. Só de estar aberto a esse novo elemento que perturba o sistema (sala de aula) e ter a curiosidade de utilizá-lo em suas aulas, sem temê-lo, já acredito ser um primeiro passo.

Moran (2009) afirma que os educadores precisam pensar uma nova relação no processo de ensinar e aprender, uma relação que seja mais aberta, participativa, respeitosa no que tange ao ritmo de cada aluno e das habilidades de cada um. Isso coaduna com as propostas de Prensky (2012) no que diz respeito a essa nova pedagogia, ou seja, tanto para Moran (2009) quanto para o autor citado, as aulas poderiam se basear em uma pedagogia mais parceira de seus alunos.

Nesse sentido, Prensky (2012) argumenta que, mesmo quando a maioria dos alunos não sabe usar a tecnologia, o professor não deve fazer a tarefa por eles, mas sugerir o que os estudantes devem ou não usar e solicitar a sugestão deles, e, em seguida, deixá-los experimentar e usar a tecnologia com a ajuda de seus colegas; é

preciso, de fato, deixar com que eles ensinem uns aos outros. Na parceria, o docente pode escolher alguns educandos que possuem mais afinidade com a tecnologia para guiar os demais e até mesmo para solucionar problemas tecnológicos que possam surgir durante a aula.

É importante que os alunos sejam pensadores e criadores de sentido, no entanto, muitas vezes, o raciocínio e a tarefa de pensar sobre determinado assunto já são dados prontos para o estudante, e a ele cabe apenas memorizar aquilo que lhe foi entregue. Já nessa pedagogia, os discentes pensam por eles mesmos e apresentam as suas próprias ideias. Nesse caso, a parceria com os colegas se torna fundamental, uma vez que os alunos podem avaliar quão críticos e coerentes eles e seus colegas estão sendo.

Os alunos também são vistos como transformadores do mundo. Esse aspecto se relaciona com a questão apontada anteriormente, no que tange ao fato de a escola ser real e não apenas relevante. A aprendizagem do que é real faz com que os estudantes usem o que aprenderam em algo de sua realidade, algo crucial para fazer com que eles percebam que podem agir sobre o mundo em que vivem, que podem usar o que aprendem na escola para algo positivo fora dela, seja no bairro, na cidade, no país e no mundo.

Com essa nova forma de se fazer educação, os alunos poderiam ser seus próprios professores. Isso não faz com que o docente seja irrelevante dentro de sala de aula, ao contrário, ele auxilia os educandos a encontrar as respostas que desejam e a questionar as informações que encontram. Todos nós já temos um pouco de professor dentro de nós ao buscarmos informações que gostaríamos por conta própria, por exemplo. No entanto, isso poderia ser trabalhado na escola de forma a tornar os estudantes mais críticos e com maiores capacidades de encontrarem sozinhos, a partir do cruzamento de informações e da reflexão, aquilo que desejam, seja para a vida pessoal, escolar ou profissional.

Muitos outros papéis vão surgindo à medida que as aulas ocorrem. Por se tratar de um sistema complexo como a sala de aula, não podemos prever o que cada aula instigará no aluno, mas, em algum momento eles podem desempenhar o papel de escritores, cientistas, engenheiros, políticos, filósofos, dentre outros. Basta deixar emergirem as demandas da própria aula.

Para Prensky (2012), algumas ações que podem ser consideradas pequenas e que não exigem muito esforço e consumo de tempo por parte dos professores têm



a possibilidade de apresentar um impacto positivo na educação dos jovens. São elas:

- falar menos em suas aulas;
- sempre tentar conectar o que está sendo ensinado com aspectos do mundo real;
- tratar os alunos como parceiros no processo de aprendizagem;
- empregar as próprias ferramentas dos alunos (como os celulares) para a aprendizagem;
- desenvolver mais tarefas em grupo;
- oferecer mais escolhas de leitura aos alunos, ao invés de obrigar a todos fazer o mesmo tipo de leitura;
- permitir aos alunos o uso (e a manutenção) da tecnologia na sala de aula;
- dividir o sucesso de alguma atividade com pequenos vídeos postados em *sites* como o *YouTube*;
- tentar conectar regularmente os alunos com o mundo, por meio de ferramentas seguras como *Skype* e *E-Pals*.

Esses seriam apenas alguns dos aspectos que o autor defende para uma pedagogia de mais parceria em sala de aula, em que as tecnologias digitais se apresentam como grandes aliadas. Prensky (2012, p. 22) afirma que:

[...] se nós formos capazes de mudar estas duas coisas – como nós ensinamos e o que nós ensinamos nas nossas salas de aula atuais –, nossos atuais e futuros professores, com alguma preparação, serão completamente capazes de proporcionar (e proporcionarão) a educação que os nossos alunos tão desesperadamente precisam <sup>44</sup>.

Segundo o autor, “o que nós ensinamos” também precisa passar por uma mudança, pois o currículo, de alguma forma, entra em conflito com a pedagogia até então defendida por ele. Para cada disciplina, na escola, existe um conjunto de temas que devem ser ensinados. “Os livros didáticos – a maioria dos quais refletem a velha pedagogia do “falatório” – têm começado as coisas de uma forma

---

<sup>44</sup> “[...] if we are able to change, these two things – how we teach and what we teach in our current classrooms – our current and future teachers, with some training, are fully capable of delivering, and will deliver, the education our students so desperately need”.

completamente oposta do ponto de vista da parceria<sup>45</sup> (PRENSKY, 2010, p.16). De uma forma geral, os livros não provocam os alunos a se desafiarem e se engajarem no tema ou na atividade que ele propõe. Prensky (2010) relata que os livros apresentam primeiro as respostas (nos formatos de textos, gráficos, figuras etc) e depois as questões. A Pedagogia da Parceria reverte isso, lançando as questões primeiramente aos alunos, dessa forma eles podem se sentir interpelados.

Ao perguntarmos aos nossos alunos

Por que nós temos estações? Por que os opostos se atraem? Por que o inglês tem tantos pretéritos irregulares? Por que nos esquecemos ou tomamos decisões ruins? Por que as pessoas da Europa vão para a América? é muito mais propenso a fazer as crianças pensarem do que dar palestras sobre sazonalidade, polaridade, verbos irregulares, psicologia, descobrimento e imigração<sup>46</sup> (PRENSKY, 2010, p.16).

Embora a coleção didática não substitua o trabalho do professor, assim como nenhum outro recurso, percebo, desde o meu primeiro ano como professora, que os livros didáticos não colaboram para a motivação dos alunos e para a parceria entre professores e alunos em sala de aula. No entanto, preciso reconhecer que “a inclusão da área de LEM<sup>47</sup> no PNLD é uma grande conquista, que deve ser comemorada por todos os profissionais da área da educação” (Guia de livros didáticos – 2011 - Língua Estrangeira Moderna). O processo de avaliação de coleções didáticas para o ensino de inglês representa um marco para a área, considerando o PNLD começou a distribuir livros de inglês só a partir de 2011, e mesmo que eu não tenha gostado do livro que foi adotado em minha escola, não se pode negar que isso é um ganho para as aulas de inglês. Na ocasião da escolha do livro didático em minha escola, cada professor ganhou 05 coleções de livro e deveríamos optar por uma para trabalharmos durante o ano letivo.

Nessa perspectiva, encontro outra particularidade das tecnologias digitais que se refere à possibilidade que elas dão ao professor de suprir as possíveis falhas do livro didático. E se caso, o professor gostar da obra que trabalha, as tecnologias digitais

---

<sup>45</sup> “[...] textbooks – most of which reflect the old, telling pedagogy – have gotten things completely backwards from the point of view of partnering”.

<sup>46</sup> “Why do we have seasons? Why do opposites attract? Why does English have so many nonstandard past tenses? Why do we forget, or make bad decisions? Why did people from Europe come to America? is far more likely to make kids think than are lectures on seasonality, polarity, irregular verbs, psychology, or discovery and immigration”.

<sup>47</sup> A sigla LEM se refere a Língua Estrangeira Moderna sendo representada nas escolas pelo inglês.

ainda podem colaborar proporcionando o acesso a outras fontes para se desenvolver o mesmo tema abordado no livro. Na minha situação em específico, considerando que abandonei o livro didático, a tecnologia digital se mostrou uma grande aliada em minhas aulas, pois por meio delas desenvolvia o conteúdo que eu tinha planejado anteriormente.

Ao integramos as tecnologias digitais nas aulas, além de enriquecermos o livro didático, podemos também influenciar na motivação do aluno para aprender. Para os nossos alunos, a tecnologia digital pode se mostrar muito mais interessante e assim é possível de se ter maior envolvimento por meio das multimídias. Considero como multimídia as diversas formas das tecnologias digitais que se refere a combinação de pelo menos um tipo de mídia estática – texto, fotografia, gráfico, com pelo menos um tipo de mídia dinâmica – vídeo, áudio, animação, sendo esta combinação controlada pelo computador. Warschauer (2006) considera que os nossos alunos são verdadeiras “esponjas de multimídia”. E ao se

[...] trabalhar com a multimídia no dia a dia das escolas aumenta o nível de engajamento dos alunos – e engajados, os alunos dedicam mais tempo em uma atividade, trabalham de forma mais independente, gostam de aprender mais e participam de uma variedade de atividades na escola e em casa <sup>48</sup> (WARSCHAUER, 2006, p. 35).

Apesar de a Pedagogia de Parceria proposta por Prensky (2010) ser relativamente nova, a ideia de se considerar os nossos alunos como parceiros e o conhecimento como algo construído na interação é antiga. Gee (2004), por exemplo, já se referia ao processo de aprendizagem a partir da participação em comunidades de prática.

O termo “comunidade de prática” foi usado pela primeira vez pelos teóricos Jean Lave e Etienne Wenger e pode ser definido como um processo de aprendizagem social que ocorre quando pessoas que possuem interesses em comum em alguma área colaboram dividindo ideias e estratégias, determinando soluções e propondo inovações. Nas próprias palavras de Wenger (1998, p. 2), “[...] comunidades de prática são grupos de pessoas que dividem uma preocupação ou

---

<sup>48</sup> “[...] working with multimedia on a daily basis in school creates higher levels of student engagement – and engaged students spend more time on task, work more independently, enjoy learning more, and take part in a greater variety of learning activities at school and at home”.

uma paixão por algo que eles fazem e, então, aprendem a fazê-lo melhor já que entre eles há uma interação regular<sup>49</sup>.

Com o avanço das tecnologias digitais e o surgimento de várias comunidades online, a expressão “comunidade de prática”, então, se mostra de grande valia para o estudo, e a reflexão de como a aprendizagem, quase sempre não intencional (assim como nos jogos de videogame), se dá nesses grupos.

A comunidade de prática ou “espaços de afinidade” (GEE, 2004, p. 77) tem a sua identidade definida a partir de um domínio compartilhado de interesse, a exemplo das comunidades online de fãs do filme *Crepúsculo*. Não se trata de apenas um grupo de pessoas ou de amigos, dado que os membros dessa comunidade possuem um compromisso para com o tema ou o interesse comum do grupo.

Outra característica da comunidade de prática é que deve haver, de fato, uma “prática”. Os membros precisam ser praticantes, ou seja, eles desenvolvem recursos que podem incluir histórias, experiências ou formas de lidar com algum problema comum a eles. Esse tipo de interação se desenvolve ao longo do tempo.

Segundo Wenger (1998, p. 7):

[...] as comunidades de práticas são uma parte integrante de nossas vidas. Elas são tão informais e tão sutis que raramente se tornam um foco explícito, mas são por essas mesmas razões que elas também são tão familiares. Embora o termo pareça ser novo, a experiência não é <sup>50</sup>.

A comunidade, então, desenvolve a sua prática por: resolução de problemas, pedidos de informação, conhecimento da experiência dos outros, mapeamento de conhecimento, identificação de lacunas etc. As comunidades de prática são sociais, e “[...] o engajamento em práticas sociais é um processo fundamental no qual nós aprendemos e nos tornamos quem somos<sup>51</sup>” (WENGER, 1998, p. 3).

---

<sup>49</sup> “Communities of practice are groups of people who share a concern or a passion for something they do and learn how to do it better as they interact regularly”.

<sup>50</sup> “[...] communities of practice are an integral part of our daily lives. They are so informal and so pervasive that they rarely come into explicit focus, but for the same reasons they are also quite familiar. Although the term may be new, the experience is not”.

<sup>51</sup> “[...] engagement in social practice is the fundamental process by which we learn and so become who we are”.

Mesmo antes de a tecnologia digital emergir, Vygotsky (1987) já destacava a importância da interação para o desenvolvimento humano; com ele já temos o papel do outro no processo de aprendizagem.

O autor desenvolveu uma abordagem sociointeracionista que tem como objetivo “[...] caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo” (VYGOTSKY, 1984, p. 21). Nessa abordagem, os processos mentais não são inatos, mas se originam nas relações entre os indivíduos e se desenvolvem ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento. “Esse entendimento estava assentado na ideia de que o homem é um ser ‘moldado’ por fatores advindos dos contextos sociais, culturais, históricos e institucionais vigentes contemporaneamente a cada sujeito” (SILVA, 2009, p.174).

Os estudos de Vygotsky se integraram “[...] em uma mesma perspectiva, o homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e social [...]” (OLIVEIRA, 1993, p. 23). A relação indivíduo-sociedade foi tomada por Vygotsky como uma forma de se explicar que as características humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo e não são apenas o resultado das pressões do meio externo, mas resultam da interação dialética entre homem e meio sociocultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender às diversas necessidades que ele possui, ele também transforma a si mesmo.

Assim, o ser humano incorpora ativamente as formas de comportamento já consolidadas a partir de sua inserção num dado contexto cultural, de sua interação com membros de seu grupo e de sua participação em práticas sociais. Uma das principais preocupações de Vygotsky era a de analisar a dinâmica do movimento de passagem de ações realizadas no plano social para ações internalizadas, ou seja, no interior do indivíduo (SILVA, 2009).

No entanto, o autor entende que a relação do homem com o mundo e com o outro não é direta, pois é mediada por meios que se constituem como suas ferramentas – a capacidade de criar essas ferramentas é exclusiva da espécie humana. Essa mediação, segundo Vygotsky, é fundamental na perspectiva sócio-histórica porque é por meio dos instrumentos e signos que os processos de funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura. E nos dias atuais, a tecnologia digital se torna mais uma dessas ferramentas utilizadas pelo homem para

modificação de seu meio, mas que, ao mesmo tempo, transforma a ele mesmo. Acredito que se o autor tivesse tido a oportunidade de viver nessa era digital ele iria dedicar grande parte de seus estudos pensando a relação homem-tecnologia digital.

Segundo ele, o desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que a pessoa se insere e se dá de forma dinâmica e dialética. Assim, torna-se impossível, na perspectiva sociointeracionista, considerar o desenvolvimento do sujeito como um processo previsível, universal e linear, e sim um processo complexo, assim como o processo de aprendizagem.

As conquistas individuais do ser humano, sobretudo das crianças, conforme estudado por Vygotsky resulta de um processo compartilhado, ou seja, há interação com o outro e a construção de um conhecimento que depois será usado pela criança de forma autônoma. Desse modo, percebo que, o autor assim como Wenger (1998), já considerava o aprendizado como desenvolvido no meio de uma comunidade, na interação entre pessoas e com o meio.

Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo cultural), que indica, delimita e atribui significados à realidade. Por intermédio dessas mediações, os membros imaturos da espécie humana vão pouco a pouco se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura [...]. Quando internalizados, estes processos começam a ocorrer sem a intermediação de outras pessoas (REGO, 1998, p. 61).

Mesmo não tendo utilizado a palavra “parceria” como Prensky (2010), Vygotsky (1984; 1987) entendia como importante o papel do outro no desenvolvimento pleno do ser humano, que, segundo ele, depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural. A partir da interação com outros indivíduos da sua espécie, “[...] o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VYGOTSKY, 1984, p. 99).

Considero relevante a distinção que o autor fez em relação ao nível de desenvolvimento das crianças. Segundo ele, existem dois níveis de desenvolvimento: um que se refere às conquistas já feitas, ou seja, àquilo que as crianças já aprenderam e conseguem fazer sozinhas, chamado de “nível de desenvolvimento real ou efetivo”; e outro que se relaciona às capacidades em vias de ser construídas, denominado como “nível de desenvolvimento potencial”. Esse

nível de desenvolvimento potencial se refere àquilo que a criança consegue fazer, só que mediante a ajuda de outro, de um adulto ou de uma criança mais experiente.

Nesse aspecto, o “nível de desenvolvimento potencial” de Vygotsky (1987) se assemelha à Pedagogia de Parceria de Prensky (2010), pois, nesse caso, a criança realiza tarefas e soluciona problemas a partir da interação com o outro por meio de diálogos, colaboração e experiência que é compartilhada.

Acredito que infelizmente, nas escolas, essa interação não é tão valorizada, pois se costuma avaliar os alunos somente no nível de desenvolvimento real. Nesse contexto, supõe-se que apenas aquilo que eles sabem fazer sem a colaboração dos outros representa o seu desenvolvimento.

Vygotsky (1984) nomeia como Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) a distância entre aquilo que a criança é capaz de fazer autonomamente (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza com a colaboração do seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial). O ZDP, então, define aquilo que ainda não se desenvolveu de forma completa na criança, mas que chegará à maturação, conforme palavra do próprio autor, por intermédio da ajuda e colaboração de outros. Por isso, o autor afirma que “[...] aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VYGOSTKY, 1984, p. 98).

Considerando o outro no desenvolvimento do ser humano, o autor também faz uma crítica à abordagem inatista, bem como à ambientalista, as quais, segundo ele, não devem ser tomadas em isolado: apenas uma abordagem não é capaz de compreender o processo de desenvolvimento humano, assim como o processo de aprendizagem por si só.

A abordagem inatista, também conhecida como apriorista ou nativista, se baseia na ideia de que as capacidades fundamentais do ser humano, como personalidade, formas de pensar, comportamentos, potencial e valores, são inatas, isto é, já se encontram prontas desde o nascimento do indivíduo e, com o seu desenvolvimento ou sua maturação, começam a se manifestar. Tal abordagem, ao ser levada para a educação, pode trazer uma série de comprometimentos, na medida em que entende que a educação pouco ou quase nada altera o comportamento do indivíduo e que, no momento certo, quando já estiver madura, a criança pode efetivar a aprendizagem. Como consequência desse pensamento, o desempenho das

crianças na escola deixa de ser responsabilidade do próprio sistema educacional. Os alunos que possuem aptidões, dom ou talento terão sucesso no processo de aprendizagem. Assim, a responsabilidade encontra-se na criança e indiretamente em sua família, considerando que foi esta quem forneceu a carga genética, e não na sua relação com o contexto social, como na escola.

Por outro lado, a concepção ambientalista, também conhecida como associacionista, comportamentalista ou behaviorista, atribui a constituição das características humanas exclusivamente ao ambiente, destacando o papel das experiências como fonte de conhecimento e de formação de hábitos.

O impacto dessa abordagem na educação promove a ideia de que a escola tem não somente o poder de formar e transformar o indivíduo, como também o de corrigir os problemas sociais. Nesse sentido, o papel da escola é supervalorizado, já que o aluno é uma folha em branco, alguém que a princípio nada sabe, e cabe à instituição de ensino a transmissão da cultura na qual se insere e na “modelagem” comportamental das crianças.

Nessa perspectiva, os conteúdos e os procedimentos didáticos não precisam ter relação alguma com o cotidiano do aluno e nem com as realidades sociais, mas há uma predominância, na fala do professor, das regras que são impostas e da transmissão verbal do conhecimento. O aluno assume um papel altamente passivo, cabendo a ele apenas executar aquilo que lhe é destinado. Há a valorização do trabalho individual, sendo que as trocas de informação, os questionamentos e a comunicação entre os alunos, ou seja, a interação entre os pares são interpretadas como indisciplina.

Nesse paradigma, a aprendizagem é tomada como memorização de informações descontextualizadas, conseguida por meio da repetição exaustiva de exercícios e cópia. A exposição dos conteúdos se dá verbalmente por parte do professor, e a verificação da aprendizagem – avaliação – acontece de forma periódica por meio de atividades escritas vistas como instrumentos de controle.

Os postulados de Vygotsky se diferenciam das abordagens mencionadas acima (inatismo e ambientalismo), pois, para ele, podemos conceber o processo de desenvolvimento nas relações entre indivíduo e sociedade sem tomar apenas um deles em isolamento. Desse modo, ele apresenta uma maneira diferente de entender a educação por meio da concepção interacionista.

Nessa concepção:



[...] o organismo e o meio exercem influência recíproca, portanto o biológico e o social não estão dissociados. Nesta perspectiva, a premissa é de que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura. É por isso que seu pensamento costuma ser chamado de sociointeracionista (REGO, 1998, p. 93).

Quando admite a interação do indivíduo com o meio e a sua colaboração para o desenvolvimento do ser humano, Vygotsky refuta as teses radicais que separavam de forma dicotômica o inato e o adquirido. No entanto, acredito ser importante ressaltar que na abordagem do autor, o que acontece não é a somatória das duas características – inato e adquirido –, mas uma interação dialética, desde o nascimento, entre o indivíduo e o meio social e cultural em que vive. Assim, essa abordagem também apresenta a característica da não linearidade e da imprevisibilidade, conforme explicado anteriormente nesta dissertação. Tomo as postulações do autor sobre desenvolvimento como ampliadas para a aprendizagem, pois “aprendizagem e desenvolvimento são processos inter-relacionados” (SILVA, 2009, p. 177).

Embora Vygotsky não mencionasse o Paradigma da Complexidade, por ter sido um estudioso anterior a essa teoria, é possível perceber que a sua abordagem sociointeracionista está em consonância com este paradigma. Larsen-Freeman (2002) argumenta que o Paradigma da Complexidade une os lados dicotômicos que têm separado os pesquisadores no campo da LA quando se trata do tema de aquisição da linguagem. Segundo a autora, existem de um lado os pesquisadores da linha chomskiana que focam nos processos mentais individuais na aquisição de língua e se baseiam no inatismo; no lado oposto existem os pesquisadores que defendem que os processos socioculturais e as interações sociais estabelecidas pelo indivíduo são os fatores que acionam a aquisição da língua. Assim, o Paradigma da Complexidade “por romper com dualismos, permite que essas teorias, aparentemente dicotômicas, sejam consideradas conjuntamente quando se procura entender o processo de aquisição de línguas” (RESENDE, 2009, p. 17).

Ao desenvolver todas as suas postulações, Vygotsky já pensava no desenvolvimento do ser humano como algo complexo. Seus estudos oferecem elementos importantes para refletirmos sobre a educação e compreendermos como

se dá a integração entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento, por meio da colaboração ou, conforme trabalhado nesta pesquisa, por meio da parceria.

A relação entre ensino e aprendizagem é um fenômeno complexo, pois diversos fatores de ordem social, política e econômica interferem na dinâmica da sala de aula, isto porque a escola não é uma instituição independente, está inserida na trama do tecido social. Desse modo, as interações estabelecidas na escola revelam múltiplas facetas do contexto mais amplo em que o ensino se insere (REGO, 1998, p. 105).

Podemos perceber como os estudos de Vygotsky, mesmo não sendo um autor contemporâneo, se assemelham às premissas defendidas pelo Paradigma da Complexidade, já que considera os sistemas como abertos. Segundo ele, a escola desempenhará bem o seu papel quando partir daquilo que a criança já sabe e desafiá-la na construção de novos conhecimentos, ou, como se diz na linguagem vygotskiana, incidir na zona de desenvolvimento potencial dos educandos. A escola não pode se restringir à transmissão de conteúdos fechados, mas se preocupar em ensinar o aluno a pensar, instruir sobre formas de acessar e apropriar-se do conhecimento, para que ele possa utilizá-lo em momentos além dos vivenciados na escola. Isso remete ao que Prensky (2010) defende sobre a questão de a escola ser não apenas relevante, como também real para o aluno.

Assim como na Pedagogia de Parceria de Prensky (2010), o professor não perde espaço devido à interação aluno-aluno e aluno-tecnologia digital. Na perspectiva dos estudos de Vygotsky, isso também não ocorre, pois o professor intervém nessas interações como alguém mais experiente, conduzindo-as em prol de um objetivo em comum e mediando possíveis problemas ocasionados por elas.

No cotidiano escolar, a intervenção “nas zonas de desenvolvimento proximal” dos alunos é de responsabilidade (ainda que não exclusiva) do professor visto como o parceiro privilegiado, justamente porque tem maior experiência, informações e a incumbência, entre outras funções, de tornar acessível ao aluno o patrimônio cultural já formulado pelos homens e, portanto, desafiar através do ensino os processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil (REGO, 1998, p. 115).

Tomando o papel do professor por essa perspectiva, cabe a ele promover situações que incentivem a curiosidade dos alunos, que possibilitem a troca de

informações entre eles e que permitam o aprendizado das fontes de acesso aos conhecimentos. O docente, na abordagem sociointeracionista de Vygotsky, deixa de ser visto como agente exclusivo de informação, pois as próprias crianças também possuem papel fundamental na promoção dos avanços no desenvolvimento individual.

Prensky (2012, p. 20) também cita algumas atividades específicas que poderiam ser trabalhadas pelos professores para propiciar um ambiente de trocas e parceria, como “[...] resolução de problemas, estudos de caso, baseado no questionamento, centrado no aluno e outras abordagens que tem sido vistas até hoje como diferentes<sup>52</sup>”. Acredito que essas atividades proporcionariam um maior diálogo entre professor e aluno, maior liberdade do estudante perante o seu próprio processo de aprender e interações mais produtivas e prazerosas entre o educando e os seus colegas.

Dessa forma, percebo um grande diálogo entre as obras de Vygotsky e Prensky em relação ao desenvolvimento e aprendizagem. Nessa linha, acredito que devemos trabalhar para uma escola bem diferente da que conhecemos, uma escola que seja aberta aos alunos, que tenha uma abordagem de “baixo para cima”, conforme citado por Prensky (2012), ou seja, que se preocupe com os anseios dos estudantes e sobre como os docentes podem colaborar para sanar esses anseios. Ambos defendem a instituição de ensino como um lugar para se dialogar, discutir, duvidar, questionar e compartilhar saberes, onde há espaço para a tentativa e para o erro, pois “[...] você não aprende, até que você erre<sup>53</sup>” (PRENSKY, 2012, p. 38).

As contradições, as diferenças, as transformações, a colaboração mútua e a criatividade não são tratadas como desrespeito ou indisciplina. O conhecimento sistematizado não é visto e trabalhado de forma descontextualizada, dogmática e esvaziado de sentido, mas de maneira significativa para aqueles que são os maiores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem: os alunos (PRENSKY, 2010; 2012).

A integração de tecnologias digitais na escola pode desenvolver um ambiente de aprendizagem significativo para o aluno, pois, elas oferecem:

---

<sup>52</sup> “[...] problem-based learning; case-based learning; inquiry-based learning, student-centered learning and others which have until now been see as different”.

<sup>53</sup> “You can’t learn unless you fail”.

[...] diversos tipos de ferramentas novas e altamente efetivas que eles podem usar para aprenderem por eles mesmos – desde a Internet com toda a sua informação, para busca e ferramentas de pesquisa para selecionar o que é verdadeiro e relevante, ferramentas de análise para ajudar a fazer sentido com essas informações, ferramentas de criação para apresentar o que se descobriu em variadas formas de mídia, ferramentas sociais para trabalhar em rede e colaborar com pessoas ao redor do mundo<sup>54</sup> (PRENSKY, 2012, p. 128).

As tecnologias digitais contribuem para a emergência de pedagogias que visem à parceria em sala de aula (PRESNKY, 2012), em que uma de suas possibilidades é a interação, defendida por Vygotsky (1982) como primordial para o desenvolvimento do ser humano; assim, a sala de aula pode se tornar um espaço propício ao desenvolvimento de comunidades de práticas (WENGER, 1998). Diante disso, acredito que podemos engajar os nossos alunos no seu próprio processo de aprendizagem.

No capítulo seguinte será apresentada a metodologia utilizada para conduzir esta pesquisa.

---

<sup>54</sup> “[...] to students all kinds of new, highly effective tools they can use to learn on their own – from the Internet with almost all the information, to search and research tools to sort out what is true and relevant, to analysis tools to help make sense of it, to creation tools to present one’s findings in a variety of media, to social tools to network and collaborate with people around the world”.

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

*“A tarefa mais importante e mais difícil para o professor não é ensinar, mas ouvir (...) Os professores raramente são treinados para ouvir aos silêncios e as crenças implícitas de seus alunos” (KRAMSCH, 1993, apud BARCELOS, 2003).*

Em concordância com a fundamentação teórica apresentada no capítulo anterior, exponho a metodologia por mim adotada para o desenvolvimento desta pesquisa. Neste capítulo metodológico apresento esta pesquisa como qualitativa (seção 2.1). Em seguida, descrevo o contexto em que ela foi realizada (seção 2.2), bem como os participantes envolvidos na pesquisa (seção 2.3). Na sequência, destaco os instrumentos e procedimentos de coleta de dados (seção 2.4) e, por fim, relato os procedimentos utilizados para a análise dos dados (seção 2.5).

### 2.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa, orientada pelo paradigma interpretativista, se caracteriza como qualitativa, pois tem como objetivo compreender a integração das tecnologias digitais no meu ponto de vista enquanto professora e na perspectiva dos alunos. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa tem como característica básica a melhor compreensão do fenômeno estudado no contexto em que ocorre e do qual faz parte, devendo ser analisado de maneira integrada.

Oliveira (2013, p. 37) conceitua a:

[...] abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo e seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicações de questionários, entrevistas e análise de dados que deve ser apresentada de forma descritiva.

Godoy (1995, p. 62) ainda cita que a pesquisa qualitativa apresenta quatro principais características:

1. ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, e pesquisador como instrumento fundamental;
2. caráter descritivo;

3. investigador preocupado com o significado que as pessoas atribuem às coisas e à sua vida;
4. enfoque indutivo.

Um dos aspectos que considero como positivo em relação à pesquisa qualitativa é que ela “reconhece que o olho do observador interfere no objeto observado, ou seja, o olhar do pesquisador já é uma espécie de filtro no processo de interpretação da realidade com a qual se defronta” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 58). Assim, esta pesquisa se enquadra no meu contexto, pois além de interpretar os dados coletados, eu, enquanto professora-pesquisadora, fiz parte da constituição desses dados, o que será melhor explicado mais adiante.

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, considerando que os resultados deste estudo objetivam gerar mais conhecimentos para a área de ensino de língua inglesa e a integração de tecnologias digitais. Como mencionado anteriormente, esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa que apresenta uma visão sistêmica do objeto de estudo. Segundo Oliveira (1999), as abordagens qualitativas pretendem descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como estudar a interação entre variáveis, compreendendo e classificando determinados processos sociais, além de contribuir nos processos de mudança e interpretar as particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

No que concerne aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, analítica e interventiva. Descritiva porque tive como objetivo observar, registrar, relatar e descrever o fenômeno ao qual dediquei os estudos – Oliveira (2013, p. 68) afirma que “[...] a pesquisa descritiva vai além do experimento, procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos”; analítica, pois, além de descrever o fenômeno, o classifiquei e o interpretei; e interventiva, uma vez que, enquanto professora-pesquisadora, tive um papel de intervenção no meu contexto de pesquisa, modificando-o por meio da minha presença como membro participante. Dessa forma, houve a produção de conhecimento a partir de uma atuação realizada junto a um grupo.

Em relação aos procedimentos técnicos, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de sentidos a eles são características inerentes à pesquisa qualitativa, sendo que os dados foram analisados indutivamente. O método fundamental das

ciências naturais e sociais é o indutivo, visto que parte da observação dos fatos e dos fenômenos da realidade objetiva (OLIVEIRA, 2000).

A unidade de análise “macro” é a experiência enquanto parâmetro do grupo e se baseou nos fenômenos estudados, a partir da minha observação enquanto pesquisadora e de fragmentos dos relatos dos participantes. Oliveira (2000, p. 43) afirma que “[...] as propriedades das partes só podem ser compreendidas a partir da dinâmica do todo”; dessa maneira, a partir do estudo dos elementos constituintes do sistema – sala de aula, pretendi compreendê-los de uma forma integrada.

Enquanto isso, a unidade de análise “micro” se baseou nas experiências em uma busca de encontrar temas que emergiram dos relatos dos participantes da pesquisa e de minhas observações. Eles puderam ser classificados como tópicos relacionados ao processo de mudança ao qual me dispus a estudar.

A partir de uma análise “macro” e “micro” do fenômeno estudado, acredito que tenha valorizado o todo e as suas partes.

## 2.2 Contexto da pesquisa

Para se fazer uma pesquisa dentro de uma abordagem qualitativa, Oliveira (2013, p. 39) argumenta que “[...] é preciso delimitar espaço, tempo, ou mais precisamente, faz-se necessário o corte epistemológico para a realização do estudo segundo um corte temporal-espacial (período, data e lugar)”.

A pesquisa realizada para elaborar esta dissertação foi desenvolvida em uma escola pública municipal da cidade de Uberlândia/MG, localizada em um bairro periférico da cidade. Os alunos selecionados foram do 9º ano do Ensino Fundamental nas aulas de inglês durante um semestre, em 2014. Essas aulas aconteciam duas vezes por semana, com duração de 50 minutos cada. Todos os anos, nós, professores, escolhemos o material didático/livro que iremos trabalhar, mas cabe ao docente a forma de trabalhar esse material.

A escola em questão possui dois laboratórios de informática bem equipados com aparelho de *datashow*, sendo que em um deles existe a lousa interativa (que nenhum professor usa com tal função, apenas como tela para *datashow*). No entanto, durante o período de coleta de dados para esta pesquisa (um semestre), o *datashow* de um dos laboratórios estragou.

Figura 3 – Laboratório de informática



Fonte: Elaboração da autora

Em relação aos equipamentos eletrônicos que a escola possui, há 16 computadores para cada laboratório, em bom estado e com acesso à Internet; dois aparelhos de *datashow*, até que um deles estragou, como mencionado previamente; um equipamento enviado pelo MEC (computador + *datashow* acoplado); e dois aparelhos de som com entrada para *pendrive*.

Figura 4 – Equipamentos eletrônicos



Fonte: Elaboração da autora

Para cada laboratório de informática há uma profissional capacitada e disposta para ajudar o professor que utiliza o laboratório. Tal profissional teoricamente não seria a professora eventual da escola, isto é, a responsável por substituir professores que faltam. No entanto, com o desenvolver da pesquisa, percebi que quando a falta de professores era alta, essas profissionais iam para a sala de aula, pois a escola não tinha quem pudesse ficar com os estudantes – nessa ocasião, todas as aulas do laboratório eram desmarcadas. Assim como todos os



funcionários das instituições escolares municipais, em um dia da semana elas não trabalham, e, no dia em que elas não vão à escola, o laboratório fica fechado.

### **2.3 Participantes da pesquisa**

Para o desenvolvimento deste estudo, eu, enquanto professora-pesquisadora, investigo os meus próprios alunos do 9º ano do Ensino Fundamental no decorrer das aulas de inglês. Há quatro salas de 9º ano, contendo em cada uma delas uma média de 25 alunos; assim, participaram da pesquisa em torno de 100 alunos, que tinham entre 13 e 15 anos.

No planejamento das aulas incluí as tecnologias digitais para a realização de tarefas durante um semestre. Acredito que o fato de eu ser ao mesmo tempo a professora que ministra as aulas e realiza a pesquisa um ganho tanto para a pesquisa em si, como para a própria prática em sala de aula, pois, dessa forma, aplico os próprios estudos em meu contexto particular de sala de aula.

Para que alguém produza conhecimento sobre o ensino é necessário que esta pessoa, se não estiver atuando nesse contexto, tenha um vasto conhecimento desse processo. Alguém que se dedica ao estudo de um assunto e procura conhecê-lo profundamente sabe que os livros não são suficientes, é preciso voltar-se para a realidade do que se pretende compreender (BORELLI, 2001, p. 4).

Sendo assim, todo estudo é válido somente se o profissional que tem acesso a essa pesquisa saber usá-lo e transformá-lo a seu favor dentro de seu contexto, daí o caráter também interventivo desta pesquisa.

### **2.4 Instrumentos e procedimentos de coleta**

Os instrumentos de coleta de dados para esta pesquisa foram: narrativas produzidas pelos alunos, notas de campo feitas por mim enquanto professora-pesquisadora e entrevistas semiestruturadas.

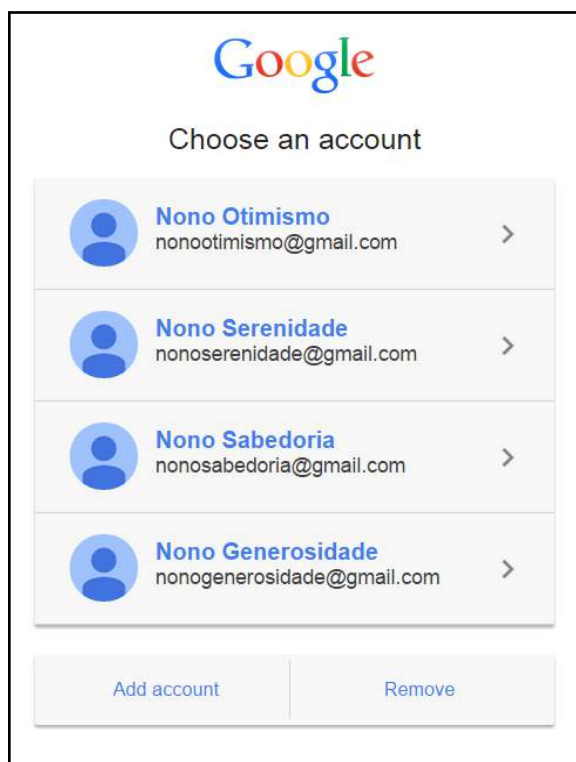
Antes de iniciar a coleta de dados, expliquei aos alunos sobre o que se tratava a pesquisa, como ela iria ser desenvolvida, além de esclarecer sobre a sua importância. Entreguei aos alunos o Termo de Consentimento para o Menor (Anexo B) e solicitei que os alunos recolhessem as assinaturas dos pais ou responsáveis.

Na semana seguinte, tive retorno de 100% dos termos entregues devidamente preenchidos e assinados.

Após os termos assinados e os alunos cientes da pesquisa, os procedimentos de coleta aconteceram da seguinte forma: no dia seguinte à aula com integração da tecnologia digital, os alunos retornavam ao laboratório de informática, onde escreviam narrativas relatando a sua opinião sobre a atividade recém-desenvolvida. Ao final do semestre de coleta de dados, foi obtido um total de 181 narrativas.

Após a produção das narrativas, os alunos as enviavam para o meu e-mail pessoal. Para cada turma de 9º ano foi criado um e-mail para este fim, conforme a figura a seguir.

Figura 5 – E-mails das turmas



Fonte: Elaboração da autora<sup>55</sup>

Vale ressaltar que, antes de iniciarmos o semestre de coleta de dados, os alunos foram até o laboratório para produzirem uma narrativa sobre as suas experiências na escola relacionadas ao uso de tecnologia digital em algum tempo e contexto anterior às aulas de inglês do 9º ano. Tal narrativa foi importante, pois pude

<sup>55</sup> Os nomes das turmas são denominados pela própria escola. Há placas indicativas de cada turma nas portas das salas.

entender como e se ocorria o uso das tecnologias digitais por parte dos outros professores ou em anos anteriores. Após esse momento, ocorreram duas atividades integrando as tecnologias digitais, resultando em mais duas idas ao laboratório para a produção da narrativa relacionada a cada uma das atividades. Dessa forma, cada turma foi cinco vezes ao laboratório durante o semestre: período de Agosto à Dezembro/2014. No laboratório tínhamos as nossas aulas e, em outra aula, retornávamos para a produção das narrativas.

Acredito que as narrativas foram de grande valia para a minha pesquisa, considerando que me permitiram investigar a “[...] aprendizagem sob o ponto de vista daqueles que a vivenciavam, para entender como os alunos criavam sentido dos eventos numa sala de aula de língua inglesa” (MICCOLI, 2014, p. 20). As narrativas foram uma forma de compreender como os alunos tinham experienciado as aulas com a integração das tecnologias digitais. Segundo Miccoli (2014, p. 18):

[...] a experiência, como construto e unidade de análise daquilo que acontece, tem demonstrado ser uma via de acesso para a compreensão da complexidade de eventos em salas de aula, seja no ensino de línguas estrangeiras ou de língua materna. Chegar a esse construto remonta a um interesse por compreender o processo de aprendizagem sob o ponto de vista daqueles que o vivenciam.

Com esse instrumento de coleta de dados, penso que cumpri com o objetivo proposto nesta dissertação de dar voz ao meu aluno, considerando as suas narrativas como relevantes. Com a leitura dessas narrativas, procurei “[...] estabelecer conexões, padrões, rupturas e significados das ações” (MICCOLI, 2014, p. 83) para melhor compreender o processo de integração de tecnologias digitais às aulas de inglês.

Creio ser relevante também apontar que a “[...] construção de narrativas propicia a reflexão sobre o processo de aprendizagem” (MICCOLI, 2014, p. 83). Assim, os alunos, ao recordarem as aulas para poderem produzir as suas narrativas, refletiam sobre a atividade em si e como ela colaborou para a sua própria aprendizagem. A narrativa, então, revela a interpretação que estudantes tiveram frente às aulas, e isso faz com que a produção desse tipo de texto se torne um processo formativo, uma vez que “[...] compartilhar a historicidade narrativa e a expressão biográfica dos fatos percorridos se converte em um elemento catártico de

desalienação individual e coletiva, que permite situar-se desde uma nova posição no mundo” (FERRER, 1995, p. 178).

A intenção da narrativa se mostra como uma forma de criação de si mesmo, visto que, ao refletir sobre suas práticas, seu comportamento, suas histórias e experiências, o estudante lança um novo olhar sobre si próprio e sobre o seu aprender. Ele ressignifica o ser aluno e, ao fazer isso, podem emergir novos sentidos para o seu papel que até então eram desconhecidos para ele.

Entendo que a:

[...] principal razão para o uso da narrativa na investigação educativa é que os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individualmente e socialmente, vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma como os seres humanos experimentam o mundo (CONNELLY; CLANDININ, 1995 apud VAZ; MENDES; MAUÉS, 2001, p. 4).

As narrativas, como instrumentos de coleta de dados desta pesquisa, se mostraram muito interessantes no momento da leitura, pois percebi as diversas vozes sobre as mesmas experiências de aprendizagem. Também pude compreender a mesma experiência vivida por mim, na aula que foi por mim conduzida, na visão do meu aluno. Com isso foi possível entender a dupla dimensão da narrativa ao passar do papel de professora ao papel do sujeito de estudo, pois ao mesmo tempo em que a leitura das narrativas me possibilitou ouvir a voz do meu aluno, me foi oportunizado também a investigação da minha própria prática por meio da reflexão nessas leituras. Nas palavras de Moraes (1999/2000, p.81)

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Compartilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso, abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história, mas o cruzamento de umas com as outras.

Considero as narrativas como importantes instrumentos de pesquisa na educação, pois permitem àqueles que as produzem uma profícua reflexão sobre a

sua ação – nesse caso, sobre o processo de aprendizagem da língua inglesa, tendo como elemento a tecnologia digital.

Além das narrativas dos alunos, eu escrevia notas de campo com observações pertinentes relacionadas àquele dia de aula: “Notas de campo são relatórios que descrevem experiências e observações que o pesquisador teve ao participar de forma intensa e envolvida” (EMERSON; FRETZ; SHAW, 2013, p. 362). Tomo essas notas como instrumentos fundamentais para a minha própria reflexão da aula dada, pois elas me permitiram conjecturar sobre informações importantes que poderiam ser esquecidas no momento da análise dos dados.

Por fim, ao final do semestre, 20 alunos foram escolhidos para serem entrevistados. Essa escolha se deu pelo fato de eu ter entrevistado aqueles que continuavam frequentando as aulas, mesmo após as provas finais, considerando que depois desse tipo de avaliação, vários deles já não vão mais à escola, pois já passaram de ano.

Fui a entrevistadora dos meus alunos e fiz perguntas relacionadas às aulas com a integração das tecnologias digitais em nossa disciplina – inglês. Assim, essa entrevista se caracterizou como semiestruturada que, segundo Queiroz (1988), é uma técnica de coleta de dados que se baseia em uma conversação continuada entre o entrevistado e o entrevistador e que deve ser direcionada a fim de se atingir o objetivo da entrevista.

As perguntas que fiz no momento das entrevistas serviram apenas para iniciar o diálogo e como uma forma de direcionamento. Era permitido ao aluno expor qualquer outra informação que desejasse desde que fosse relacionada ao tema em questão. Para Brandão (2000, p. 8), a entrevista “[...] reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado”. Aponto que, ao escolher a entrevista como instrumento de coleta de dados, a voz do estudante novamente foi ressaltada e percebida como fundamental para a análise dos dados.

Acho interessante relatar que, para a realização das entrevistas, fui até as salas e pedi para que os estudantes que gostariam de ser entrevistados fossem até a sala ao lado. No início, ao informá-los sobre a entrevista, percebi que eles se mostraram tímidos em um primeiro momento. No entanto, assim que o primeiro

aluno se manifestou, notei que os outros já se sentiram bem seguros e até com desejo de serem entrevistados.

Ao final das entrevistas, pude verificar que todos os alunos que estavam presentes naquele dia de aula foram até a sala onde eu os estava aguardando para a entrevista, mesmo não tendo sido obrigados a isso. No momento das entrevistas, eles desenvolveram bem as suas falas e pareciam estar gostando desse momento. A interpretação que faço dessa situação é a de que os estudantes têm muito a nos dizer e que eles gostam de ser considerados no processo de ensino e aprendizagem. Com o desenvolvimento da pesquisa, tive a oportunidade de ouvir os meus alunos e refletir sobre suas afirmações tanto nas narrativas quanto nas entrevistas.

Sobre esse aspecto, Ramos (2003, p. 37, grifos meus) afirma que é um:

[...] desafio fazer com que o professor tenha consciência do seu contexto de atuação, das influências e restrições impostas por conhecimentos estabelecidos. Além disso, que **ele reconheça as necessidades de seus alunos e saiba trabalhar com elas** [...].

Vejo que as necessidades dos meus alunos puderam ser percebidas com a realização desta pesquisa. Vale ressaltar que as formas de se trabalhar com essas necessidades poderão ser refletidas com as conclusões apontadas por esta dissertação.

## 2.5 Procedimentos de análise dos dados

Após caracterizar a presente pesquisa, expor o seu contexto de realização e os participantes envolvidos, além de ter apresentado os instrumentos de coleta de dados, passo, então, para a descrição dos procedimentos de análise dos dados.

Os procedimentos de análise dos dados se basearam na leitura criteriosa de todas as narrativas produzidas pelos alunos, totalizando 181 textos, ao longo de um semestre de aula e aplicação da pesquisa; na releitura de todas as notas de campo produzidas por mim; e na escuta cuidadosa das entrevistas realizadas ao final deste estudo.

Essa etapa de análise dos dados seguiu parcialmente a proposta de Dörnyei (2011) sobre as estratégias de investigação na pesquisa envolvendo sistemas

adaptativos complexos. Segundo o autor, “[...] o paradigma de pesquisa mais comum nas ciências sociais tende a examinar as variáveis de forma relativamente isolada ao invés de considerá-las como parte de um sistema ou de uma rede [...]”<sup>56</sup> (DÖRNYEI, 2011, p. 1). Assim, a análise de dados desta pesquisa se dá sob uma perspectiva complexa.

Dörnyei (2011) argumenta que a estratégia inicial para a pesquisa com sistemas complexos envolve examinar quando (e como) o comportamento do sistema se torna suficientemente previsível, para que possamos focar a nossa investigação em determinados aspectos. Em consonância com a proposta desse autor, no momento de leituras das narrativas me ative às informações que se repetiam, ou seja, nos aspectos que poderiam ser previstos naquele sistema.

A existência desses padrões sistemáticos de resultados possibilita uma forma significativa para a pesquisa de sistemas dinâmicos que ele nomeia de “*Retrodictive Qualitative Modelling – RQM*” (DÖRNYEI, 2011, p. 6). Essa estratégia se caracterizaria pela identificação dos principais protótipos do sistema complexo analisado. Tal identificação seria realizada ao analisarmos o que a pesquisa nos mostrou enquanto dado, ou seja, analisaríamos o que já foi feito e apontaríamos alguns fatores que poderiam ter levado o sistema a determinados estados específicos.

Mesmo buscando padrões nas narrativas dos alunos, tenho como um dos objetivos desta pesquisa analisar o processo de mudança que ocorreu com a integração das tecnologias digitais na sala de aula. Assim, procurei informações que se referiam a alguma mudança ocorrida nas aulas na concepção dos alunos, e, dessa maneira, foi possível tematizar o que foi visto como um processo de mudança nas aulas em que a tecnologia digital se integrava.

No próximo capítulo exponho a análise dos dados coletados, que foi feita à luz das teorias apresentadas nesta dissertação, objetivando oferecer possibilidades de reflexão e de resposta para as duas perguntas norteadoras desta pesquisa.

---

<sup>56</sup> “[...] the most common research paradigms in the social sciences tend to examine variables in relative isolation rather than as part of a system or network [...]”.

## CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

*“Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de ‘experiência feito’ que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo o que escrevo e o que faço” (FREIRE, 1996).*

Neste capítulo apresento a análise dos dados coletados durante o desenvolvimento da pesquisa, com base nos fundamentos teóricos previamente apresentados, bem como na metodologia descrita no capítulo anterior. O capítulo foi dividido em duas seções, para melhor compreensão por parte do leitor. Na primeira seção destaco um panorama da experiência que tive com a integração de tecnologias digitais às minhas aulas de inglês, relatando também as percepções dos meus alunos frente a essa experiência, sendo que alguns excertos das narrativas produzidas por eles e fragmentos das entrevistas são apresentados ao longo do texto. Na segunda seção, mostro de forma mais pontual quais foram as mudanças que puderam ser percebidas nas aulas com a presença das tecnologias digitais na minha percepção enquanto professora e na percepção dos educandos. Vale destacar que para a análise dos dados coletados foram utilizadas as narrativas dos estudantes, as informações oriundas das entrevistas, bem como as notas de campo que produzi no decorrer do semestre de pesquisa e que estarão presentes ao longo das duas seções com vistas a melhor esclarecer a experiência relatada.

### 3.1 Relato de experiência

Ao iniciar o segundo semestre de 2014, integrei às minhas aulas de inglês as tecnologias digitais para que elas acrescentassem dinamicidade às aulas dentro da sala e para que fosse possível a minha pesquisa frente a essa integração.

Conforme mencionado na metodologia desta dissertação, os alunos foram ao laboratório antes de iniciarmos as nossas aulas com utilização de tecnologias digitais para que eles pudessem me relatar, por meio das narrativas, se (e como)



aconteciam o uso de recursos digitais na escola, tanto nas aulas de inglês, como em outras disciplinas.

No laboratório, os alunos deveriam abrir o programa Word para produzirem as suas narrativas. Após isso, eles deveriam enviá-las para o meu e-mail pessoal a partir do correio eletrônico da turma, que já havia sido criado por mim anteriormente a essa aula. Para essa primeira produção, escrevi as perguntas a seguir no quadro como uma forma de nortear as narrativas dos alunos. O *datashow*, nessa ocasião, estava estragado; por isso precisei escrevê-las no quadro ao invés de projetá-las.

1. Recursos tecnológicos são utilizados em suas aulas? Se sim, quais, onde e como? Se não, como você se sente em relação a esta não utilização?
2. Que tipos de recursos digitais você utiliza para aprender inglês na escola? E fora da escola? Relate suas experiências.
3. Você acredita que os recursos tecnológicos digitais (como dispositivos móveis e celulares) influenciam ou podem influenciar sua aprendizagem de inglês? Explique.
4. Você percebe que na sua escola há limitação de recursos tecnológicos e/ou de seu uso? Explique.

Vale ressaltar que muitos estudantes do 9º ano, participantes desta pesquisa, foram os meus alunos no 8º ano (no ano de 2013). Assim, eles relataram as aulas com o uso da tecnologia digital para correção de provas, algo que salientei na introdução da minha dissertação. Dessa forma, entendo que esta atividade ficou marcada não só para mim, como também para os alunos que participaram dela, considerando que eles apontaram essa aula como um exemplo de aula com a integração de tecnologia digital, conforme indicam os excertos abaixo:

**Excerto # 01**

Às vezes usamos *datashow* para corrigir as provas [...] (A.B.V.S. Narrativa 03)<sup>57</sup>.

**Excerto # 02**

Sim, como por exemplo: *datashow* na sala para corrigir provas (L.L.F.G. Narrativa 104).

O primeiro apontamento que apresento se refere ao fato de os alunos se mostrarem, por meio de suas narrativas, como nativos digitais (PRENSKY, 2012).

---

<sup>57</sup> Os nomes dos participantes desta pesquisa foram preservados, sendo representados através de suas iniciais. A redação original das narrativas foi mantida parcialmente, tendo sido feitas algumas correções ortográficas e/ou gramaticais para melhor compreensão por parte do leitor.

Segundo Prensky, os nativos digitais utilizam com frequência e naturalidade as tecnologias digitais para a realização de diversas tarefas em seu cotidiano.

Como tecnologias digitais que os alunos usam fora da escola para aprenderem inglês, eles citam: celulares, *tablets*, computadores, videogames, além de mencionar os aplicativos de celulares, sites da internet, como: Google Tradutor, Vagalume, Youtube, *English Town*.

O hábito que os alunos têm de frequente contato com as tecnologias digitais, por meio do videogame, é apontado por Gee (2004) como uma das principais causas para a mudança de alunos que temos em nossas salas hoje. Com os jogos de videogame, os alunos simulam situações e se arriscam para atingir determinado objetivo e assim, aprendem por meio da experimentação. Por meio das narrativas dos alunos, percebi que eles citam que jogam videogame e aprendem por meio desta atividade, conforme os excertos abaixo:

**Excerto # 03**

[...] em casa eu jogo vídeo game e aprendi muito com isso. Aprendi muitas palavras e frases (D. J. G. C. Narrativa 29).

**Excerto # 04**

E fora da escola eu uso vídeo game (D. F. L. C. Q. Narrativa 30).

**Excerto # 05**

[...] fora da escola eu uso o celular, o vídeo game. (M. E. T. P. Narrativa 124).

**Excerto # 06**

[...] e fora da escola são usadas tais formas: celulares, computadores, muitas vezes ouvimos uma música em inglês e sem perceber estamos também aprendendo o idioma, em **jogos** também muitas das vezes instruções e dias estão em inglês e **isso ajuda sem que perceba na aprendizagem** (A. M. N. M. Narrativa 12).

No excerto # 06, a aluna afirma que a aprendizagem, por meio dos jogos, acontece naturalmente, sem que ela perceba. Isso reafirma o que Gee (2004) aponta sobre a peculiaridade dos jogos de videogame, considerando que eles proporcionam atividades que são, ao mesmo tempo, significativas e experienciais para o jogador. Assim, a aprendizagem é contextualizada e acontece de forma natural.

Alguns alunos também apontam o uso de tecnologias digitais por meio dos dispositivos móveis, como os celulares e *tablets*. Com isso, percebo que os alunos utilizam as tecnologias que eles mais gostam ou com as quais possuem maior afinidade ou familiaridade. Por serem nativos digitais, os alunos sabem utilizar as

tecnologias digitais em uma diversidade de formatos (PRENSKY, 2012). Apresento alguns excertos que apontam para esses usos:

**Excerto # 07**

Uso o **tablet** em casa (A. L. T. O. Narrativa 02).

**Excerto # 08**

Fora da escola eu utilizo o **computador**, pelos aplicativos do **celular**, **jogos**, filmes, músicas (P. H. R. M. Narrativa 147).

**Excerto # 09**

Fora da escola eu uso, às vezes, o computador, e **quase sempre o celular**, para quando eu não sei a tradução de uma palavra, ou não entendi a pronúncia da palavra [...] (G. C. S. Narrativa 48).

**Excerto # 10**

Fora eu uso o **celular**, **tablet**, **computador** e alguns outros (M. A. R. Narrativa 122).

**Excerto # 11**

Fora da escola eu uso computador ou **um outro meio que facilite o uso da internet** (H. A. S. F. Narrativa 63).

Outra peculiaridade dos nativos digitais se refere ao fato de eles entenderem que se pode aprender por meio de atividades divertidas e de entretenimento. Diferentemente das gerações passadas que não acreditam que se pode aprender por meio de uma diversidade de atividades envolvendo as tecnologias digitais e a partir de sites que não têm como objetivo algum fim educacional (PRENSKY, 2012). Alguns alunos citam que aprendem inglês por meio de sites de músicas, como o *Youtube*, Vagalume, por meio de filmes, e citam também o Google Tradutor. Apenas um aluno cita o site com fim educativo – *English Town*, conforme apresentado nos excertos abaixo:

**Excerto # 12**

Fora da escola às vezes uso o **Youtube**, **escuto músicas**, **assisto filmes**, uma coisa que ajuda bastante (L. A. B. A. Narrativa 105).

**Excerto # 13**

Fora da escola eu uso bastante o inglês, às vezes em uma **música**, em alguns **filmes** porque gosto bastante do áudio original e ler as legendas, em um site estrangeiro e muitas das vezes em videogames e jogos (V. H. S. Narrativa 171).

**Excerto # 14**

Sim, o **Google tradutor**, e tradutor no celular (B. C. S. A. Narrativa 22).

**Excerto # 15**

Em casa eu uso o computador e o celular, usando o **Google tradutor** e o **site Vagalume** (J. C. F. L. Narrativa 80).

**Excerto # 16**

[...] na escola nem uma (tecnologia é usada), mas em casa o English town (M. P. M. F. Narrativa 126).

Com o relato dos alunos sobre os recursos digitais que eles utilizam fora da escola, fica claro perceber que eles são nativos digitais. E esses alunos, nomeados por Prensky (2012) como nativos digitais possuem, então, novos comportamentos, o que é refletido na escola. Além disso, o uso das tecnologias digitais influencia a forma como pensamos (MESKILL, 2005), assim, os alunos também têm uma nova percepção do processo de ensino e aprendizagem.

As narrativas das quatro turmas foram muito semelhantes, e desta forma com base no Paradigma da Complexidade, ao tomarmos a sala de aula como um SAC percebemos que há padrões de comportamento que se repetem (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). As produções, em sua maioria, relatavam que as tecnologias digitais utilizadas na escola, diferentemente do que acontece fora deste ambiente, se restringiram ao computador e ao *datashow*. No entanto, ficou claro que o emprego dessas tecnologias acontecia com pouca frequência. Alguns alunos, inclusive, relataram o uso da tecnologia especificamente nas aulas de inglês. Destaquei alguns excertos que apontam o uso do computador e do *datashow* na escola:

**Excerto # 17**

É muito difícil, mas de vez em quando usamos o *datashow* ou os computadores de informática, mas isso não é o suficiente para o aprendizado [...] (G. N. F. B. Narrativa 51).

**Excerto # 18**

Tecnologia é usada nas aulas de inglês às vezes, como computadores, *datashow*, músicas [...] (H.T.B. Narrativa 62).

**Excerto # 19**

Tecnologia é usada na escola no laboratório, mas de vez em quando (A. F. V. Narrativa 05).

**Excerto # 20**

Nas aulas de inglês a tecnologia não é muita, mas de vez em quando nós usamos o *datashow* ou uma caixinha de som (C.B.M.S. Narrativa 25).

**Excerto # 21**

Usamos computadores e televisões na escola [...] (F. A. S. Narrativa 43).

**Excerto # 22**

Nós usamos o computador e o rádio para aprender inglês [...] (M. A. R. Narrativa 122).

A partir dos excertos apresentados acima (excertos # 17 - # 22), afirmo que a integração das tecnologias digitais não acontece com regularidade nas aulas, tanto de inglês quanto de outras disciplinas. Isso reflete o quanto a escola se distancia de várias outras esferas da sociedade que utilizam das variadas tecnologias digitais em suas atividades, como já apontavam Gee (2004) e Prensky (2010; 2012).

Achei interessante o fato de alguns alunos apontarem a televisão, o rádio e a caixinha de som como tecnologias que eles já usaram nas aulas. Isso reforça o quão atrasada está a escola em relação aos usos digitais que os alunos possuem fora da escola. Dessa forma, foi nítida a discrepância entre as tecnologias digitais usadas no âmbito escolar – *datashow* e computador – e as que os educandos utilizam para aprender inglês fora desse local ou as que eles usam fora da escola e, dessa forma, aprendem inglês, eventualmente.

Apresento dois excertos que também apontam para o uso (ou não) das tecnologias digitais na escola:

**Excerto # 23**

[...] é raro usar tecnologia nas aulas de inglês ou qualquer outra matéria, isso torna tudo com um pouco mais de dificuldade para os alunos, porque quando se usa qualquer meio de tecnologia o aluno presta muito mais atenção. Na escola usamos poucos meios de tecnologia, como o computador, *datashow* e televisão, o meio mais usado pelos adolescentes, não é usado, o celular (G.C.S. Narrativa 48).

**Excerto # 24**

[...] na escola tem *wifi*, mas não pode usar, não podemos ter celular, *tablet*, qualquer coisa, que é proibido (B. M. P. T. Narrativa 18).

Os excertos # 23 e # 24 refletem o apontamento feito por Prensky (2012) em relação ao fato de a escola “apagar toda a luz” que os alunos têm fora dela, ou seja, se exclui do processo educacional toda fonte de informação e conhecimento que se pode ter por meio das tecnologias digitais. Ao citar o celular, a aluna o descreve como “o meio mais usado pelos adolescentes”, destacando que tal tecnologia é natural para os discentes que são nativos digitais (PRENSKY, 2012). E conforme apontado nos excertos acima, a escola vai à contramão disso ao não utilizar ou utilizar com pouca frequência desta tecnologia que é comum para os alunos. Isso pode ser entendido no excerto # 23, em que o aluno relata que, na escola, tudo que se refere à tecnologia digital, como “...celular, *tablet*, qualquer coisa...”, é proibido.

Essa proibição é algo constatado tanto por mim, enquanto professora e pesquisadora, quanto pelos próprios alunos. No entanto, revisitando as minhas

notas de campo registrei uma conversa informal que tive com a direção da escola e pude entender sobre a sua posição e justificativa para essa proibição, e acredito ser relevante apresentá-la.

A direção da escola – diretora e vice-diretora - relataram que é notável que os professores ainda não se apropriaram das tecnologias digitais e, assim, desconhecem formas de se trabalhar com essas tecnologias de maneira adequada em sala de aula. Elas ainda me relataram que a forma como os alunos utilizavam dos celulares causavam transtornos e até problemas para a escola, pois eles manuseavam este aparelho para fotografar provas e enviar para colegas de outras turmas que ainda não haviam feito a prova, por exemplo. E como maior problema para o uso do celular, elas me explicaram que muitas brigas e confusões fora da escola eram originadas por fotos e mensagens enviadas pelos próprios alunos. Eles enviavam mensagens para grupos de adolescentes fora da escola fomentando brigas devido a algum desentendimento que teria ocorrido dentro da escola. Dessa forma, muitas brigas aconteciam no momento da saída.

Percebo o quanto a tecnologia digital potencializa aquilo que já vem acontecendo nas salas e na escola, pois, acredito que o celular não foi o culpado pelos transtornos que a escola passava com essas brigas, por exemplo. Mas ele facilitava a formação desses “grupos rivais”.

No entanto, a direção se mostrou aberta ao uso do celular nas salas de aula, desde que seja feita uma reflexão por parte dos docentes de como utilizar essa tecnologia para algo positivo e relacionado aos conteúdos de cada disciplina. Eu, enquanto professora, acredito que a proibição não seja a melhor escolha, já que é nosso papel conscientizar os alunos sobre esse uso e sobre o seu próprio comportamento não só enquanto aluno, mas também enquanto pessoa.

Entendo a proibição dos celulares no meio escolar como um impasse que a escola está vivendo, pois vejo que, nós, enquanto professores e diretores, estamos inseguros frente a esse uso (TONIDANDEL; MAISSIAT; CAMARGO, 2006). E talvez um período de proibição seja o tempo que a escola precise para refletir sobre o uso dos celulares e a sua melhor forma de integração às aulas.

Creio que os agentes da escola, principalmente os professores, precisam refletir sobre o uso dos celulares, bem como sobre as tecnologias digitais em geral para que elas colaborem para as aulas. Do contrário, o uso desta tecnologia sem uma maior reflexão não fará que ela seja aproveitada em toda a sua potencialidade.

Sobre este aspecto, acredito que se torna importante destacar que o pouco uso dos computadores, relatado pelos educandos na primeira narrativa produzida, se restringia à busca de informações apenas, ou seja, a pesquisas. Apresento abaixo alguns excertos que mencionam o uso dos computadores para fins exclusivos de pesquisa:

**Excerto # 25**

Outros professores usaram a internet, mas para fins de pesquisa (M. B. F. Narrativa 137).

**Excerto # 26**

Um pouco dos professores usa sim a internet, mas muito pouco, apenas para pesquisa (A. B. V. V. C. Narrativa 09).

**Excerto # 27**

[...] às vezes vamos ao laboratório, fazemos pesquisas, trabalhos de inglês (A. L. T. O. Narrativa 02).

**Excerto # 28**

[...] a tecnologia já foi usada pelo professor de ciências o ano passado, mas os outros **foi só pesquisa e jogos quando algum professor falta**, mas esse ano ainda não tivemos ninguém fora a professora de inglês (F. G. P. C. S. Narrativa 40).

**Excerto # 29**

[...] os professores só ia, mandaria nós pesquisar e copiar, só (C. G. F. O. Narrativa 26).

**Excerto # 30**

Os professores não costumam usar muito a internet, mas sempre quando foi usado era pra pesquisar algo, coisas não interessantes [...] (L. A. B. A. Narrativa 116).

Com esses excertos pode-se perceber que, mesmo inserindo a tecnologia digital, as aulas podem continuar como eram. O que é nítido de ser percebido no excerto # 29 quando o aluno afirma que iria até o laboratório, encontraria a informação pedida e a copiaria. Acredito que o potencial das tecnologias digitais vai muito além de atividades de pesquisa, no entanto, não considero a pesquisa uma tarefa desimportante; apenas ressalto que os alunos afirmam que o uso dos computadores se restringia a essa tarefa, somente. Segundo Silva (s.d), o professor pode trabalhar com a tecnologia digital, mas as aulas continuam sendo baseadas na absorção de informação por parte do educando, ou seja, não se modifica a pedagogia que já se instaurava na sala de aula. Com esses relatos dos alunos, compreendo que apesar da integração do computador, o centro continuava sendo o docente.

Considero a predominância das aulas com tecnologias digitais envolvendo apenas a pesquisa, como os alunos relatam em suas narrativas, como uma

extensão daquilo que acontece em sala de aula e que, nesse caso se restringe a transmissão de conteúdos prontos pelo professor e à absorção por parte do aluno. As postulações de Warschauer (2006) são confirmadas, quando o autor aponta que as tecnologias digitais potencializam aquilo que já vem acontecendo nas aulas. Nesse cenário, as aulas iam contra a abordagem sociointeracionista de Vygotsky (1987) e a Pedagogia de Parceria de Prensky (2010) que defendem que o homem transforma e é transformado por meio das relações produzidas nas mais diversas esferas sociais. Nesse sentido, aceitamos e entendemos a sala de aula como uma constante troca. Parafraseando as palavras de Freire (1996), essa troca permite que quem ensina, aprenda ao ensinar, e quem aprende, ensine também ao aprender.

Na Pedagogia de Parceria, os estudantes não são meros consumidores de informação, mas agentes importantes na construção do conhecimento em sala de aula. Esta construção ocorre devido à interação entre os alunos para realizar tarefas e solucionar problemas a partir da colaboração e experiência que é compartilhada. Assim, conforme aponta Vygotsky (1987), as conquistas individuais são resultado de um processo compartilhado. Considero que com as nossas aulas de inglês, o uso do computador foi além de atividades de busca de informações e cópias, de forma a engajar os alunos nas atividades. Com isso, acredito que possa ter me aproximado da pedagogia defendida por Prensky (2010) – Pedagogia de Parceria, e assim ter utilizado de uma pedagogia mais adequada para os meus alunos. Apresento alguns excertos que apontam que os alunos perceberam que nas aulas utilizamos a Internet para atividades que iam além de atividades de pesquisa, e com isso, creio que aulas mais significativas puderam ter sido proporcionadas aos alunos:

**Excerto # 31**

[...] as aulas que tivemos ficaram melhores, pois utilizamos a internet. E essa foi a primeira aula que foi utilizada a internet para fazer outras atividades e não apenas fazer pesquisas (T. F. S. Narrativa 169).

**Excerto # 32**

Na minha opinião, a tecnologia colaborou muito nessas aulas, porque é uma coisa que a maioria das pessoas gostam, inclusive eu, e além disso as aulas ficam mais divertidas com o uso de computadores ou qualquer outro tipo de tecnologia. Nenhum professor(a) trabalhou alguma atividade com o uso efetivo da internet (N. T. C. Narrativa 146).

**Excerto # 33**

As aulas de inglês tem sido muito legais, eu conheci sites que nem sabia que existia e foi bastante interessante. Eu gostei muito das aulas porque é algo diferente que quase nenhum professor faz e sem contar que a matéria fica mais fácil (Y. E. P. B. Narrativa 181).



**Excerto # 34**

[...] alguns professores já tinham feito aulas usando a internet, mas não tão dinâmicas [...] (J. B. P. Narrativa 91).

Acredito que com as nossas aulas, eu, enquanto professora, me tornei o parceiro privilegiado ou o par mais experiente (VYGOTSKY, 1987) e tive como preocupação ensinar o aluno a pensar, instruir sobre formas de acessar e apropriar-se de informações. Com base na Pedagogia de Parceria, percebo que o professor não é mais visto como fonte exclusiva de conhecimento, e apoiando-me na perspectiva sociointeracionista, entendo que o professor deve incidir na zona de desenvolvimento potencial dos alunos, sendo este o seu papel. Todavia, esse papel não é só do professor, mas também dos colegas, considerando que eles contribuem para o desenvolvimento individual de cada aluno. E agora com as tecnologias digitais, não só o professor e os colegas interferem no desenvolvimento e aprendizagem do aluno, mas também a própria tecnologia digital. Dessa maneira, o papel atribuído a ela deixa de ser apenas um prolongamento do livro didático (MCLUHAN, 1964), mas ela passa a ser vista como uma nova forma de interação possível nas aulas, favorecendo, então, a aprendizagem. Por isso, afirmo que, ao se trabalhar com as tecnologias digitais apenas para pesquisa, não estamos explorando essas tecnologias em toda a sua potencialidade.

Uma das potencialidades das tecnologias digitais é a possibilidade que elas oferecem ao aluno de serem produtores e não apenas consumidores de informações depositadas na rede (PAIVA, 2010). Com base em atividades apenas de pesquisa, os alunos continuam sendo tratados como “vasos vazios” prestes a serem preenchidos pelo conhecimento que lhe é apresentado. Abaixo apresento um excerto que aborda esta questão:

**Excerto # 35**

[...] quem mexe em tudo é o professor ou a pessoa que trabalha no laboratório (M. F. S. O. Narrativa 121).

É importante ressaltar neste excerto # 35, o descontentamento que a aluna demonstra em não utilizar a tecnologia ela mesma, destacando que a ela não é dada a oportunidade de se ter autonomia no seu próprio processo de aprendizagem. Assim, não é possível se falar em parceria e em construção de conhecimento

quando os alunos são tratados como meros expectadores e receptores de informações.

Mesmo a maioria dos alunos citarem o pouco uso dos computadores e este uso sendo restrito a atividades de pesquisa, alguns alunos afirmam que realmente não se trabalha com a tecnologia digital na escola. Seguindo a proposta de Dörnyei (2011), esses alunos seriam um grupo com perfil diferente da maioria dos estudantes. Segundo este autor, mesmo na sala de aula existindo em torno de 30 alunos, podemos identificar diferentes perfis de alunos e, dessa forma, os classificarmos em grupos. Assim, ao serem perguntados se havia o uso da tecnologia digital nas aulas, eles afirmam que não, conforme os excertos abaixo.

**Excerto # 36**

Não. É ruim, pois, hoje em dia não se usa mais papel, só a tecnologia (L. S. O. Narrativa 108).

**Excerto # 37**

Não. Me sinto doente por não usar tecnologia (D. P. M. Narrativa 33).

**Excerto # 38**

Não. Eu me sinto lesado (por não usar tecnologia) (D. F. L. C. Q. Narrativa 30).

Por meio das narrativas, como exemplificado nos excertos acima, os alunos comprovam a afirmação de Prensky (2012) em relação aos nossos alunos serem, de fato, nativos digitais e perceberem essas tecnologias como presentes em seu dia a dia e caracterizando o mundo em que vivemos. Conforme apontado pelo o excerto # 36, o aluno percebe que a tecnologia digital é vista como mais funcional do que a tecnologia do papel. Destaco também os excertos # 37 e 38, pois os alunos utilizam das palavras “doentes” e “lesados” para expressarem o seu sentimento dentro da escola de não uso da tecnologia. Com essas expressões pode-se notar certo desconforto e desprazer por parte dos alunos no ambiente escolar.

Mesmo sendo relatado que às vezes são utilizados o *datashow* e o computador dentro da escola, os alunos mostram insatisfação por tais tecnologias serem empregadas poucas vezes e apresentam muitos pontos positivos em relação ao possível uso destas nas aulas, conforme é apresentado nos excertos abaixo:

**Excerto # 39**

[...] porque com a ajuda de celular, notebook, *tablet*, ajudaria e seria melhor do que usar cadernos (B. M. P. T. Narrativa 18).

**Excerto # 40**

A tecnologia influenciaria bastante nas aulas de inglês, porque faz com que as aulas se tornem mais dinâmicas e melhora o aprendizado e o interesse nas aulas de inglês (H. T. B. Narrativa 62).

**Excerto # 41**

A aula no computador é até mais explicativa do que na sala, estamos cansados de aulas repetidas e quando mudamos só uma vez todos veem a diferença, eu só acho que devíamos usar mais a tecnologia, pois ela é muito explicativa (M. F. S. O. Narrativa 121).

**Excerto # 42**

[...] todo mundo gosta de tecnologia, e fica mais divertido, mais interessante, sai daquela rotina de sempre. [...] tem muita tecnologia mais não é usada. Às vezes é muitas coisas para passar, que não dá tempo de fazer uma aula diferente. (L. A. B. A. Narrativa 105).

**Excerto # 43**

[...] a internet facilita o estudo de qualquer matéria, sendo assim mais fácil e pode ser até mais divertido aprender inglês (A. L. T. O. Narrativa 02).

Conforme apresentado nos excertos acima, muitos alunos relataram em suas narrativas a preferência pela tecnologia digital como uma forma de tornar as aulas menos cansativas e monótonas. Com base na fundamentação teórica apresentada nesta dissertação era de se esperar que as opiniões dos educandos fossem favoráveis em relação ao uso da tecnologia digital, considerando que eles nasceram na geração digital e que tais recursos tecnológicos são, para eles, naturais e estão presentes no dia a dia (GIRAFFA, 2012).

Além de citarem que as tecnologias digitais podem colaborar para aulas mais interativas e dinâmicas, os discentes também percebem que as tecnologias digitais colaboram não só na sua própria aprendizagem, como também no próprio trabalho do docente, conforme os excertos abaixo:

**Excerto # 44**

[...] é menos trabalhoso escrever entre outras funcionalidades, **como o datashow que é melhor para o professor** [...] acho que podíamos vir mais as aulas de laboratório (C. B. M. S. Narrativa 25).

**Excerto # 45**

A tecnologia hoje em dia é muito avançada, o uso da internet mais ainda, pois **com o uso da tecnologia poderemos sim avançar nos nossos estudos em inglês e poderá também ajudar a professora de inglês a nos ajudar mais nesse ensino fundamental** (J. S. R. Narrativa 81).

Mesmo a maioria dos alunos se mostrando favoráveis ao uso das tecnologias digitais nas aulas, outro perfil de aluno foi identificado, a partir da proposta de Dörnyei. Esse perfil se refere a alunos que não se mostraram a favor deste uso nas aulas, pois segundo eles:

**Excerto # 46**

[...] a tecnologia não ia melhorar, ia melhorar é o professor, o livro e os alunos. [...] porque não precisamos só de tecnologia, mas sim dos professores (D. F. L. C. Q. Narrativa 30).

**Excerto # 47**

Não (tem tecnologia nas aulas), mas (isso) não atrapalha, porque algumas aulas são dinâmicas. [...] Não (gostaria de ter tecnologia digital nas aulas) porque iria virar bagunça nas aulas de inglês, por causa do *Facebook* (H. J. F. S. Narrativa 66).

No entanto, ao final do semestre, esses dois alunos foram entrevistados e afirmaram ter gostado das aulas de inglês com tecnologia digital e que, inclusive, tais aulas contribuíram para a aprendizagem da língua. Ao considerar a sala de aula como um sistema adaptativo complexo (SAC), esse fato aponta para a imprevisibilidade característica desses sistemas. Os alunos que produziram os excertos # 46 e # 47, mesmo prevendo que a integração das tecnologias digitais não iria colaborar para as aulas, no processo de adaptação à nova proposta, alteraram suas perspectivas.

Apresento abaixo um fragmento da entrevista do aluno H. J. F. S que produziu o excerto # 47 e alegou que as aulas virariam bagunça por causa do Facebook.

**Excerto # 48**

[...] acho que ficaria bom se os professores tentassem usar (a tecnologia digital) [...] é porque todo mundo gosta de computador, acho que deveria ser mais algumas vezes do que ficar preso dentro da sala.

Acho que os alunos são muito *baguçendos* e não vão comportar bem [...] viraria bagunça; nas nossas aulas não teve essa bagunça, porque a senhora controlou a multidão bem (H. J. F. S. Entrevista A).

A imprevisibilidade pode ser notada com o aluno apresentado acima (H. J. F. S), que em sua entrevista, diz que os colegas fazem muita bagunça e que por isso ele não acreditava que seria possível termos aulas produtivas envolvendo o uso das tecnologias digitais. No entanto, com a nossa experiência, ele percebeu que a postura do docente influencia o comportamento dos alunos. Assim ele aborda que as nossas aulas foram boas, pois eu, enquanto professora, controlei “a multidão bem” (H. J. F. S.).

Nessa mesma linha, três alunos relataram que não basta apenas ter a tecnologia digital na sala, o professor também é importante nesse contexto e deve saber o momento adequado para o seu uso. Como na entrevista acima citada e os excertos abaixo, percebo que os próprios estudantes não descartam a importância do professor como um mediador, como aquele que indica o momento adequado para a utilização da tecnologia digital nas aulas.

**Excerto # 49**

[...] o que interessa é o conteúdo e não a internet, mas com a internet fica mais fácil aprender inglês e também precisamos de explicação dos professores (M. P. M. F. Narrativa 126).

**Excerto # 50**

[...] é uma forma nova de se aprender e eu acho influente, mas sempre com um professor(a) do lado (L. L. F. G. Narrativa 104).

**Excerto # 51**

O computador é a tecnologia que mais influencia no aprendizado, claro, usado na hora certa (F. C. A. M. Narrativa 45).

A maneira como o professor guia os alunos influencia no desenvolvimento de uma aula produtiva ou uma aula desorganizada em que a tecnologia digital apenas potencializa tal indisciplina. Conforme aponta Warschauer (2006) a integração de tecnologias digitais tornará uma boa escola ainda melhor, mas que não fará de uma escola ruim uma boa escola. A relevância do professor também é destacada por Coscarelli (2005) como o responsável por integrar o computador e as ferramentas que ele oferece às aulas.

Outro apontamento que faço tendo como base as narrativas dos alunos se refere ao fato de eles considerarem que a escola possui tecnologias digitais, ou seja, é equipada tecnologicamente. No entanto, alegam que não acontece o uso dessas tecnologias com a frequência que eles gostariam. Apresento alguns excertos que comprovam esta afirmação:

**Excerto # 52**

[...] tem pouco uso da tecnologia, pois aqui na escola temos meios de tecnologia que não usamos com os professores, apenas utilizamos o livro didático na maioria das matérias (H. A. S. F. Narrativa 63).

**Excerto # 53**

Na minha escola eu acredito que há muita tecnologia, mas por um lado usamos só de vez em quando, eu acho que devíamos usar mais a tecnologia dos computadores, nós temos tudo para ter aulas tecnológicas mas quase nunca usamos (M. F. S. O. Narrativa 121).

**Excerto # 54**

[...] eu só acho que devia ter mais uso dessas tecnologias, porque nós custamos a ir para a sala de informática (M. A. R. Narrativa 122).

**Excerto # 55**

Na minha escola tem muita tecnologia, mas não faz muito uso das tecnologias que temos, portanto deixamos de fazer e participar de muitas atividades dinâmicas que poderia ser usado com maior frequência e ajudar a melhorar o aprendizado (H. T. B. Narrativa 62).

**Excerto # 56**

Na minha escola tem tecnologia, mas pouco uso dela, nas aulas que usamos os computadores, *datashow* ou a TV da biblioteca, prestamos (todos os alunos) muito mais atenção na aula, pois a aula fica menos chata e mais interessante (I.O.M. Narrativa 75).

Alguns alunos ainda relatam em suas narrativas, bem como nas entrevistas realizadas, que o responsável pelo não uso das tecnologias digitais na escola é o professor. Noto que os alunos mesmo sem conhecer o termo, veem os professores como imigrantes digitais. Segundo Prensky (2012) os imigrantes digitais são as pessoas que não nasceram na geração digital, mas que foram apresentadas a elas posteriormente em algum momento de suas vidas. Assim, essas tecnologias não são tão naturais e familiares quanto são para os nativos digitais. Apresento algumas afirmações dos alunos quanto ao não uso das tecnologias digitais por parte da maioria de seus professores, conforme os excertos abaixo:

**Excerto # 57**

Na minha escola tem pouco uso da tecnologia porque existem professores incompetentes de ensinar com a tecnologia (V. S. P. Narrativa 173).

**Excerto # 58**

Há pouco uso da tecnologia! Poucos professores a usam. Tem internet, muita coisa legal e eles não aproveitam para ter uma aula diferente com os alunos e os incentivar a usar a tecnologia para os ajudar (T. M. S. G. Narrativa 159).

**Excerto # 59**

Na escola que eu estudo há tecnologia porém não é muito usada, devia ser mais explorada, são poucas as coisas que são usadas aqui, talvez seja por falta de conhecimento ou outra coisa, mas esse uso mais contínuo da tecnologia aqui iria beneficiar o aprendizado não só do inglês, mas também de outras matérias (A. M. N. M. Narrativa 12).

**Excerto # 60**

Os professores, eles é *véi*, não estão preparados para a tecnologia, *pro* futuro, não sabem nem usar (M. P. M. F. Entrevista B).

**Excerto # 61**

[...] os alunos não tem tanto respeito, por isso eles (professores) não querem descer (para o laboratório). Eles têm medo de virar bagunça, mas eu acho que eles deviam tentar experimentar pelo menos uma vez, pra poder ver se é ou não (assim) (E. D. S. Entrevista C).

Com os excertos acima, nota-se que os alunos percebem que os professores se mostram como imigrantes digitais e podem demonstrar certo temor ou até mesmo dificuldade frente às tecnologias digitais. No entanto, acredito que muitos docentes não se dão conta que os próprios estudantes podem ser, por eles mesmos, os usuários da tecnologia e em parceria com eles, podem desenvolver ótimas aulas tendo o uso da tecnologia digital. Retomando as ideias de Prensky (2012), em sua *Pedagogia de Parceria*, os alunos, por serem nativos digitais e possuírem facilidades neste meio assumem, então, o papel de usuários desta tecnologia.

Outro fragmento de entrevista que acredito ser interessante apresentar se refere à opinião de uma aluna sobre o fato de os professores não usarem o laboratório como uma forma de punição às baixas notas dos alunos. Acredito que isso esteja relacionado ao fato de muitos docentes ainda tomarem as avaliações como um instrumento de controle (VYGOTSKY, 1987). Quando não entendemos a sala de aula como um espaço de interação, ela se torna um local onde há uma hierarquia, e nessa perspectiva, o professor está em uma posição mais alta que os alunos. Ou seja, os alunos são vistos como aqueles que devem obedecer às ordens dadas pelo professor. Com essa visão de sala de aula e de educação, a prova se torna uma forma de punir os alunos por não terem atingido determinado resultado estipulado pelo próprio professor como satisfatório. Apresento o excerto que se refere à entrevista em questão:

**Excerto # 62**

Acho que os professores gostam da rotina do quadro. As notas, todo mundo não faz por onde, aí eles levam como punição ficar só dentro da sala, não descer (para o laboratório) (A. B. V. V. Entrevista D).

Ainda que grande parte dos alunos afirmam que a escola oferece recursos tecnológicos e que se tem infraestrutura para se desenvolver aulas com a integração de tecnologias digitais, há um grupo que se apresenta com opinião divergente desta maioria, assumindo, assim, novo perfil (DÖRNYEI, 2011). Alguns alunos são mais diretos ao afirmar que não tem tecnologia digital na escola. Apresento abaixo os excertos que comprovam essa afirmação:

**Excerto # 63**

Pouca tecnologia mesmo, só tem quinze computadores! (M. P. M. F. Narrativa 126).

**Excerto #64**

[...] na minha escola, existem poucos meios de tecnologia em que os alunos podem fazer o uso, só o computador, que para isso tudo tem que marcar horário, organizar toda a sala, e quando nós chegamos ao laboratório, não tem computadores suficientes para todos os alunos [...] (G. C S. Narrativa 48).

**Excerto # 65**

Na minha escola tem pouca tecnologia. Tem em um laboratório 17 computadores para salas com cerca de 28 alunos. Nas salas de aulas tem apenas telas para *datashow*, mas na escola tem apenas um (*datashow*). Nas salas não tem nada de tecnologia (P. H. A. V. Narrativa 148).

Além de analisar as narrativas coletadas, é importante refletir sobre o processo de coleta dessas narrativas, bem como o contexto onde elas foram produzidas. Assim sendo, considero ser importante abordar a questão da quantidade de

recursos digitais que a escola possui e a frequência de uso desses recursos à luz da complexidade.

Por ser um sistema complexo, a sala de aula é aberta àquilo que a rodeia, e o que acontece fora de seu espaço pode influenciar em suas interações dentro de sala e na forma como o professor expõe a sua aula (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). Assim, concordo com a maioria dos alunos ao afirmar que a escola possui tecnologias digitais, mas não acontece o uso dessas tecnologias. Entendo que a quantidade de recursos tecnológicos digitais na instituição de ensino reflete na frequência do uso desses recursos, assim como a frequência com que os professores utilizam dos recursos digitais influencia na quantidade destes. Alguns alunos apontaram sobre essa relação que existe entre a quantidade e a frequência de uso dos recursos digitais, conforme apresento abaixo:

**Excerto # 66**

Aqui na minha escola tem pouca tecnologia e pouco uso da tecnologia. Pois a tecnologia que tem usamos bem de vez em quando (A. B. V. V. C. Narrativa 06).

**Excerto # 67**

Na escola há pouca tecnologia e pouco uso dela (V. G. S. Narrativa 172).

**Excerto # 68**

Na minha escola tem pouca tecnologia e também tem pouco uso de tecnologia, neste ano fomos apenas umas três vezes no laboratório de informática, que é o único lugar que tem tecnologia (F. G. P. C. S. Narrativa 41).

**Excerto # 69**

Na minha escola tem os dois: pouca tecnologia e pouco uso da tecnologia. Porque tem poucos computadores para os alunos e os professores não nos levam no laboratório (L. S. O. Narrativa 108).

Com o uso das tecnologias digitais, a escola, por meio de seus gestores, pode perceber uma demanda maior e investir na aquisição de computadores, *datashow*, na melhoria dos laboratórios, dentre outros. E os docentes, ao perceberem que existem maiores possibilidades de utilizar a tecnologia digital, podem se sentir mais motivados para tanto. Sobre esse aspecto Miccoli (2014) afirma que, quando um professor inova em sala de aula, integrando tecnologias digitais às aulas, por exemplo, essa inovação passa a ser exigida pelos alunos, até que, eventualmente, a própria escola decide implantar tal inovação em sua estrutura escolar. No meu caso, algumas mudanças, mesmo que sutis, já foram percebidas na escola: aquisição de um aparelho de *datashow* para ser colocado no laboratório que estava sem esse equipamento. Dessa forma, acredito que a exigência dos estudantes por aulas com



tecnologias digitais e a resposta positiva do professor a esse aspecto pode fazer com que a gestão escolar também colabore.

Para realizar a produção desta narrativa inicial, percebi uma primeira dificuldade em relação à aula no laboratório que foi o deslocamento de todos os alunos, considerando que eles devem passar em frente a um grande número de salas para chegar até o laboratório, causando certo distúrbio na escola e nas outras salas, além de perdermos algum tempo nesse trajeto.

Nesse sentido, fica ainda mais claro para mim que a tecnologia digital de fato não se normalizou dentro das escolas e que não chegamos ao sétimo estágio, conforme apresentado por Bax (2003) em que as tecnologias digitais se integram na vida escolar e se tornam, então, invisíveis, normalizadas. Para a realização desta pesquisa, usamos apenas o espaço do laboratório, no entanto, em um momento anterior a este, no primeiro semestre de 2014, utilizei o aparelho que a escola possui (computador com o *datashow* acoplado) dentro de sala de aula, conforme relatado na introdução desta dissertação. Com tal experiência, noto que as tecnologias digitais ainda não são naturais às aulas, pois carregar o pesado aparelho de *datashow* com o computador acoplado para a sala e deixá-lo pronto para iniciar a aula, além da extensão para conectá-lo à energia elétrica é visto por mim como um transtorno. Há muito tempo desperdiçado nessa ação fazendo com que os educandos fiquem agitados e sem foco, comprometendo o andamento do trabalho. E depois de colocado dentro de sala, é claro perceber que aquele equipamento não pertence àquele ambiente. Não se tem uma mesa adequada para ele, que precisa ser posicionado no meio da sala para que a sua projeção não fique pequena, assim os discentes precisam ser remanejados, uma vez que, pelo menos nas minhas aulas, o equipamento foi colocado em cima da mesa de um aluno. O professor não tem lugar confortável para ficar na sala, visto que, enquanto manuseava o equipamento, eu ficava de costas para metade da sala e precisava ficar me deslocando entre o quadro e o equipamento disposto no meio da sala. Com essas experiências, posso afirmar que ainda não há a normalização da tecnologia digital na instituição escolar.

No dia da produção da narrativa, ao chegar ao laboratório, quatro computadores estavam sem Internet; assim, alguns alunos esperavam o colega terminar a narrativa para poderem produzir a sua. A imprevisibilidade encontrada nesse momento me fez perceber que os estudantes que estavam esperando

auxiliavam o colega que estava ao seu lado e, depois que este terminava, eles trocavam de lugar, e o que agora aguardava também dava algumas sugestões e ajudas relacionadas ao computador. Observo aqui o processo de acomodação entre agentes e contexto para otimizar possíveis benefícios da experiência com tecnologias digitais, denominado na complexidade como processo de adaptação. Como defendem Larsen-Freeman e Cameron (2008), adaptação se refere ao processo no qual o sistema se ajusta para responder às mudanças que acontecem em seu ambiente. Com a proposta pedagógica de utilização de computadores e a limitação no número de máquinas com acesso à Internet, os alunos, agentes do sistema, reorganizaram-se para que o objetivo da aula fosse atingido.

Depois dessa primeira experiência, fiquei tranquila em relação à quantidade de computador por aluno, pois não gostava da ideia de eles ficarem juntos em um só computador. No entanto, esse fato não se mostrou como um problema, nem mesmo no tocante à disciplina deles. Essa experiência me remete ao que Prensky (2012) aponta no que tange ao poder da relação entre os colegas para a aprendizagem: colocar dois ou três alunos utilizando um mesmo computador pode ser tão bom quanto ou até melhor que apenas um aluno por computador.

Outra observação que consta em minhas notas de campo em relação a essa aula e que me causou, a princípio, certo estranhamento, foi a dificuldade que muitos alunos tiveram para abrir e usar o programa Word. Parecia que muitos deles nunca tinham usado essa ferramenta do computador e, assim, eles precisaram ser guiados em relação a como salvar o documento. O acesso ao e-mail também me causou estranhamento, visto que eles não demonstraram familiaridade em anexar a narrativa, e por fim, enviá-la.

Mesmo os alunos sendo nativos digitais, conforme defendido por Prensky (2012), tal fato não significa que eles sabem utilizar de todas as ferramentas do mundo digital. Muitos, ao lerem Prensky, podem compreender de forma equivocada este conceito e presumir que todos os jovens – geração digital – possuem nenhum tipo de dificuldade perante o computador. Com essa experiência, pude perceber que o Word e o e-mail não fazem parte das ferramentas utilizadas pela geração digital e as concebo como ferramentas mais utilizadas no meio acadêmico e profissional. Dessa forma, entendo como papel do professor propiciar oportunidades para que os alunos conheçam outras ferramentas digitais além daquelas usadas por eles no seu dia a dia.

Sobre esta aula, a considereei como uma aula muito desgastante para mim, dado que os alunos me chamavam o tempo todo para ajudá-los a enviar suas narrativas, e percebia que apenas os estudantes que estavam sentados em pares se comunicavam e se ajudavam. Nessa ocasião, falei para eles se ajudarem, para que os que já tivessem conseguido enviar auxiliassem os que ainda não tinham enviado. Acredito que isso se deve ao fato de os educandos estarem acostumados a não poder dialogar, expor as suas dificuldades e ajudar (e ser ajudados) pelo outro (que não seja o professor) no momento da aula, já que esse comportamento é visto como indisciplina pela escola. Ouso afirmar que o que permeia nas escolas é uma “Pedagogia da Não Parceria”, visto que o que os discentes aprendem a fazer a partir da ajuda do seu colega não é valorizado e a interação entre pares não é estimulada. No entanto, cabe ressaltar que o aprendizado resulta de um processo compartilhado em que a interação com o outro é fator importante para a construção do conhecimento que, depois, pode ser usado de forma autônoma pelo aluno (VYGOTSKY, 1984; 1987). Assim, reitero que o fato de a parceria acontecer em sala de aula não é algo comum para os alunos. Com isso, cabe ao professor fazer com que eles percebam o novo papel que podem assumir em sala (PRENSKY, 2010).

Nos computadores que estavam sem acesso à Internet, as narrativas dos alunos foram salvas em meu *pendrive* pessoal, e, após ver que eles estavam com dificuldades em relação ao Word e ao e-mail, imaginei que os quatro estudantes que estavam no computador sem Internet não saberiam como salvar suas narrativas no *pendrive*. No entanto, eles mesmos salvaram as suas narrativas em meu *pendrive* sem nenhuma dificuldade, e isso foi observado nas quatro salas de 9º ano participantes da pesquisa. Isso me fez atentar para uma característica dos sistemas complexos: a fractalidade.

Entendo uma turma específica de 9º ano como um fractal das turmas de 9º ano como um todo. Conforme apontado por Larsen-Freeman e Cameron (2008) e adotado por mim nesta dissertação, tomo a sala de aula como um sistema adaptativo complexo, tendo como uma de suas características a fractalidade. Esta se refere à autossimilaridade, ou seja, o todo é composto de partes similares ao todo. Dessa forma, o comportamento de apenas uma sala de 9º ano pode ser considerado um exemplo significativo do comportamento de todos os estudantes desse ano. Vejo também a escola onde foi realizada a pesquisa como um fractal do

sistema escolar, de forma que os resultados obtidos com esta pesquisa podem ser similares aos verificados em outros contextos escolares.

Mesmo com a dificuldade dos alunos para desempenhar a tarefa desse dia, percebi que eles gostaram muito da atividade e, no momento de produção da narrativa, se mostraram bastante concentrados.

Após os alunos produzirem a primeira narrativa, iniciamos as nossas aulas com a integração das tecnologias digitais. Para isso, sempre tive a preocupação de que as aulas que aconteceriam no laboratório fossem uma continuidade daquilo que estava ocorrendo nas salas, pois concordo com Prensky (2010) quando o autor alega que os professores não devem interromper as suas aulas para fazer algum exercício com a tecnologia digital; ela deve estar imbricada no processo. Assim, as aulas envolvendo tecnologias digitais estavam diretamente relacionadas ao desenvolvimento do conteúdo programático elaborado por mim. Em uma das entrevistas, um aluno comentou sobre esse aspecto discorrendo que as aulas, em geral, foram boas, pois foi “melhor fazer os dois tipos de aula juntos (sala e laboratório) porque elas combinam” (V. S. C.).

Como explanado no capítulo metodológico, tivemos a primeira atividade envolvendo a tecnologia digital. Essa atividade envolveu a produção de um texto pessoal em inglês no Word com a inserção de figuras. Já tínhamos estudado o vocabulário em sala, algumas estruturas gramaticais já haviam sido trabalhadas e, no laboratório, eles iriam usar a ferramenta do Word para elaborar o seu próprio texto a partir das aulas que tivemos, inserindo figuras por meio do *Google Images* que se relacionassem a seu texto. Por fim, enviariam as suas produções para o meu e-mail.

Nessa aula eu fui surpreendida, pois imaginei que seria outro desgaste para mim por ter que explicar passo a passo sobre como utilizar o Word. No entanto, esse sistema – sala de aula – se mostrou mais uma vez imprevisível e adaptável, e os alunos já abriram imediatamente o programa para iniciar as suas produções, tendo como base a experiência que tivemos para enviar a primeira narrativa que também foi produzida no Word. Fiquei maravilhada com a maneira como os estudantes já estavam utilizando o programa para aquilo que desejavam fazer. Muitos já estavam mudando a fonte e a cor, colocando o texto em destaque, ou seja, eles mexiam em tudo no Word até o texto estar do jeito que eles desejaram. O envio para o meu e-mail também aconteceu de forma rápida e dinâmica e pude notar que alguns

discentes que ainda não sabiam como lidar com o e-mail, pelo fato de terem faltado na aula em que foi enviada a primeira narrativa, foram ajudados pelos colegas.

Com essas aulas percebi que os alunos, mesmo os que não sabem muito sobre tecnologia ou acerca de algo específico desta, não deixam de ser nativos digitais, pois, segundo Prensky (2012), isso se refere a uma questão de atitude, e não de conhecimento apenas. E até mesmo os discentes que tiveram mais dificuldade com o e-mail e com o Word, por não possuírem contato com muitas tecnologias digitais em casa, ainda assim têm grande potencial frente às tecnologias digitais, conforme Giraffa (2012), visto que eles nasceram na geração digital.

Pude perceber o potencial e a atitude dos alunos que em um segundo contato com o Word e e-mail, já se mostraram rapidamente familiarizados com essas ferramentas digitais e obtiveram sucesso em suas produções.

Infelizmente, por uma questão de tempo, não foi possível inserirmos as figuras; então, como uma forma de adaptação ao problema que emergiu durante a aula, pedi para que os alunos destacassem algumas informações no texto. Não orientei sobre como isso deveria ser feito; logo cada discente fez de uma forma diferente: muitos destacaram a informação solicitada mudando-a de cor, tamanho, fonte ou, ainda, sublinhando-a.

Por fim, todos me enviaram o texto por e-mail sem grandes problemas. No entanto, os alunos que tinham faltado às aulas anteriores a esta e não possuíam o conteúdo completo no caderno, de forma a produzir seu texto, usaram o Google Tradutor digitando todo o texto, com vistas a desempenhar a tarefa. Assim, afirmo que os professores precisam ter bem delimitados os seus objetos ao inserir a tecnologia digital em suas aulas e entender qual o objetivo dessa tecnologia no processo educativo (SAMPAIO; LEITE, 2004).

Para mim, enquanto professora, a atividade foi ótima, pois os alunos se engajaram na atividade e foi muito bom saber que não precisaria levar folhas para casa para fazer a leitura das produções dos alunos. Para isso, apenas abri o meu e-mail, e enquanto lia salvava as atividades em pastas no meu próprio computador pessoal.

Sobre essa experiência, todos os alunos, em suas narrativas, relataram ter gostado mais da aula no laboratório por diversos motivos, e, entre eles, havia o fato de que escrever no computador é mais rápido e prazeroso do que no caderno. A preferência por digitar é uma das características do nativo digital (PRENSKY, 2012).

Os alunos já possuem essa prática no seu cotidiano e com isso escrever no caderno é tido como algo desinteressante e demorado. Apresento alguns excertos que mostram a preferência dos alunos pela escrita no computador:

**Excerto # 70**

[...] é bem melhor passar por email do que ficar em folha. [...] mais interessante no laboratório, porque foi mais divertido do que na sala de aula (D. A. C. Narrativa 31).

**Excerto # 71**

[...] eu gosto muito de digitar (T. S. S. Narrativa 164).

**Excerto # 72**

[...]eu não gosto de ficar escrevendo e digitar é a minha praia ☺

Eu particularmente gostei das duas aulas tanto a da sala quanto a do laboratório, mais a do laboratório de informática me chamou mais a atenção, porque além de ser uma aula diferente, eu pude aprender a mexer com e-mail e a enviar arquivos quando necessário. Tem coisa que eu não sabia na parte da informática que eu estou aprendendo como acentuar as palavras. ;) Eu achava que eu não ia aprender nada, eu consegui aprender pelo menos alguma coisa , então de 0 a 10 eu me dou uma nota 5 k k k k ☺ (T. M. S. G. Narrativa 165).

Mesmo a aula de laboratório sendo apontada com a mais interessante, em relação à sala de aula, os alunos reconhecem em suas narrativas as dificuldades que têm perante o computador. No entanto, justamente por serem nativos digitais, eles se identificam com essa tecnologia e são abertos a explorá-las. Assim, eles não temem o uso desta tecnologia, mesmo quando não sabem utilizar de alguma ferramenta digital. Prensky (2012) aponta essa postura de desafio perante o novo como uma das maiores diferenças que eles têm em comparação aos imigrantes digitais. Os imigrantes, por sua vez, são mais cautelosos ao manusear as tecnologias digitais e não se arriscam no meio digital. Prensky (2012) ainda argumenta que os imigrantes digitais são aqueles que preferem ler o manual de instruções antes de desenvolver alguma atividade desconhecida envolvendo a tecnologia digital. Os alunos, em suas narrativas, não demonstraram insatisfação por não conhecer alguma ferramenta do computador ou por não desempenhar bem alguma atividade no computador. Mas relataram ter gostado de desenvolver determinada atividade, pois aprenderem algo mais de tecnologia, conforme aponto nos excertos abaixo:

**Excerto # 73**

[...] antes eu não sabia enviar nada por email, agora eu aprendi (J. C. S. Narrativa 84).

**Excerto # 74**

Mesmo eu sendo lenta para digitar no PC eu adorei passar minha redação para o Word, assim eu vejo o grau de minha escolaridade e do meu aprendizado e ainda acabo aprendendo a digitar um pouquinho mais rápido (G. N. F. B. Narrativa 58).

**Excerto # 75**

Gostei porque ainda não sabia enviar o texto para o email e a aula foi muito legal (G. O. S. Narrativa 60).

Outro apontamento feito pelos alunos referentes às aulas no laboratório se refere que com essas aulas eles têm a oportunidade de sair da rotina escolar, que para eles se mostra entediante. Isso retoma as ideias de Prensky (2012) sobre os alunos estarem cansados da forma com a educação vem acontecendo nas escolas. O autor ainda afirma que a nossa escola atual está fadada ao fracasso, pois a pedagogia do “falatório” não consegue mais engajar os alunos nas atividades escolares. Nas narrativas, o fato de os alunos afirmarem que as aulas do laboratório são mais interessantes e que eles prestam mais atenção nesse tipo de aula, confirma as afirmações de Prensky. Mostro em seguida os excertos que apontam que as aulas no laboratório se mostram como mais interessantes e adequadas para os alunos:

**Excerto # 76**

Eu gostei de passar o texto para o Word e enviar por email, porque eu tenho muita facilidade com computadores, internet e etc., as aulas do laboratório são muito mais interessantes, porque assim todos os alunos participam e colaboram com as aulas. (G. C. S. Narrativa 49).

**Excerto # 77**

[...] acho na sala de informática melhor, aprendo até bem, pois, presto atenção nessas aulas (K. H. S. P. S. Narrativa 97).

**Excerto # 78**

[...] eu achei a aula do laboratório mais interessante, porque ficar na sala de aula é cada vez mais entediante, e com a aula do laboratório a aula foi diferente porque saiu um pouco daquela rotina de escola (N. T. C. Narrativa 143).

**Excerto # 79**

Eu gostei das aulas de laboratório porque ficou mais interessante e eu entendi mais, pois me chamou mais atenção (A. B. V. V. C. Narrativa 08).

**Excerto # 80**

Eu achei mais interessante a segunda aula, porque ela pergunta o que nós achamos da primeira aula (V. S. P. Narrativa 174).

Com este último fragmento, aproveito para ressaltar que eu notei que os alunos também gostavam de ir ao laboratório para produzir as narrativas; dessa forma eles se sentiam valorizados. Nesse entremeio, a valorização do estudante dentro do processo de ensino e aprendizagem, bem como a compreensão das atividades

propostas em sala de aula sob o ponto de vista daqueles que as desenvolvia (MICCOLI, 2014), foi tomada por mim como algo importante a ser observado no desenvolvimento desta pesquisa.

Para enviar as narrativas relacionadas à aula de produção textual no Word, o e-mail de três turmas acusou um erro. A imprevisibilidade do sistema, sala de aula, exige que eu enquanto professora adapte a aula frente a esta imprevisibilidade para que ela atinja o seu propósito. Percebo nessa experiência que algo imprevisto exige uma adaptação e assim, uma auto-organização do próprio sistema para lidar com essa imprevisibilidade, que no caso foi o problema apresentado pelo e-mail. Dessa forma, direcionei os alunos para enviarem pelo correio eletrônico de outra turma que era a única que não estava dando problemas.

Conforme explicitado no capítulo metodológico anterior, outra atividade em que houve integração de tecnologia digital se referiu à produção de uma Nuvem de Palavras (*Word Cloud*) que envolveu o vocabulário relacionado à família. Na sala, anteriormente a esta produção, trabalhamos este tema por diversas aulas.

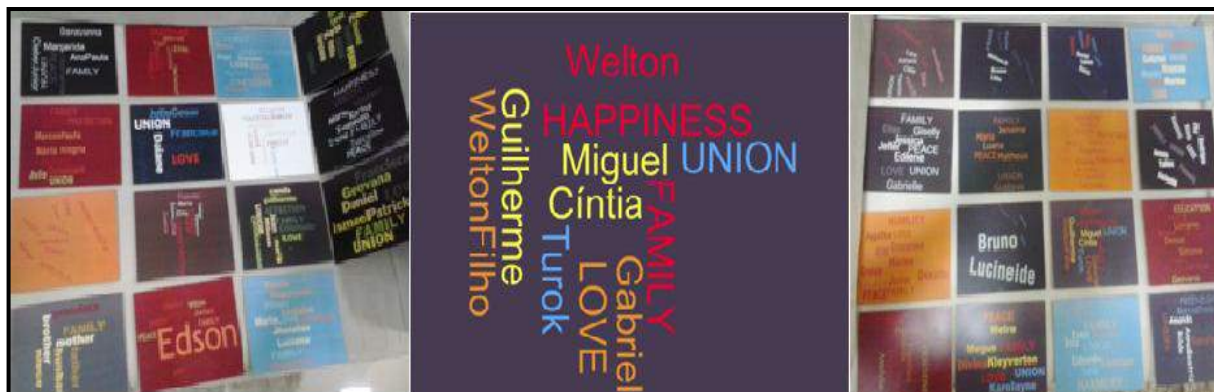
Como uma forma de fechamento para o tópico “Família”, tivemos a integração de tecnologia digital para a produção de uma Nuvem de Palavras, envolvendo o conteúdo aprendido. Após a produção dessas nuvens pelos alunos, eles a enviaram para mim por e-mail. Nessa ocasião, o correio eletrônico também apresentou problemas de verificação; então, pensei que teria de salvar cada Nuvem de Palavras no próprio computador e depois, salvar uma por uma no meu *pendrive*. No entanto, uma aluna me ajudou e solucionou os problemas apresentados pelo e-mail até nós chegarmos em nossa caixa de entrada. Ela orientou os colegas para fazerem a mesma coisa, e, assim, todos conseguiram acessar o e-mail.

Essa experiência retrata o que Prensky (2010) afirma em sua *Pedagogia de Parceria* sobre os papéis dos estudantes. Nessa aula, a aluna se tornou professora ao nos orientar sobre como acessar o e-mail da turma, e esse papel emergiu da própria demanda da aula, não foi combinado ou preparado anteriormente. Pude perceber que o processo de emergência, inerente aos sistemas complexos, relacionou tecnologias e pedagogia. Apenas a partir da desestabilização do sistema escolar, com a proposta de aulas com integração tecnológica, é que essa aluna e eu fomos colocadas em um mesmo nível de importância no sistema, na teia do processo educacional, e eu não tive que ser a protagonista, somente um par mais experiente que não centralizou as ações em si mesmo.



Depois que os educandos enviaram suas produções da Nuvem de Palavras, eu as imprimi em folha colorida e as coleí em uma placa de MDF, formando pequenos quadrinhos. Passadas duas semanas da aula do laboratório, entreguei os quadrinhos para os alunos. Apresento abaixo algumas fotos do quadrinho, resultado desta atividade:

Figura 6 - Quadrinho resultante da atividade – Nuvem de Palavras



Fonte: Acervo de fotos da autora

As narrativas referentes a esta aula foram semelhantes em relação à aula de produção textual no Word. Os alunos, assim como na aula envolvendo o Word, citaram que gostaram desta atividade, pois foi algo diferente. Dessa forma, as narrativas colaboram para afirmar a ideia de que em nossas escolas, temos um perfil diferente dos alunos da geração passada (PRENSKY, 2012). Os alunos atuais demandam atividades mais envolventes e significativas, conforme comprovam os excertos abaixo:

#### **Excerto # 81**

Gostei bastante dos sites que foram apresentados para nós, foi bem legal trabalhar no World Cloud, achei as aulas bem interessantes, para nós alunos que nunca tentamos fazer, o bom foi que nós aprendemos bastante com elas (K. H. S. P. S. Narrativa 100).

#### **Excerto # 82**

A atividade da Word Cloud foi a coisa mais legal e fofa que algum professor já fez (M. F. S. O. Narrativa 139).

#### **Excerto # 83**

As aulas estão cada vez mais interessantes, diferente e legal (A. L. T. O. Narrativa 17).

#### **Excerto # 84**

Na verdade, eu “amei”, porque não foi uma daquelas aulas chatas dentro de uma sala fechada (I. O. M. Narrativa 76).

É importante destacar que o sistema não se mostra sensível apenas às condições iniciais, ou seja, à primeira vez que uma proposta tecnológica foi incluída no planejamento pedagógico, como apontado anteriormente, quando corrigi a prova usando uma projeção desta. A cada atividade com utilização de tecnologias digitais proposta, os estudantes percebem uma continuação de ações interessantes, assim o sistema se mostra sensível aos outros insumos, narrativa em Word e atividade Nuvem de Palavras, remetendo à ideia de uma avalanche, como que em um efeito cascata de respostas positivas à integração das tecnologias digitais.

Tendo como base esta mesma aula, os alunos ainda apontaram nas narrativas o fato de nunca terem utilizados de sites para se desenvolver uma aula. Isso remete o que foi apontado anteriormente em relação aos alunos terem relatado que as aulas que envolviam o uso da Internet se restringiam a atividades de pesquisa. Dessa forma, eles apontaram que a aula foi diferente, pois foram eles quem utilizaram da tecnologia digital – Internet – para o desenvolvimento da atividade. Apresento os excertos a seguir que se referem a este fato:

**Excerto # 85**

A tecnologia colaborou bastante, se não fosse o computador e a internet, não teria como fazer isso. Nenhum outro professor mostrou sites para nós, não que eu lembre (M. A. R. Narrativa 140).

**Excerto # 86**

Eu gostei mais ainda porque **eu com (nove) anos eu nunca tive uma aula que a gente usou a internet para fazer uma aula.** (G. J. D. N. Narrativa 54).

**Excerto # 87**

[...] eu gostei das aulas porque eu pude fazer de várias formas e fontes de letras as palavras em inglês sobre a nossa família e amigos, eu aprendi palavras novas, uma das palavras foi a *happiness* que agora eu sei que tem uma diferença entre *happy*, adorei principalmente o quadrinho que nós ganhamos, assim eu pude mostrar para minha família o que nós aprendemos, as palavras, e também a edição do quadrinho, minha família simplesmente adorou, ele está pendurado na sala, a tecnologia colaborou muito, porque se não fosse a tecnologia, nós não teríamos feito o quadrinho, e também **foi a primeira aula que nós tivemos a liberdade de criar o nosso próprio quadrinho, nenhuma outra aula isso aconteceu** (G. C. S. Narrativa 50).

**Excerto # 88**

[...] foi um **projeto divertido**. [...] os outros professores não usa esses tipos de trabalhos (J. C. L. O. Narrativa 93).

**Excerto # 89**

[...] percebemos que a aula pode ser divertida. Gostei porque **foi uma coisa inesperada, pois nunca pensamos que iria resultar em algo tão produtivo que foi.** (J. P. S. Narrativa 90).

O excerto # 86 reafirma a percepção dos alunos frente ao não uso das tecnologias digitais nas aulas ou à utilização que se restringe apenas à pesquisa,

pois o aluno afirma que nunca usou a internet para fazer uma aula. Com tal fragmento, noto que ele percebeu a Internet nessa aula como algo que ele poderia empregar para produzir e agir na aula, se tornando, então, responsável pelo seu próprio aprendizado. Com essa atividade, acredito que foi possível desenvolver a autonomia dos alunos, pois ela não foi conduzida pelo professor, mas sim pelos próprios alunos. Retomo a metáfora utilizada por Prensky (2012) em relação aos nossos alunos serem foguetes. Isso implica que os foguetes devem possuir as habilidades de se automonitorar, autoavaliar e autocorriger; e ao desenvolver atividades de forma autônoma, os alunos encontram possibilidades de desenvolverem essas habilidades. Essa autonomia também foi apontada no excerto # 87, quando a discente afirma que teve “liberdade de criar” na aula, destacando também que isso nunca aconteceu em outra aula.

Apresento também o excerto # 88, em que o estudante se referiu a essa atividade não como uma aula, mas um “**projeto** divertido”, pois acredito que tal aula (o que foi de fato) não se encaixou nos padrões e na ideia de aulas que os alunos têm - chatas, entediantes e improdutivas. Temos o excerto # 89, que apresenta que a aluna em questão não esperava que a aula resultasse em “algo tão produtivo que foi”. Assim, os discentes puderam perceber que aprender não se resume a passividade, escuta, silêncio e tédio.

A atividade da Nuvem de Palavras foi contextualizada com a realidade dos alunos, considerando que eles deveriam produzir algo relacionado à sua própria família (e para ela). Assim, a aprendizagem se deu de forma situada, coerente com o contexto em que os educandos se inserem, além de ter sido também trabalhada a transdisciplinaridade (GEE, 2004), dado que vários temas emergiram a partir do tema central que fora proposto. Aos educandos cabia a escolha dos temas que iriam trazer para a sua própria produção (quadrinho) e qual seria a melhor forma de expô-los; dessa forma, eles tiveram autonomia para desempenhar a atividade e, consequentemente, seriam responsáveis pelo resultado final.

Na introdução dessa dissertação, caracterizei o meu estudo como transdisciplinar, defendendo que pretendia ir além das disciplinas destinadas a minha sala de aula. O fato de a atividade ter incluído a família dos educandos fortalece o processo transdisciplinar, que pretende ir além do muro das escolas, nessa Pedagogia de Parceria, que não pode deixar nenhum dos envolvidos na realidade escolar à margem do processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, a terceira e última atividade que envolveria a tecnologia digital seria a produção de um painel virtual no laboratório. Contudo, nessa ocasião, a Internet da escola ficou por alguns dias com o sinal fraco; assim, quando os alunos iam gerar o seu painel, a Internet não suportava a quantidade de acessos, não sendo possível desenvolver a atividade. Os estudantes puderam ter uma ideia de como ficaria o painel virtual, pois no próprio site havia alguns exemplos. A ideia era se postar os painéis virtuais produzidos pelos discentes em suas páginas de Facebook (para aqueles alunos que tivessem), e eles gostaram dessa proposta. Apenas um aluno relata não ter gostado desta ideia, pelo fato de não gostar de Facebook, no entanto, o aluno alega ter gostado das aulas com a integração de tecnologias digitais.

**Excerto # 90**

Eu não gostaria que os painéis fossem postados no facebook, porque eu não gosto do facebook. Concluindo, essas aulas foram ótimas, espero que tenham mais aulas como essas, e também acho que todos os professores deveriam dar aulas assim pelo menos uma vez por mês (N. T. C. Narrativa 146).

Se caso postássemos os painéis nesta rede social, eu precisaria de uma autorização da diretora para tal atividade. No entanto, como não foi possível produzi-los na escola, os alunos anotaram o site e eu pedi para que, quem quisesse, poderia fazer o painel em casa e me enviar por e-mail. Por fim, 20 alunos fizeram a atividade em casa e me enviaram.

Destaco alguns fragmentos de narrativas sobre essa atividade na qual não obtivemos sucesso e entendo que os alunos se mostraram conscientes de que a atividade faria sentido se tivesse como fim a sua publicação. Acredito que um dos motivos dos alunos não se engajarem nas atividades escolares se refere ao fato de que o professor é o seu único público (PAIVA, 2010) e isso não é estimulante para o aluno. Os alunos apontam, em suas narrativas, certo entusiasmo com a possibilidade de terem suas atividades vistas por outras pessoas, além daquelas que se encontram na escola, conforme aponta os excertos abaixo:

**Excerto # 91**

Se tivéssemos feito e postado no *Facebook* seria muito legal porque meus amigos e minha família iriam ver que o *Facebook* não serve só para “gastar tempo”, mas também é uma forma de aprender, e compartilhar o que fizemos e aprendemos (G. C. S. Narrativa 50).

**Excerto # 92**

Seria legal, pois com o resultado talvez até incentivaria alguns professores a fazer trabalhos semelhantes (A. B. V. V. C. Narrativa 09).

Com a possibilidade de publicação do painel virtual em páginas de rede social, estaríamos explorando uma característica marcante das tecnologias digitais que é a possibilidade que ela oferece de comunicação e interação com outras pessoas. Com isso, acredito que as aulas seriam mais significativas para os alunos, pois retomando as ideias de Prensky (2012), os alunos não querem uma educação apenas relevante, mas também real, ou seja, que se relacione de forma direta com a sua vida fora da escola.

Com o excerto # 91, a aluna demonstra que outras pessoas, como os membros da família, podem achar que o Facebook é apenas para “gastar tempo”. Considero como esses membros citados pela aluna os seus pais, tios, primos que, no geral, seriam pessoas mais velhas que ela, ou seja, os imigrantes digitais (PRENSKY, 2010) que não acreditam que se pode aprender utilizando uma página de rede social, a exemplo do Facebook.

Com o excerto # 92, o aluno afirma que se postássemos as atividades no Facebook, poderia ser a condição inicial que alteraria o sistema, ou seja, a aula de outros professores, para um atrator de integração de tecnologias digitais. Segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008), os atratores são características do SACs, que por serem abertos, são influenciados pelos elementos e agentes vindo do meio externo, causando uma adaptação e reorganização do sistema. Dessa forma, concordo com o aluno ao afirmar que, ao postarmos a atividade no Facebook, poderíamos influenciar a aula de outro professor, ou seja, essa influência externa seria percebida pelo sistema – aula de outro professor - que poderia adaptá-la ao seu próprio sistema.

A experiência de integração das tecnologias digitais se mostrou, na minha percepção enquanto professora-pesquisadora, de grande valia às aulas de inglês, e as considero parceiras para tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo para o nosso aluno de hoje. Além de perceber que elas podem, de fato, colaborar para que a parceria, a interação e o diálogo instalem-se na sala de aula de forma a transformar a pedagogia. Com a integração das tecnologias digitais nas salas de aula, acredito que temos mais possibilidades de torná-las verdadeiras comunidades de prática (WENGER, 1998), em que a aprendizagem acontece como resultado de uma interação respeitosa entre colegas e entre aluno e professor, onde há espaço para os alunos conhecerem a experiência do outro, e com isso, aprender.

Afirmo que as tecnologias digitais colaboram, então, para uma mudança na educação e na maneira como as aulas são vistas pelos alunos.

Na seção seguinte apresento, pontualmente, qual foi o processo de mudança que ocorreu a partir da integração das tecnologias digitais às aulas no meu ponto de vista, enquanto professora-pesquisadora, e na visão dos alunos.

### 3.2 Processos de mudança

Ao considerar a sala de aula um SAC, não é possível integrar a esse sistema um novo componente sem que os elementos e agentes internos a este se reorganizem para se adaptarem frente a isso. Dessa forma, com a integração de tecnologias digitais às aulas de inglês, várias mudanças ocorreram nesse sistema, resultando em um processo de adaptação e auto-organização. Apoiando-me no Paradigma da Complexidade não tomo essas transformações como resultantes de apenas uma causa - integração de tecnologia digital -, mas sim de diversas interações e reações que aconteceram entre os elementos e agentes desse sistema, no que tange a essa integração. De fato, o comportamento do sistema – sala de aula - não poderia ser previsto, devido as características de imprevisibilidade e não-linearidade comuns nos sistemas adaptativos complexos.

Também ressalto que tal estudo só foi possível pelo fato de ter considerado a tecnologia digital integrada à sala de aula. Ao tomá-la separadamente, não seria possível a sua análise enquanto elemento integrante da sala de aula, uma vez que não observaria os elementos e agentes da sala de aula em interação. Tal ambiente foi estudado dentro de sua dinamicidade, característica dos sistemas complexos que lhe confere um teor de constante movimento e mudança.

Apresento cinco aspectos relacionados à sala de aula que resumem o que mudou com a integração das tecnologias digitais na minha percepção e na dos alunos. Eles serão apresentados separadamente apenas para melhor compreensão, no entanto, destaco que eles são imbricados no processo de ensino e aprendizagem. São eles: **tempo, currículo, papéis, motivação e aprendizagem.**

O primeiro aspecto percebido por mim e pelos alunos que foi alterado devido à integração de tecnologias digitais às aulas foi a questão da noção de tempo. Nas aulas do laboratório muitos estudantes comentavam que a aula “tinha passado rápido”, ou quando tocava o sinal era muito comum eles exclamarem “Já?!”.

Assim, notei que as aulas no laboratório passavam mais rapidamente do que na sala de aula. Buscando analisar as experiências de forma não-reducionista, levanto dois cenários que colaboraram para essa visão dos estudantes: o primeiro se relaciona ao tempo que realmente gastávamos no trajeto para se chegar ao laboratório, e o segundo diz respeito ao tempo dentro desse espaço, que parecia passar mais rápido por envolver os alunos nas atividades e, assim, eles se comprometiam a realizá-las; quando percebiam, o horário já estava acabando. Então, acredito que quando os discentes gostam e se engajam na aula, é natural que entendam que o tempo tenha passado rapidamente.

**Excerto # 93**

[...] **podemos aprender mais rápido**, ter aulas mais interessantes (D. A. C. Narrativa 28).

**Excerto # 94**

[...] eu fico mais interessada nas aulas, e **eu aprendo mais rápido** sem deixar rastro de dúvida (M. H. S. J. Narrativa 125).

**Excerto # 95**

[...] é mais **prático**, mais **fácil** e mais **rápido** (A. G. T. G. Narrativa 04).

**Excerto # 96**

[...] **foi até mais fácil e mais rápido** (B. C. S. A. Narrativa 23).

Muitos alunos relataram em suas narrativas que, com as tecnologias digitais, é mais rápido desenvolver alguma atividade do que na sala de aula, apontando ainda a agilidade para se escrever no computador ao invés do caderno. Os alunos, por serem nativos digitais, escrevem com muito mais frequência no computador, ou nos seus dispositivos móveis, como os celulares e *tablets*, por exemplo. Assim, é compreensível que eles tenham preferência por digitar em detrimento da escrita à mão. Apresento alguns excertos que mostram esta preferência:

**Excerto # 97**

A aula que achei mais interessante foi a do laboratório. **Porque mexe mais com o lado da informática em vez de ser copiando a mão na sala de aula.** Em minha opinião, fica mais fácil até entender a matéria, pelo menos, eu, nas aulas de inglês feitas no laboratório tenho aprendido melhor as matérias (J. P. S. Narrativa 89).

**Excerto # 98**

[...] **muitas pessoas tem preguiça de copiar no caderno** e prefere digitar [...] (F. G. P. C. S. Narrativa 41).

**Excerto # 99**

A aula mais interessante foi do laboratório **porque foi mais prático do que copiar no caderno [...]** (M. S. T. Narrativa 134).

Além da praticidade para se digitar no computador, os alunos destacam o rápido retorno do próprio computador quando escrevem uma palavra de maneira equivocada, por exemplo. No entanto, com esse fato, considero importante refletirmos sobre o imediatismo que se torna uma característica cada vez mais marcante nos jovens (PRENSKY, 2010). Essa característica implica em uma rapidez nas interações e nas realizações de mais variadas tarefas, pois com as tecnologias digitais os jovens, os nossos alunos de hoje, interagem com o outro e recebem respostas imediatas, e em caso de dúvidas, não hesitam em abrir o Google e procurar a informação que necessitam. Apresento abaixo alguns excertos que considero apontar para o imediatismo, característico da geração digital:

**Excerto # 100**

Fazer texto na sala não é bom, as pessoas ficam conversando e não é tão animado. No laboratório é mais divertido porque você está no computador. [...] **Estou aprendendo porque além de o Word corrigir o erro, você aprende e fica sabendo qual é a grafia** (M. F. S. O. Narrativa 129).

**Excerto # 101**

Eu achei mais interessante a aula do laboratório porque **é melhor ficar digitando no computador. [...] além do Word corrigir, você fica sabendo melhor a caligrafia** (M. E. T. P. Narrativa 132).

Os alunos, então, possuem como uma de suas características a velocidade com que desempenham diversas tarefas. Devido a isso, os nativos digitais foram nomeados como foguetes (PRENSKY, 2010), justamente por desempenharem variadas atividades mais rápido que qualquer outra geração anterior; assim eles se identificam com a tecnologia digital também por esse motivo. De fato, a velocidade é uma realidade atual da vida dos nossos alunos. No entanto, acredito que seja relevante analisarmos esta característica à luz da complexidade, pois a velocidade possibilita aos alunos realizarem múltiplas tarefas, mas ao mesmo tempo, os torna intolerantes a espera ou a demora.

O Paradigma da Complexidade defende a ideia de que os dois lados de uma mesma moeda são opostos complementares, competem e colaboram ao mesmo tempo. Portanto, não há uma característica apenas positiva, ou somente negativa – é mais complexo do que isso. Assim, também noto que os nossos alunos, sendo nativos digitais, são impacientes, e esse ritmo acelerado no qual estão envolvidos



pode significar falta de atenção ou desconcentração quando estão em ambientes com poucos estímulos, como a sala de aula tradicional. Dessa forma, é importante o professor se conscientizar das características dos nativos digitais para que elas sejam trabalhadas a fim de beneficiar o aluno e as tarefas que estão sendo por eles realizadas.

O segundo aspecto que também aponto no processo de mudança é o **currículo**. Primeiramente, o fato de eu não utilizar o livro didático adotado pela escola me permitiu usar de forma efetiva o que a Internet disponibilizava como informação bem como a forma que eu iria trabalhar. Dessa forma, a partir daquilo que me era oferecido pela Internet, como vídeos, sites, exercícios, jogos etc., eu elaborava o meu planejamento e trazia do ambiente digital o que eu considerava como pertinente e adequado de ser trabalhado para o desenvolvimento de certo conteúdo.

Acredito que, ainda assim, trabalhamos com um material didático nas aulas dentro da sala, pois muitas atividades eram produzidas por mim e impressas para serem entregues aos alunos - entendo que posso ter produzido, por mim mesma, o “livro” que foi trabalhado em sala.

Reconheço a importância do material didático para as aulas e concordo com Niskier (1993) e outros autores ao afirmarem que a tecnologia digital não pretende se instaurar nas escolas como único recurso didático. No entanto, é inegável a influência das tecnologias digitais no planejamento do meu conteúdo programático para aquele semestre, dado que elas me permitiram um currículo mais personalizado e coerente não só com a realidade dos alunos, como também com as minhas expectativas enquanto professora.

Prensky (2010) afirma que os alunos de hoje, ao serem vistos como foguetes, são abastecidos com um combustível que não mais funciona para eles. E, como combustível, o autor aponta não só a pedagogia trabalhada, considerada ultrapassada, mas também os materiais e o próprio currículo.

Assim sendo, a tecnologia digital me proporcionou a elaboração de um planejamento que permitisse a emergência da Pedagogia de Parceria em minhas aulas, pois as atividades propostas não suportavam a velha pedagogia do “falatório” (PRENSKY, 2010). O currículo foi baseado em atividades que desafiavam o aluno a se engajar para a sua realização e tirava o foco de mim enquanto professora, descentralizando-o, abrindo espaço para os estudantes, e as suas próprias produções, no momento de nossas aulas.

Tal fato pôde ser percebido nas narrativas dos alunos ao relatarem sobre, especificamente, a atividade da Nuvem de Palavra, algo que foi mencionado acima. Nessa ocasião, percebe-se que a aula foi baseada no desenvolvimento do educando e não em “palestras” dadas pelo professor. Com esse currículo personalizado e significativo para os estudantes, todos eles disseram que gostaram da experiência, conforme exemplifico com o excerto abaixo:

#### **Excerto # 102**

Eu gostei dos sites que foram apresentados nas aulas de inglês. Eu não os conhecia antes, então foi bom conhecer. Eu gostei dessas aulas diferenciadas, porque elas saíram um pouco daquela entediante rotina escolar. Com essas aulas eu aprendi algumas coisas de inglês [...] Foi bem legal a parte da atividade do Word Cloud ter terminado com o quadrinho [...]

Na minha opinião a tecnologia colaborou muito nessas aulas, porque é uma coisa que a maioria das pessoas gostam, inclusive eu, e além disso as aulas ficam mais divertidas com o uso de computadores ou qualquer outro tipo de tecnologia. (N. T. C. Narrativa 146).

Ainda sobre a questão do currículo ou conteúdo trabalhado nas aulas, acho interessante apresentar dois excertos em que os alunos afirmam que o uso da Internet não é comum na escola, onde ela é vista como algo estranho a esse ambiente ou até mesmo proibida:

#### **Excerto # 103**

Nenhum professor não trabalhou com a internet, por que eu não sei, **deve que eles tem medo ou a escola não autoriza** (G. J. D. N. Narrativa 54).

#### **Excerto # 104**

[...] você aprende **melhor pela internet do que pela escola** (L.S.O. Narrativa 108).

No excerto # 103, o aluno relata o não uso da Internet (o que já foi apontado anteriormente) e apresenta uma tentativa de justificativa para esse fato alegando que os professores “têm medo” de usá-la ou “a escola não autoriza”. Com esse apontamento, retomo as ideias de Bax (2003) sobre a normalização das tecnologias digitais na escola, que ainda não aconteceu, considerando o medo que as pessoas ainda têm em utilizá-las e a proibição da escola perante esta tecnologia. Esse excerto me fez refletir que a elaboração do meu próprio currículo e o uso das tecnologias digitais como um dos recursos essenciais para desenvolvê-lo podem ter sido possíveis por se tratar da disciplina “inglês”.

Por ser uma disciplina que “não reprova”, que não possui nota, não haveria problemas em se trabalhar com a ferramenta Internet que, para muitos não serve para ensinar e não possui conexão com o ambiente escolar. Isso é apontado no

excerto # 104, em que o aluno faz uma nítida distinção entre Internet e escola, como se os dois fossem inconcebíveis juntos: “você aprende melhor pela internet do que pela escola”. Com essa afirmação do aluno, fica claro perceber que se tem uma visão fragmentada do conhecimento e essa visão é incutida nos alunos por currículos que valorizam as disciplinas bem demarcadas. Dessa forma, não se trabalha com a complexidade presente no processo de aprendizagem. Torna-se confuso para o aluno entender que todo o conhecimento que a ele é apresentado na escola de forma segmentada (aulas de Ciências, Português, Matemática, Geografia etc) é na verdade algo complexo e todas essas disciplinas se mostram conectadas, sendo as suas fronteiras tênues.

Acredito que se eu fosse professora de Português ou Matemática, que são disciplinas que atribuem notas e, dessa forma, são valorizadas no contexto escolar, por exemplo, poderia ter problemas em abandonar o livro didático e em trabalhar de maneira constante com a Internet nas aulas. Temo que nessa situação muitos poderiam alegar, dentre eles, os próprios alunos, que nós não estávamos tendo aula, não estávamos “trabalhando sério”.

É com muito pesar que percebo que as tecnologias digitais não se normalizaram dentro da escola e não são vistas, ainda, como uma rica fonte de informação, oferecendo muitas possibilidades de interação, produção, conhecimento e educação (SILVA, s.d.). A reação dos alunos frente à não integração tecnológica e o uso restrito de um recurso didático pode ser mais forte do que esperada, como ilustro com o excerto a seguir no qual um aluno se mostra mais direto ao afirmar que gostava do uso da Internet nas aula, pois ela

**Excerto # 105**

[...] tem mais informações do que no livro didático que é uma b\* (F. G. P. C. S. Narrativa 41).

O padrão de comportamento demonstrado a partir deste excerto me remonta à defesa de Franco (2013), que aponta para alguns atratores comumente percebidos em contextos de aprendizagem de inglês na Educação Básica, quais sejam: práticas avaliadas negativamente, práticas avaliadas positivamente e práticas socioculturais extraclasse. O estudante acredita, claramente, que o livro didático colabora para uma prática que ele avalia como negativa. O padrão de comportamento emergente, é, conseqüentemente, de insatisfação.

Em geral, percebo, na escola, que o livro não é atrativo para o aluno e, assim, as tecnologias digitais podem colaborar para despertar maior interesse nos estudantes e amenizar essa indiferença perante o livro didático. Talvez, o professor pode ser um dos agentes que pode fazer a diferença, ao utilizar o livro didático de maneira crítica, e não adotando tudo que este livro didático propõe, mas adaptando-o para a integração de tecnologias digitais.

Como terceiro aspecto destacado no processo de mudança que ocorreu nas aulas, aponto os **papéis** desempenhados pelos diferentes agentes no contexto da pesquisa. Notei, com a integração das tecnologias digitais, que houve uma mudança e certa flexibilidade nos papéis dos agentes em sala de aula: professor, aluno e colegas. Ao descentralizar as aulas do professor, o papel dos estudantes já se desloca de receptores de informação para agentes no processo de construção do conhecimento. Retomando Davis e Sumara (2006), descentralizar o controle no contexto de sala de aula não significa passar o controle das mãos do professor para as mãos dos alunos, mas compartilhar ou dispersar esse controle por meio das interações que acontecem nesse ambiente.

Como exemplificação dessa mudança de papéis, relato as diversas vezes que os alunos me ensinaram algo relacionado à Internet. Muitos problemas técnicos foram solucionados por eles que, por sua vez, me explicaram diversas configurações do computador que alteravam algum aspecto deste. Mesmo tendo dificuldades a princípio para anexar as suas atividades ao e-mail, alguns alunos ainda me ensinaram uma nova forma de se fazer esse processo, dentre vários outros momentos em que eles eram aqueles que me ensinavam algo quando se tratava das tecnologias digitais.

Acredito que, se tivesse tido mais tempo para trabalhar com os meus alunos dentro da Pedagogia de Parceria e utilizando as tecnologias digitais, eu iria aprender algo a mais que não estaria relacionado apenas ao uso tecnológico. Tais aulas nos possibilitaram, de fato, um maior diálogo, e, por não estar centrada apenas em mim, eu tive mais tempo e possibilidades de conversar com o meu aluno e ouvi-lo. Nesse aspecto, retomo as ideias de Freire (1996) ao afirmar que não há docência sem discência, e que um não é objeto do outro, ou seja, o aluno não é uma peça dentro de sala que é movida pela vontade do professor, sem reações a isso. Em um processo complexo e dinâmico, professores e alunos interagem e se completam em um sistema em que o todo tende a ser maior do que a soma das partes.

Sobre esse aspecto, retomo a experiência relatada anteriormente em que o e-mail no momento da minha aula apresentou um erro que eu não sabia como solucioná-lo. A minha aluna foi me mostrando os passos a serem dados para conseguirmos chegar até a caixa de entrada do nosso e-mail, possibilitando então, o envio da nossa atividade. Nessa ocasião, a aluna também foi explicando para os colegas, e todos acompanhavam as suas orientações.

Acredito não ser possível considerar que tal experiência não tenha mudado a atmosfera de sala de aula e modificado os papéis que cada um de nós, professor e alunos, desempenhamos em sala de aula.

Considere o excerto abaixo curioso, pois notava que nas aulas do laboratório eu realmente deixava essa posição de centro e acredito que, até por isso, as via como aulas mais tranquilas e agradáveis. Com essa experiência, baseada na Pedagogia de Parceria, bem como em uma abordagem sociointeracionista de Vygotsky acredito que a minha responsabilidade em sala de aula foi a de estimular a curiosidade dos meus alunos, de possibilitar a troca de informações entre eles e, assim, de proporcionar aulas mais significativas.

**Excerto # 106**

Eu acho que a de laboratório é mais interessante porque a professora não fica brigando, **não fica gastando voz** [...] (G. B. S. Narrativa 56).

Eu realmente “não fiquei gastando minha voz” nas aulas de laboratório, pois elas não eram baseadas apenas em minhas falas ou, conforme dito por Prensky, no falatório.

Notei que o papel que os próprios colegas desempenham uns com os outros também se modificou, dado que a tecnologia digital aproxima os alunos de uma maneira diferente daquela que acontece na sala de aula sem a presença desse tipo de tecnologia. Essa aproximação resulta em formações de comunidades de prática (WENGER, 1998), pois os alunos interagem uns com os outros em um processo de aprendizagem social e assim dividem ideias e estratégias, tendo como objetivo a proposta de soluções e/ou inovações.

Constato nas aulas tradicionais que às vezes elas estão tão monótonas e sem sentido para o educando que qualquer oportunidade de interação com o colega é motivo para os alunos conversarem, rirem, “zoarem”, ou seja, se divertirem um

pouco. Acredito que essa pode ser uma das razões de os trabalhos em duplas e grupos serem tão desgastantes para o professor.

Outro aspecto que também pode dificultar a interação entre os alunos nas aulas tradicionais é a vergonha que alguns deles podem sentir em expressarem as suas dúvidas ao colega. É nítido para mim, em sala de aula, que entre os próprios alunos já é formada uma hierarquia que rotula os “nerds”, os bagunceiros, os quietos etc. Assim, quando um estudante que é tido no seu grupo de sala de aula como um aluno ruim ou “burro”, conforme eles mesmos se nomeiam, noto que em um trabalho de grupo ele dificilmente se manifestará, pois já foi estipulado que ele não tem muito a contribuir, ao passo que o aluno tido como “inteligente” já assume a postura daquele que fará o trabalho ou a prova.

No entanto, quando se tem integrada às aulas a tecnologia digital, constato que esses rótulos tendem a se dissolver e a interação acontece de uma forma mais igualitária. O que percebi em minhas aulas para a realização desta pesquisa é que muitas vezes o aluno tido como indisciplinado em sala de aula entendia bastante de tecnologias digitais e, com isso, se engajava nas aulas. Gostei de perceber que esses rótulos eram esquecidos nessas aulas; acredito que os alunos se viam muito mais como parceiros.

Acho interessante ressaltar que a aluna que me ajudou na solução do problema relacionado ao e-mail era vista por mim como muito tímida em sala de aula. Notava que ela tinha receios em se manifestar, e isso foi modificado na aula com as tecnologias digitais em que ela teve muito a contribuir ao desempenhar um papel importante naquele momento.

Como consequência da mudança de papéis proporcionada pelo desenvolvimento de uma pedagogia mais parceira em sala de aula, eu vejo como natural uma mudança na **motivação** dos alunos para aprender nesse contexto, sendo este o quarto aspecto visto como o processo de mudança. Os estudantes, agora, são considerados no seu próprio processo de aprendizagem e isso faz com que a motivação seja aumentada. Eles ainda declaram que as aulas com tecnologias digitais podem ser mais interessantes, legais, divertidas e citam ainda ser até mais fácil de aprender com elas.

Selecionei alguns excertos que retratam o aumento do interesse e da motivação nas aulas de inglês com a integração das tecnologias digitais:

**Excerto # 107**

A tecnologia pode influenciar muito na nossa aprendizagem de inglês, pois nos deixa **mais motivados** para aprender, ficamos **mais interessados em aprender**, com a tecnologia é mais legal (N. S. V. M. Narrativa 142).

**Excerto # 108**

[...] com a ajuda da tecnologia na escola, seria uma **forma melhor de todos os alunos se envolverem**, gostar mais das aulas de inglês (L. A. B. A. Narrativa 105).

**Excerto # 109**

Eu acho que a tecnologia ajuda bastante no aprendizado, pois **eu fico interessada, eu presto mais atenção** (B. J. S. Narrativa 21).

**Excerto # 110**

As aulas ficam mais legais e menos cansativa, daí **desperta interesse em nós de querer aprender**. Estou não só aprendendo inglês, mas também o inglês com tecnologia e isso é muito bom para o aprendizado (N. S. V. M. Narrativa 144).

**Excerto # 111**

A tecnologia é a melhor coisa que tem para deixar as aulas mais interessantes e legal, se todas as matérias usasse a tecnologia, **a escola seria bem mais interessante e menos preguiçosa** (W. G. G. Narrativa 180).

Exponho uma experiência nas aulas do laboratório que considero um exemplo na mudança da motivação dos educandos. Um dos meus alunos havia faltado em várias aulas por motivo de saúde, mas estava presente na aula de laboratório em que produzimos o texto no Word. Já era 3º horário, e os estudantes ficam bastante ansiosos para o fim dessa aula, para logo irem ao recreio. No entanto, este discente me abordou dizendo que também gostaria de fazer o texto no Word, mas estava praticamente sem o conteúdo no caderno. Eu o orientei, então, a pegar o caderno de um colega e contar com a ajuda dele para produzir o seu texto. Este aluno então se sentou em um mesmo computador, próximo a um colega que ele mesmo escolheu e os dois produziram o texto. No entanto, o que mais me chamou a atenção nessa experiência foi o fato de ter tocado o sinal, os alunos começaram a sair para o pátio e, enquanto eu desligava os computadores, os dois alunos citados não se levantaram e ficaram por mais alguns minutos, tranquilamente, finalizando o texto. Percebo nessa experiência a imprevisibilidade da sala de aula como um SAC, pois a integração do elemento – tecnologia digital a este sistema (sala de aula) direcionou os alunos para um atrator de interesse, fazendo com que perdessem alguns minutos do curto recreio para finalizarem a atividade. Segundo Fleischer (2009), os atratores presentes no SAC funcionam como uma direção ou estado que o sistema tende a assumir. Assim, a sala de aula sendo aberta permitiu que as tecnologias digitais se integrassem a esse ambiente, direcionando os alunos para o desenvolvimento da

atividade. Então, entendo as tecnologias digitais funcionando como um atrator de interesse para os alunos, nessa ocasião.

Considere esse fato interessante, pois não via isso sendo possível dentro da sala de aula tradicional, em que os alunos saem correndo para logo irem para o recreio, para não perderem nem mesmo um minuto. Parecia que eles estavam gostando de estarem ali fazendo essa atividade: o discente que ajudava parecia gostar de ensinar o colega, e o que fazia também se mostrava satisfeito por completar e me enviar a atividade.

Nessa aula, tinha um professor de Educação Física presente, sentado em uma mesa ao fundo do laboratório, pois estava usando o seu notebook conectado a Internet da sala. Ao fim desta atividade, ele mesmo comentou que os alunos eram bem interessados na minha aula. Ao notar sobre o comportamento interessado dos alunos perante as aulas de inglês, reitero que o professor pode ter percebido esse comportamento como um atrator estranho ao sistema, considerando que a atitude esperada dos alunos seria de pressa e ansiedade para saírem da sala.

Creio que a motivação pode ser aumentada na medida em que as tecnologias digitais possibilitam que as produções dos alunos sejam vistas por outras pessoas além do professor. Isso, de fato, eleva a motivação do discente para o desempenho de tal atividade, conforme afirma Paiva (2010).

A atividade da Nuvem de Palavras, por exemplo, foi levada para casa, e os alunos puderam mostrá-las para os próprios colegas na sala, bem como para os seus familiares. Acredito que ao ser possibilitado aos alunos exporem as suas atividades para outras pessoas, além do professor, a motivação possa ser aumentada, pois a atividade adquire um objetivo mais coerente e claro para os alunos. Apresento abaixo alguns excertos em que os alunos relatam sobre a possibilidade de postarmos as atividades na Internet na ocasião da atividade do Painel Virtual:

**Excerto # 112**

Se a gente postasse no Facebook seria bem interessante, meus amigos fora da escola veria o nosso trabalho e eu ganhava umas curtidas kkk (W. G. G. Narrativa 180).

**Excerto # 113**

[...] eu acharia muito legal compartilhar com outras pessoas (J. C. L. O. Narrativa 93).

**Excerto # 114**

Seria bem legal postar os nossos painéis no Facebook, assim todos iam ver que ir pra escola não é só copiar e também conhecer outros lados da internet (L. A. B. A. Narrativa 116).



No excerto # 112, o aluno afirma que seria interessante postar a atividade no Facebook, pois assim ele “ganharia umas curtidas”, e essas “curtidas” representariam a aprovação do trabalho dele por outras pessoas, e não apenas pelo professor. A necessidade de compartilhar das suas experiências por meio das redes sociais é também característica dos nativos digitais. No excerto # 114, a aluna reforça a ideia de que a escola ainda é vista como um lugar onde o dever do aluno é apenas copiar, e ela ainda apresenta que as pessoas poderiam perceber que a Internet também pode ser utilizada para fins pedagógicos. Dessa forma, a motivação muda com a presença das tecnologias digitais.

Apresento outro excerto que reflete sobre esta mudança na motivação dos alunos nas aulas envolvendo a tecnologia digital:

**Excerto # 115**

**A tecnologia é uma coisa surpreendente, deixa qualquer aula melhor, dá até mais vontade de ir além daquilo, dá interesse de ir à escola** (L.A. B.A. Narrativa 116).

Destaco o excerto # 115 como representativo da motivação que pode ser aumentada com a integração das tecnologias digitais. Ao relatar que a tecnologia é algo “surpreendente”, isso me remete às inúmeras possibilidades que a tecnologia digital e a Internet, de um modo geral, possuem de interação, comunicação, entretenimento, acesso a informações, construção de conhecimento a partir das comunidades de prática online, dentre outros. Além disso, a aluna afirma que “deixa qualquer aula melhor”, ou seja, não são necessários diversos requisitos para se integrar a tecnologia digital às aulas.

A sala, por ser um SAC, se auto-organiza para melhor se adaptar frente às mudanças de seu meio; logo, não acho que as tecnologias digitais devem ser temidas, pois elas atendem aos mais variados temas, de forma diferente e personalizada e possuem inúmeros recursos de imagem, som, texto podendo então ser integradas em qualquer disciplina da grade curricular. A aluna afirma que “dá até mais vontade de ir além daquilo”, pois é inegável a facilidade oferecida pela tecnologia digital para isso: basta um clique para que muitos links sejam acessados, e o assunto passa a ser explorado de uma forma dinâmica. A aluna conclui, então, que com a tecnologia digital “dá interesse de ir para a escola”.

Com isso, a tecnologia digital, se utilizada pelo professor que deseja integrar as potencialidades de tais tecnologias às suas aulas, pode proporcionar aos alunos aulas mais atrativas em que há interação entre os pares e diálogo aberto com o professor. Por conseguinte, há a emergência de uma pedagogia mais parceira e que dá voz ao nosso aluno que, em minha opinião, tem muito a dizer e já está há tempos calado dentro de nossas escolas e em nossas aulas.

Com esse processo de mudança citado até o momento, acredito ser coerente entender que tudo isso culmina em uma mudança no processo de **aprendizagem**. Este é o último aspecto percebido como representativo do processo de mudança que ocorreu nas aulas.

Apesar de a minha disciplina não ter notas, conforme já mencionado, percebia que os alunos, ao se engajarem na atividade proposta, aprendiam melhor o conteúdo que tinha sido trabalhado com a tecnologia digital. A atividade da Nuvem de Palavras foi uma das experiências em que retornei com os discentes no conteúdo abordado e, com isso, verifiquei que muitos ainda se lembravam do vocabulário desenvolvido e sabiam a sua pronúncia, o que também foi trabalhado em sala.

Algumas semanas depois da aula realizada no laboratório, na sala de aula pedi aos alunos para irem até o quadro, escreverem as palavras do vocabulário que vimos e as lerem em voz alta. Foi uma experiência muito produtiva, pois a maioria deles se lembrava das expressões, e quando alguns tinham algum problema na escrita, eram ajudados pelos próprios colegas.

Em uma das entrevistas realizadas, o aluno lembrou essa atividade dizendo que “[...] a tecnologia ajudou porque as palavras que eu pus na plaquinha ficou na cabeça, sempre lembro das palavras [...]”, ele ainda brinca afirmando que naquele ano poderia dizer que tinha aprendido inglês porque “pelo menos estas palavras deu pra gravar” (H. J. F. S.).

Dessa maneira, ao tornar as aulas mais interessantes, dinâmicas e rápidas por meio das tecnologias digitais envolvendo uma pedagogia aberta para se trabalhar a interação entre os colegas, ou seja, uma pedagogia mais parceira, entendo que assim há uma melhora significativa na aprendizagem. Apresento alguns excertos em que os alunos citam uma relação entre as tecnologias digitais e a aprendizagem:

**Está bem mais fácil aprender a matéria, porque com os computadores nós prestamos mais atenção no que estamos** fazendo, eu não estou aprendendo tanto de tecnologia nas aulas, porque tudo que eu estou fazendo, eu já sabia (G. C. S. Narrativa 49).

**Excerto # 117**

[...] essa maneira de aprender inglês tem **facilitado o aprendizado das matérias**, e além de aprender o inglês em si, também estamos aprendendo sobre tecnologia, o aprendizado tem melhorado bastante com esse novo método utilizado (A. M. N. M. Narrativa 13).

**Excerto # 118**

Foi divertida e aprendemos muitas palavras em inglês, aprendi palavras do vocabulário tanto como escrever como falar. Na minha opinião as aulas com tecnologias ficam bem melhor. (E. S. S. Narrativa 39).

**Excerto # 119**

Nas aulas de inglês nós temos usado muito a tecnologia, e eu acho que por isso eu aprendi muitas coisas com a professora, porém só ela usa a tecnologia com a gente, pois os outros professores não faz nada (M. F. S. O. Narrativa 139).

**Excerto # 120**

As aulas de inglês tem sido muito legais, eu conheci sites que nem sabia que existia e foi bastante interessante. Eu gostei muito das aulas porque é algo diferente que quase nenhum professor faz **e sem contar que a matéria fica mais fácil**. Nenhum outro professor trabalhou com nenhuma atividade que fazia uso da internet (Y. E. P. B. Narrativa 181).

Tendo como base essa experiência de integração de tecnologias digitais às aulas de inglês, acredito que o trabalho com essas tecnologias torna a aula mais dinâmica, com mais movimento e rapidez, fazendo com que os alunos de hoje se interessem mais; ao considerar que velocidade é uma característica comum não só às tecnologias digitais, mas também aos nossos alunos, comparados a foguetes e vistos como nativos digitais. Elas permitem maior flexibilização do currículo que trabalhamos em sala, sendo este o combustível para os nossos foguetes, que por sua vez, não mais respondem a um currículo antiquado e que não permite a mudança de papéis dentro de sala de aula.

Creio que trabalhar com as tecnologias digitais na escola também aumenta o nível de engajamento dos alunos, e conforme defendido por Warschauer (2006), estudantes engajados dedicam mais tempo nas atividades da escola, a desenvolvem de forma mais autônoma e gostam daquilo que estão fazendo. Como resultado disso, aprendem mais e de uma maneira mais significativa, contextualizada e consciente.

As mudanças percebidas com a integração de tecnologias digitais às aulas de inglês se mostraram, em minha opinião, positivas, pois colaboraram para uma mudança de pedagogia em sala de aula. Dessa forma, acredito que os alunos tiveram a possibilidade de sair da posição de ouvintes e passarem para a posição de

agentes no processo de ensino e aprendizagem. Além de conferir a mim, enquanto professora, a oportunidade de interagir com os meus alunos e assim propiciar uma atmosfera de parceria em sala de aula.

Em seguida, no último capítulo desta dissertação, apresento as minhas considerações finais, retomando os objetivos da realização desta pesquisa, bem como as suas perguntas norteadoras. Discorro também sobre as limitações que foram encontradas no decorrer deste estudo e na elaboração desta dissertação. Encerro com apontamentos para possíveis estudos relacionados ao tema, considerado por mim tão vigente e importante para a educação do futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Tomara que ano que vem os alunos tenham aulas mais dinâmicas iguais às desse ano (J. B. P.).*

*Essas aulas vão ficar marcadas, além de aprender, ainda vou ter a lembrança (G. N. F. B.).*

Neste capítulo retomo quais foram os objetivos, as perguntas norteadoras, a base teórica apresentada e a metodologia adotada para esta pesquisa. Em seguida, reapresento os resultados obtidos com a realização deste estudo, e, por fim, faço algumas considerações sobre as limitações da pesquisa e os encaminhamentos para possíveis estudos.

Com o objetivo de analisar um contexto de integração de tecnologias digitais às aulas de inglês no Ensino Fundamental – 9º ano, realizei uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista, tendo como base o Paradigma da Complexidade e as teorias relacionadas às tecnologias digitais e à educação. Para isso integrei tecnologias digitais às minhas aulas de inglês e analisei a minha percepção enquanto professora-pesquisadora e a percepção dos meus alunos frente a essa integração, sendo que os dados foram coletados por meio de narrativas e entrevistas dos alunos, além de notas de campo produzidas por mim durante tais aulas. A análise dos dados, adaptada da proposta de Dörnyei (2011), procurou descrever como se deu a experiência de integração de tecnologias digitais às aulas desse idioma, na minha percepção e na dos estudantes, sendo esta a primeira pergunta norteadora da pesquisa. Ressaltei, ainda, qual foi o processo de mudança que ocorreu nas aulas com a integração desta tecnologia digital, sendo esta a segunda pergunta norteadora da pesquisa.

Assim sendo, os objetivos específicos desta pesquisa foram: relatar as percepções que eu, enquanto professora-pesquisadora, e os alunos tivemos frente a essa integração; analisar quais foram os processos de mudança que ocorreram a partir desta integração de tecnologias digitais às aulas; e refletir sobre tais percepções de forma a propor uma conclusão do trabalho desenvolvido.

O resultado obtido para a primeira pergunta de pesquisa (**Como se deu a experiência de integração de tecnologias digitais às aulas de Inglês na minha percepção e na percepção dos alunos?**), apontou que houve uma desestabilização do sistema, pois o uso de tecnologia digital na escola se restringia

ao uso de computadores e *datashow*, sendo que a utilização do computador era destinada apenas a atividades de pesquisa. Há uma discrepância entre as tecnologias digitais que os discentes usam na escola, se restringindo apenas a essas duas (computador e *datashow*), e às tecnologias digitais que os alunos, considerados nativos digitais, utilizam fora da escola, como computadores e seus diversos sites: Google Tradutor, *Youtube*, *Vagalume*, *English Town*; *tablets*; celulares, jogos de videogame, dentre outros.

Ainda respondendo a esta primeira pergunta norteadora, os educandos consideraram positivo o uso das tecnologias digitais nas aulas, pois elas possibilitaram aulas mais dinâmicas, interessantes e produtivas. Eu, enquanto professora-pesquisadora, concordo com a opinião dos meus alunos, no entanto, percebi com a realização desta pesquisa que as tecnologias digitais, de fato não se normalizaram no cenário escolar, apontando como uma das dificuldades o deslocamento dos discentes para o laboratório da escola.

As características percebidas à luz do Paradigma da Complexidade que mais marcaram o processo de integração tecnológico nas turmas analisadas, compreendidas como sistemas adaptativos complexos, foram a imprevisibilidade, a adaptação, a emergência de novos padrões e a auto-organização.

A imprevisibilidade foi percebida quando os alunos se comportavam de uma maneira diferente da que eu esperava em relação a algum aspecto da aula. O fato de sentarem dois alunos por computador, por exemplo, não tornou a aula indisciplinada e conturbada como eu acreditava que seria. A dificuldade inicial que os alunos tiveram frente a algumas ferramentas do computador, bem como a facilidade que eles lidaram com estas mesmas ferramentas em um segundo contato também se caracteriza como a imprevisibilidade dos SACs.

Frente à imprevisibilidade que se originava na sala de aula, este sistema se adaptava e possibilitava a emergência de novos padrões de comportamento. Dessa forma, era necessário ao sistema se adaptar para que a aula atingisse o seu objetivo, mesmo com as imprevisibilidades que surgiam no decorrer do percurso.

Destaco também o fato de os alunos afirmarem que a presença do professor continua sendo importante mesmo com as tecnologias digitais, e eu reitero que os docentes devem ter bem delimitados os objetivos de se trabalhar com a tecnologia digital em sala para que esse uso não se torne banal e sem propósito.

Além disso, percebi que estamos ainda muito distantes de um estágio de normalização das tecnologias digitais, devido às dificuldades percebidas no processo de integração, no que concerne à limitação de recursos didáticos tecnológicos em boas condições e logística espacial dentro da escola para acesso aos computadores.

Por fim, aponto que a integração de tecnologias digitais às aulas possibilitou uma pedagogia de maior interação, comunicação e autonomia por parte do aluno, sendo descentralizada do professor e culminando em uma Pedagogia de Parceria.

Em relação à segunda pergunta norteadora **(Qual foi o processo de mudança que ocorreu nas aulas a partir da integração dessas tecnologias, no ponto de vista da professora e dos alunos?)**, aponte cinco aspectos vistos como representativos desse processo de mudança, sendo eles: tempo, currículo, papéis, motivação e aprendizagem.

O primeiro aspecto é a noção de tempo, pois as aulas envolvendo as tecnologias digitais foram vistas pelos alunos como sendo mais rápidas. Isso ocorreu pelo fato de eles se envolverem mais nas atividades que faziam em frente ao computador e, dessa forma era natural perceberem que a aula passava mais rápido. Ainda sobre esse fator, os alunos alegaram a preferência que tinham pela escrita no computador em detrimento da escrita no caderno, além de terem apontado a rapidez com que a própria tecnologia respondia a eles, no que diz respeito a um erro de escrita na ferramenta do Word, por exemplo.

Além disso, o currículo foi mudado devido às tecnologias digitais, visto que, não era usado o livro didático nas aulas de inglês. Com isso, todo o conteúdo foi planejado tendo como base aquilo que a tecnologia oferecia e que eu, enquanto professora, considerava adequado para se trabalhar em sala. Notei que, a partir das tecnologias digitais, foi possível planejar um currículo menos centralizado na figura do professor e, assim, mais coerente com a Pedagogia de Parceria que se instaurou nas aulas.

Outro aspecto que se modificou com a integração dessas tecnologias se refere aos papéis dos agentes na sala de aula: professor, alunos e colegas. Tais papéis se tornaram mais flexíveis, e a própria aula fazia emergir diferentes papéis para esses agentes. Nessa perspectiva, todos colaboraram e agiram em sala de aula em prol da realização das tarefas que estimulavam a criatividade e a autonomia dos educandos.

Com isso, pude perceber uma mudança na motivação dos alunos. Todos eles discorrem em suas narrativas que gostaram da integração das tecnologias digitais às aulas, pois assim saíram da rotina escolar que, para eles, é entediante. Os estudantes relatavam que ficaram mais interessados, tinham mais vontade de aprender e prestavam mais atenção nas aulas que envolviam o uso da tecnologia digital.

Finalmente, devido ao fato de a motivação ser aumentada, despertando o desejo do aluno em participar da aula e colaborando para o seu engajamento nas atividades propostas e na produção das tarefas, pude perceber uma mudança na própria aprendizagem. Considero que ao se integrar a tecnologia digital às aulas associada a uma mudança de pedagogia, do falatório por parte do docente para uma pedagogia de maior interação entre os agentes da sala de aula, podemos transformar esse ambiente em comunidades de prática. Com isso, os alunos aprendem e se desenvolvem a partir de uma interação regular que acontece entre eles, sendo essa interação mediada pelo par mais experiente neste ambiente: o professor.

As experiências em “comunidades de prática” de Wenger (1998) poderiam ser mais incentivadas nas escolas, com vistas a contribuir para a aprendizagem do estudante. Mesmo não tendo acontecido comigo nas aulas que embasaram esta pesquisa, acredito que a partir das tecnologias digitais, eu poderia ter criado grupos na Internet, por exemplo. Tais grupos poderiam existir em redes sociais como o Facebook ou, juntamente com os meus alunos, poderíamos ter elaborado um blog ou ainda ter utilizado, de forma mais efetiva e constante, o próprio e-mail que foi criado. No entanto, esse uso não se restringiria apenas a um depósito de atividades e narrativas dos alunos, mas poderíamos compartilhar textos, fotos, vídeos, sites, dentre outros que se relacionassem ao conteúdo que estivéssemos trabalhando. Assim, teríamos outro momento, além da sala de aula, para a construção do conhecimento, envolvendo o estudante também na hora que ele está fora da escola. Com isso, transformaríamos o grupo da sala de aula em uma comunidade de prática online, por exemplo.

Mesmo sendo apenas uma reflexão que surgiu após o desenvolvimento desta pesquisa, creio que a formação de comunidades de prática online pode ser uma grande aliada dos professores para uma atividade que eu, a partir da minha prática docente, vejo como de completo fracasso: realização dos deveres de casa. Percebo



em meu ambiente de trabalho atual e anteriores e em conversas com colegas professores que os alunos não possuem o hábito de realizar tarefas escolares no tempo em que estão em casa. Devido a isso, já participei de reuniões em que discutimos sobre a possibilidade de não mais passarmos deveres de casa, pois o índice de alunos que desenvolvem essas tarefas é mínimo.

Considero, então, que seria interessante realizar um trabalho durante todo o ano letivo com os alunos, para promover a criação e o desenvolvimento de uma comunidade de prática online, bem como integrar as tecnologias digitais às aulas de inglês durante todo esse período, e não apenas em um semestre como foi o caso dessa pesquisa.

Além disso, também vejo como possível realizar um estudo longitudinal com os meus alunos, considerando que também atuo como professora em turmas de 6º anos e poderia acompanhá-las ao longo dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental – 6º, 7º, 8º e 9º anos -, tendo a integração das tecnologias digitais às aulas de inglês como foco e proposta de intervenção.

Também avisto um trabalho feito juntamente com os professores, meus colegas de trabalho, não somente nas aulas de inglês, como também em outras disciplinas. Esse trabalho, baseado em uma relação de parceria e colaboração, envolveria um momento para estudarmos e refletirmos sobre a influência das tecnologias digitais na nossa escola e as possibilidades de utilizá-las em nossas aulas, com o intuito de engajar os discentes nas atividades. Considero o meu ambiente de trabalho muito propício para esse tipo de projeto, pois vejo em meus colegas de profissão abertura para reflexões envolvendo suas práticas. Muitos deles mostram vontade em continuar os seus estudos e ter uma formação continuada a fim de melhor compreender este sistema adaptativo complexo: a sala de aula.

Vale ressaltar que percebo da parte da gestão da escola – diretora, vice-diretora, coordenadores e supervisores - uma boa receptividade para esse tipo de trabalho em grupo, bem como para a execução de diversos projetos na escola. Com isso, entendo que cabe a nós, enquanto professores e responsáveis pela educação que nos é delegada, investir e propor ações que repercutam de forma positiva no trabalho em sala de aula.

Como resultado da experiência propiciada pelo desenvolvimento desta pesquisa, considero que as tecnologias digitais têm muito a contribuir para a educação e a emergência de pedagogias mais adequadas para os alunos que temos

hoje, como a Pedagogia de Parceria. Esta pedagogia possui como importante característica, como o próprio nome sugere, o desenvolvimento da parceria em sala de aula, por meio da interação entre colegas e entre os alunos e o professor. Sendo essa interação mediada pelas tecnologias digitais, possibilita-se então o desenvolvimento de aulas mais interativas, dinâmicas e significativas para o nosso aluno de hoje.

Por meio da conclusão desta pesquisa em meu ambiente de trabalho, pude compreender que os resultados não são tão previsíveis e que muitos são os fatores que influenciam no desenvolvimento de um sistema. Entendo também que são de extrema importância o estudo de diversas questões envolvendo a sala de aula, a reflexão constante de minha prática, bem como a realização de cursos de pós-graduação. Dessa forma, acredito que valorizamos aquele que, em minha opinião, é o agente de maior relevância dentro de sala de aula: o aluno.

Para as aulas de 2015, já me senti desafiada a prepará-las com base em uma pedagogia menos centralizada em mim e tendo as tecnologias digitais como um elemento constante na sala de aula. Relato um acontecimento que considero interessante que ocorreu no primeiro semestre:

Uma turma de 9º ano foi até ao laboratório, pois o professor do horário em questão havia faltado, e a laboratorista, então, pede para que os alunos fiquem no computador fazendo alguma atividade, como jogar. Mas os próprios alunos pediram para ela acessar o *Youtube* e reapresentar um vídeo que se relacionava ao nosso conteúdo e que eu havia trabalhado com eles há algumas semanas. A laboratorista me relata esse fato com muito surpresa, pois os discentes deixaram de “fazer nada” para assistirem novamente a uma aula. Com isso, realmente acredito que os educandos estão ansiosos para aulas mais interativas e divertidas que, ao mesmo tempo, trabalhem o conteúdo de maneira séria e responsável, tornando o aprendizado significativo e real para eles.

Sobre as limitações da pesquisa, aponto as aulas de laboratório que foram desmarcadas. Isso muita das vezes acontecia no mesmo dia em que a aula estava prevista e marcada para acontecer. Os motivos foram variados, como: o uso do laboratório para outro professor que vai à escola apenas uma vez por semana; a falta da laboratorista que estava cobrindo professores faltosos (o laboratório não pode ser utilizado sem a presença de tal profissional); a impossibilidade de uma boa aula no laboratório, pois uma banda se apresentou na escola e o laboratório se

encontra muito próximo do palco (havia muito barulho nesse espaço); por fim, por se tratar de 9º ano, os discentes participam de “trotes” no final do semestre e, em uma de minhas aulas, eles foram liberados para o pátio.

Mesmo sendo a professora na ocasião desta pesquisa, ainda fui aluna, visto que sou discente do programa de mestrado. Apresento algumas dificuldades que atravessei, considerando essa nova experiência de ser também pesquisadora.

A primeira dificuldade se relacionou à quantidade e à intensidade das leituras realizadas, sendo que tal prática não era comum para mim, e o próprio processo de escrita desta dissertação foi algo completamente novo. Como aluna, não entendia que para escrever um texto era necessária a sua reescrita, a reflexão sobre o que estava escrito para uma possível reelaboração. Com isso, me sentia muito frustrada e acreditava que não era capaz de escrever, uma vez que a minha concepção de ensino e aprendizagem ainda era muito linear e baseada em minhas experiências como estudante em outras situações. Nesses contextos, tudo era bem definido: certo/errado, bom/ruim, aprovado/reprovado; mas, com o decorrer do tempo, percebi que o processo de escrita é algo interminável, que sempre pode ser modificado e melhorado. Após entender isso, dediquei-me à escrita desta dissertação e, com isso, pude me ver não só como professora, aluna e pesquisadora, mas também autora. Aprendi, então, aquilo que Clarice Lispector já afirmara: “[...] para escrever, o único estudo é mesmo escrever”.

Destarte, com o desenvolvimento e a elaboração desta dissertação, me vejo cada vez mais como uma professora entusiástica para tornar as minhas aulas cada vez melhores, de forma a valorizar aqueles sob a minha responsabilidade, os meus alunos, utilizando uma tecnologia sem precedentes na história da educação: as tecnologias digitais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: **Tecnologias na escola**. Ministério da Educação. [s.d]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 04 de Abril de 2014.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994. p. 4.
- BARCELOS, A. M. F As crenças de professores a respeito das crenças sobre aprendizagem de línguas de seus alunos. In: GIMENEZ, T. (Org.) **Ensinando e Aprendendo Inglês na Universidade: Formação de professores em tempo de mudança**, Londrina: ABRAPUI, 2003.
- BAX, S. CALL— past, present and future. **System**. v. 31., v.1. p. 13–28, 2003.
- BORELLI, J. D. V. P. **Pensando a relação teoria e prática na formação docente**. [S.l.: s.n.], 2001. 18 p.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRAGA, J. C. F. A presença cognitiva em comunidades de aprendizagem *on-line*. In: PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org.) **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, 2009, p.131-148.
- BRAGA, J. C. F. **Comunidades Autônomas de Aprendizagem online na perspectiva da complexidade**. Tese (Doutorado em Linguagem e Tecnologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007. 207f.
- BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.) **Família & escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BRASIL, **Ministério da Educação**. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2011. [on-line]. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/arquivos/.../125-guias?...pnld-2011-lingua-estrangeira>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- CELANI, M. A. A. Perguntas ainda sem resposta na formação de professores de línguas. In: GIMENEZ, T.; MONTEIRO, M. C. G.(Org.). **Formação de professores de línguas na América Latina e transformação social**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 4 Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes. 1995. p. 15-59.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento Digital. In COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento Digital**: Aspectos Sociais e Possibilidades Pedagógicas. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2005.

DAVIS, B; SUMARA, D. **Complexity and education**: inquiries into learning, teaching and research. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2006.

DEMO, P. **Aprendizagem situada**: discutindo ideias de Gee. Universidade de Brasília, volume 2, n.1 , p. 11-26, Artigo 11, 2007.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e Aprendizagem**: A dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.

DÖRNYEI, Z. Researching complex dynamic systems: 'retrodictive qualitative modelling' in the language classroom. **Language Teaching Online**, Cambridge University Press, 2011.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N. **How to teach English with technology**. Harlow, Essex: Pearson Longman, 2007.

EMERSON, R. M.; FRETZ, R. L.; SHAW, L. L. **Notas de Campo na Pesquisa Etnográfica**. Tendências: Caderno de Ciências Sociais. 2013. Nº 7, 2013 ISSN: 1677-9460.

FERREIRA, A. J. Uma leitura da sociedade da informação: novos horizontes, novos temores. In: GIRAFFA, L. M. M. *et al.* **(Re)invenção pedagógica?** Reflexões acerca do uso de tecnologias digitais na educação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

FERRER CERVERÓ, V. **La crítica como narrativa de las crises de formación**. In: LARROSA, J. *Déjame que te cuente*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

FLEISCHER, E. Caos/complexidade na interação humana. In: PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org.) **Sistemas adaptativos complexos**: lingua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, 2009, p.73-92.

FRANCO, C. P. **Autonomia na aprendizagem de inglês**: um estudo de caso com nativos digitais sob as lentes do caos e da complexidade. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. 201p.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEE, J. P. Simulations and bodies. In: GEE, J. P. **Situated Language and learning.** A critique of traditional schooling. 2009. p. 39-56.

\_\_\_\_\_. **Video games and the future of learning.** 2004.

GIRAFFA, L. M. M. Docentes analógicos e alunos da geração digital: desafios e possibilidades na escola do século XXI. In: GIRAFFA, Lucia Maria Martins. *et al.* **(Re)invenção pedagógica?** Reflexões acerca do uso de tecnologias digitais na educação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

GLEICK, J. **Chaos:** making a new science. New York: Penguin, 1987.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa:** Tipos Fundamentais. Revista de Administração de Empresas. 35 vol. São Paulo, 1995. 29 p.

KRAMSCH, C. Ecological perspectives on foreign language education. **Language Teaching.** Cambridge, v.41, n.3, p. 389-408, Julho, 2008.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 2008, 287 p.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. **Applied Linguistics.** Oxford: Oxford University Press, v. 18, n. 2, 1997, p. 141-165.

\_\_\_\_\_. Language acquisition and language use from a chaos / complexity theory perspective. In: KRAMSCH, C (Ed.). **Language acquisition and language socialization– ecological perspectives.** London, New York: Continuum, 2002. p. 33–46.

LEFFA, V. J. **A lingüística aplicada e seu compromisso com a sociedade.** Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.

\_\_\_\_\_. **Pra que estudar inglês, profe?:** Auto-exclusão em língua-estrangeira. Claritas, São Paulo, v. 13, n. 1, 2007.

\_\_\_\_\_. Transdisciplinaridade no Ensino de Línguas: A Perspectiva das Teorias da Complexidade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 6, n.1. 2006.

MARTINS, A. C.; BRAGA, J. C. F. Caos, complexidade e lingüística aplicada: diálogos transdisciplinares. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 215-235. 2007.

MARZARI, G. Q. **“Quem me ensinou o inglês que ensino?”** A influência das tecnologias digitais na constituição da identidade do professor de línguas do século XXI. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2014, 228 f.

MCLUHAN, H. M. **Understanding Media: The Extensions of Man**. New York: The New American Library, 1964.

MEDNE, K.; MURAVSKA, T. Interdisciplinarity: Dilemmas within the Theory, Methodology and Practise. In: MURAVSKA, t.; OZOLINA, Z. **Interdisciplinarity in Social Sciences: Does It Provide Answers to Current Challenges in Higher Education and Research?** Riga, University of Latvia Press, 2011, p. 66-86.  
MESKILL, C. Metaphors That Shape and Guide CALL Research. In: EGBERT, J.L.; PETRIE, G.M. **CALL. Research Perspectives**. Mahwah, New Jersey, 2005, p. 25-40.

MICCOLI, L. O ensino na escola pública pode funcionar desde que... . In: LIMA, D. C. (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** uma questão, múltiplos olhares. São Paulo. Parábola Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Pesquisa experiencial em contextos de aprendizagem: Uma abordagem em evolução**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

MIRANDA, M. A. L. **Uso de ferramentas digitais no desenvolvimento de habilidades orais: um estudo sobre a autonomia do aprendiz à luz da complexidade**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2015, 190 f.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

MORAES, A. A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação**. Manaus: Ed. Da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2009.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

NELSON, C. P. **The role of networks in learning to write**. In: Complexity Science and Educational research conference, 2004, Chaffey's Locks, Proceedings. Canada. p. 91-105.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Triom : São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www.ruipaz.pro.br/textos/manifesto.pdf>>. Acesso em 12 de Setembro de 2014.

NISKIER, A. **Tecnologia educacional**: uma visão política. Petrópolis: Vozes, 1993. 182 p.

OLIVEIRA, C. S. **Metodologia científica, planejamento e técnicas de pesquisa**: uma visão holística do conhecimento humano. São Paulo: LRT, 2000.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa?** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo, Scipione, 1993.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

PAIVA, V. L. M. O. Caos, complexidade e aquisição de segunda língua. In: PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org.) **Sistemas adaptativos complexos**: lingua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, 2009a, p.187-203.

\_\_\_\_\_. **English Language Teaching and learning in the Age of Technology**. Palestra no III Congresso Internacional da ABRAPUI. 2012. Disponível em: <<http://veramenezes.com/abrapui2012.pdf>>. Acesso em 09 de Setembro de 2014.

\_\_\_\_\_. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras**: breve retrospectiva histórica. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>>. Acesso em 25 de janeiro de 2013.

\_\_\_\_\_. Modelo fractal de aquisição de línguas. In: BRUNO, F. C. (Org.) **Reflexão e Prática em ensino/aprendizagem de língua estrangeira**. São Paulo: Editora Clara Luz, 2005. p. 23-36.

\_\_\_\_\_. O computador: um atrator estranho na educação linguística na América do Sul. In: **RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação**. v. 1, n.1. 2009b. ISSN 1679-191. Disponível em: <<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/indes.php>>. Acesso em 28 de Abril de 2014.

PALAZZO, L. A. M. **Modelos proativos para hipermídia adaptativa**. Tese (Doutorado em Computação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Informática Porto Alegre, RS, Brasil. 2000, 114 f.

PARREIRAS, V. A. **A sala de aula digital sob a perspectiva dos sistemas complexos**: uma abordagem qualitativa. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2005.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics**. A Critical Introduction. London: Lawrencen Erlbaum Associates, 2001.

PRENSKY, M. **Teaching digital natives**: Partnering for real learning. California: Corwin, 2010.

\_\_\_\_\_. **From digital natives to digital wisdom**: Hopeful essays for 21<sup>st</sup> century



learning. California: Corwin, 2012.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. p. 68-80.

RAMOS, R. C. G. (Org.) **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

REGO, T. C. **Vygotsky**: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

RESENDE, L. A. S. **Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do caos e dos sistemas complexos**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009, 305 f.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis, Vozes, 2004, 110 p.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SILVA, M. Internet na escola e inclusão. In: **Tecnologias na escola**. Ministério da Educação. [s.d]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 04 de Abril de 2014.

SILVA, V. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) na perspectiva da teoria da complexidade e do caos: uma releitura. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.) **Sistemas adaptativos complexos**: lingua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, 2009, p. 173 – 185.

SILVA, V. **A Dinâmica caleidoscópica do processo de aprendizagem colaborativa no contexto virtual**: um estudo na perspectiva da complexidade/caos. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2008, 237 f.

SILVA, V. E. C. **Histórias de uma professora e o uso da tecnologia digital**: o chat educacional em um contexto de ensino de inglês. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística, Uberlândia, 2014, 165 f.

SILVEIRA, L. S. **O limite do caos na sala de aula**: um estudo sobre o uso de *netbooks* em aulas de inglês à luz da complexidade. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística, Uberlândia, 2015, 170 f.

SOUZA, V. V. S. Ambiente virtual de aprendizagem e diário de bordo: sistemas adaptativos complexos. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.) **Sistemas**

**adaptativos complexos:** língua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, 2009a, p.93-112.

TELAROLLI, T. M. **Gestão da informação no jornalismo on-line:** estudo do portal Campo Grande News. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2007, 167 f.

TONIDANDEL, I.; MAISSIAT, J.; CAMARGO, L. S. **As Demandas Sociais e Tecnológicas:** o docente e a internet. 1 vol. Rio Grande do Sul: Unirevista, 2006.

VAN LIER, L. **The ecology and semiotics of language learning:** a sociocultural perspective. Boston: Kluwer Academic, 2004.

VAZ, A.; MENDES, R.; MAUÉS, E. **Episódios e narrativas de professores** – experiências e perspectivas docentes discutidas a partir da pesquisa sobre o conhecimento pedagógico de conteúdo. ANPED. 2001.

VETROMILLE-CASTRO, R. A entropia sócio-interativa e a sala de aula de (formação de professores de) língua estrangeira: reflexões sobre um sistema complexo. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.) **Sistemas adaptativos complexos:** língua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, 2009, p.113-130.

VIEIRA, R. C. **Novos Rumos para a Linguística Aplicada Contemporânea.** Revista Odisseia, [S.l.]. Disponível em <<http://ufrn.emnuvens.com.br/odisseia/article/download/2052/1486>>. Acesso em: 18 de Fevereiro de 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WARSCHAUER, M. In the Digital Age - Going One-to-One. In: **Educational Leadership.** Alexandria/EUA, v. 63, n. 4, 2006, p. 34-38. Disponível em: <[http://imoberg.com/files/Going\\_One-to-One\\_Warschauer\\_M\\_.pdf](http://imoberg.com/files/Going_One-to-One_Warschauer_M_.pdf)>. Acesso em: 23 de Setembro de 2014.

WEILER, L. **A educação e a sociedade atual frente às novas tecnologias.** [S.l.: s.n.], 2006

WENGER, E. **Communities of practice.** Learning, Meaning and Identity. Cambridge University Press. 1998.

WERNECK, H. **Computador para os professores:** revolução, medos e alegrias. Jornal Virtual Profissão Mestre. Ano 6. nº 68, 2008.

## ANEXO A – NARRATIVAS DOS ALUNOS

### NARRATIVA 01

#### **ALUNO: A. S. C.**

- 1)Fazer um texto na sala e bom para o aprendizado do inglês, eu gosta para o meu conhecimento do inglês.
- 2) Eu gostei de passar para email, porque mostra que o inglês estar em todo lugar na internet e na redes sociais.
- 3)Eu achei a aula de laboratório mais interessante,porque foi mais interessante as imagens do que a fala de uma pessoa na sala .
- 4)O inglês e fácil nas aulas ,eu aprendo muita coisa pois a professora ensina legal as aulas acho que com vontade tudo e passível.
- 5)A tecnologia ajuda para o aprendizado do inglês e para o ensinamento.
- 6)de 0 a 10 eu daria uma note do parágrafo que eu fiz de 8.

### NARRATIVA 02

#### **ALUNO: A. L. T. O.**

- 1: Sim as vezes vamos ao laboratório,fazemos pesquisas,trabalhos de inglês.Mais não usamos computadores todos os dias nem na sala de aula.Eu acho que deveríamos usar mais.
- 2: Data-show,computadores etc.Uso o tablet em casa.Mais não estudo inglês fora da escola.
- 3: sim porque a internet facilita o estudo de qualquer matéria sendo assim mais fácil e pode ser ate mais divertido aprender inglês.
- 4: Tem pouco uso da tecnologia porque os professores não usam muita tecnologia eles preferem o livro para aprender mais.

### NARRATIVA 03

#### **ALUNO: A. B. V. S.**

- 1-NÃO. EUME SINTO RUIM POIS SE PUDESSEMOS USAR CELULAR,COMPURTADORES OUTRAS COISAS COM INTERNET PODERIAMOS SER MAIS ADIANTADOS EM RELAÇÃO AS OUTRAS ESCOLAS E PODERIAM APRENDER MAIS,AS AULAS SERIAM MELHORES E MAIS DIVERTIDAS.MAIS AS VEZES USAMOS DATASHOW PARA CORRIGIR AS PROVAS.
- 2-ÀS VEZES USAMOS DATASHOW PARA CORRIGIR AS PROVAS ÀS VEZES EU USO O CELULAR E JOGOS PARA APRENDER INGLES.
- 3-SIM. SE USAR A INTERNET PODERIA FAZER COM QUE NÓS INTERASSE MAIS POR INGLES E COM QUE NÓS APRENDESSE MAIS.
- 4-SIM. OS PROFESSORES USAM POUCA A TECNOLOGIA TALVEZ POR NÃO TER MUITAS NA ESCOLA OU PORQUE A POUCA QUE TEM GERALMENTE ESTÁ ESTRAGADA E TEM POUCO PARA MUITOS ALUNOS.

#### NARRATIVA 04

##### **ALUNO: A. G. T. G.**

- 1-não por que eu não gosto de ficar copiando
- 2-sim por que e mais pratico mais fácil e mais rápido
- 3-eu achei mais interessante as aulas no computador por serem mais rápidas e mais praticas
- 4-eu acho que eu estou aprendendo por que a professora explica bem
- 5-eu acho que aprendi algumas coisas mais outras eu já sabia
- 6-eu me daria uma nota

#### NARRATIVA 05

##### **ALUNO: A. F. V.**

- 1)TECNOLOGIA É USSADA NA ESCOLA NO LABORATORIU MAIS DE VES ENQUANDO ...
- 2)EU UTILIZO O LIVRO DA ESCOLA PARA APRENDER INGLES E EM CASA EU USO O CELULAR MAIS PARA FALA INGLES E EU ISSO O PROGLAMAQUE FALA INGLES AI EU REPITIR AS FALA EM INGLES. 3) SIM PORQUE ME AJUDA MAIS NO APRENDIZADO EM INGLES ...
- 4)TEM POUCO USO DA TECNOLOGIA PORQUE NOIS VAI MUITO DE VES ENQUANDO POR LABORATORIU...

#### NARRATIVA 06

##### **ALUNO: A. B. V. V. C.**

- 1- Tecnologia não é usada nas aulas de inglês seria bem mais facil para os alunos se tivesse o material para as aulas de inglês pois ajudaria bastante.
- 2- Na escola para facilitar as aulas de vez em quando nós usamos os computadores da sala de informática e o data show.Mas em casa eu uso o meu celular para pesquisar algumas coisas que tenho um pouco de dificuldade em inglês.
- 3- Sim pois a tecnologia ajuda muito as aulas e fica mais interessante e não deixa duvidas.
- 4- Aqui na minhas escola tem pouca tecnologia e pouco uso da tecnologia.Pois as tecnologia que tem usamos bem de vez em quando.

#### NARRATIVA 07

##### **ALUNO: A. F. V.**

- 1)sim..porque eu comecei aprender inglês mais fácil.
- 2)sim..porque eu aprender a envier email.
- 3)Eu gostei dos dois porque com essa aula eu tou aprendedo muito com a professora.
- 4)sim..Estou aprendendo inglês fácil porque a professora sabe ensina .
- 5)sim..porque ela tbm ensina quem não sabe envier email também.
- 6)Minha nota 10 porque eu aprender muito em inglês. LinguaInglesaLinguaInglesa

#### NARRATIVA 08

##### **ALUNO: A. B. V. V. C.**

- 1-Sim eu gostei de fazer o texto na sala,pois La a professora tirou todas as duvidas e ajudou a elaborar o texto.
- 2-Sim eu gostei de escrever o texto no computador e passar por email,porque ficou diferente de todas as aulas normais.

3-Eu gostei das aulas de laboratório porque ficou mais interessante e eu entendi mais pois me chamou mais atenção .  
 4-Sim eu to entendendo bem a matéria pois o jeito que a professora explicou dando os exemplos me ajudou muito e deixou a matéria mais fácil.  
 5-Sim pois antes não sabia enviar as coisas por email e a professora ensinou passo a passo e eu aprendi.  
 6-Se fosse pra mim dar nota para o meu próprio aprendizado de 0 á 10 eu daria uns 9,7 pois eu aprendi muito mais nas aulas de laboratório e o meu desempenho melhorou muito agora to entendendo mais da matéria de inglês.

#### NARRATIVA 09

##### **ALUNO: A. B. V. V. C.**

Sim, eu gostei do resultado, porém não participei da aula.  
 Uma das aulas eu participei porém não deu para fazer pois a internet é lenta e não carregou muito bem o site.  
 Sim, aprendi: god, chocolate, love e etc.  
 Eu não participei da aula Word Cloud porém achei legal o quadrinho feito pelos meus colegas.  
 Eu não participei da aula do quadrinho mais os meus familiares iriam achar interessante.  
 Porque a tecnologia ajudou para enviar as atividades para a Jéssica.  
 Um pouco dos professores usa sim a internet mais muito pouco, apenas para pesquisa.  
 Sobre o painel virtual eu não fiz pois eu esqueci.  
 Sim, seria legal pois com o resultado talvez até incentivaria alguns professores a fazer trabalho semelhantes.

#### NARRATIVA 10

##### **ALUNO: A. S. C.**

1.Sim,existe tecnologia nas aulas de inglês,usamos computadores,data-show,usamos nos laboratórios de informática,é usado para nós aprendermos mais sobre inglês,e também para completar as aulas.  
 2.A tecnologia que usamos para aprender na escola é o computador,fora da escola eu uso o Google tradutor,mais nem sempre só as vezes.  
 3.Sim,a tecnologia influencia a aprendizagem de inglês,porque é uma forma nova de aprender.  
 4.Tem pouco uso da tecnologia na escola,pois computadores para todos usarem tem,mais nem sempre vamos para a sala de informática usa-los.

#### NARRATIVA 11

##### **ALUNO: A. L. F. D.**

1:Sim é usado tecnologia na aula de inglês como computador e data show nos usamos esses equipamentos na sala de informática e na sala de aula no computador já usamos para aprender a escrever melhor tanto o inglês como o português e o data show para vermos vídeos em inglês  
 2:Utilizamos o data show para ver vídeos para aprender inglês,fora da escola nos utilizamos o computador e o celular,utilizamos o Google tradutor para traduzir textos de português para inglês e vice e versa.  
 3: Sim eu acredito que a tecnologia pode influenciar no desenvolvimento em inglês e também acho que deveríamos usar mais.  
 4:eu acredito que tem pouca tecnologia e pouco uso dela porque deveríamos utilizar mais os novos meios de aprender inglês por meio da tecnologia e ter mais uso dela em sala de aula.

NARRATIVA 12**ALUNO: A. M. N. M.**

- 1- Nas nossas aulas de inglês já utilizamos vários tipos de tecnologias tais como data-show, tivemos aulas com musicas, aulas com computadores no laboratório, e aulas com musicas são executadas dentro da sala de aula.
- 2- A tecnologia e uma forma de aprendizado usada no inglês, são usadas diversas formas de tecnologia nesse tipo de aprendizado: Data-show, computadores, equipamentos musicais, e fora da escola são usadas tais formas: celulares, computadores , Google tradutor, muitas vezes ouvimos uma musica em inglês e sem perceber estamos também aprendendo o idioma, em jogos também muitas das vezes instruções e dias estão em inglês e isso ajuda sem que perceba na aprendizagem.
- 3- O mundo hoje em dia esta cada vez mais tecnológico, e varias coisas de hoje em dia depende bastante da tecnologia, que influencia nos vários aspectos exigidos na atualidade, e temos que estar cada vez mais atualizados sobre a tecnologia.
- 4- Na escola que eu estudo há tecnologia porem não e muito usada, devia ser mais explorada, são poucas as coisas que são usadas aqui, talvez seja por falta de conhecimento ou outra coisa, mas esse uso mais continuo da tecnologia aqui iria beneficiar o aprendizado não só do inglês mas também de outras matérias.

NARRATIVA 13**ALUNO: A. M. N. M.**

Fizemos um "text about me" na sala, gostei bastante porque foi uma atividade diferente, nova , interessante, depois tivemos uma aula no lab que foi bem legal e interessante pois passamos para o Word e enviamos para o email, essa aula foi no caso melhor que a da sala, essa maneira de aprender inglês tem facilitado o aprendizado das matérias, e alem de aprender o inglês em si, também estamos aprendendo sobre tecnologia, o aprendizado tem melhorado bastante com esse novo método utilizado de 0 á 10 , merece uma nota 9, pois e interessante mas nem todos estão conseguindo com facilidade.

NARRATIVA 14**ALUNO: A. S. C.**

- 1.Eu gostei dos sites apresentados,eu não conhecia os sites.
- 2.Slm eu gostei dessas aulas,porque foi facil de fazer e rapidinho eu aprendi.
- 3.Slm eu acho que aprendi vocabulário.
- 4.Ter finalizado a aula da "Word Cloud" com os quadrinhos foi bem legal,pois assim fica tipo que uma lembrança da aula.
- 5.A reação dos meus pais ao ver o quadrinho foi de alegria,pois eles não sabiam que eu estava aprendendo isso.
- 6.A tecnologia colabora bastante para as aulas desse tipo.
- 7.Não,essa foi a primeira vez que foi usado na escola.
- 8.Seria legal,pois nós iriamos compartilhar oque aprendemos com as outras pessoas.

NARRATIVA 15**ALUNO: A. M. N. M.**

- Eu, mesmo nao conhecendo nenhum dos sites apresentados, gostei de conhecer.
- 2- Gostei porque sao aulas diferentes.
  - 3- Com essas, aulas aprendi um pouco mais sobre vocabulario.
  - 4- Ter finalizado a aula da 'Word Cloud' com os quadrinhos foi bem legal pois assim fica tipo que uma

lembrança da aula.

5- Ainda não mostrei para minha mãe, o resultado da aula (quadrinho).

6- A tecnologia colabora bastante para aulas desse tipo.

7- Essa foi a primeira vez que isso foi usado na escola.

8- Tipo, seria legal, mais eu só não curti muito a parte de postar no nosso próprio Facebook.

9- Iai? Iai que foi bem legal hehe

#### NARRATIVA 16

**ALUNO: A. L. F. D.**

Os sites apresentados nas atividades que a professora mostrou foi ótimo e interessante por que foi uma forma melhor de se divertir aprendendo porém eu não conhecia e nunca tinha ouvido falar sobre ele mais com isso eu gostei das aulas por que eu me diverti e ao mesmo tempo eu estava aprendendo, eu acho que aprender um pouco o vocabulário e se eu estiver em um lugar eu acho que me lembro um pouco de cada palavra e consigo entender. O a aula do word cloud foi uma aula boa e uma ótima experiência por ter finalizado com os quadrinhos mostrou o que conseguimos fazer com isso e sem falar que a reação dos meus pais foi ótima ao ver que estamos desenvolvendo o inglês de forma boa e prática mais para isso ser realizado foi preciso da tecnologia ou seja da internet sem ela não teríamos realizado essa atividade na minha opinião se usássemos mais a tecnologia as aulas ficariam mais interessantes nunca nenhum professor tinha utilizado a internet para dar uma aula e quanto o painel virtual se ele tivesse sido usado para postar no Facebook ele estaria motivando alunos e professores a ter uma aula melhor quanto aos professores deveriam usar mais a tecnologia em sala pois está despertando uma vontade de estudar nos alunos.

#### NARRATIVA 17

**ALUNO: A. L. T. O.**

Eu gostei muito dos sites apresentados nas aulas eu não conhecia esses sites, eu gostei muito dessas aulas foi diferente, interessante.

Eu aprendi nas aulas o vocabulário, eu gostei das aulas do word cloud que finalizou com os quadrinhos, minha mãe gostou muito do quadrinho que eu fiz na aula todos gostaram, eu gostei muito das aulas a tecnologia colaborou para elas ficarem melhores, diferentes. Quase nenhum professor usa a internet, mais é a professora Jessica. Eu fiz o painel virtual gostei achei muito legal. O painel seria postado no Facebook eu acho que seria legal as outras pessoas verem nossas produções. As aulas estão cada vez mais interessantes, diferente, e legal.

#### NARRATIVA 18

**ALUNO: B. M. P. T.**

1) Sim, e usada tecnologia nas aulas, são usados computadores as vezes, Nas salas de informática da escola, Em trabalhos ou atividades.

2) Com músicas para influenciar o aprendizado do inglês. Sim, nos jogos, filmes, no celular, etc.

3) Sim, porque com a ajuda de celular notebook tablet ajudaria e seria melhor do que usar cadernos.

4) Os 2, Porque tem muita tecnologia e pouco uso dela, tem Wi-Fi mas não pode usar, nós podemos ter celular tablet qualquer coisa que é proibido.

### NARRATIVA 19

#### **ALUNO: B. M. P. T.**

- 1)Sim,gostei do site apresentado pois oferece um jeito novo de demonstrar amor pra alguma pessoa ou familia,eu não conhecia esse site.
- 2)Eu gostei das aulas,porque foi interativa e eu mesmo pude escolher os nomes
- 3)sim,aprendi algumas palavras como: Peace,happinnes.
- 4)Achei muito legal o quadro com o nome das pessoas no quadro.
- 5)Eu não mostrei pra minha familia o quadro
- 6)A tecnologia era exencial para terminar o exercicio no word cloud ,pois sem internet nao teria como finaliza-lo.
- 7)Nas aulas de ingles que vamos pra pro laboratorio o mais importante ea internet.
- 8)Eu perdi a aula do painel virtual, mas apesar de não ter vindo a professora ja me deu uma noção de como seria essa atividade.
- 9)Eu acho que ficaria legal se depois de terminado o painel virtual fosse postado no facebook.

### NARRATIVA 20

#### **ALUNO: B. M. D. L.**

Eu gostei bastante dos sites apresentados,porque isso proporcionou mais conhecimento  
 Eu nao conhecia ossites ,mais agora conheço e posso fazer varios trabalhos nos sites apresentados  
 achei melhor as aulas nesse conteudo do laboratorio  
 Agora sei sites de entreterimento de ingles,aprendi varios vocabularios de ingles queu  
 nao fiz por que nao tive tempo  
 nenhum professor tivemos aulas no laboratorio

### NARRATIVA 21

#### **ALUNO: B. J. S.**

- 1-tecnologia é usada na aula de inglês . E nas aulas e usado bastante data show e no laboratório de informática, vídeos .
- 2-Na escola: data show, som, computador.  
 Fora da escola: computador.
- 3- eu acho que a tecnologia ajuda bastante no aprendizado. pois eu fico interessada, eu presto mais atenção .
- 4-na escola e pouco usada a tecnologia não sei porque isso acontece.

### NARRATIVA 22

#### **ALUNO: B. C. S. A.**

- 1-SIM, nós já usamos o computadores,já ouvimos musicas, o data-show. O computador a gente usou no laboratório de informática,a musica na sala de aula e o data-show também foi usado na sala de aula.
- 2-Na escola o computador e o data-show , em casa eu aprendo jogando vídeo game e olhando no tradutor.
- 3-sim, o Google tradutor,e tradutor no celular ..
- 4- Pouco uso da tecnologia, Por que as aulas são mais dentro de sala de aula com o uso do caderno e livro.



NARRATIVA 23**ALUNO: B. C. S. A.**

1. Não, eu achei meio complicado ;
2. Sim, foi até mais fácil e mais rápido ;
3. Sim, porque realmente foi mais tranquilo ;
4. Sim, é meio difícil mais e compreensível ;
5. Sim, usamos muita tecnologia ;
6. Ainda sim me daria 6 . tenho algumas dificuldades ;

NARRATIVA 24**ALUNO: B. C. S. A.**

Sim, gostei dos sites, mas não os conhecia. Sim, gostei das aulas foram super diferentes. Sim, algumas palavras diferentes tipo: union, family, god, e algumas outras. A atividade do Word Cloud foi bem legais e os quadrinhos foi uma ideia diferente.

Na verdade, o comportamento da minha família não alterou, somos meio afastados.

Sim, conheci diferentes sites. Que eu me lembre não. Não fiz em casa, não possui internet. Sim, mais gente vai poder experimentar e

NARRATIVA 25**ALUNO: C. B. M. S.**

1\_ Nas aulas de inglês a tecnologia não é muito mais de vez em quando nos usamos o data show ou uma caixinha de som.

2: Computadores data show entre outras , fora da escola eu uso computador e tablet

3: Acho que sim pois é menos trabalhoso de escrever entre outras funcionalidades como o data show e melhor para o professor.

4: Acho que tem bons computadores mas é muita gente para usar então fica meio complicado de usar muito esses computadores o data show até que é utilizado bastante , acho que podíamos vir mais as aulas de laboratório de informática.

NARRATIVA 26**ALUNO: C. G. F. O.**

Sim, eu gostei porque é uma coisa a mais que eu aprendi. Eu não conhecia nenhum dos sites. Eu gostei da aula porque é uma diferente das outras e é uma coisa nova que agente aprende.

Sim, love, god, friendship.

Achei bom o negócio do quadrinho, legal.

Minha família ficou interessada e impressionada com o quadrinho.

Sim, porque sem a tecnologia não tinha como fazer aqueles efeitos.

Não, eles só ia e mandaria nos pesquisar e copiar, só.

Eu não fiz porque eu não sabia.

Sim, para todo mundo ver uma coisa nova.

NARRATIVA 27**ALUNO: D. L. S.**

1: Sim a tecnologia é usada no dia dia - acesso à informação chegassem às salas de aula. Tablets,

lousas digitais, datashow, redes sociais e sites educativos se tornaram grandes parceiros do os professores na hora de ensinar.

2: A tecnologia que eu uso é computador, celular, tablets, etc.

3: Sim porque a maioria das palavras são em inglês e apesar de falarmos inglês.

4: Sim porque hoje no mundo está mais evoluída a tecnologia e mais avançada.

#### NARRATIVA 28

##### **ALUNO: D. A. C.**

1. Sim, ela é usada para ajudar o agente a aprender mais rápido, é usada em computadores.

2. Usamos o computador ou data-show em músicas e videogames.

3. Eu acredito sim, pois podemos aprender mais rápido, ter aulas mais interessantes.

4. Sim, um pouco, pois não saímos muito para as aulas teóricas, poderíamos sair mais e ter aulas diferentes.

#### NARRATIVA 29

##### **ALUNO: D. J. G. C.**

1: tecnologia é usada nas aulas de inglês assim como computadores no laboratório de computação

2: na escola eu uso computadores em casa jogo vídeo game e aprendi muito com isso aprendi muitas palavras e frases

3: sim deixa as aulas mais interessantes e mais legais e fáceis de aprender

4: tem tecnologia mas é pouco usada para ensino e quando é usada nas aulas as aulas ficam mais legais mas tem muita gente para usar os computadores e por isso fica complicado

#### NARRATIVA 30

##### **ALUNO: D. F. L. C. Q.**

1: Não, eu me sinto lesado

2: livros, e dicionário

E fora da escola eu uso vídeo game

3: a tecnologia não ia melhorar ia melhorar e o professor, o livro, e os alunos

4: pouco uso: porque nós não precisamos só de tecnologia mas sim dos professores

#### NARRATIVA 31

##### **ALUNO: D. A. C.**

1) Sim. Eu gostei de fazer o texto sobre mim.

2) Sim. Pois é bem melhor passar por e-mail do que ficar em folha.

3) Eu achei mais interessante no laboratório, porque foi mais divertido do que na sala de aula.

4) Sim. Estou aprendendo mais sobre o inglês.

5) Sim, a digitar melhor.

6) Entre 0 a 10, eu acho que minha nota seria de 5.

### NARRATIVA 32

**ALUNO: D. F. L. C. Q.**

eu gostei dos sistema que a professora jessica passou mas eu não conhecia mais eu gostei da aula porq eu achei interessante escrever os nomes das família eu aprendi em inglês love canada, snowflake, family, union achei muito legau a atividade word cloud porq nos colocamos nossa família nessa quadrinho e foi muito legal mas eu não fisso o quadrinhos mas eu achei interessante essa tecnologia para essas aulas eu tentei fazer um painel virtual mas a internet tava fraca ai por isso eu não fiz eu ia acha legal talvez as pessoas do fecebook ia acha legal ia fazer também fim.

### NARRATIVA 33

**ALUNO: D. P. M.**

- 1 não, eu me sinto doente por não usar tecnologia .
- 2 computador,nasala de informática .
- 3 sim,porqu

### NARRATIVA 34

**ALUNO: D. P. M.**

- 1-sim gostei muito porque eu não conhecia os sites
- 2-sim porque sempre e bom conhecer coisas novas
- 3-sim alguns vocabolário
- 4-achai muito emteressante e bonito
- 5-diferete porcausa das palavra em inglês
- 6-sim pois mos tenos mais intemedade com o computador
- 7-não
- 7.1sim diferente
- 8-sim porque as pessoas veria o que nos fazemos na escola

### NARRATIVA 35

**ALUNO: E. D. S.**

- 1.sim porque e bom também fazer atividades em sala.
- 2.eu, gostei de passar para o Word porque e uma aula diferente que nos não temos sempre.
- 3.pra mim a mais interessante e a que nos fazemos no laboratório de informática.porque e muito bom se distrair com aulas diferentes fora da sala.
- 4.eu,acho que a matéria não esta facil fica difícil pra quem não quer aprender.eu estou conseguindo aprender algumas coisas mas as difícil logo,logo eu aprendo.
- 5.sim.eu estou aprendendo tecnologia fazendo textos e enviando por e-mail e legal fazer estas coisas as vezes.
- 6.eu daria pra meu parágrafo que entendi nota 9,5.

### NARRATIVA 36

**ALUNO: E. S. S.**

Sim, gostei porque pode aprender mais o inglês e ainda fui para o laboratório de informática.  
Sim, pois foi uma aula muito interessante e foi muito aproveitada para me.  
A do laboratório porque foi mais interativa e todos coperaram com a aula.  
Estou aprendendo ainda mais e estar mais fácil de entender com as aulas de laboratório.

Sim, porque alem de estar aprendendo o inglês, estamos aprendendo alguma coisas a mais de tecnologia.  
Daria a nota 9 ou 10.

### NARRATIVA 37

#### **ALUNO: E. D. S.**

Eu gostei dos sites apresentados foi bom conhecer esses sites que eu não conhecia.eu gostei muito das aulas porque sao aulas boas interativas aprendemos muitas coisas legais.sim eu aprendi algumas palavras no vocabulario de ingles.eu achei muito boa a aula do word cloud e os quadrinhos foi muito bom e legais.a reação deles foi de alegria por ver o que eu tinha feito para eles gostaram muito do quadrinho.sim eu acho que a tecnologia colaborou muito com as aulas. nao nenhum professor tinha usado internet com nos so a profeswssora de ingles eu nao fiz o painel virtual porque eu nao tinha computador.sim eu acharia legal que outra pessoas tivessem visto no painel virtual foi muito legal fazer essas aulas interativas com uso da internet

### NARRATIVA 38

#### **ALUNO: E. F. F.**

- 1- E usado tecnologia nas nossas aulas de inglês, já ouvimos musicas e vemos vídeos. Ela já levou para a sala data-show e som.
- 2- Para aprender inglês na escola eu utilizo musicas e vídeos para entender melhor, eu ainda não usei nada para me ajudar a aprender inglês fora da escola mas pretendo.
- 3- Acho que as aulas de inglês pode influência nu meu aprendizado, por que futuramente eu vou precisar saber pelo menos o básico e sem as aulas não tem como.
- 4- Na escola que eu estudo tem muita tecnologia mais nos usamos raramente.

### NARRATIVA 39

#### **ALUNO: E. S. S.**

eu gostei dos sites que usamos para fazer as atividades,nao conhecia os sites.  
sim,por que foi divertida e aprendemos muintas palavras em ingles.  
sim,aprendie palavras do vocabulário tanto como escrever como falar.  
achei a aula do word cloud ter terminado com os quadrinhos por que ficou muito legal com as cores e as palavras que usamos que é relacionada a familia.  
meus pais ficaram supresos com o quadrinho e acharam muinto interessante a finalidade do trabalho que é unir ainda mais com a nossa familia.  
na minha opiniao as aulas com tecnologias ficam bem melhor. Nenhum professor ainda nao tinha usado aulas com internet.  
eu nao fiz o painel virtual em casa por que nao tenho aseso a internet em casa.  
seria bem legal se outras pessoas fisem nossas atividades no facebook.  
muito legal a aula e bem interessante

### NARRATIVA 40

#### **ALUNO: F. G. P. C. S.**

Eu gostei desses sites apesar de um deles nao funcionarem aqui na escola mas do outro eu gostei, eu nao conhecia o site e primeira vez que qu entrei nele, quanto as aulas eu gostei delas porque nao tivemos que copiar e foi mais descontraido, e tambem nessas aulas eu aprendi algumas palavras tambem como fly entre outras a word cloud terminu em quadrinhos isso foi interesçante ficou muito legal o resultado.

Bom meus familiares não tiveram a oportunidade de ver pois me esqueci de mostrar a eles, com a tecnologia as aulas de inglês ficaram melhores do que antes estamos nos divertindo mais do que quando ficávamos copiando em sala, a tecnologia já foi usada pelo professor de ciências o ano passado mas os outros foi só pesquisa e jogos quando algum professor falta mas esse ano ainda não tivemos ninguém fora a professora de Inglês, eu não estava muito empolgado para colocar no face não mas poderia ser legal, e aí eu queria que comêssemos a fazer outra coisa parecida que precisaríamos dos computadores novamente, em casa eu não fiz o painel virtual pois não lembrei o nome do site.

#### NARRATIVA 41

##### **ALUNO: F. G. P. C. S.**

- 1- Sim às vezes vamos para o laboratório de informática e usamos computadores, o laboratório fica no pátio da minha escola, não tem PC para todos então revezamos às vezes com os nossos colegas.
- 2- Eu uso na escola data-show e PC para minhas aulas de inglês, mas fora da sala não utilizo nenhuma tecnologia para aprender inglês.
- 3- Sim muitas pessoas tem preguiça de copiar no caderno e prefere digitar e na internet tem mais informações do que no livro de didático que é uma bosta.
- 4- Na minha escola tem pouca tecnologia e também tem pouco uso de tecnologia neste ano fomos apenas umas três vezes no laboratório de informática, que é o único lugar que tem tecnologia.

#### NARRATIVA 42

##### **ALUNO: F. G. P. C. S.**

1. Não gostei de fazer o texto na sala, porque eu não gosto de copiar em inglês
2. Gostei de passar para o Word e enviá-lo por e-mail, porque gosto de mexer na internet e no Word e também aprendi coisas novas
3. A aula mais interessante foi a do laboratório porque é mais divertido e mais fácil
4. Eu estou aprendendo inglês mais ou menos porque é quase sempre a mesma coisa e isso é chato mais está fácil.
5. Sim nas aulas de inglês eu aprendi muito sobre tecnologia com enviar coisas por e-mail eu ainda não sabia muito bem e isso vai facilitar minha vida e isso é tecnologia
6. No meu aprendizado em inglês se eu fosse dar uma nota a mim mesmo de 0 a 10 seria 8

#### NARRATIVA 43

##### **ALUNO: F. A. S.**

- 1 -Tecnologia é usada nas aulas sim , usamos data - show , computadores e sala de vídeos , Na biblioteca e no laboratório de informática , e são muito boas .
- 2 -Usamos computadores e televisões na escola, fora da escola uso televisão e e pelos os aplicativos do celular .
- 3- Eu acho que tecnologia pode ajudar e muito , porquê muitas coisas tecnológicas usa inglês , e ajuda muito na aprendizagem da gente hoje em dia .
- 4- Tem um pouco de tecnologia e pouco uso dela , muito difícil agente usar ela aqui na escola .

#### NARRATIVA 44

##### **ALUNO: F. A. S.**

- 1 Sim , gostei consegui fazer coisas que pensei que não ia da conta .
- 2 Gostei muito , aprendi a mexer com e-mail e etc .

- 3 A aula do laboratório , porque mexeu com tecnologia
- 4 Estou aprendendo muito bem , to aprendendo muito com a professora .
- 5 Acho que sim , quase toda aula estamos indo pro laboratório .
- 6 Eu daria 8 pra mim , tenho mais coisas pra aprender.

#### NARRATIVA 45

##### **ALUNO: F. C. A. M.**

- 1:Sim,nos usamos o computador na sala de informática e o data show na sala de aula e na sala de vídeo .
- 2:nós usamos o computador,e fora da escola usamos o celular,aprendemos um pouco de cada.
- 3:sim,porque nos conseguimos escrever as palavras certas e aprendemos a ler corretamente,o computador é a tecnologia que mais influência no aprendizado claro usado na hora certa.
- 4:A pouco uso delas pois em muitas disciplinas nós precisamos dela mais poucos professores trás os alunos para utiliza-las,deveríamos usar,para aprendermos mais.

#### NARRATIVA 46

##### **ALUNO: F. C. A. M.**

Sim eu gostei de fazer o texto na sala de aula porque foi uma aula mais interessante,também gostei muito de ter passado o texto para o Word e enviá-lo pois cada aula estou aprendendo mais do programa Word e digitar melhor e mais rápido ,estou aprendendo mais inglês nas aulas da prof.Jessica,cada aula que temos todos nos alunos descobrimos mais coisa de tecnologia,antes se fosse para mim mesma me dar nota eu dava 3 agora depois de tantas aulas na sala e no laboratório eu dou 6.

#### NARRATIVA 47

##### **ALUNO: F. C. A. M.**

eu gostei muito do site ABC eu nem sabia que existia este,é muito legal,essas aulas foi muito bacana gostei muito pois é uma aula muito interessante e super divertida,dos vocabulários que escrevi aprendi a compreender alem de tudo a nossa professora Jéssica finalizou com um quadrinho da aula Word Cloud que ficou muito bonito e legal.

Meu pai gostou muito ele achou muito bonito,e com isso a tecnologia colaborou muito com essas atividades que fizemos no computador foi uma aula sem problema algum.A nossa professora de inglês foi a única de todas que fez esta atividade com a gente que foi mais um aprendizado para os alunos que não conhece esses sites,se tivéssemos postado no facebook as pessoas iam achar muito legal e até fazer também essa nossa produção,nossa professora de inglês é muito criativa e cheia de idéias legais e bacanas.

#### NARRATIVA 48

##### **ALUNO: G. C. S.**

Nas aulas de inglês da minha escola, é raro usar tecnologia nas aulas de inglês ou qualquer outra matéria, isso torna tudo com um pouco mais de dificuldade para os alunos, porque quando se usa qualquer meio de tecnologia o aluno presta muito mais atenção nas aulas. Na escola usamos poucos meios de tecnologia, como o computador, data show e televisão, o meio mais usado pelos adolescentes, não é usado, o celular; fora da escola eu uso às vezes o computador e quase sempre o celular, para quando eu não sei a tradução de uma palavra, ou não entendi a pronúncia da palavra, a tecnologia influencia bastante as aulas de inglês, não só nas aulas de inglês, mas, também em todas

as aulas, por que na maioria das aulas, são entediantes e muito chatas, com a tecnologia, isso se torna tudo mais fácil e da mais vontade de aprender, porque nós iremos fazer coisas diferentes, aulas diferentes, tudo diferente do cotidiano. Porém, na minha escola, existem poucos meios de tecnologia em que os alunos poder fazer o uso, só o computador, que para isso tudo tem que marcar horário, organizar toda a sala, e quando nós chegamos ao laboratório, não tem computadores suficientes para todos os alunos, mas, nos usamos, com pouca frequência, mas usamos.

#### NARRATIVA 49

##### **ALUNO: G. C. S.**

Eu gostei de fazer o texto na sala, porque eu aprendi novas palavras, eu gostei de passar o texto para o Word e enviar por e-mail, porque eu tenho muita facilidade com computadores, internet e etc., as aulas do laboratório são muito mais interessantes, porque assim todos os alunos participam, e colaboram com as aulas, Esta bem mais fácil aprender a matéria, porque com os computadores nós prestamos mais atenção no que estamos fazendo, eu não estou aprendendo tanto de tecnologia nas aulas, porque tudo que eu estou fazendo, eu já sabia. Para as coisas que eu aprendi nas aulas de inglês, eu daria uma de numero oito, porque algumas coisas eu já sabia, quanto de inglês, quanto de tecnologia.

#### NARRATIVA 50

##### **ALUNO: G. C. S.**

Eu gostei bastante dos sites apresentados nas aulas, porém, não conhecia nenhum, eu gostei das aulas porque eu pude fazer de várias formas e fontes de letras as palavras em inglês sobre a nossa família e amigos, eu aprendi palavras novas, umas das palavras foi a happiness, que agora eu sei que tem uma diferença entre happy, adorei principalmente do quadrinho que nós ganhamos, assim eu pude mostrar pra minha família o que nós aprendemos, as palavras, e também a edição do quadrinho, minha família simplesmente adorou, ele está até pendurado na sala, a tecnologia colaborou muito, porque se não fosse a tecnologia, nós não teríamos feito o quadrinho, e também foi a primeira aula que nós tivemos a liberdade de criar o nosso próprio quadrinho, nenhuma outra aula isso aconteceu, não fiz em casa o painel virtual, porque eu esqueci qual era o site, porem se tivéssemos feito e postado no facebook, serio muito legal porque meus amigos e minha família iriam ver que o facebook não serve só para "gastar tempo" mais também é uma forma de aprender, e compartilhar o q fizemos e aprendemos.

#### NARRATIVA 51

##### **ALUNO: G. N. F. B.**

1-Não, porem tem computadores na escola, mais não e utilizado diária mente, isso não prejudica somente eu mais toda a escola pelo fato da tecnologia ser bem fraca.

2- E muito difícil mais de vez em quando usamos o data-show ou os computadores de informática mais isso não e suficiente para o aprendizado, fora da escola já aprendi pelo celular e PC..

3-Claro que pode, hoje em dia o mundo e formado por tecnologias, se cada sala de aula pode-se usar celular ou tivesse um tablet a influencia de estudar a taxa de aprendizado seria bem mais alta.

4-Na minha escola tem o pouco uso de tecnologia, pelo fato de cada aluno ter o celular cm internet a diretora não deixa usar celular, mais ela esqueceu que o mundo hoje e feito de tecnologia, por que todas as escolas particulares tem cada PC pra cada aluno ou tem um tablet por eles pode em nos não por que eles tem dinheiro? Ou por que o governo não presta?

NARRATIVA 52**ALUNO: G. J. D. N.**

Eu gostei muito as aulas foram muito mas interessante e divertidas mas eu gostei mais ainda depois que agente pasou para o Word porque a gente

Depois que a gente começou a passar as aulas para o Word as aulas ficou bem mais interessantes e a gente ficou com mais vontade de participar das aulas de inglês

As duas aulas foi bem interessante a aula de sala também foi bom para a gente aprender a elaborar textos e responder atividades dentro de sala

Eu acho que estou entendendo a matéria bem mas fácil e esta bem mais divertido

Eu também estou aprendendo coisas novas da tecnologia

Eu acho que o meu desenvolvimento esta bem melhor eu acho que eu mereço uma nota oito do meu aprendizado .

NARRATIVA 53**ALUNO: G. N. F. B.**

Sim gostei muito dos sites muito diferente e apesar de ser muito comunicativa não sabia dos sites apresentados pela professora achei muito interessante, as aulas foi ótima além de sair da sala ainda aprende a falar um pouco do inglês por cima comecei sites novos, sim aprendi uns vocabulários novos e corriji minha escrita também, estava precisando,

sinceramente achei super legal e interessante o word cloud, foi um meio de reflexão ao fazer o quadrinho e a finalização foi ótima.

Não tive a coragem de mostrar o quadrinho para minha mãe e nem para a família porém eu esqueci de colocar o nome do meu padrasto e achei muito injusto eu não ter colocado o nome dele sendo que e ele que me sustentava.

Claro quando se tem a internet e tecnologia envolvida todo trabalho fica excelente nada sai errado tudo fica em ordem pena que não são todos os professores que adota esse método. Não nem um professor acho que se eles usassem o laboratório de informática diariamente o aprendizado melhorava bastante.

Não, não fiz pelo fato do site na escola não abriu mais tive a curiosidade de olhar quando cheguei em casa muito interessante só que não cheguei a montá-lo e nem fazer.

Seria uma ótima por que as pessoas iria ter a curiosidade de saber onde e como se faz uma arte pelo painel virtual.

Acho que essas aulas vai ficar marcada, além de aprender ainda vou ter a lembrança.

NARRATIVA 54**ALUNO: G. J. D. N.**

1-eu gostei muito desse site porque tem varias coisas legais que voce pode fazer.

2-eu gostei muito dessas aulas porque e uma aula bastante diferente das au que nos somos acostumados a fazer diariamente

3-sim.muito que eu achei ate interessante para tem varios vocabularios e palavras que talvez se nao fosse essas aulas eu nunca iria aprender

4-eu gostei mais ainda porque eu com (nove) anos e eu nunca tive uma aula que a gente usou a internete para fazer uma aula.

5-ele achou muito bom e tambem nos consideramos isso como uma aula de computação

6-a tecnologia e muito boa mas as vezes a internete nao pega ai agente acaba nao fazendo as aulas os computadores estao sem internete

7-nao. por que eu nao sei deve que eles tem medo ou a escola nao autoriza

8-eu nao fiz porque nao sao todos que tem internete em casa



### NARRATIVA 55

#### **ALUNO: G. B. S.**

- 1-sim existe tecnologia nas aulas,já usamos data-show,musicas,computador.
- 2-para entender mais inglês na escola, usamos data-show,cd e muito o livro e fora da escola cd da escola livros,dicionários,computador.
- 3-tecnologia influencia sim nas aula de inglês no desenvolvimento dos alunos.
- 4-tem muita tecnologia na nossa escola mais se usa muito pouco nas aulas de inglês.

### NARRATIVA 56

#### **ALUNO: G. B. S.**

Sim gostei muito de fazer os textos na sala de aula porque e uma aula mais suave e tranqüila. Não gostei de passá-lo o Word porque não sei mas acho interessante. Eu acho que a de laboratório e mais interessante porque a professora não fica brigando não fica gastando voz. eu acho que estou entendendo muito bem nessas aula que a Jessica esta dando. Sim estou aprendendo muito e mais. Sim estou aprendendo eu daria 9.9

### NARRATIVA 57

#### **ALUNO: G. B. S.**

- Eu gostei achei muito interessante os sites: painel virtual word cloud
- 2-SIM .gostei dessas aulas elas sao muito interessante
- 3-SIM. apendi muito
- 4-essa aula de word cloud foi muito legal com a producao de quadrinho
- 5-NAO. ganhei o quadrinho.mas fiz
- 6-SIM. gostei . sim a tecnologia colaborou
- 7-NAO. so a jessica mesmo
- 8-seria muito legal posta no facebook para mostra nossa arti

### NARRATIVA 58

#### **ALUNO: G. N. F. B.**

- 1-Sim gostei de fazer o texto em sala de aula sim, porem apreendi algumas palavras em inglês e acabei desempenhando minha ortografia na matéria de inglês .
- 2-Mesmo eu sendo lenta pra digitar no PC eu adorei passar minha redação para Word, assim eu vejo o grau de minha escolaridade e do meu aprendizado e ainda acabo apreendendo a digitar um pouquinho mais rápido.
- 3-Quanto na sala e quanto no laboratório, foi ótimo não vou dizer que foi chato e ruim, apenas foi uma aula agradável, a aula em sala foi interessante pelo fato de ter tirado duvidas da ortografia e a comunicação de palavras, agora a do laboratório foi mais interessante ainda como eu corriji e tirei duvidas em sala, ao fazer o texto no Word foi mais fácil e mais agradável.
- 4-Realmente não esta difícil a professora explica bem a matéria e tem um ótimo desempenho com a turma isso se torna as aulas mais lucrativas.
- 5-Claro que sim, as aulas no laboratório tem me ajudado na digitação e também no aprendizado.
- 6-As aulas foi ótima meu texto também ficou ótimo eu daria para mim 9 e lógico dou 10 para professora por se ela fosse igual uns e outros professores de inglês, eu não teria subido um nível de aprendiz.

### NARRATIVA 59

#### **ALUNO: G. O. S.**

- 1-Sim. São usadas tecnologias nas aulas de inglês data show ,na sala de aula.
- 2-Data show ,computadores ,e fora da escola ,celular .Muito legal.
- 3-Eu acho que a tecnologia podem ajudar ,porque as aulas ficam mais interessante ;
- 4-Eu acho que tem pouca tecnologia na escola para ser usada mais nem toda tecnologia que tem na escola nos utilizamos .

### NARRATIVA 60

#### **ALUNO: G. O. S.**

- 1-Sim.Gostei do texto da sala porque a professora explico por etapas e ficou mais fácil.
- 2-Sim.Gostei porque ainda não sabia enviar o texto para o e-mail e aula foi muito legal.
- 3-A de laboratório porque foi mais enteressante .
- 4-Sim estou aprendendo com as aulas de laboratório ficou mais enteressante.
- 5-Sim.estou aprendendo porque ainda não sabia mexer cm essas coisa de e-mail.
- 6-Eu consegui aprender muito a nota que eu do 8.

### NARRATIVA 61

#### **ALUNO: G. O. S.**

Sim, eu gostei, achei muito interessante os sites que a professora passou para nos.  
 Não conhecia esses programas que a professora apresentou.  
 Sim, eu gostei das aulas porque as aulas dentro da sala são muito chatas.  
 Eu aprendi algumas palavras "god, love, family, union".  
 Eu achei que ficou muito legal ter finalizado com os quadrinhos.  
 Eles achou muito legal com as palavras que eles não conhecia.  
 Sim, a tecnologia colaborou com as aulas porque ficou mais interessante.  
 É muito dificil algum professor fazer uma aula com net e a internet é muito lenta.  
 Sim, eu fiz o painel virtual em casa e achei muito legal porque colocou os desenhos com as palavras.  
 Talvez seria legal de postar no Facebook.

### NARRATIVA 62

#### **ALUNO: H. T. B.**

- 1- Tecnologia e usado nas aulas de inglês às vezes, como computados, data show, musicas e muito bom ajuda bastante, e faz com que as aulas se tornem mais interessantes, mais poderia ser usado com mais frequência.
- 2- Eu utilizo o computador na escola às vezes pra aprender melhor inglês, e em casa utilizo o computador também e musicas.
- 3- A tecnologia influencia bastante nas aulas de inglês, por que faz com que as aulas se tornem mais dinâmicas e melhora o aprendizado e o interesse nas aulas de inglês.
- 4- Na minha escola tem muita tecnologia, mais não faz muito uso das tecnologias que temos, portanto deixamos de fazer e participa de muitas atividades dinâmicas, que poderia ser usado com maior frequência e ajuda melhorar o aprendizado.

NARRATIVA 63**ALUNO: H. A. S. F.**

- 1-Sim,pois na escola tem computadores e usamos eles para fazermos pesquisas ,trabalhos de inglês,mais não é sempre que usamos.
- 2-Data-show,computadores,etc.Fora da escola uso computador ou um outro meio que facilite o uso da internet.
- 3-Sim,pois a internet nos facilita na aprendizagem da matéria de inglês ,assim fica até mais divertido e interessante a aula dentro da sala.
- 4-Tem pouco uso da tecnologia,pois aqui na escola temos meios de tecnologia que não usamos com os professores, apenas utilizamos o livro didático na maioria das matérias.

NARRATIVA 64**ALUNO: H. A. S. F.**

Sim,eu gostei de fazer o texto na sala de aula porque adquirir mais conhecimentos na matéria de inglês.Logo depois de fazer o texto em sala de aula fomos para o laboratório e passamos ele para o Word e enviamos por e-mail,isso tornou as aulas de inglês mais legal.A aula em sala nos ajuda muito ,mais a aula de laboratório é mais interessante e fica muito mais fácil de adquirir conhecimentos. Eu estou aprendendo muito mais ,usando o laboratório ,pois está tornando as aulas mais fácil,que até esta nos ajudando a aprender uma pouco mais da tecnologia.Como as aulas de inglês está me ajudando muito eu considero que eu conseguir aprender um parágrafo sobre inglês e daria a mim mesmo 7 como nota.

NARRATIVA 65**ALUNO: H. A. S. F.**

Eu gostei muito dos sites apresentados,poque pra mim foi uma coisa diferente ,pois eu não conhecia os sites.Gostei das aulas porque muito uma coisa muito legal e diferente,e eu aprender algum vocabulário ,palavras diferentes.

A aula da Word Cloud foi muito legal,gostei muito e gostei mais ainda quando foi finalizada com os quadrinhos.

Quando eu mostrei o quadrinho na minha casa pra minha família eles gostaram muito,falaram que ficou muito legal e bonito.

A tecnologia colaborou muito para que as nossas aulas ficassem mais legais,porque sem a tecnologia nossas aulas não teriam ficado tão legais como ficou.

Outros professores não usam muito a internet.Eu não fiz o Painel Virtual em casa,porque eu esqueci.

Se o Painel Virtual fosse postado no Facebook seria muito legal,porque outras pessoas poderia ver as nossas produções.

Eu acho que a gente poderia fazer mais aulas desse tipo porque são muito legais.

NARRATIVA 66**ALUNO: H. J. F. S.**

1ºnão.mais não atrapalha nas aulas,porque algumas aulas são dinâmica.

2ºnão uso tecnologia nas aulas de inglês,fora da escola uso um computador no Google tradutor.algumas aulas que estou em duvida,pesquisei no Google tradutor.

3ºnão.porque iria virar bagunça nas aulas de inglês,por causa do face book.

4ºpouca tecnologia,e pouco uso tecnologia .

NARRATIVA 67**ALUNO: H. F. S. S.**

- 1° Sim.já usamos Data show,Computadores e Gravador,Na sala de aula.
- 2° Sim. fora da escola através de vídeo game,Google Tradutor.Dentro da escola através de CD e Livros.
- 3° Sim. Através do data show,e as atividades do laboratório do Informática.
- 4° Pouca tecnologia. Porque tem poucos objetos tecnológicos.

NARRATIVA 68**ALUNO: H. F. S. S.**

- 1°Sim eu gostei de fazer o texto nas aulas de inglês foi muito interessante , me ajudou no meu aprendizado com a tecnologia.
- 2°Sim eu gostei de fazer o meu texto pelo Word e manda por email porque aprendi mais a mexer no email pois não sabia nada sobre email agora eu já sei algumas coisa.
- 3°A duas aulas de inglês foi muito interessante mais a de enviar por email foi melhor pois agente usou mais a tecnologia para acessar a internet.
- 4°sim acho que estou aprendendo muito bem pois a professora Jéssica e uma boa professora e eu tenho certeza que muitos estão aprendendo sobre as aulas que elas estão dando.
- 5°sim aprendemos muitas coisa com a tecnologia na aula de inglês aprendemos a salvar texto no Word e enviar texto por email.
- 6°Sim já sei escrever algumas frases de inglês sim se alguém me pedi para fazer uma frase ou um texto já sei pois a professora Jéssica me ensinou muito bem ao aprendizado na aula de inglês.

NARRATIVA 69**ALUNO: H. B. G.**

- 1.Sim, eu gostei de fazer o "text about me" , por que foi uma coisa diferente interessante que se refere a nós que fizemos o texto.
2. Sim , eu gostei de passá-lo para o Word e enviá-l por email , por que foi experiência única nunca tinha feito antes só a professora Jéssica Teixeira pra proporcionar uma aula dessa e ensinar a gente a fazer isso.
3. A aula de laboratório foi mais interessante por que ela é rara e diferente e legal além de nós aprendermos a usar o computador .
4. Estou aprendendo nas aulas de inglês nas aulas da professora Jéssica , não está difícil de entender a matéria , ela ensina bem e tem um jeito diferenciado de ensinar .
5. Estou aprendendo algumas coisas de tecnologia nas aulas de inglês , tipo usar o Word , salvar para o email etc.
6. Considerando que eu consegui aprender pelo menos um parágrafo de mim , a nota de 0 a 10 que eu daria pro meu próprio aprendizado é 8.

NARRATIVA 70**ALUNO: H. S. V.**

- 1-sim , porque tem muitas palavras que agente não sabemos escrever , e a professora ajudam bastante agente .
- 2-sim , achei mais tranquilo pra salva na área de trabalho e envia pelo Word .
- 3-as aula mais interessante foi a do Word , porque agente não sabia entra no Word , e a professora ajudou todos os alunos .
- 4-as aula de inglês e mais tranqüilo , porque a professora tira todas as duvidas dentro de sala .
- 5-sim , estamos aprendendo um pouco inglês e tecnologia.
- 6-Para o texto que eu fiz sobre mim eu daria 8,5

NARRATIVA 71**ALUNO: H. B. G.**

Eu gostei dos sites apresentados, eu não conhecia os sites. Eu gostei muito das aulas por que foram interessante e diferente. Eu acho que aprendi alguns vocabulário. Achei muito legal as aulas do word cloud ter finalizado com a produção de quadrinhos. Meus pais não viram o que foi feito na escola. A tecnologia colaborou para as aulas ficarem melhores. Já tinha feito umas atividades utilizando a internet mais essa foi a melhor experiência. Não seria legal outras pessoas ver a minha produção no "facebook". Foi muito legal as atividades Word cloud e Painel virtual.

NARRATIVA 72**ALUNO: H. S. V.**

- 1- não sei, porque não vim na aula do word cloud, não conheci não.
- 2- sim gostei de fazer a aula do painel virtual, mais a do word cloud eu não fiz.
- 3- sim, apresentei sim.
- 4- não vim na aula do word cloud.
- 5- ele não teve nenhuma reação porque não fiz o word cloud.
- 6- sim, eu acho que a tecnologia melhorou pra fazer o trabalho.
- 7- não, nenhum usou pra fazer nenhuma atividade.
- 8- sim e legal compartilhar nosso trabalho nas redes sociais.

NARRATIVA 73**ALUNO: H. J. F. S.**

- 1- Eu gostei dos sites apresentados, eu não conhecia os sites antes da professora mostrar.
- 2- Eu gostei dessas aulas, porque foram divertidas e fáceis de fazer.
- 3- Eu acho que aprendi algum vocabulário nestas aulas.
- 4- Eu achei que essa aula foi produtiva demais.
- 5- eles gostaram demais ao ver o quadrinho.
- 6- acho que a tecnologia ajudou a melhorar as aulas.
- 7- nenhum professor tinha usado a internet para fazer atividades desse jeito.
- 8- seria legal postar no facebook para outras pessoas verem.

NARRATIVA 74**ALUNO: H. F. S. S.**

- 1º sim eu gostei dos sites apresentados. Não conhecia os sites.
- 2º sim eu gostei das aulas. Por que foi muito bom pro meu aprendizado com as minhas aulas de inglês.
- 3º Sim aprendi algum vocabulário.
- 4º Gostei muito e muito interessante agente podemos fazer muitas coisas com o word cloud.
- 5º não mostrei ainda meu quadrinho.
- 6º Sim a tecnologia colaborou muito pois sem a tecnologia agente não ia fazer nada disso.
- 7º sim muitos professores já tinham feito algumas atividades que usavam internet.
- 8º seria legal compartilhar nossas produções com outras pessoas.

### NARRATIVA 75

#### **ALUNO: I. O. M.**

1)R: Tecnologia é usada nas aulas de inglês , em algumas aulas temos data-show , usamos os computadores da sala de informática e vemos vídeos na televisão da biblioteca .  
 2)R: As tecnologias que mais usamos para aprende inglês na escola , é o data-show .  
 As tecnologias que mais utilizo para aprender inglês , são , Google tradutor , ouvir musicas internacionais com a tradução e ver filmes internacionais com legenda em português .  
 3)R: Eu acho que o uso da tecnologia pode sim , influencia na minha aprendizagem de inglês .  
 4)R: Na minha escola tem tecnologia , mas pouco uso dela , nas aulas que usamos os computadores , data-show ou a TV da biblioteca , prestamos (todos os alunos) muito mais atenção na aula , pois , a aula fica menos chata e mais interessante.

### NARRATIVA 76

#### **ALUNO: I. O. M.**

Sim, pois o site era colorido, não tinha aquelas cores chatas.  
 Eu não conhecia o site, mas logo que eu entrei e vi, achei super interessante.  
 Sim, na verdade eu "amei". porque não foi uma daquelas aulas chatas dentro de uma sala fechada.  
 Sim, aprendi 3 vocabularios: god, family e friendship.  
 Fique surpresa, pois, no site não ficou tão legal, mas quando eu vi o quadrinho de madeira com a word cloud eu achei lindo.  
 Acharam interessantes, perguntaram onde fiz, qual site foi, onde criei.  
 Sim, porque se a gente não tivesse usado a internet nem iríamos ter feito.  
 Nenhum professor usou a internet com os alunos, somente a Jéssica.  
 Eu não fiz a tarefa do painel virtual pois na minha casa não tem computador.  
 Acharia super legal pois assim todos iriam conhecer o site.

### NARRATIVA 77

#### **ALUNO: J. C. C. L.**

1°Sim , Computadores, data-show .nas aulas de inglês  
 2°Na escola computadores , não uso tecnologia fora da escola .  
 3°Sim, influencia por que é mais legal aprender com tecnologia.  
 4°Pouco usos , por que quase não vamos para sala de laboratório .

### NARRATIVA 78

#### **ALUNO: J. R. C.**

1tecnologia e usada nas aulas de inglês geralmente no laboratório de informática eu acho bom porque eu posso aprende mais .  
 2 na escola tem laboratórios de informática mas nunca fui especialmente para aprender inglês e fora da escola não tenho costume de usar o computador .  
 3 eu acredito que a tecnologia influencia sim na aprendizagem de inglês porque varias coisas estão em inglês  
 4 na escola não tem pouca tecnologia so´que não e bem utilizada poderia ser aproveitada.

NARRATIVA 79**ALUNO: J. V. S.**

Nas aulas de inglês nos usamos sim a tecnologia e isso é bom para as aulas pois a desenvoltura das aulas é muito grande, agente aprende bem mais pois descobrimos coisas novas.

E nos usamos no laboratório da escola, ela marca aulas para nós e é assim que nós usamos o laboratório de informática.

Bom na escola nós usamos o computador para fazer pesquisas e também para fazer dinâmicas.

Eu particularmente eu acredito que com a tecnologia agente cada dia mais agente aprende palavras novas e não é só no computador que agente aprende não em vídeo games em músicas e em várias outras coisas.

Sim existe o pouco uso da tecnologia, pois são poucas vezes que vamos para o laboratório para fazer pesquisas.

NARRATIVA 80**ALUNO: J. C. F. L.**

1-Sim o computador, data show isso acontece no laboratório de informática nós usamos para apreender Inglês.

2-Data show, Computador. Em casa eu uso o computador e o celular, usando o Google tradutor e o site vagalume.

3-Sim, Porque a tecnologia é fundamental para qualquer coisa hoje em dia e me dá mais interesse pelas aulas.

4-Na minha escola tem pouco uso da tecnologia, Porque não tem professores competentes nós só fomos pro laboratório 2 vezes até hoje e foi só a professora Jessica.

NARRATIVA 81**ALUNO: J. S. R.**

1:Não. Eu acho que aulas de laboratório são muito importantes nas aulas de inglês mais não usamos essa tecnologia todos os dias, pois os para termos aula de tecnologia precisamos marcar horários. Mais seria muito legal termos essa aulas todos os dias, ou dentro da sala também.

2:Não. Usamos nenhuma tecnologia pois só usaremos em laboratório nas aulas os computadores mais não temos isso todos os dias, o que usamos é só o caderno e o ensino da professora de inglês e o livro didático oferecido pelo governo.

3:Sim. pois, a tecnologia de hoje em dia é muito avançada o uso da internet mais ainda pois com uso da tecnologia poderemos sim avançar nossos estudos em inglês e poderá também ajudar a professora de inglês a nos ajudar mais nesse ensino fundamental.

4:Para mim o uso aqui da tecnologia é pouco por que a escola tem muitos alunos em sala e também as vezes deveremos sentar de dois ou três alunos para mim uso da tecnologia na escola é pouco usado hoje, pois nas escolas também pelos poucos computadores que temos em nossas escolas.

NARRATIVA 82**ALUNO: J. B. P.**

1: Sim, porque a internet ajuda muito nas pesquisas e agiliza muito nas pesquisas.

2:Na escola a gente utiliza muito computadores na aula de inglês mas é com pouca frequência.

3: Sim, porque a tecnologia ajuda muito nas aulas de inglês e também em outras matérias.

4:Os dois pois os computadores já estão bem velhos e também existe muito pouco uso da sala de informática.

### NARRATIVA 83

#### **ALUNO: J. P. S.**

1. Em minha opinião nem sempre é utilizada a tecnologia em sala de aula e até mesmo na escola mas tem professores que se empenham para que a aprendizagem do aluno seja melhor. A professora Jessica quase sempre tenta fazer uma aula diferente com a gente, mas nem sempre a escola nos dá essa oportunidade, mas ela se empenha o máximo para fazer com que as aulas sejam diferenciadas. E quando é utilizada é no laboratório ou na sala de informática.
2. Quase nada, pois o acesso é muito dificultado, pois a escola possui poucos computadores e os que têm a maioria estão sem internet ou não funcionam.
3. Em minha opinião acredito que pode melhorar nossa aprendizagem, pois terá, mas acesso às tarefas e às matérias.
4. Em minha opinião acho que faltam os dois, pois tem pouca tecnologia e se tivesse muita teria poucos acessos, pois são muitas salas e alunos para poucos computadores.

### NARRATIVA 84

#### **ALUNO: J. C. S.**

- 1: sim, eu gostei de fazer o texto porque eu aprendi mais palavras em inglês
- 2: sim, porque foi muito interessante eu aprendi mais de tecnologia
- 3: laboratório, porque eu entendo mais de tecnologia e foi e aprendi coisas novas
- 4: sim, eu estou aprendendo mais inglês nessas últimas, porque a professora Jessica ensina melhor as coisas
- 5: sim, porque antes eu não sabia enviar nada por e-mail e agora eu aprendi
- 6: Eu aprendi muitas coisas novas, eu me daria a nota 8

### NARRATIVA 85

#### **ALUNO: J. C. L. O.**

Oie! eu gostei de fazer o texto na sala de aula. Só tive um pouco de dificuldade na hora de enviar por e-mail, mas foi bom. Eu achei mais interessante no laboratório, porque aprendi como enviar algo por e-mail. Estou aprendendo inglês porque a professora explica e cobra muito bem de todos. Também estamos aprendendo alguma coisa de tecnologia como: enviar algo por e-mail, digitar no Word, e várias outras coisas. Com tudo isso eu consigo escrever pelo menos um parágrafo sobre mim. Então, me dou uma nota: 08.

### NARRATIVA 86

#### **ALUNO: J. P. M. O.**

- 1) Sim, por que me ajudou pra quando eu viajar pra algum lugar bem longe. Pra mim apresentar pelas pessoas.
- 2) Claro, por quando eu precisar de alguém que mora em outro país pode me ajudar quando eu precisar.
- 3) A aula que eu achei mais interessante foi do laboratório, por que nos pode ensinar o que nos precisar de qualquer coisa.
- 4) Estou entendendo a matéria sim, por que eu gostei de estudar essa língua inglesa que tenha muitas novidades importantes.
- 5) Sim, a tecnologia ajuda você para enviar documento importante para que possa transformar muitas notícias para a sociedade.
- 6) Eu considereei minha boa ótima aprender mexer com e-mail para que tenha muitas redes com a internet. Minha nota 7.



NARRATIVA 87**ALUNO: J. S. R.**

Eu gostei de fazer o texto em sala: Sim, porque é sempre bom Ter uma aula diferente animada e prestativa adorei muito mais prefiro no Word que você só digita e é mais pratico para nos alunos digitar eu adorei passar para o Word porque adoro digitar no computador não ficar sempre copiando e adoro aprender coisas novas é sempre bom aprender mais um pouco nas aulas da professora Jéssica a aula mais interessante para mim foi a do laboratório porque como disse adoro digitar sempre que podemos possamos ter aulas diferentes como no Word para mim aprender o inglês é uma porta boa para o nosso futuro e eu não acho difícil a aula de inglês não para mim está fácil mais até agora não tive nenhuma complicação com a matéria não por isso você aprendendo o inglês a gente aprende coisas novas e palavras novas pode ate ser difícil as vezes mais para mim aprender é sempre bom eu acho sim que podemos aprender varias coisas com a tecnologia também nas aulas de inglês quem não sabia entra no Word e enviar e-mail agora sabe eu daria para mim uns 9,6 não daria dez porque ainda estou aprendendo mais e reconhecendo tudo mais os nove eu daria sim porque já aprendi muitas coisas legais.

NARRATIVA 88**ALUNO: J. B. P.**

- 1: Eu gostei de fazer o texto em sala primeiro porque quando a gente chegou no laboratório foi fácil.
- 2: Não gostei de passar meu trabalho para o Word porque foi meio complicado porque os computadores estão meio lentos.
- 3:Eu gostei mais da aula no laboratório porque a gente mais contato com os computadores
- 4:Eu acho que as aulas de inglês são bem interativas e ajudam a gente no inglês.
- 5:Eu acho que a gente não esta aprendendo um pouco da tecnologia porque a maioria das coisas a gente já sabe.
- 6:A nota que eu daria para o meu próprio aprendizado e de 8 de 10.

NARRATIVA 89**ALUNO: J. P. S.**

Sim. Gostei de fazer o trabalho em sala, pois a partir dele pude ir ao laboratório de informática aonde podemos acessar melhor os programas que nele possui.

Sim. Também gostei de ter passado pelo email e pelo Word, pois a partir dessa aula podemos aprender, mas sobre nos e também sobre como entrar no Outlook, pois muita pessoa não sabia entrar nele e nem mandar.

A aula que achei, mas interessante foi a do laboratório. Porque meche, mas com o lado da informática em vez de ser copiando a Mao na sala de aula.

Em minha opinião fica, mas fácil de ate entender a matéria.

Sim pelo menos eu nas aulas de inglês feitas no laboratório tenho aprendido melhor as matérias.

A nota que dou de 0 a 10 e 9,6, pois os teclados são horríveis para escrever.

NARRATIVA 90**ALUNO: J. P. S.**

Sim.Nao pois achei ate muito interessante este site mas nao sabia.

Sim.Porque a partir dele percebemos que a aula pode ser divertida .

Sim.Com essas aulas aprendi os vocabularios love,gratitude.

Gostei porque foi uma coisa inesperada pois nunca pensamos que iria resultar em algo tao produtivo que foi.

Ao meus pais verem este quadrinho foi divertidov pois acharam interresante ao ver ate a professora esforcada em realizar estas atividades aonde teve de enfrentar muitos poblemas para reallizar estas

tarefas,.

Na minha opiniao acho que atecnologia ajudou e muito nesta aula pois sem ela nao teriamos feito esta aula tao divertida.

Nemhum professor ja fez aula assim com a gente pois nunca conseguia horario e nem se esforcava a tentar a fazer estas aulas.Sim ja fiz o painel virtual em casa e achei muito divertido.

Acharia çegal se podessemos postar no facebook mas porem a internet da escola e muito lenta.

E so um comentario amei ter conhecido a professora ela nao e qualquer professora ela e a professoraque nos pedimos ela e esforcada e amei ter trabalhado com os quadrinhos.

#### NARRATIVA 91

##### **ALUNO: J. B. P.**

sim eu gostei dos sites apresentados e não conhecia nenhum deles eu ggostei muito das aulas elas foram mais dinamicas apimorei meu vocabulário achei legal os quadrinhos da word cloud, a reação da minha mae foi ter achado legal. A tecnologia colaborou muito para as aulas ficarem melhores alguns professores ja tinham feito aulas usando a internet mais não tão dinamica igual a da professora Jessica acho que se tivemos postado o painel virtual no facebook seria legal tomara que ano que vem os alunos tenham aulas mais dinamicas iguais as desse ano.

#### NARRATIVA 92

##### **ALUNO: J. C. F. L.**

Infelizmente eu não compareci nas aulas mas se eu tivesse vindo ia ser legal porque eu gosto das aulas da professora Jéssica.

A minha familia ia achar muito interessante por eu ter aprendido essa palavras em inglês. A tecnologia ia ajudar muito porque ia ser facil. Nenhum professor usa a tecnologia e nem a net para estudar e nem trabalho com nos.

Eu não fis o painel virtual porque eu tava com a gargante infeccionada.

Eu acharia legal se você postado no facebook porque é uma criação minha e ia ser interessante.

#### NARRATIVA 93

##### **ALUNO: J. C. L. O.**

Nas aulas de inglês vimos vários sites que a professora nos apresentou,eu gostei muito pois me ajudou muito.Durante essas aulas no laboratório de informática,gostei demais de entrar e conhecer novos sites.Quando recebi o meu quadrinho trabalhado com o site word cloud,gostei muito porque foi um projeto divertido.Minha família adorou pois achou muito interessante o nosso trabalho.Eu achei que a tecnologia nos ajudou muito durante essas aulas,e acho que aprendi tudo isso com a professora Jéssica,somente com ela porque os outros professores não usa esses tipos de trabalhos.Em casa a professora passou uma tarefa para quem tinha acesso a internet fazer um painel virtual e eu fiz e achei muito legal trabalhar.Nós iríamos postar os nossos trabalhos no facebook eu acharia muito legal compartilhar com outras pessoas.

# NARRATIVA 94

**ALUNO: K. H. S. P. S.**

- 1: Sim agente usa um pouco de tecnologia , mas a maioria das aulas são na sala de aula. Agente usa computadores data show agente usa alguns vídeos também para aprender.
- 2: Computadores data show entre outras , fora da escola eu uso computador e tablet
- 3: Acho que sim pois é menos trabalhoso de escrever entre outras funcionalidades como o data show e melhor para o professor.
- 4: Acho que tem bons computadores mas é muita gente para usar então fica meio complicado de usar muito esses computadores o data show até que é utilizado bastante , acho que podíamos vir mais as aulas de laboratório de informática.

# NARRATIVA 95

**ALUNO: K. R. F. B**

- 1- não só as vezes nos vamos no laboratório ter algumas aulas interativas de inglês nos podíamos ter mais
- 2- eu uso as vezes a tecnologia na parte de inglês na escola nos só usamos três vezes no ano e fora eu não uso muito
- 3- sim porque oferece muitas coisas para nosso aprendizado de inglês como aulas interativas pelo computador nosso para nos aprendermos mais
- 4- nossa escola tem pouca tecnologia e pouco uso de tecnologia porem nos poderíamos ter mais aulas tecnológicas

# NARRATIVA 96

**ALUNO: K. D. A. S.**

1. sim.
2. sim. foi legal passar texto para Word e envia-lo para o email.
3. laboratorio. porque foi mais interessante
4. estou aprendendo muito.
5. sim.
6. 6

# NARRATIVA 97

**ALUNO: K. H. S. P. S.**

- 1- Sim pois nós não copiamos e é uma aula bem legal pois nós aprendemos más, do que na sala de aula.
- 2- Gostei é bom porque nós teremos de fazer isso no futuro para os nossos professores: (a) .E alem disso é melhor para nós alunos.
- 3- Acho na sala de, informática melhor.
- 4- Aprendo até bem pois, presto atenção nessas aulas.
- 5- Apreendi um pouco sim.

NARRATIVA 98**ALUNO: K. R. F. B.**

- 1.sim porque e bom também fazer atividades em sala.
- 2.eu, gostei de passar para o Word porque e uma aula diferente que nos não temos sempre.
- 3.pra mim a mais interessante e a que nos fazemos no laboratório de informática.porque e muito bom se distrair com aulas diferentes fora da sala.
- 4.eu,acho que a matéria não esta difícil fica difícil pra quem não quer aprender.eu estou conseguindo aprender algumas coisas mas as difícil logo,logo eu aprendo.
- 5.sim.eu estou aprendendo tecnologia fazendo textos e enviando por e-mail e legal fazer estas coisas as vezes.
- 6.eu daria pra meu parágrafo que entendi nota 8,5.

NARRATIVA 99**ALUNO: K. R. F. B.**

eu gostei dos sites apresentados foi bom conhecer esses sites que eu não conhecia.eu gostei muito das aulas porque sao aulas boas interativas aprendemos muitas coisas legais.sim eu aprendi algumas palavras no vocabulario de ingles.eu achei muito boa a aula do word cloud e os quadrinhos foi muito bom e legais.a reação deles foi de alegria por ver o que eu tinha feito para eles gostaram muito do quadrinho.sim eu acho que atecnologia colaborou muito com as aulas. nao nenhum professor tinha usado internet com nos so a profeswssora de ingles eu nao fiz o painel virtual porque eu nao tinha computador.sim eu acharia legal que outra pessoas tivessem visto no painel virtual foi muito legal fazer essas aulas interativas com uso da internet

NARRATIVA 100**ALUNO: K. H. S. P. S.**

Gostei bastante dos sites que foram apresentados para nós, foi bem legal trabalhar no world cloud achei as aulas bem interessantes, para nós alunos que nunca tentamos fazer,o bom foi que nós aprendemos bastante com eles.

Eu por exemplo aprendi estas palavras: Peace,Happiness,union, entre varias outras que meus colegas utilizaram .Minha família achou interessante o que Nós fizemos, os computadores nos ajudaram bastante menos a internet que estava bem ruim, nossa escola estamos utilizando os computadores na sala de informática em varias aulas agente usa a tecnologia para muita coisa.Outra aula bem interessante foi o painel virtual eu consegui realizar o painel na sala de informática ficou bem legal porem demorou bastante .Vai ser bem legal termos ele em nosso Facebook.

NARRATIVA 101**ALUNO: L. G. M.**

datashow,fomos na sala de informática.essas tecnologias são usadas em laboratórios salas.soa usadas para fazer pesquisas e muitas outras coisas.

- 1 -Sim e utilizado tecnologia nas aulas de inglês nos já utilizamos computador ,data
- 2- Na escola nos utilizamos o computador o da ta show e outras coisas para aprender melhor o Inglês.fora da escola eu aprendi um pouco de inglês por causa do jogos de vídeo game que eu jogo muito e pelo Google tradutor.
- 3 – Acho que sim porque muitas coisas que você não entende você pode ir La e pesquisar na internet o que ela significa.

4-Na escola não há pouca tecnologia mas eu acho que há o pouco usa da tecnologia por que os professores custam levar os alunos na sala de vídeo no laboratório de informática são poucos que levam.

#### NARRATIVA 102

##### **ALUNO: L. J. C.**

- 1- Nas aulas de inglês usamos tecnologia , como data-show ,temos acesso a essa tecnologia no laboratório de informática
- 2- A tecnologia nos ensina usando computadores dentro da escola ,e fora usamos celular e videogame
- 3- Sim ,porque a tecnologia nos ajuda compreender melhor o inglês.
- 4- Na escola a pouco uso da tecnologia.

#### NARRATIVA 103

##### **ALUNO: L. F. A. C.**

- 1° Sim, computadores, data-show, nas aulas de inglês .
- 2° Na escola computadores , sim , eu uso tecnologia fora da escola para aprender inglês.
- 3°Sim por que internet facilita o estudo de qualquer matéria sendo assim mais fácil e pode ser ate mais divertida para aprender inglês.
- 4°Na minha escola há pouco uso da tecnologia e também há pouca tecnologia.

#### NARRATIVA 104

##### **ALUNO: L. L. F. G.**

- 1-Sim.Como por exemplo:Data Show na sala para corrigir provas.
- 2-Data show.Google tradutor,jogos,vídeos.
- 3-Sim.Por que é uma forma nova de se aprender e eu acho influente mais sempre com um professor(a) do lado.
- 4-Tem tecnologia mais é pouco usada.Não vamos tanto no laboratório como eu gostaria,por ter muitos alunos é compreensível.<3

#### NARRATIVA 105

##### **ALUNO: L. A. B. A.**

- 1) A tecnologia é usada nas aulas de inglês. Usamos o computador, músicas às vezes. Sempre vamos ao laboratório, porque somente lá temos o acesso. Usamos para fazer atividades, para maior fixação.
- 2) Usamos muito pouco o computador, porque o acesso é muito difícil. Fora da escola às vezes uso o youtube, escuto músicas, assisto filmes, uma coisa que ajuda bastante.
- 3) Influência sim, porque todo mundo gosta de tecnologia, e fica mais divertido, mais interessante, sai daquela rotina de sempre.
- 4) Tem muita tecnologia, mais não é usada. Às vezes é muitas coisas para passar, que não dá tempo de fazer uma aula diferente. Pois com a ajuda da tecnologia na escola, seria uma forma melhor de todos os alunos se envolverem, gostar mais das aulas de inglês.

#### NARRATIVA 106

**ALUNO: L. M. S.**

- 1: sim agente usa a tecnologia nas aula de inglês no laboratório de computação
- 2: agente usa um pouco dos computadores na escola
- 3: acho que sim se agente tivesse mais acesso a nossa aprendizagem seria mais facio
- 4: na minha opinião eu acho q tem pouca tecnologia porque agente tem pouco acesso nos computadores

#### NARRATIVA 107

**ALUNO: L. G. O. V.**

- 1- A Tecnologia e usada nas aulas de inglês. e usada tecnologia mais não e frequente, mas quando tem é usado data show .
- 2- Na escola : é usado muito data show, computadores .  
Fora da escola: musicas , computador, celular.
- 3- A tecnologia pode influenciar na minha aprendizagem . influencia pois eu pois muitas atividades que eu não entendo eu pesquisa na internet .
- 4- Na escola a pouco uso de tecnologia. Pois a muita tecnologia mas não e muito usada, pois a gente vai muito pouco pra laboratórios .

#### NARRATIVA 108

**ALUNO: L. S. O.**

- 1: não. E ruim pois, hoje em dia não se usa mais papel só a tecnologia.
- 2: nenhuma. E em casa eu uso o Google tradutor.
- 3: sim, porque você aprende melhor pela internet do que pela escola.
- 4: na minha escola tem os dois pouca tecnologia e pouco uso da tecnologia . Porque tem poucos computadores para os alunos e os professores não nos levam no laboratorio

#### NARRATIVA 109

**ALUNO: L. F. S.**

1. Sim, gostei de fazer o Text About Me e achei muito interessante. E gostei demais por que foi uma atividade diferente e nova.
2. Sim, pois passamos pelo o Word e enviamos para o email, estamos aprendendo até mesmo tecnologia, essa foi a maneira de aprender o inglês.
3. As aulas de laboratório foi mais interessantes por que nós aprendemos a escrever o texto no Word e enviar o texto para o email.
4. Estou aprendendo o Inglês por que a professora Jéssica ensina de mais.
5. Sim já aprendi muita coisa de tecnologia, de como passar para o Word e enviar para o email.
6. Eu daria nota 10 sobre o meu aprendizado.

#### NARRATIVA 110

**ALUNO: L. F. A. C.**

Eu não fiz o texto, mas eu copie e foi legal.  
Eu gostei mais da aula de laboratório por que foi melhor.  
Estou aprendendo sim.

Claro que sim.  
5,5...

#### NARRATIVA 111

**ALUNO: L. A. B. A.**

Eu gostei de fazer o texto sobre mim. A parte de enviá-lo é mais interessante, porque quem não sabia aprendeu, e quem já sabia treinou mais ainda. A Aula de laboratório é mais interessante, do que ficar copiando coisas no caderno, porque todos nós gostamos de tecnologia. Esta fácil aprender sim, porque eu já tinha uma base de tudo que eu estou aprendendo aqui na escola, porque fazia curso fora daqui. Nas aulas de inglês a tecnologia esta sendo bem usada, e esta fazendo nós aprendermos mais sobre o mundo da tecnologia. Em minha opinião eu aprendi todas as coisas que deveria ter sido aprendido, então minha nota de aprendizado de 0 a 10 pode ser 9.

#### NARRATIVA 112

**ALUNO: L. M. S.**

Sim eu gostei fazer o texto na sala e depois passar Word, sim por que foi uma experiência para mim, Sim. Gostei muito de fazer o texto na sala, eu acho muito melhor faze esses tipo de texto do que fica fazendo outros tipos de atividade. Eu também gostei de passa para o Word, por que e muito mais legal fazer atividade fora da sala de aula, e envia para o e-mail foi melhor por que então eu não sabia envia nada para e-mail

Eu achei a aula do laboratório mais interessante por que no laboratório nos aprendemos inglês e informática ao mesmo tempo.

Inglês e uma matéria complicada de aprende, mas eu gosto

Sim por que eu aprendo varias coisas nela

Eu daria a nota 5

#### NARRATIVA 113

**ALUNO: L. G. O. V.**

1-gostei de fazer o texto na sala .

2- gostei muito. pois a aula fica mais diferente.

3- Gostei de fazer o texto tanto na sala tanto no laboratório. Porque a aula não fica muito chata.

4- ta um pouco dificil aprender mais eu to gostando já aprendi muita coisa com essas aulas no laboratório.

5- eu to gostando também porque alem de fazer texto nas aulas a gente meche muito com tecnologia.

6- eu me dou a nota 8 porque eu gosto de inglês gosto muita da matéria, mais sou um pouco complicada de entender a matéria, mais eu to me esforçando.

#### NARRATIVA 114

**ALUNO: L. S. O.**

Sim gostei de fazer o trabalho porque ele fala sobre mim.

Gostei de passar para world porque nos saímos de sala e fazemos alguma coisa diferente, a aula mais interessante que eu achei foi no laboratório onde nos passamos o texto para o world. Inglês sempre foi difícil então eu acho que eu não estou aprendendo. Não eu não acho que estou aprendendo nada de tecnologia porque tudo que eu faço no laboratório eu também faço em casa,

para meu aprendizado eu daria nota 5.

#### NARRATIVA 115

##### **ALUNO: L. G. O. V.**

Sim, adorei os sites, não conhecia os sites mais adorei ter conhecido.

Sim, amei essas, pois agente se divertiu e também aprendeu e descobriu coisas que eu nem tinha ideia.

Sim, aprendemos vocabulário. Aprendemos: família, amor, música, deus, união, carinho, amizade e amigos.

Amei o quadrinho, ficou muito fofo e minha mãe também achou lindo.

Minha família adorou, minha mãe achou bonito, até o meu pai.

Sim, a tecnologia ajudou bastante pois se não tivesse a tecnologia claro que não teria jeito nem de ir lá fazer nada.

Não, pelo que eu lembro nenhum prof. levou agente para fazer uma aula assim, só a professora Jéssica.

Achei legal fazer em casal.

Sim, acharia bem interessante, pois meus amigos e minha família ia ver meu painel.

#### NARRATIVA 116

##### **ALUNO: L. A. B. A.**

1- Os sites apresentados foram todos muito interessantes, não os conhecia antes.

2- Gostei bastantes das aulas, porque sempre é bom tecnologia.

3- Sim, aprendi mais sobre tudo que se refere a família.

4- Achei muito legal a aula da Word Cloud ter terminado com o quadrinho.

5- A minha família achou muito interessante o quadrinho, porque são palavras que nos ensinam a como ser com a nossa família, e também ficou muito lindo.

6- A tecnologia é uma coisa surpreendente, deixa qualquer aula melhor, dá até mais vontade de ir além daquilo, da interesse de ir à escola.

7- Os professores não costumam usar muito a internet, porque é muito concorrido o uso do laboratório na escola, mas sempre quando foi usado, era pra pesquisar algo sobre a aula, coisas não interessantes, usados em ciência, português e matemática.

8- Fiz a atividade do Painel Virtual em casa, é ruim porque o professor não está ali pra tirar dúvidas, os colegas também não estão.

9- Seria bem legal postar os nossos Painéis no facebook, assim todos iam ver que ir pra escola não é só copiar e também conhecer outros lados da internet.

#### NARRATIVA 117

##### **ALUNO: L. J. C.**

Não sei ,porque o word cloud eu não fiz.Mas o painel virtual eu gostei. Eu não conhecia os sites do WORD CLOUD e nem o do painel virtual.

SIM , eu gostei de fazer a aula do painel , mas a aula de WORD CLOUD eu não fiz.

SIM , eu aprendi um pouco do vocabulário em inglês nessas aulas.

EU , NÃO FIZ A AULA DE WORD CLOUD .

MEUS pais não tiveram nem uma reação porque eu não fiz o WORD CLOUD.

Eu acho que a tecnologia colaborou para que os trabalho ficassem melhores.

Não,nem um professor tinha usado a internet para fazer alguma atividade.

Sim eu gostaria de ver meu trabalho postado no facebook.



NARRATIVA 118**ALUNO: L. L. F. G.**

Gostei das aulas apresentadas foi legal me estimulou a aprender mais. Eu não tinha até então conhecido os sites mais gostei muito. Eu gostei das aulas foi interessante, fora da normalidade cotidiana.

Apreendi umas palavras boas. Eu achei demais amei nunca vi uma professora tão criativa de 9 anos. Minha mãe achou muito legal, pegou ela desprevenida, meu irmão achou legal que era algo diferente ele pensou que era presente para ele mais eu falei que era de todos, meu pai quando chegou de viagem achou interessante. Sim concerteza a tecnologia ajudou muito e melhorou também. Não tem um bom tempo que nenhum professor leva nós para fazer aula o laboratório.

Acharia legal uma produção minha mostrando para a minha família e o pessoal do meu face também.

NARRATIVA 119**ALUNO: L. F. A. C.**

1º sim, não conhecia.

2º gostei, porque nós aprendemos muitas coisas interessantes.

3º sim.

4º muito boa a aula de "word cloud", eu não vim na aula

5º eu não fiz

6º sim, as aulas ficaram muito boas com tecnologia.

7º não.

8º sim, porque outras pessoas iam ver o nosso trabalho.

9º e aí...

NARRATIVA 120**ALUNO: L. G. M.**

1- antes da professora mostrar eu não conhecia os sites. eu não vim em uma das aulas só vim na do word cloud e achei bem legal a aula que a professora com esse site

2- sim gostei das aulas por que elas foram diferentes foi uma coisa que nova que eu aprendi

3- sim eu acho que eu aprendi algum vocabulário

4- eu não fiz por que eu falei mas olhando os dos outros alunos achei bem legal

5- não vim na aula no dia por isso não tenho quadrinho

6- sim eu acho que a tecnologia ajudou as aulas ficarem melhores

7- não nenhum professor havia usado internet para fazer atividade com a gente

8- eu acho que seria legal outras pessoas verem as atividades que nós fazemos dentro da escola.

NARRATIVA 121**ALUNO: M. F. S. O.**

1) A tecnologia é usada nas aulas de inglês sim, usamos o computador, data show, televisão, alguns professores levam o data show para sala e outros preferem usar no laboratório, porém computadores só usamos em laboratórios, quem mexe em tudo é o professor ou a pessoa que trabalha no laboratório.

2) Para aprender inglês usamos computador ou de vez em quando aprendemos uma música com o rádio, mas fora da escola eu vejo vídeos na internet, letras de músicas entre outras coisas.

3) Na aprendizagem eu acho que a tecnologia influencia o inglês por que com o computador a ortografia é correta.

4) Na minha escola eu acredito que há muita tecnologia mas por um lado usamos só de vez em

quando eu acho que devíamos usar mais a tecnologia dos computadores nos temos tudo para ter aulas tecnológicas mas quase nunca usamos a aula no computador é até mais explicativa do que na sala estamos cansados de aulas repetidas e quando mudamos só uma vez todos veem a diferença eu só acho que devíamos usar mais a tecnologia pois ela é muito explicativa.

#### NARRATIVA 122

##### **ALUNO: M. A. R.**

Nas aulas de inglês é usado tecnologia , por exemplo : radio , computador .o radio nós ouvimos na sala de aula mesmo , e , o computador nós vamos para a sala de informática.

Na escola nós usamos o computador e o radio para aprender inglês , e fora eu uso o celular , tablet, computador e alguns outros .

E eu acredito que a tecnologia ajuda muito nas aulas , inclusive de inglês , por que se nós não sabemos alguma palavra nós podemos pesquisar ouse nós não sabemos a pronuncia nós ouvimos no radio.

Eu acho que na escola não tem nem pouca e nem muita tecnologia, eu só acho que devia ter mais uso dessas tecnologias , por que nós custamos a ir para a sala de informática.

#### NARRATIVA 123

##### **ALUNO: M. S. A. J.**

1: A tecnologia é usada nas aulas de inglês, porque as vezes é usado o computador, data show.

2: Tecnologia que eu uso para aprender também inglês também o computador, quando eu vejo no dia a dia uma palavra em inglês eu olho a tradução no computador ou no celular.

3: Sim, no uso do computador no celular.

4: Eu acho que na minha escola tem pouco uso da tecnologia

#### NARRATIVA 124

##### **ALUNO: M. E. T. P.**

1) tecnologia é usado nas aulas de inglês , computadores no geral, é nos laboratórios da nossa escola é legal ter aulas de inglês quando vamos para o laboratório ; 2) computador , fora da escola eu uso o celular, o vídeo game ; 3) sim , por que lendo ou ouvindo você aprende melhor ; 4) tem pouco uso da tecnologia , por que agente fica mais dentro da sala de aula usando os livros ou então fazendo algumas atividades fora da sala de aula, passeios

#### NARRATIVA 125

##### **ALUNO: M. H. S. J.**

1- Tecnologia é usada de vez enquanto , mais que queria que tivesse mais , porque eu acho que a aula ia ficar mais legal e os alunos ia ter mais capacidade de escrever.

2- Nós usamos os computadores da aula de informática , ou o data show , mais fora da escola eu vou na lan house e pesquiso as coisas que tenho dificuldade.

3- sim, porque eu fico mais interessada nas aulas, e eu aprendo mais rápido sem deixar rastro de dúvidas.

4- Na minha escola tem pouco uso de tecnologia, porque os professores preferem usar o livro.

### NARRATIVA 126

**ALUNO: M. P. M. F.**

- 1; não, pois a tecnologia hoje em dia salva vidas, tudo que fazemos hoje em dia, 90% é preciso tecnologia.
- 2; na escola nem uma, mas em casa o English town
- 3; mais ou menos, pois o que interessa é o conteúdo e não a internet mas com a internet fica mais fácil aprender inglês e também precisamos de explicação dos professores.
- 4; Pouca tecnologia mesmo, só tem quinze computadores!

### NARRATIVA 127

**ALUNO: M. S. T.**

- (1) Sim no laboratório de informática no computador
- (2) na escola nos usamos computador e na minha casa não uso nada
- (3) Acredito por que pode fazer pesquisa
- (4) tem pouca tecnologia no laboratório tem uns 16 computadores em cada laboratório pra 28 alunos.

### NARRATIVA 128

**ALUNO: M. B. F.**

- 1- Sim, são usadas varias tecnologias na aula de inglês. São usados computadores ou até mesmo celulares. Pode ser usada na escola, em casa em todo lugar
- 2- Uso computadores, data show, fora da escola posso usar : celular , Google Tradutor e varias outras.
- 3- Sim, estudando em casa pelo computador podemos fazer cursos de inglês online
- 4- tem pouco uso da tecnologia, p

### NARRATIVA 129

**ALUNO: M. F. S. O.**

- 1) Fazer texto na sala não é bom as pessoas ficam conversando e não é tão animado no laboratório é mais divertido porque você está no computador.
- 2) eu gostei de passar o texto por e-mail porque eu não tenho e-mail então foi legal.
- 3) a aula do laboratório é mais interessante, por que você mexe no computador fica legal.
- 4) estou aprendendo por que além de o Word corrigir o erro você aprende e fica sabendo qual é a grafia.
- 5) eu acho que na aula de inglês agente aprende de tecnologia pois a Jéssica ensinou para a turma como envia e-mail.
- 6) uma nota de 0 a 10 que eu daria para eu seria 8.

### NARRATIVA 130

**ALUNO: M. A. R.**

- 1-sim ,eu gostei de fazer o texto sobre nós, por que nós aprendemos a falar sobre a nossa vida em inglês.
- 2-sim,eu gostei de passa-lo para o computador , por que foi uma aula diferente.
- 3-eu achei más interessante fazer no laboratório , por que tem gente que ainda aprendeu a enviar e-mails.

4-eu acho que esta fácil aprende inglês , por que a professora explica muito bem a matéria.  
5-sim ,por que além de nós aprendermos , nós estamos aprendendo a mexer no computador.  
6-entre 0 a 10 , eu acho que a minha nota seria de 8.

#### NARRATIVA 131

**ALUNO: M. S. A. J.**

1- Sim, gostei por que foi diferente das outras aulas.  
2-Sim, por que antes eu não sabia enviar por email agora eu aprendi como enviar.  
3-Eu achei mais interessante foi as aulas de Laboratório porque é diferente das outras aulas.  
4-Esta um pouco difícil para entender a matéria.Porque eu tenho um pouco de dificuldade de entender em inglês.  
5-Sim, Por que vamos nas aulas de laboratório e fazendo aulas diferentes das outras.  
6-A nota que eu daria para o meu aprendizado é 6.

#### NARRATIVA 132

**ALUNO: M. E. T. P.**

1) Não gostei de ficar na sala, por que os alunos fica conversando e atrapalha a gente .  
2) Eu gostei passar o texto para o computador e enviá-lo por e-mail por que eu não tenho experiencia com o computador e achei que foi legal.  
3) Eu achei mais interessante a aula de laboratório por que é melhor ficar digitando no computador  
4) Estou aprendendo muito melhor por que alem do Word corrigir você fica sabendo melhor acaligrafia  
5) Eu acho que sim pois eu não sabia como mecher direito no computador  
6) 9 por que eu não sabia mecher direito no computador

#### NARRATIVA 133

**ALUNO: M. H. S. J.**

1 – Sim; Gostei Do texto na sala , que falava de mim.Pois aprendi escrever palavras em Inglês que eu não sabia.  
2- Sim,eu gostei de fazer o texto no computador e enviar por email porqu eu não sabia mexer com email e agora.,eu sei. E também achei muito interessante.  
3- Eu gostei mais das aulas de laboratório,porque me chamou mais atenção.  
4-Eu achei que estou aprendendo sim,Porque a professora explica muito bem.  
5- Sim,eu acho que estou aprendendo sim um pouco de tecnologia,porque eu não sabia mexer com email.  
6- Como eu to me esforçando muito pra aprender as aulas de inglês, eu acho que minha nota é 9,6.

#### NARRATIVA 134

**ALUNO: M. S. T.**

Eu gostei de fazer o texto na sala por que foi muito interessante eu gostei de passa pro Word e enviar para o e-mail por que foi mais pratico .  
A aula mais interessante foi do laboratório por que foi mais pratico do que copiar no caderno eu estou aprendendo mais ou menos nas aula de inglês .  
Sim estou aprendendo alguma coisa de tecnologia na aula de inglês eu daria pela minha nota do

aprendizado 10 por que eu fiz todas as tarefa do laboratório e da sala de aula.

#### NARRATIVA 135

**ALUNO: M. B. F.**

Eu gostei bastante de fazer o trabalho na sala, porque o desenvolvimento da aula foi muito bom e também aprendemos muitas coisas novas. Gostei de passar para o Word, porque isso proporcionou uma aula um pouco diferente e isso foi muito bom.

Eu gostei mais da aula no laboratório, porque eu atualizei meu conhecimento com o Word. Eu acho que esta muito fácil aprender a matéria. Bom eu já tinha um pouco de conhecimento sobre essa tecnologia e isso foi bom porque como eu avia dito antes, isso serviu para atualizar meu conhecimento. Sobre uma nota de 0 a 10 para o que eu aprendi, digamos que eu teria 10.

#### NARRATIVA 136

**ALUNO: M. S. T.**

1-sim gostei eu não conhecia os sites que foi apresentado

2-sim eu gostei muito porque foi muito legal

3-sim alguns

4-eu achei muito bonito os quadrinho

5-minha mãe achou muito bonito o quadrinho

6-sim a tecnologia ajudou a aula a ficar mais melhor

7-nao

7.1-eu não fisso porque meu computador estrago

8-eu acharia legal que postado no face

#### NARRATIVA 137

**ALUNO: M. B. F.**

Eu gostei bastante dos sites apresentados, porque isso proporcionou mais conhecimento. Eu não conhecia os sites, mais agora conheço e posso fazer varios trabalhos nos sites.

Adorei as aulas usando esse conteudo, porque agora eu posso fazer mais trabalhos e imprimir para decorar minha casa ou meu quarto.

Aprendi varios vocabularios novos. Achei legal ter terminado com quadrinhos, porque foi uma coisa diferente

Eles acharam o quadrinho bonito e legal. Eu acho que o uso da tecnologia colaborou muito para as aulas ficarem melhores.

outros professores usaram a internert mas para fins de pesquisa. Eu não fiz o painel virtual porque esqueci.

Acho legal sim as outras pessoas verem nossos trabalhos.

#### NARRATIVA 138

**ALUNO: M. H. S. J.**

Eu gostei sim dos sites, eu não os conhecia.

Eu participei só em uma aula e eu gostei muito porque eu achei muito interessante.

Eu não aprendi os vocabularios, porque eu faltei nas aulas.

Eu não fiz a atividade do quadrinho mais meus colegas fizeram e eu achei muito interessante.

Minha familia nao teve reação nenhuma, porque eu não fiz o quadrinho.

Sim, eu acho que a tecnologia colabora, pois os alunos prestam mais atenção nas aulas.  
 Não, pois a única professora que tem o costume de ter aulas com a internet é só a Jéssica.  
 Eu não fiz o painel virtual não, pois não tenho internet em casa.  
 Sim, eu acho que se tivéssemos postado o painel virtual no facebook ia ser legal porque o povo ia ver o nosso trabalho na aula de inglês.

#### NARRATIVA 139

##### **ALUNO: M. F. S. O.**

Nas aulas de inglês vimos vários sites que a Jéssica apresentou para nós eu gostei muito de conhecer cada site pois eu não conhecia e nem sabia que existia. E por causa desses sites eu gostei muito das aulas por que eu pude ver os sites e compartilhar com outras pessoas, além disso eu aprendi muitas palavras alguns vocabulários como comidas, animais, membros da família etc.  
 A atividade da word Cloud foi a coisa mais legal e fofa que algum professor já fez, porém quando mostrei a minha mãe ela fez eu apagar dois nomes que ela não gostou, mas mesmo assim foi um ótimo presente. Nas aulas de inglês nós temos usado muito a tecnologia e eu acho que por isso eu aprendi muitas coisas com a Jéssica, porém só ela usa a tecnologia com a gente pois outros professores não fazem nada.  
 O meu painel virtual eu não fiz em casa pois fiquei sem internet, mas a professora propôs para finalizarmos postando no facebook eu não ia achar bom pois eu não tenho facebook mas tirando isso as aulas da Jéssica principalmente com os sites que ela nos mostrou são muito legais.

#### NARRATIVA 140

##### **ALUNO: M. A. R.**

Eu gostei dos sites que a professora nos apresentou, eu ainda não os conhecia, por isso, eu gostei dessa aula, pois nós fizemos algo diferente, e, eu ainda aprendi novas palavras por exemplo: happiness. Outra coisa que eu achei legal, foi a professora ter dado o quadrinho para nós, até minha família gostou. A tecnologia colaborou bastante, se não fosse o computador e a internet, não teria como fazer isso. Nenhum outro professor mostrou sites para nós, não que eu lembre. Eu consegui fazer essa atividade no laboratório da escola, e seria melhor ainda se tivesse dado para postar no facebook, pois todos os nossos amigos do facebook poderiam ver.

#### NARRATIVA 141

##### **ALUNO: M. S. A. J.**

Eu gostei dos sites apresentados foi com porque eu não conhecia os sites e passei a conhecer, eu achei muito bom as aulas porque foi muito interessante, eu conheci sites que eu nunca tinha visto, eu acho que não aprendi porque não lembro de quais, eu achei muito interessante a atividade Word Cloud, minha Mãe achou uma graça e muito lindo o quadrinho, a tecnologia colaborou com as aulas muito bem, eu não fiz o painel virtual em casa porque minha internet tá muito ruim aí eu arrebentei os cabos tudo, se eu postasse no facebook eu ia achar muito legal porque é uma coisa diferente e as pessoas iam gostar.

#### NARRATIVA 142

##### **ALUNO: N. S. V. M.**

1-TECNOLOGIA É USADA NAS AULAS ALGUMAS VEZES, NOS COMPUTADORES, DATA

SHOWS,NA TELEVISAO ATRÁVES DE VIDEOS,SÃO USADAS NA BIBLIOTECA ,NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA.

2- \*NA ESCOLA: UTILIZAMOS COMPUTADORES ,DATA SHOW E VÍDEOS.

\*FORA DA ESCOLA: UTILIZO CELULAR PARA APRENDER ALGUMAS PALAVRAS,COMPUTADOR,VIDEOS ,OUÇO MUSICAS EM INGLÊS COM A TRADUÇÕES.

3-A TECLOGIA PODE INFLUÊNCIAS MUITO NA NOSSA APRENDIZAGEM DE INGLÊS ,POIS NOS DEIXAM MAIS MOTIVADOS PARA APRENDER ,FICAMOS MAIS INTERESSADOS EM APRENDER.COM A TECNOLOGIA É MAIS LEGAL.

4-NA ESCOLA HÁ MUITA TECNOLOGIA,MAIS TEMOS POUCOS USO.

#### NARRATIVA 143

##### **ALUNO: N. T. C.**

Eu gostei de fazer o texto na sala. Eu gostei de passar o texto para o computador porque eu gosto de digitar, porém não gostei de enviar por e-mail por que eu não uso ele e tenho dificuldade para enviar o texto por e-mail.

Apesar de não gostar de enviar por e-mail eu achei a aula do laboratório mais interessante, porque ficar na sala de aula é cada vez mais entediante, e com a aula do laboratório a aula foi diferente porque saiu um pouco daquela rotina de escola.

Eu acho que não estou aprendendo inglês, porque só tem coisas que eu já sei nas aulas de inglês, graças aos alunos que não querem aprender e não aprendem. Se as aulas não fossem tão monótonas aí sim, eu estaria aprendendo inglês, mas continua sendo a mesma aula quase todos os dias.

Sobre tecnologia na aula de inglês eu acho que a única coisa que estou aprendendo é como usar o e-mail.

Considerando que eu aprendi a escrever um parágrafo sobre mim em inglês (o que se precisasse eu aprenderia sozinho), eu acho que minha nota de 0 a 10 no meu aprendizado foi 8.

#### NARRATIVA 144

##### **ALUNO: N. S. V. M.**

1-Gostei muito de fazer o texto sobre mim,pois adquiri mais conhecimentos.

2-Sim,gostei de passar meu texto para o computador depois enviá-lo para o e-mail .

3-Achei mais interessante na sala,pois a professora explica fazendo exemplos,ajudando e tirando as dúvidas.Acho que com as aulas na sala fica mais agradável .

4-Estou aprendendo muito nas aulas de inglês porque a professora tira nossas dúvidas e nos ajuda ,as aulas ficam mais legais e menos cansativa,daí desperta interesses em nós de querer aprender.

5-Estou não só aprendendo inglês mais também aprendendo o inglês com tecnologia e isso muito bom pra o aprendizado.

6-Sobre o texto eu aprendi muito e daria uma nota de 0 à 10 , eu daria 9,5 porque as aulas são boas mais tenho algumas dificuldade que faz parte de aprende

#### NARRATIVA 145

##### **ALUNO: N. S. V. M**

Eu gostei bastante do site. Eu ainda não tinha conhecido esses sites.

Gostei das aulas, pois aprendi mais coisas não só por acessar os sites, mas também por eu conseguir escrever mais palavras em ingles, iso me incentivou muito para aprender.

Aprendi uns vocabularios, como god, family, etc.

A atividade Word Cloud foi muito importante e legal pois terminamos a atividade com um quadrinho.

Minha familia achou muito bonito o quadrinho porque tambem aquele quadrinho ajuda a familia se aproximar nmais com as palavras.

A tecnologia colaborou muito para as aulas, porque adquirimos mais conhecimentos.

Nenhum professor trabalhou com net conosco.

Sobre o painel virtual eu não fiz em casa mais ele é muito importante.  
Se o painel fosse postado no facebook seria legal porque todos meus amigos veriam.

#### NARRATIVA 146

##### **ALUNO: N. T. C.**

Eu gostei dos sites que foram apresentados nas aulas de inglês. Eu não os conhecia antes, então foi bom conhecer. Eu gostei dessas aulas diferenciadas, porque elas saíram um pouco daquela entediante rotina escolar. Com essas aulas eu aprendi algumas coisas de inglês, mas foram bem poucas coisas diferentes que eu aprendi. O que eu me lembro de ter aprendido é sobre a expressão "looking for", que eu pensava que significava "olhando para", mas na verdade significa "procurando". Foi bem legal a parte da atividade do Word Cloud ter terminado com o quadrinho, exceto a parte de pagar um preço para isso. A minha família ainda não teve reação sobre o quadrinho, pois eu fiz o meu, mas ainda não recebi.

Na minha opinião a tecnologia colaborou muito nessas aulas, porque é uma coisa que a maioria das pessoas gostam, inclusive eu, e além disso as aulas ficam mais divertidas com o uso de computadores ou qualquer outro tipo de tecnologia. Nenhum professor(a) trabalhou alguma atividade com o uso efetivo da internet.

Sobre o Painel Virtual, eu não fiz ele em casa porque eu consegui fazer ele no laboratório. Eu achei legal, porém é um pouco chato ficar esperando ele gerar a imagem. Eu não gostaria que os painéis fossem postados no facebook, porque eu não gosto do facebook.

Concluindo, essas aulas foram ótimas, espero que tenham mais aulas como essas, e também acho que todos os professores deveriam dar aulas assim pelo menos uma vez por mês.

#### NARRATIVA 147

##### **ALUNO: P. H. R. M.**

1- tecnologia é usada nas aulas de inglês. Para aprender inglês na escola é utilizado o data show e computadores, eu acho muito importante porque além de insentivar no aprendizado usando o data show as aulas se tornam mais interativas.

2- fora da escola eu utilizo o computador, pelos aplicativos do celular, jogos, filmes, músicas. Dentro da escola é utilizado o data show e computadores.

3- Eu acho que a tecnologia pode influenciar no meu aprendizado de inglês porque pode influenciar no aprendizado de uma forma positiva e as aulas se tornam mais interativas.

4- Na minha escola eu acho que há pouco uso de tecnologia porque a tecnologia é utilizada muito raramente e pouco aproveitada.

#### NARRATIVA 148

##### **ALUNO: P. H. A. V.**

(1) Sim as vezes é usada a tecnologia como por exemplo o computador nos laboratórios de informática da escola e nos data show nas salas de aulas e usada para fazer pesquisas na internet.

(2) Na escola as vezes usamos o computador em algumas aulas não eu não uso nem uma tecnologia para aprender inglês de fora da escola apenas o livro.

(3) Sim eu acredito que com a tecnologia pode melhorar o aprendizado através de pesquisa.

(4) Na minha escola tem pouca tecnologia tem em um laboratório 17 computadores para salas com cerca de 28 alunos. nas salas de aulas tem apenas telas para data show mas na escola tem apenas 1 o nas salas não tem nada de tecnologia.



NARRATIVA 149**ALUNO: P. G. S.**

Sim eu gostei de fazer o texto na sala de aula por que eu achei que a aula ficou mais interessante,todos os alunos prestarão atenção na aula.sim eu gosto de passar ele pro Word por que eu tenho facilidade em mecher com os programas do computador. Pra mim a aula no (lab) foi mais interessante pelo fato de ter o uso do computador. Não para mim as aulas da prof:Jessica estão ficando cada dia melhor.sim eu acho que essas aulas no (lab) estão servindo também para nois aprendermos mais sobre a tecnologia. estou com nota 10 nessa matéria estou aprendendo muito a cada dia mais

NARRATIVA 150**ALUNO: P. H. A. V.**

- (1)sim gosto de fazer textos porque alem de melhorar a escrita melhora a leitura
- (2) sim goste pois a aula foi melhor e mais interessante
- (3) a aula no laboratório foi mais interessante que a na sala porque digita no PC e muito mais legal que ir escrevendo no caderno normal
- (4) eu estol aprendendo a matéria de inglês dêo do ano passado eu estol intendeno o inglês muito bem
- (5) vindo au laboratório nas aulas de inglês foi mais divertido e interessante mas de tecnologia eu acho que não aprendi nada de novo
- (6) conssiderano que eu aprendi a escrever um parágrafo intero em inglês nem isso eu sabia fazer de 0 a 10 no meu aprendizado eu daria 9

NARRATIVA 151**ALUNO: P. H. A. V.**

eu gostei muito daas aulas porque foi uma aula diferente eu gostei bastantete dos sites apresentado nas aulas eu inda não conhecessis sites a tecnologia ajuda muito nas aulas fizemos os quadros com a tecnologia fico muito melhor do que si tivessimos feito a mão quando cheguei em casa e mostrei a mia mãee ela disse q amol o quadro penduramos na parede eu acho que aprendi novas palavras como paz humildade em ingles eu acho q se as aulas continuarem assin ate o fim do ano ira da p ra a professora de ingles e umas das poucas q nus leva para faze pesquisa na internet ia ser bem legal se tivesssimos postado as fotos dos quadrinhos do facebook porque outras pessoas poderiaam o nosso trabalho eu não fiz otrabalho Word Cloud porque não tia vindo no dia da aula e não fiquei sabeno de nada

NARRATIVA 152**ALUNO: P. M. S. G.**

Eu gostei muito dos sites,eu nao tinha conhecido esses sites ainda.  
 Eu gostei muito das aulas porque foi muito legal montar painel do nosso jeito  
 Eu aprendi algumas palavras do vocabulário  
 Eu achei muito legal as aulas da word cloud ter finalizado com a producao dos quadrinhos  
 Eu nao recebi ainda meu quadrinho pq naos vim na aula e nao mostrei para meus pais ou meus avós mas eu acho q eles vao gostar  
 Eu acho q para as aulas ficarem melhores colaborou sim mas nao ficou melhor o ensinamento  
 Eu acho q nenhum professor tinha usado internet para fazer alguma pesquisa assim no laboratorio  
 Eu acho q seria legal sim ter o painel virtual postado no facebook

NARRATIVA 153**ALUNO: R. S. G.**

- 1- Sim já usamos data show é gravador , na sala de aula
- 2- Sim fora da escola e no vídeo game
- 3- Pode. Porque nos aprende mais no computador
- 4- Sim tem poucos computador e pouca tecnologia

NARRATIVA 154**ALUNO: R. C. S.**

- 1 tecnologia e usada sim nas aulas de inglês,computador,som e etc. Na maioria das vezes nos usamos o computador no laboratório de informática ,o som da sala de aula ou no pátio o data show nas sala no laboratório.
- 2 Na escola eu uso o computador para aprender inglês , e fora da escola uso tablet,celular,filmes para me ajudar entender melhor o inglês
- 3 Sim eu acredito que a tecnologia influencia minha aprendizagem no inglês.Me ajudando melhor entender o inglês na informática no Google e etc.
- 4 Eu percebo que na minha escola não a pouca tecnologia mas sim pouco uso dela porque os professores usam pouca tecnologia nas aulas eles usam mais livros,quadros,caderno.

NARRATIVA 155**ALUNO: R. S. G.**

- 1: Não, porque demora a aula na sala.
- 2: Eu não gostei da envia do Word para o email ,porque é chato
- 3: Eu achei a aula sala mais interessante porque aprendi mais palavra em Inglês
- 4: Estou aprendendo Inglês nas aulas da Jessica
- 5: Eu acho que na aula de Inglês estamos aprendendo usa mais a tecnologia porque entramos no email
- 6: Pelas a aulas de Inglês eu daria nota 8

NARRATIVA 156**ALUNO: R. C. S.**

Sim,eu gostei da aula na sala por que ficou muito mais interativo e divertido,eu achei a aula de laboratório mais legal do que na aula da sala porque na aula de laboratório eu aprendo inglês e ao mesmo tempo eu aprendo mexer na informática,sim eu aprendo inglês nas aulas e não esta difícil de aprender porque e legal você descer pro laboratório mexer na internet e inglês ao mesmo tempo, sim eu estou aprendendo um pouco de tecnologia nas aulas de inglês mexendo mo computador,no radio e etc. minha nota para a aula de inglês e tecnologia e 9

### NARRATIVA 157

#### **ALUNO: R. S. G.**

- 1:Sim gostei do sites porque nao conheci e aprendi varias coisas
- 2:Eu gostei das aulas porque aprendi coisas que nao sabia é nunca ia saber
- 3:Sim aprendi varios vocabulários
- 4:As aulas do word cloud foi muito bom ,e melhor ainda porque termino com os quadrinho
- 5:Não ganhei o quadrinho mais eu fiz a atividade
- 6:As aulas foi boa com a tecnologia
- 7:Não os professores nao usava a internet
- 8Eu acho que seria legal que outra pessoas verem o nosso trabalho

### NARRATIVA 158

#### **ALUNO: T. A. F.**

- 1 Sim nas nossas aulas de inglês já utilizamos vídeo musica data-show dentro da sala e tamben fora da sala.
- 2 Tecnologia para aprender inglês na escola musica e data-show e computador e fora da escola Google tradutor vídeo game .
- 3 Sim pode influenciar por que pode ser uma boa forma de aprender hoje em dia.
- 4 Na nossa escola tem muita tecnologia mas não usamos muita coisa talvez pode uma falta de conhecimento na nossa escola.

### NARRATIVA 159

#### **ALUNO: T. M. S. G.**

- 1)sim,a tecnologia e muito usada nas aulas de inglês,como data show e computação.Na sala de aula e laboratório,ele e equipado na parede e joga a imagem no quadro.
- 2)No meu celular ,eu tenho aplicativos q me ajuda a pronuncia e na escrita, fora da escola também eu ouço musicas em inglês e me esforço para canta-las.
- 3)a tecnologia pode sim me ajudar no inglês como atividades no computador e tudo mais.
- 4) Há pouco uso da tecnologia! Poucos professores a usam. Tem internet muita coisa legal e eles não aproveitam para ter uma aula diferente com os alunos e os encentivar a usar a tecnologia para os ajudarão.

### NARRATIVA 160

#### **ALUNO: T. S. C.**

1. Sim ,Tecnologia é usada nos data-show ,computadores e sala de vídeos, nós usamos na biblioteca e no laboratório de informática.
2. Nós usamos varias tecnologias como data-show computadores e sala de vídeos e fora da escola , celulares aprende palavras novas .
3. Sim , pois ela é muito útil para a aprendizagem , tem vários programas na tecnologia que facilita a aprendizagem .
4. Tem pouca tecnologia e pouco uso da tecnologia pois deveria ter mais tecnologia e mais usa dela , assim melhora a aprendizagem . ●

### NARRATIVA 161

#### **ALUNO: T. D. B.**

- 1 Não, acho que tem que ter mais aulas de inglês com tecnologia, por que as aulas ficam mais interessantes.
- 2 Na escola a gente não utiliza nenhum tipo de tecnologia para aprender inglês, mais em casa fica mais fácil para quem tem computador pois pode usar a internet para aprender melhor inglês.
- 3 Sim, eu acredito que a tecnologia pode influenciar minha aprendizagem de inglês, por que pode mim oferecer varias maneiras para aprender.
- 4 Eu percebo que na minha escola tem pouco uso da tecnologia, pois tem duas salas de laboratório de informática mais nos alunos utilizamos pouco dessa tecnologia.

### NARRATIVA 162

#### **ALUNO: T. F. S.**

- 1:Sim.Pois são usados computadores nas aulas em que nos vamos ao laboratório de informática.Nos a utilizamos pra fazer pesquisas algo etc.
- 2:Para aprender inglês nos podemos usar computadores, data-show etc.Mas fora da escola nos utilizamos jogos,celulares para digitar mensagens em escola entre outros.
- 3:Sim.Porque se poder mos usar a tecnologia na sala de aula,nos podemos pesquisar algo que nos não soubemos e isso pode nos ajudar a aprender mais.
- 4:Na nossa escola nos temos muita tecnologia,mas por outro lado nos temos pouco uso dela.Pois de cinco aulas uma a gente vai ao laboratório e se a gente poder usar a tecnologia na sala iríamos aprender mais.

### NARRATIVA 163

#### **ALUNO: T. A. F.**

- 1-Sim gostei de fazer o texto porque algumas palavras que a gente pode ter dificuldades de falar de escrever a gente aprende e bom que a professora explica como escreve e como se Le e se fala essa palavra em inglês.
- 2-não gostei de passa para o word porque e um pouco complicado salvar na área de trabalho e depois te que enviar para o email mas e um pouco legal.
- 3-a aula mais interessante foi a do Word porque muitas coisas que a gente não sabia mexe ou fazer a professora ensinou explicou com o que faz pra todos os alunos.
- 4-eu acho que todos nos estamos aprende um jeito novo de entender a matéria porque e muito legal deixa de escrever no caderno pra fazer no computador e muito diferente e legal.
- 5-sim acho que estamos aprendendo tecnologia porque muita gente não sabia nem entrar na internet.
- 6-para o texto sobre mim feito na sala eu daria 9 porque teve algumas coisas que eu não dei conta de fazer.

### NARRATIVA 164

#### **ALUNO: T. S. S.**

Eu gostei muito da aula do texto sobre mim pois eu aprendi palavras novas e aprendi a dar informações sobre mim em inglês. E eu gostei mais ainda de ir ao laboratório passa- La para o computador pois eu gosto muito de digitar. Eu adorei as duas aulas porque as duas me ensinou muito. Eu estou aprendendo muito inglês ate mais do que no curso que eu fiz pois a professora explica muito bem não tem nem como não aprender. Eu estou aprendendo a mexer mais no Word e no e-mail. Eu dou a nota 10 pois estou adorando e estou aprendendo bastante.

NARRATIVA 165**ALUNO: T. M. S. G.**

- 1) Eu gostei de fazer o texto na sala porque, em apenas uma aula eu aprendi a falar um pouco sobre mim, e se fosse com alguns outros professores talvez eu não tinha aprendido, com a professora colocando o exemplo dela no quadro me ajudou muito, a elaborar o meu.
- 2) Sim, porque eu não gosto de ficar escrevendo e digitar e a minha praia. ☐
- 3) Eu particularmente gostei das duas aulas tanto a da sala quanto a do laboratório, mais a do laboratório de informática me chamou mais a atenção, por que além de ser uma aula diferente, eu pude aprender a mexer com e-mail e a enviar arquivos quando necessário.
- 4) Eu acho que estou aprendendo inglês, a professora Jessica simplifica tudo e tudo se torna mais fácil e nada se torna impossível.
- 5) Claro! Tem coisa que eu não sabia na parte da informática que eu estou aprendendo como acentuar as palavras. ;)
- 6) Bom eu achava que eu não ia aprender nada eu consegui aprender pelo menos alguma coisa, então de 0 a 10 eu me dou uma nota 5 k k k k ☺.

NARRATIVA 166**ALUNO: T. F. S.**

Eu gostei de fazer o texto na sala de aula pois, foi super legal. E depois nós fomos para o laboratório e passamos a limpo no computador e enviamos por e-mail e isso foi muito legal pois foi tudo em inglês e com isso eu aprendi palavras novas.

Eu estou aprendendo muito nessas aulas e ficou muito mais fácil entender essa matéria.

Mas nessas aulas eu não aprendi nada mais do que eu sabia de tecnologia mais em relação ao inglês eu aprendi várias coisas.

Considerando que eu aprendi a falar e escrever em Inglês coisas sobre mim eu daria uma nota 10 de (0 a 10).

NARRATIVA 167**ALUNO: T. M. S. G.**

Sim, eu gostei muito dos sites, principalmente do painel virtual pois tem como colocar várias imagens diferentes e tem variações de letra.

Eu ainda não os conhecia, mais as aulas de inglês me mostrou e me ensinou como mexer nesses sites, por isso que eu gostei das aulas. Aprendi também alguns vocabulários, como: friendship, god, chocolate...kkk só um exemplo, mas tem palavras que não sei escrever mais se eu olhar eu já sei qual palavra é e o que significa.

Falando um pouco da minha família, por exemplo, minha mãe fez várias perguntas sobre quem fez o quadrinho, quem ensinou eu disse a ela que foi as aulas de inglês que ajudou a construir aquele quadrinho e que a tecnologia colaborou muito para essas atividades.

Desde que eu estudo, a primeira aula que envolveu a net foi as aulas com a professora Jéssica, nenhum professor tem a capacidade de utilizar a tecnologia para ajudar os alunos.

Sobre o painel virtual eu gostei muito, fiz em casa e consegui enviar por e-mail. Seria legal mesmo se o painel virtual fosse postado no facebook, porque todos iriam ver o nosso trabalho na escola.

NARRATIVA 168**ALUNO: T. A. F.**

- 1-sim. não conhecia esses sites.
- 2-sim porque era diferente essas aulas fora da sala.
- 3-sim eu acho que aprendi o vocabulário.

- 4-eu não fiz por que eu faltei mas eu vi o dos outros e ficou bom.  
 5-eu não vi na aula por isso que eu nao tenho o quadrinho para mostrar pro meus pais.  
 6-sim eu acho que a tecnologia ajudo muito nas aulas.  
 7-nao nem um professor fez aula com internet.  
 8-eu acho que não seria legal

#### NARRATIVA 169

##### **ALUNO: T. F. S.**

Eu gostei dos sites que a ticher apresentou para a gente realizar as atividades,os sites que ela apresentou eu não conhecia por isso foi muito mais legal.

Essas aulas que tivemos eu gostei pois foi muito produtiva,aprendemos alguns vocabulários (love,family,etc.), tivemos a do "word cloud",em que eu não estava presente mas ei visualizei o resultdo que ficou muito legal,os meus colegas finalizaram com os quadrinhos e com os quadrinhos e que ficaram todos lindos,as aulas que tivemos ficaram melhores pois utilizamos a internet.

E essa foi a primeira aula que soi utilizada a internet para fazer outras atividades,e não apenas para fazer pesquisas.

Eu não fiz o painel virtual em casa pois a minha internet não estava funcionndo bem,mas eu gostaria de ter feito pois acho que teria sido muito legal.

Se tivéssemos postado os resultados das nossas aulas no facebook para que outras pessoas podessem ver as nossas producoes teria sido muito divertido e eu iria gostar.

#### NARRATIVA 170

##### **ALUNO: V. F. S. B.**

1:SÃO Data-show,Computadores,Livros.No laboratório de informática da escola.UTILIZANDO os computadores da escola pra fazer os trabalhos.

2:Dentro da escola,no laboratório, em sala de aula,e no cd que vem no livro da escola.

3:Sim,por que explica um pouco mais sobre o que é inglês,que aprendemos na sala de aula,que no futuro pode servi para nos

4:Na escola, tem um pouco da tecnologia,e um pouco não,mais podemos aprender as coisas sobre o inglês,para que um dia poderemos usar em algumas coisas pelo mundo.

#### NARRATIVA 171

##### **ALUNO: V. H. S.**

1. Tecnologia é usada nas aulas de inglês,sim as vezes em sala de aula e outras no laboratório de informática , pra mim é muito importante essas aulas.

2. Na escola usamos o computador, escutamos musicas em inglês e depois revemos a tradução também.

Fora da escola eu uso bastante o inglês as vezes em uma musica, em alguns filmes porque gosto bastante do áudio original e ler as legendas, em um site estrangeiro e muitas das vezes em videogames e jogos.

3. Eu acredito que ajuda bastante deixando as aulas mais interessantes e bem mais divertidas para se aprender.

4. Eu percebo que há pouco uso da tecnologia.Porque só fazemos aulas teóricas de vez em quando.

### NARRATIVA 172

#### **ALUNO: V. G. S.**

- 1- Tecnologia é usada nas aulas de inglês , usamos data show , computadores , sala de vídeo , nós na biblioteca e laboratório de informática .
- 2- Usamos varias tecnologias como : data show , computadores , sala de vídeos . e fora da escola , em computadores , celulares , Tv's.
- 3- Sim , eu acho que a tecnologia ultimamente está muito avançada , e pode facilitar aprendizagem do aluno .
- 4- Na escola há um pouca tecnologia , e Pouco uso dela .

### NARRATIVA 173

#### **ALUNO: V. S. P.**

- 1-sim a tecnologia e fundamental para o inglês ,e ela são usadas para aprimorar mais o inglês
- 2-em computadores e data show etc, sim em Google tradutor etc.
- 3-sim porque de varias maneiras a tecnologia influencia no inglês sendo de uma palavra
- 4-sim na minha escola tem pouco uso da tecnologia porque existe professores incompetentes de ensinar a tecnologia

### NARRATIVA 174

#### **ALUNO: V. S. P.**

- 1) Mais ou menos porque você aprende um pouco do Inglês e também quando precisar você pode usa-lô.
- 2) Porque era o que eu tinha que fazer para concluir meu trabalho e para ajudar na pesquisa da professora Jessica.
- 3) Eu achei mais interessante a segunda aula porque ela pergunta o que nós achamos da primeira aula.
- 4) Estamos aprendendo mais porque o Inglês esta em qualquer lugar e não tem como escapar.
- 5) Sim,porque as coisas que estamos fazendo em sala também serve para muitas coisas.
- 6) Minha nota para esta aula de 0 a 10 e 9 porque me sinto um pouco confuso.

### NARRATIVA 175

#### **ALUNO: V. G. S.**

Sim, eu gostei dos sites, eu não conhecia eles.  
 Sim, eu gostei das aulas porque elas foram muito interativas.  
 Sim, algumas palavras como: union, God, cloud e outras.  
 As atividades da Word Cloud foram bem legais e divertidas.  
 Eu recebi o quadrinho hoje, mais acho que a reação da minha família seria uma reação normal de quando ganham um presente.  
 Sim, conheci diferentes sites.  
 Nenhum professor nunca trabalhou assim com a gente. Foi a primeira vez.  
 Não fiz, porque eu esqueci.  
 Sim, porque é uma coisa diferente para se postar no Facebook.

### NARRATIVA 176

#### **ALUNO: V. S. P.**

Sim, gostei dos sites porque apesar de serem criativos também era muito educativo. Não eu não os conhecia, mas gostaria de ter conhecido antes.

Sim, porque é brincando que se aprende.

Sim, aprendi muito por exemplo: god - Deus, family - família, love - amor e etc.

Achei legal porque me ensinou o tanto que minha família é importante para mim e o quadrinho me mostrou que apesar de qualquer minha família estara unida para mim.

Ainda não vi reação da minha família, porque o meu quadrinho ainda não tinha chegado.

Sim, porque a tecnologia é fundamental para o ensino porque os alunos se desenvolvem mais.

Sim, mas só para explicações.

Não, mas gostaria de ter feito, o motivo é que eu esqueci.

Não sei, mas eu acho que ficaria bem legal.

### NARRATIVA 177

#### **ALUNO: V. A. F.**

Sim, eu gostei dos sites porque é muito interessante. Eu conhecia alguns programas mais também conheci novos programas mais interessantes.

Sim. Porque essas aulas foi muito legal.

Sim, aprendi várias palavras como love, mother e etc.

Achei muito interessante as montagens dos quadrinhos.

Minha família achou muito legal a montagem dos quadrinhos.

Sim. Porque fizemos várias pesquisas na internet.

Sim. Poucas vezes usamos a internet em outras matérias.

Eu não fiz porque meu computador estragou.

Sim, seria muito legal porque todo mundo iria ver nossos trabalhos on line.

### NARRATIVA 178

#### **ALUNO: W. S. S.**

1- Sim, mas porém não é todo dia, isso não prejudica a mim mais a escola

2- Eu uso mais o livro, fora da sala mais dentro da sala

3- Sim porque hoje em dia a tecnologia esta sendo muito utilizado no mundo inteiro e então ficaria mais fácil aprender o inglês

4- Na escola tem pouco uso da tecnologia porque os professores gostam mais de dar aulas teóricas e muitos alunos não ajudam muito também!!!

### NARRATIVA 179

#### **ALUNO: W. S. S.**

Apesar de não ter feito a atividade mas pelo o que eu vi achei muito legal. Eu nunca tinha visto esse site.

Gosto muito das aulas porque agente sai mais da sala e uma aula mais dinâmica..

Aprendi vários vocabulários. Eu não fiz o quadro mas vi eles e ficou bem legal. Eu não fiz o painel. Eu acho que ficaria bem mais legal porque aí agente sai mais das aulas. Nenhum professor nos levou para usar a internet. Eu não fiz porque o computador estava estragado. As vezes não porque muitas pessoas podem pegar as ideias



NARRATIVA 180**ALUNO: W. G. G.**

Eu gostei bastante de sites, eu ainda não tinha conhecido os sites.  
Sobre as aulas eu adorei, por que são bem mais interessantes e bem melhor que fica na sala de aula copiando.  
Nessas aulas no laboratório eu aprendi uns vocabulários e mais, aprendi palavras importantes.  
As aulas da word cloud" eu gostei muito adorei fazer os quadrinhos.  
para de alha renato  
Minha mãe acho bem legal o quadrinho adoro até falar que queria um também.  
A tecnologia é a melhor coisa que tem para deixar as aulas mais interessantes e legais, se todas as matérias usassem a tecnologia a escola seria a escola seria bem mais interessante e menos preguiçosa.  
que eu lembre nem um professor tinha usado a internet nas aulas.  
se a gente postasse no facebook seria bem interessante, meus amigos fora da escola veria o nosso trabalho e eu ganhava umas curtidas kkk.

NARRATIVA 181**ALUNO: Y. E. P. B.**

As aulas de inglês tem sido muito legais, eu conheci sites que nem sabia que existia e foi bastante interessante...  
Eu gostei muito das aulas por que é algo diferente que quase nenhum professor faz e sem contar que a matéria fica mais fácil  
Acho que aprendi alguns vocabulários para fazer o quadrinho.  
A atividade do word cloud foi muito interessante e no final a gente ganhou os quadrinhos com base na atividade que a gente fez no word cloud  
A tecnologia ajudou bastante nossas aulas  
Nenhum outro professor trabalhou com nenhuma atividade que fizesse uso da internet.  
O painel virtual eu fiz em casa e foi bastante interessante fazer eu achei muito legal.  
Se publicassem o meu painel no facebook seria bem legal pois todos poderiam ver o que nós fazemos nas nossas aulas eu particularmente gostaria muito

## **ANEXO B – Termo de Consentimento**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) senhor(a), o(a) menor, pelo qual o(a) senhor(a) é responsável, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada Difusão e integração de tecnologias digitais em diferentes contextos de aprendizagem de Inglês: um estudo sob a ótica da complexidade, sob a responsabilidade dos pesquisadores Valeska Virgínia Soares Souza, Camila Belmonte Martinelli Gomes, Gisele da Cruz Rosa, Jéssica Teixeira de Mendonça, Larissa de Sousa Silveira.

Nesta pesquisa, o objetivo geral é analisar o processo de difusão e integração das tecnologias digitais no contexto de ensino e aprendizagem de línguas à luz do Paradigma da Complexidade. Os objetivos específicos são “coletar opiniões de alunos e professores acerca da difusão e integração de recursos tecnológicos digitais no processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa; investigar como se dá a relação entre cursos de Inglês ministrados, a priori, a distância por meio de recursos tecnológicos, e, posteriormente, continuados na modalidade presencial; refletir sobre como alunos de Língua Inglesa interagem com recursos digitais em diferentes fases de projetos de inclusão tecnológica; compreender como os recursos tecnológicos digitais (como computadores e dispositivos móveis) influenciam o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras; e interpretar as visões dos estudantes acerca das possibilidades de uso de recursos digitais em contexto escolares de limitação tecnológica ou de uso tecnológico.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador apresentado pela coordenação da instituição. Na participação do(a) menor, ele(a) redigirá relatos de experiências e responderá a entrevistas gravadas que serão posteriormente desgravadas. Em nenhum momento o(a) menor será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O(A) menor não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos, da participação do(a) menor na pesquisa, consistem apenas em perda de confidencialidade dos dados, o que preveremos com uso de pseudônimos aleatórios. Os benefícios serão a oportunidade de refletir sobre o próprio processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira permeado por tecnologias digitais de informação e comunicação e o fato de o participante poder contribuir com a melhoria do processo de integração de ações tecnológicas digitais em diferentes contextos.

O(A) menor é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor, poderá entrar em contato com: Valeska Virgínia Soares Souza, pelo telefone (34)32394162, endereço profissional: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco U, sala 206, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, 24 de abril de 2014.



Valeska Virgínia Soares Souza – pesquisadora responsável

Eu, responsável legal pelo(a) menor \_\_\_\_\_  
consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele(a) deseje, após ter sido  
devidamente esclarecido.

\_\_\_\_\_  
Responsável pelo(a) menor participante da pesquisa